UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS–GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

IDÁLIA MARIA TIBIRIÇÁ ARGÔLO

A EDUCAÇÃO DE ADULTOS À DISTÂNCIA NO ESTADO DA BAHIA – 1961-1979: MEB, SERTE E A CRIAÇÃO DO IRDEB

Volume 2

Salvador

2010

IDÁLIA MARIA TIBIRIÇÁ ARGÔLO

A EDUCAÇÃO DE ADULTOS À DISTÂNCIA NO ESTADO DA BAHIA – 1961-1979: MEB, SERTE E A CRIAÇÃO DO INSTITUTO DE RADIODIFUSÃO EDUCATIVA DA BAHIA

Dissertação apresentada à comissão do Programa de Pós – Graduação em Educação e Contemporaneidade, da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, na linha de pesquisa Processos Civilizatórios: Educação,Memória e Pluralidade Cultural.

ORIENTADORA: Profª. Drª. JACI MARIA FERRAZ DE MENEZES

Salvador

2010

ANEXOS

Anexo I	Análise das Entrevistas
Anexo II	Carta de cessão
Anexo III	Roteiro de entrevista
Anexo IV	Madureza Ginasial Ginásio do Ar – Geografia Tomo I Livro de aluno
Anexo V	Requerimento, ficha de avaliação, recibo, atestado de saúde, autenticidade dos documentos de aluno do Curso de Madureza – Salvador Bahia
Anexo VI	Requerimento, ficha de inscrição, certidão de nascimento, atestado de saúde de aluna do Curso de Madureza – Alagoas
Anexo VII	Curso Supletivo de 1º grau – Livro do aluno
Anexo VIII	Script da aula 52 de Estudos Sociais – O Recôncavo
Anexo IX	Curso Supletivo de 1º grau - Guia do Orientador de Aprendizagem
Anexo X	Folha de Frequência do Curso de Madureza
Anexo XI	Diário de Classe; Ficha Cadastro do Supervisor
Anexo XII	Ficha de Seleção de Supervisor
Anexo XIII	Ficha de visita da supervisão ao teleposto
Anexo XIV	Ante-Projeto da Construção da Sede do IRDEB
Anexo XV	Cópia do Jornal da Bahia 1º de abril de 1977

ANEXO I

ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Durante o período que fui à campo, percebi a necessidade de estabelecer categorias às pessoas por mim entrevistadas , considerando as diversas funções exercidas e período que trabalharam dentro da instituição que estou pesquisando. Porém, em função das dificuldades de encontrar esses entrevistados, não foi possível realizar as entrevistas numa ordem de funções, mas, no decorrer do meu trabalho de campo, pude estabelecer relações entre as entrevistas realizadas.

A Professora Ruth Vieira, primeira diretora, foi a pessoa responsável pela introdução da Teleducação na Bahia, através do MEB e foi também diretora do SERTE, órgão de teleducação que funcionou paralelo ao MEB, até este ser extinto pelos militares em 1966. Após a extinção do MEB na Bahia, a teleducação continuou através do SERTE que, em 1969 foi transformado no IRDEB.

A análise que farei inicia-se com o MEB, através da alfabetização de adultos, voltada para a educação de base, conscientização, como comenta a professora Ruth:

“a gente fazia treinamento desde a alfabetização. Eles davam as idéias deles, um dia estávamos todos sentados e como é que foi vocês gostaram do trabalho de hoje? Aí um falou Oh! Dona (eles gostavam muito de nos chamar de Dona) será que eu sou tudo aquilo que a senhora disse mesmo? Eu tenho direito? Por que a gente nunca teve. Eu tenho direito e você também tem. Agora infelizmente .... Aí o professor começava o trabalho de conscientização.

O professor Raimundo Dantas, assessor da Professora Ruth completa essa afirmação relatando sua experiência inicial no MEB, quando ainda era estudante da UFBA, propondo uma educação voltada para a conscientização, transformação, educação integral e formação humana:

“Era da JUC da política estudantil, então eu estava envolvido até o pescoço... Bom, de forma é que eu sempre fui uma pessoa muito indignada com injustiça social. Tanto que eu não consegui sai de cena sair da política estudantil universitária, mas nunca fui da política partidária, mas sempre estive fazendo alguma coisa em termos de justiça social,

em termos de promoção .... social e foi assim que eu fui parar no MEB. Eu ainda estudante quando conheci o MEB, o trabalho que estava sendo instalado na área de Educação de Adultos, na Zona Rural alfabetização, Educação Integral, Formação de Cidadania.... é isso que eu vou fazer, que eu quero fazer uma maneira concreta de mudar um pouco a realidade social. Aí eu fui para o MEB e comecei a trabalhar no MEB.

Na fala dos entrevistados, observa-se um pensamento único com relação ao trabalho desenvolvido pelo MEB, criando uma expectativa nos alunos principalmente os da zona rural, que não tinham consciência dos seus direitos. É nesse sentido que o MEB desenvolvia o seu trabalho, conscientizando, despertando os alunos para sua participação no progresso da nação como um cidadão consciente.

Os programas veiculados pelo MEB iam ao ar através de um rádio cativo, que só sintonizava na emissora específica em horário determinado pelo MEB. As rádios que veiculavam o programa eram particulares, conveniadas com a SEC/CNBB de acordo com a professora Ruth Vieira:

“O fundador foi Monsenhor Salcedo. O Monsenhor Salcedo era uma pessoa ativíssima. ...nas escolas radiofônicas, tinha o rádio, a rádio ainda de pilha, pilha não, de bateria de carro, aqueles rádios enormes. O lugar não tinha luz elétrica. Era uma própria bateria daquele rádio. Aí ele criou essa história de rádio cativo que só pegava aquela emissora, só sintonizava uma determinada emissora que era a dele”

O MEB, na Bahia, estruturava-se em: Coordenação Estadual que era a Professora Ruth; Supervisores que viajavam para acompanhar os trabalhos desenvolvidos nas comunidades e dar treinamento; produtores que elaboravam as aulas radiofônicas e o material impresso; locutores que gravavam as aulas, monitores ou orientadores de aprendizagem, quem realmente desenvolvia o trabalho diretamente com os alunos, que eram adultos, tanto da zona rural como da zona urbana.

Os monitores eram escolhidos na própria comunidade, ou da JUC, o que elevou bastante o nível das aulas, transformando a ideologia do MEB, deixando de ser apenas um órgão de catequese como queriam os Bispos e levando a uma discussão mais ampla, através da conscientização, promoção dos diretos do cidadão. A escolha dos monitores foi feita pela professora Ruth...

“Aí a gente foi trabalhar. Não era brincadeira. Trabalhar sem carro, assim ....fui arranjar o pessoal para trabalhar.....na Universidade Católica, aí eu consegui.que alguns meninos da JUC trabalhassem. Como voluntários....”

O Professor Raimundo Dantas completa essas informação, pois ele iniciou no MEB como monitor, através da JUC:

“... o MEB nasceu de uma coisa muito idealista com essa intenção de realmente promoção social e humana as pessoas carentes da área rural. Então isso contagiava a equipe que trabalhava. Então não era uma equipe de empregados, era uma equipe de pessoas que faziam aquilo por ideal. Todos nós fazíamos por ideal. Não tinha Fundo de Garantia, não descontava INPS, era um negócio todo irregular. Éramos voluntários . E viajávamos. Era uma coisa feita com idealismo”.

Após a escolha dos monitores, a Professora Ruth e os supervisores, iam à procura do local para a instalação das tele-salas. Geralmente funcionavam em escolas estaduais ou municipais onde não era oferecido o curso noturno, ou nas próprias paróquias:

“Em alguns lugares a gente podia usar as escolas estaduais que não estava ocupada a gente usava uma sala de aula pelo menos para funcionar, não colocava muita gente para não ter dificuldade.

Para iniciar os trabalhos, os monitores recebiam um treinamento com os supervisores, como comenta a Professora Ruth:

“Havia um grupo de supervisores. Passavam mais tempo viajando do que em casa. A gente viajava demais para visitar as escolas. Na hora do funcionamento. Sempre marcava um dia que eles pudessem deixar o trabalho, com antecedência... não gastava muito tempo...mas sempre tinham reuniões e também treinamento... Para eles começarem o trabalho eles tinham convites e eram indicados geralmente pelo pessoal da paróquia, eram pessoas de responsabilidade, muita gente nova, muitos adolescentes e eles não ganhavam , era um trabalho voluntário.”

“Aí o monitor que era escolhido, quer dizer a pessoas escolhida ia fazer um treinamento, depois de conversar com o supervisor, mostrando as dificuldades que eram, o trabalho que iam fazer, as atribuições que eles iam dá a comunidade, enfim,

fazer um trabalho de conscientização com eles, mas com o cuidado de não impor nada, aí eles resolviam entrar e faziam um treinamento com os monitores".

O trabalho de alfabetização do MEB era baseado em uma cartilha. Com a repressão militar, a partir de 1964, essa cartilha foi recolhida e, para continuar os trabalhos, os produtores elaboram um nova cartilha com o nome de Brasil Grande já com a ideologia de Paulo Freire, como relata o Professor Raimundo Dantas:

"Uma cartilha que foi feita por mim e Ruth.... Porque quando apreenderam as cartilhas, nós ficamos sem saber o que fazer sem a cartilha do governo. Aí nós rapidamente, em uma semana, sábado, domingo, de note, trabalhamos 18 dias, dia e noite a equipe toda .. e criamos uma série de cartazes que pudesse substituir a cartilha pelo menos por um bom tempo, enquanto a gente preparava outra cartilha e imprimia outra cartilha, então era, foi um trabalho lindo emendava a noite, um dormia, o outro continuava trabalhando a gente mesmo que imprimia folha de papel bem grande e imprimindo isso, tínhamos 700 escola radiofônicas na Bahia era imprimindo isso e botando pra levar ... até as últimas comunidade. Foi um trabalho lindo, e depois e até enquanto isso eu e Ruth que tínhamos um conhecimento maior de alfabetização etc, montamos uma cartilha..."

O funcionamento da alfabetização pelo rádio, segundo o Professor Raimundo Dantas.

Olha, nós não posso dizer que era bem o método Paulo Freire mas era baseado no método Paulo Freire, porque a gente partia de uma pesquisa do universo vocabular do grupo, dessa pesquisa a gente tirava as palavras chave, que eram do uso cotidiano dele, principalmente se possível, do seu próprio trabalho, e palavra que servissem também para que a gente pudesse decompor, naquela sequência clássica da da... fonética, primeiro... p, m, mamãe, papai quer dizer, há toda uma sequência de sons que naturalmente o ser humano vai... e a gente seguia essa sequência a gente pegava ..... então é podemos até dizer que era o método Paulo Freire não latu sensu.

Utilizando a cartilha e o monitor que ficava lá com o quadro negro e o giz. Então se dizia, monitor escreva a palavra tal e o monitor ia e escrevia a palavra. Separe a sílaba da palavra, para os seus alunos verem, então ..... Veja aluno que aquele primeira letra que o monitor escreveu é o P repita com ele P. Agora junta, a segunda é A aquela ali é A. Monitor mostre para ele o A. P com A faz Pa, repita com o monitor P com A faz PA, e por aí ia.

Para que você usa a Pá? Você conhece a pá? Você trabalha com pá? A pá serve para a gente cavar a terra, ele é fruto do seu trabalho e aí a gente ia entrando na parte... Com a pá você também está construindo um Brasil novo, o seu trabalho. Você já aprendeu como se escreve pá, o instrumento do seu trabalho . Era nessa base. E olha, os adultos eram realmente alfabetizados e mais do que alfabetizados, eles eram conscientizados..... da sua responsabilidade social, da importância do seu trabalho para o próprio país, para a comunidade. Essa coisas todas, aprender a votar bem, escolher representante que realmente .... vereador, prefeito que esteja preocupados com os problemas da população.

O governo dos militares provocou várias mudanças na ideologia do MEB. O seu principal objetivo era a educação para a conscientização política o que ficou proibido durante a ditadura, como relata a professora Ruth:

“Eu mim lembro que fui fazer uma palestra na Faculdade de Educação, aí o Professor Tales de Azevedo estava me esperando na porta da Faculdade: Dona Ruth por favor a senhora ....conte a história do MEB, mas não use algumas palavras que no momento não se pode usar. Eu falei quais são? Conscientização. A primeira palavra é conscientização. Professor, é difícil a gente conversar sobre o MEB sem dizer a palavra conscientização. O senhor não fique preocupado não. ”Eu não quero prejudicar nem a escola nem a escola, nem a senhora, porque quando tem essas conferências por aqui vem muita gente que a gente não sabe quem é.Certamente a polícia a paisana para saber se está falando da revolução. Mas eu tive que falar mesmo, não teve jeito, tinha que falar o que era conscientização. Há uma palavra aqui que eu vou pronunciar, mas que é um palavra cujo significado exato no dicionário muita gente usa isso que é “conscientização” que é conhecer a si mesmo, conhecer ao outro e conhecer...E assim eu explique o motivo.. o significado real da palavra que não tinha nada haver com ante - revolução e foi aceito. Não houve problema nenhum”.

Houve muita perseguição durante o governo dos militares entre os componentes do MEB, pois a ideologia da instituição já não era compatível com as novas práticas estabelecidas pelos militares. Desta forma, o MEB passou a incomodar os militares que passaram a exigir dos Bispos mudanças no sistema. Os supervisores não concordaram com essas mudanças e por esta razão passaram a sofrer perseguições, como comenta o Professor Raimundo Dantas:

“Na época quem presidia o MEB era o Cardeal Dom Avelar Vilela, que era Bispo do Piauí, de Terezina. Então a primeira coisa que a ditadura fez foi correr pra ele, que era presidente do MEB e pressioná-lo. E Dom Avelar acabou abrindo mão de toda a formação de cidadania do MEB que prometeu a fazer a catequese básica e a alfabetização. Aí foi uma briga com Dom Avelar interna e tal com todos os coordenadores, nessa época eu já era o coordenador estadual porque Ruth tinha saído para fazer uma pós-graduação, um mestrado, alguma coisa assim, no exterior e eu tinha ficado como coordenador estadual já foi depois de 64. Eu me demiti na hora Decidiram fechar tudo pegaram o material que tinha . para não brigar com a ditadura. Isso foi um drama para nós.

A Professora Ruth também relata as perseguições sofridas pelos orientadores através da ditadura militar:

Para o pessoal que dava as aulas, uns ficaram com medo, outros diziam: “Mas Dona Ruth com é que... nunca a polícia veio em minha casa ela foi toda vasculhada levaram até coisa nossas, foi horrível... e os alunos diziam assim pra gente... “Para o pessoal que dava as aulas .....

As divergências entre a diretoria estadual e os Bispos continuaram, pois estes queriam que os supervisores modificassem a sua linha de ação, até que os militares, insatisfeitos com a ideologia do MEB, através de uma atitude arbitrária, bem típico de uma ditadura militar, mandou arrombar a sede do MEB, como conta a Professora Ruth...

“Eles arrombaram o MEB que estava nessa época estava em Nazaré, na Inácio Tosta e ele sabia que o Comandante, o Coronel não precisava fazer isso era só mandar pedir a chave que fazia a vistoria do MEB. E aí,foi horrível e até o vidro de cima da mesa eles levaram. Papel em branco, máquina de escrever nunca apareceu . Desapareceram nessa batida no MEB quinhentos rádios e todos os rádios que vieram do Maranhão pois ia começar nós estávamos precisando de rádio e o Maranhão iam demorar mais de um ano para colocar em prática, Aí, vieram o rádio para aqui e os técnicos estavam fazendo adaptação pra a “Onda” daqui de Salvador, pois eles eram rádios cativos à emissora de Maranhão. Então esses rádios desapareceram todos...”

Sobre a extinção do MEB

Com a extinção do MEB na Bahia, as aulas radiofônicas passaram a ser transmitidas pelo SERTE, Setor de Rádio e TV, que já funcionava paralelo ao MEB e era coordenado também pela Professora Ruth Vieira. O SERTE era um órgão da SEC/Ba e tinha como finalidade a educação de adultos através do rádio. Não tinha a mesma ideologia do MEB, provavelmente por ter sido criado no período da ditadura militar porém, levou um grupo de pessoas do próprio MEB, como relata o Professor Raimundo Dantas:

"...Quando o SERTE veio, pegou muita gente do MEB que até hoje fazem um trabalho com uma visão social muito grande Mariaugusta Rosa Rocha, o pessoal que chegou depois que entrou no SERTE e depois IRDEB, tinha esse mesmo ideal. Não era para as pessoas terem um diploma um diploma debaixo..... mas preparávamos nossas aulas para que além disso tinha que participar como um cidadão responsável consciente pelo destino do país.... então a gente tinha essa preocupação ....

Sobre a criação do SERTE a Professora Ruth também tem essa mesma visão:

Aí foi um novo trabalho, um trabalho imenso de produzir aulas, mandar para Feira de Santana de escrever os livros foi aí que entrou Humberto, entrou Nei, você conheceu ele.... fazia as aulas de Matemática, Maria Augusta Rosa Rocha fazia as de Geografia, Português era Regina Helena, História era Humberto e nos primeiros meses, do SERTE aqui em Salvador saiu o livro de História de Humberto. Depois veio Geografia, não foi Geografia não, foi Português .....Aí a gente teve um período muito bom um movimento imenso mesmo porque o pessoal... nós tínhamos alunos com recepção organizada, quer dizer, em um determinado lugar, com monitor orientação depois da aula e tinha uns alunos que estudavam em casa.

O MEC – Ministério da Educação e Cultura, consciente da importância da educação das massas, já tendo a experiência da utilização do rádio e da TV na área de educação de base, criou o SERTE. Que começou logo após a criação nacional, o MEC solicitou a participação da SEC – Secretaria da Educação e Cultura, que designou o MEB – Movimento de Educação de Base, para assumir a responsabilidade da coordenação do novo setor a 5/02/1965.

O MEC preconizava a utilização do rádio com toda a estrutura de uma escola popularizada, simples e democrática. A área a ser atingida inicialmente seria o ensino

supletivo para preparar o Exame de Madureza do 1º. grau. Infelizmente, a urgência do MEC para o começo do curso, fez-nos aceitar o material do Projeto Minerva. O SERTE-Bahia ficou responsável pela transmissão, acompanhamento e avaliação do Programa. Somente mais tarde nos libertamos desse projeto e elaboramos nosso Programa denominado “Ginásio do Ar”. O funcionamento desse curso baseava-se na Lei Orgânica do Ensino do Estado da Bahia em seu artigo 100 e nos seus parágrafos 1º, 2º, e no 3º que se referia a curso por correspondência associados à transmissão de Rádio e Televisão.

Comentário da professora Ruth sobre a gravação das aulas/emissoras parceiras / telesalas/professores produtores

As aulas veiculadas pelo SERTE iam ao ar através de Rádios Particulares, como a Rádio Sociedade de Salvador, Feira de Santana e Excelsior e outras, através de convênios estabelecidos com a SEC.

Eu me lembro quando eu fui, fiz um roteiro de viagem para poder conversar com os diretores...Se o senhor me der as passagens, a hospedagem eu arranjo. Tinha muita gente conhecida, pelo interior... Então eu me hospedava nas casas de amigos e fazia o contato com as emissoras, os diretores das emissoras, levava uma apresentação dele. (do Secretário de Educação que na época era Navarro de Brito) Quando eu cheguei nas emissoras contratadas. Contratadas não, conveniadas porque não iam ganhar nada, iam dar uma hora de aula, era bom para eles, era vantagem para ele.

Nós conseguimos motivar algumas emissoras: Radio Sociedade da Bahia, Rádio Sociedade de Feira de Santana, Rádio de Vitória da Conquista, Rádio de Itabuna e Rádio de Ilhéus, para participarem em cadeia, gratuitamente do esforço para o crescimento do nosso povo. Foi realmente uma grande conquista.

A SEC designava professores do Ensino Médio do Estado, escolhidos entre os já treinados em linguagem de rádio educativo. Eles elaboravam o plano de curso, os scripts de cada aula, elaboravam apostilas para os alunos, como também sugestões para pesquisa e os exercícios de avaliação.

As aulas eram gravadas no estúdio do SERTE, instalado na Biblioteca Central, obedecendo as características tecnológicas para um trabalho eficiente. Nesse período, foram elaborados livros das matérias do 1º. grau, sendo publicado o de História. Os

outros, por falta de verba foram sendo impressos no próprio SERTE e distribuídos aos alunos em capítulos.

As aulas eram ouvidas em salas de escolas noturnas do Estado, orientadas por monitores em grupo de Recepção Organizada como no MEB, ou individualmente, em suas residências.

Fala da professora Mariaugusta produtora das aulas de Geografia sobre a elaboração dos scripts e do material impresso:

[...] cada um agia independentemente. Não me lembro de reuniões para discussão de metodologia. Era muito simples. Cada um elaborava seu texto, preparava a aula que era gravada, os textos transformados, em livro e distribuídos com os alunos. Foi o primeiro livro que eu escrevi.

Elaborávamos os scripts isoladamente, em casa, e tínhamos a obrigação de entregá-los semanalmente, acho que duas aulas. Essas aulas se compunham de texto e aula propriamente dita. Lembro da técnica de cortina. Você falava e dava uma paradinha para música entrar.. Enfatizava a necessidade de adequar músicas, aos interesses dos alunos que gostavam e pediam mais. O intervalo era ocupado pela música. O prefixo era a música através da qual era introduzido o tema que ia ser estudado. Cada disciplina tinha seu prefixo.

A professora Erimita trabalhou no SERTE/IRDEB como produtora, revisora de material impresso supervisora da teleposto e na elaboração das provas para o Exame de madureza Ginasial.. Transcrevemos sua fala sobre essas experiências;

Nós elaborávamos os scritps. Elas [as aulas] tinham um conteúdo programático e havia uma metodologia que a gente procurara introduzir o assunto. Esse era o objetivo.

Mas a gente tinha os Telepostos. Um monitor, naquele horário, ele reunia o pessoal ouviam o rádio juntos [...] A gente fazia uma coisa muito orientada controlava a recepção... O Teleposto era para controlar a recepção. Porque podia ter alguém que ouvia na casa dele.[...] Eu cheguei a trabalhar na supervisão. Eu cheguei a supervisionar os Telepostos. Eu viajava para o interior.... Tinha um em Lauro de Freitas, Pau da Lima Então tinha uma escala no mês. A gente ia quando era mais longe, a gente tinha um

carro, para nos levar. São Caetano, Lauro de Freitas, ...As coisas que davam certo que não davam certo. A gente sempre se reunia para discutir..

Quando começou a produzir, eu cheguei a produzir aulas de Português. Depois para nós foi uma satisfação porque a gente não precisava mas ouvir as aulas do Minerva que iam para o Brasil todo. E a gente fazia aula regional, local [...] Agora eu me lembro do SERTE, eu trabalhei preparando provas, eu não sei se no SERTE eu era funcionária. Nessa época tinha exame , tanto preparava prova de Português como eu viajava para aplicar . Tinha um grupo que aplicava as provas. Eu fui para Juazeiro, fui para Ilhéus, Feira de Santana... Nesse tempo tinha demanda para fazer o exame de Madureza.

Na década de 1960 foi instalado no ICEIA, um Circuito Fechado de TV. Sobre isso o Professor Raimundo Dantas comenta:

A idéia do governo antes de abrir uma emissora grande era fazer um Circuito Fechado de Televisão, pra ir treinando o pessoal, inclusive os professores, que ainda não estavam acostumados com a linguagem de televisão. Nós tínhamos alguns professores poucos que gostavam da linguagem de rádio, mas televisão ninguém fazia [...] um programa para falar da experiência social que estão dando certo na Bahia...

Aí se contratou duas pessoas do ramo de televisão uma que foi Leonel Nunes e o outro foi Fred Sousa Castro são os caras que iniciaram com o Prof. Zózimo, Álvaro Zózimo. Álvaro Zózimo era diretor encarregado responsável no Instituto Normal, ICEIA, pela televisão. Então foi isso.... então tinha aula. Tinham várias salas de aula os monitores, receptores tudo ....e aí se fazia aula, se produzia aulas específicas para os alunos ...mas praticamente não decolou aquele projeto, funcionou mas ficou um negócio... não teve utilidade .... se preparou o pessoal, foi um negócio meio frustrado, caiu dentro da rotina, vamos dizer, do serviço público, os professores não conseguiram utilizar .... e também não valorizavam muito ... na sala de aula, ainda era um momento de criar credibilidade .... a gente fazia rádio a imagem era fazer milagre, alfabetização, e com sucesso porque as pessoas eram aprovadas então a gente achava que com a televisão era melhor ainda com a imagem, mas os professores que não tinham experiência não compraram a idéia, terminou o negócio.

Sobre o Curso de Madureza, conseguimos entrevistar um ex-aluno, o Dr. Jorge, que morava em Cachoeira e fez as provas para o Exame de Madureza, estudando em casa, lendo o material que recebia do SERTE, como consta na sua entrevista:

Olhe bem! A gente queria antecipar. Achei que deveria antecipar o curso. [Ele] vinha cursando normalmente, e tinha 17 anos, no ano de 68. Estudava pelas apostilas que ia buscar na Secretaria de Educação, em Salvador quando a Secretaria funcionava, ainda na Av. Sete de Setembro, no Corredor da Vitória, pois não tinha o telecurso nem telesala, em Cachoeira. Ouvia as aulas pelo rádio ao vivo e estudava pelas apostilas com uma colega que nos reuníamos para estudar sempre, eu [Jorge] ensinava Matemática. Ela [a colega] português. Estudávamos Português e Matemática.

Entre os três irmãos somente ele fez o curso de Madureza. Trabalhava no comércio de Cachoeira e estudava a noite. O Dr. Jorge fez as provas para o Madureza em Feira de Santana, pois em Cachoeira não tinha. O local do Exame foi no Colégio Guimarães, o antigo Colégio Normal. Eu tinha uma coordenadora lá, [...] Marilia. Um nome assim. Que coordenava o curso naquela época. Tinham várias coordenadoras. O professor que dava aula lá, prof. Carlito. Era prof. de matemática.

O Dr. Jorge nos informou que o Curso de Madureza foi importante para ele na medida em que antecipou mais ou menos um ano de estudo, e que as aulas eram dinâmicas.

Sobre o funcionamento dos telepotos, entrevistamos o Prof. Miguel, que foi Orientador de Aprendizagem e nos comentou sobre essa sua experiência:

As aulas eram feitas aqui no IRDEB, gravadas, e emitidas pelo rádio. As emissões tinham o horário fixo. Era a Rádio Sociedade. Havendo uma frequência grande e total, Eram muito procurados os Telepostos. Porém não tinha vínculo nenhum com a Escola. A Escola emprestava simplesmente a sala, nós ouvíamos as aulas depois sentávamos em grupo, discutíamos as aulas e o Professor, ou seja o O. A. tirava as dúvida com os alunos. Telealunos, como eram chamadas na época. Primeiro ouvíamos, silenciosamente. Ouvíamos, todos, eram quinze minutos por aí de emissão. Ouvíamos silenciosamente, acompanhada pelas apostilas, as aulas tinham uma apostila. Eles ouviam e nós acompanhávamos, depois sentávamos, estudávamos pela apostila e tirávamos as dúvidas onde o O.A. explicava aos aluno. A emissão eram só quinze minutos e a gente aí começava a trabalhar com as apostilas. Todo era feito aqui no

IRDEB. O O. A. era de todas as disciplinas **N**ós tínhamos aulas de História, de Ciências de Geografia de Matemática, de Português o O.A. ele orientava o grupo em todas essas matérias. Tanto a apostila tinha exercícios programados para a próxima aula. Aí o aluno levava e nós olhávamos e na emissão nós corrigíamos aqueles exercícios. As aulas eram diárias. Os alunos iam todos os dias. Cada dia uma aula, que correspondia aos assuntos do primeiro Grau. Era o ano todo, durante o ano todo eles tinham que complementar aquela carga horária. Que correspondia ao conteúdo de quatro anos do Ensino Fundamental. Que na época era 1º Grau. As aulas eram dinâmicas. Criava situações para que o aprendizado fluísse.

Sobre a coordenação dos telepostos:

Ela [a coordenadora] fazia visitas diárias. Por exemplo. Hoje era dia de fazer visita no meu Teleposto. Ela ia, ficava sentada lá assistia, ouvia toda a emissão, depois ela via como eu procedia após a emissão, com os alunos. Ela ia de surpresa. Toda semana. Ela freqüentava, cada dia ela ia em um. Pois ela tinha vários telepostos. Além disso, os O. A. tinham reuniões constantes com os coordenadores.

Além do Madureza o SERTE também realizou outros cursos como nos comentou a Profª. Ruth:

Por ocasião de um concurso de ingresso ao Magistério Público do Estado, foi realizado um curso preparatório para os candidatos inscritos; cursos de preparação para TV Educativa, ministrado por uma equipe da Fundação Centro-Brasileira de TV Educativa; programas Culturais transmitidos semanalmente; programa de esclarecimento sobre a importância e condições essenciais sobre cooperativas e sindicatos rurais para criação e funcionamento desses órgãos na vida da população; Educação para o Trânsito - flashs educativos para motoristas de táxi, objetivando melhor relacionamento com os passageiros, como também para veicular temas sobre o Estado da Bahia com vistas à informações turísticas. Além dos cursos e de outros programas educativos culturais pelo rádio, o SERTE iniciou cursos por correspondência sendo o primeiro o de Estenotaquigrafia, já conhecido naquela época, criado pelo baiano Dr. Nelson Oliveira e organizado pelo SERTE. O curso oferecia o material impresso das aulas, os exercícios e os testes para avaliação feita pelo SERTE.

O Prof. Raimundo Dantas também nos comentou sobre o Curso de estonotaquigrafia:

Esse era por correspondência, ele não era pelo rádio. Então Cantu era filha do Professor Nelson Oliveira que foi o inventor do método estenotaquigráfico, então ela teve a idéia, embora fosse professora de outra disciplina, ela era técnica em educação , mas como era filha dele aprendeu, ele tinha .... E aí teve uma reforma administrativa lá na SEC e aí sobraram alguns técnicos de Educação, que não tinha onde botar. AÍ foram três deles para o IRDEB e um deles foi Cantuzinha. Cantuzinha era do tipo animada,aí perguntou o que eu posso fazer aqui. O que pode fazer, ela mesma disse um curso de estenotaquigrafia. Naquele tempo o curso era o máximo. Não existia computador, não existia gravação fácil... Então, pelo rádio seria muito difícil e aquela população não era o público alvo. Como Ruth estava querendo começar um curso à distância, um curso por correspondência, aí ela ofereceu esse curso e foi um sucesso. Então teria a aula, com material impresso, a cada três meses tinha o teste, se mandava o teste, ela fazia o teste, depois tinha alguns momentos presenciais, que estava apresentando... Era uma coisa avançada... E foi assim que foi feito o curso por correspondência de estenotaquigrafia.

Transição do SERTE para o IRDEB

Transcrição da fala da Profª Ruth

O SERTE funcionou legalmente na Seção de Educação Supletiva do Departamento do 1º. grau, e extinto com término do convênio que lhe deu origem e transformado pela reforma da SEC em seção da divisão técnico-pedagógica da SEC pelo decreto No. 20.802 de 31 de julho de 1968. Pouco depois criado o IRDEB. Dois órgãos ligados a uma mesma Secretaria não deveriam funcionar concomitantemente com funções semelhantes.

O SERTE não visava apenas dar conteúdo de disciplinas, preparar para o exame de madureza e Concursos, entregar um Certificado, mas continuava a filosofia do MEB na tentativa de valorizar o homem conscientizando-o dos seus direitos e deveres. A grande meta dos nossos programas era levar os alunos à reflexão e a sentir necessidade da mudança pessoal, e do reconhecimento de sua participação no desenvolvimento da sociedade.

O Prof. Raimundo Dantas participou da elaboração do parecer que foi enviado ao Secretário de Educação, na época Dr. Navarro de Brito, para a transformação do SERTE em uma autarquia, que viria a ser o IRDEB. Transcrevemos este trecho da entrevista:

E esse SERTE terminou, com a reforma administrativa do Estado, terminou transformado em Seção de Ensino Suplementar que era uma seção, de uma Divisão de um Departamento de Ensino Médio e aí como seção a gente não tinha muito o que fazer porque dependia daquela burocracia de uma estrutura enorme. Nessa época já os outros estado, São Paulo já tinha a Fundação Anchieta, o Rio Grande do Sul tinha a Fundação Padre Landel de Moura, que é uma Fundação do estado para fazer a Rádio e TV Educativa que era o que a gente fazia na verdade. Então nessa época eu comecei a conversar com Ruth e podemos fazer aquilo também uma autarquia. Naquele tempo, se falava em autarquia que era o órgão do serviço público que tem uma certa autonomia. Ela disse bote no papel suas idéias e aí pra gente passa para o Secretário de Educação. Então pronto, fizemos aquelas idéias, formulamos um resumo referente à formação. E através de Joaquim Coutinho que era o chefe do CEP (Centro de Estudos e Pesquisa) e assessor do secretário. O secretário era Luís Navarro de Brito. Então o secretário gostou da idéia e disse vamos fazer e aí me pediram para redigir o Estatuto o primeiro Estatuto e o primeiro Regimento então ele disse que seria uma fundação, uma autarquia do Estado. Então foi para a Assembléia Legislativa transformou no que é hoje o IRDEB que desde aquela época. No IRDEB Ruth foi a primeira diretora geral e eu fiquei como Assessor dela que eu já era há muitos anos e continuei, fazia algumas aulas e tal, produzia algumas aulas radiofônicas também e como ela

Entrevistamos também a profª Dilza Atta Coordenadora da Divisão da Assistência Técnico-Pedagógica na época em que o SERTE foi transformado em SES;:

A Divisão de Assistência Técnico-Pedagógica (DATP) era integrada por seis seções,uma das quais era o SERTE que já era um órgão bem estruturado, com um excelente quadro de professores que estavam se especializando em Educação à Distância. Todos ou a maioria deles participava também da experiência do Colégio Santa Bernadete, eu os conhecia e sabia como as coisas se desenvolviam lá. As demais seções começavam a estruturar-se. Na época, cada uma delas (Currículo, Supervisão, Avaliação etc) dispunha apenas de um professor que era o Chefe da Seção e todos os chefes juntos construíam o que cada seção deveria ser. Era um momento de criação e de muito trabalho. Priorizamos, assim, o acompanhamento às seções novas, enquanto o SERTE, sob a direção de Ruth Vieira, continuava muito bem o seu trabalho. Desse modo, o que tive com o SERTE, como Diretora da Divisão, foi uma relação de caráter formal. A correspondência que vinha para a Divisão era encaminhada para lá e só

raramente, alguém do SERTE vinha participar das reuniões que a Divisão realizava na Secretaria.

Comentário da Profª Ruth sobre a criação do IRDEB

O IRDEB era um sonho que já vinha se tornando realidade pela equipe que vivenciava a educação à distância, como também pela própria SEC, através do Centro de Estudos e Pesquisa – CEP, ligado diretamente ao Secretário de Educação. Foram realizadas muitas reuniões de estudos, buscando a forma legal e viável em nossa realidade, para a Instituição que regeria a tecnologia educacional na Bahia. Finalmente, o Secretário, Dr. Navarro de Brito, opinou por uma fundação, aprovada com alegria pela equipe. Diante disto, criou-se uma comissão para elaborar os estatutos e regimento, que trabalhou com entusiasmo, apresentando o resultado ao Secretário, que os aprovou. A SEC, através do CEP, preparou a documentação a ser enviada à Assembléia Legislativa Estadual, para a tramitação e aprovação legal. A lei da criação do IRDEB, recebeu o Nº 2.752 de 4/12/1969 com o objetivo de programar e executar com exclusividade todos os serviços educacionais do Governo do Estado pelo Rádio, TV e Ensino por Correspondência.

Sobre as sedes do IRDEB

Fala da profª Ruth;

Inicialmente, no subsolo da Biblioteca Central, onde elaborávamos a programação, gravávamos as aulas, imprimíamos as apostilas e todo material para os cursos. Era uma grande oficina, manipulada por um grupo de professores e de outros funcionários idealistas que trabalhavam buscando eficácia em tudo que faziam. A caminhada pela qualidade, cobria todas as dificuldades de recursos materiais e humanos para o trabalho, que se desenvolvia também em quantidade.

A implantação do Instituto se processou, dando-se prioridade à divisão e seções indispensáveis a funcionamento legal e pedagógico, tais como: Divisão Técnico Pedagógica, Seções de Produção, Supervisão, Treinamento, Avaliação, Financeira e de Pessoal.

A alma do Instituto era a Divisão Técnico Pedagógica, que regia todo o processo educativo. Enfrentava-se a realidade do novo órgão com esforço, estudo e abnegação,

convertidos em ação ordenada. Algumas questões se apresentavam. De um lado, a necessidade de responder à demanda educacional em plena era desenvolvimentista e o povo que pretendia melhorar seu nível de conhecimento na descoberta dos seus valores de pessoa humana. Era o desejo de acompanhar a caminhada transformadora em ebulição no país e em todo mundo. Por outro lado, as dificuldades oriundas do tradicionalismo de muitos dos que governavam, barravam a aplicação financeira dos meios renovados da educação. A incompreensão política no discernimento, entre os que apareciam aos olhos da mídia e dos "grandes", que mantinham o poder, pesava nas decisões. A melhora na educação do povo ficava em segundo plano, e as verbas bastante limitadas impediam, muitas vezes, o bom desempenho do trabalho. Apesar dessa situação, o ânimo dos que faziam o IRDEB não era vencido. A programação continuava em ritmo normal, e os projetos em franca elaboração. No princípio o peso maior, por sua qualidade e quantidade de abrangência era do Curso Supletivo de Primeiro Grau, respeitando as características próprias do ambiente e da população do Estado.

O IRDEB deu continuidade à programação cultural de outras atividades realizadas pelo SERTE. O plano de trabalho para o próximo ano (1974) já elaborado, apresentado e aprovado em reunião do Conselho do IRDEB, quando solicitei minha demissão.

Participação do IRDEB na implantação da Reforma do Ensino e em outras atividades

Coordenação por sua Diretora, da Comissão de Ensino Supletivo do Plano Prévio da Reforma.

- Participação com aprovação de temas em seminários, encontros para reciclagem de Professores e Diretores com vistas à implantação da reforma.

- Participação docente no curso das Coordenadorias Regionais e Curso para diretores de 1º. Grau.

- Participação técnica na avaliação da implantação e acompanhamento do currículo de 1º. Grau.

- Participação em todos os encontros e seminários relacionados com a teleeducação em âmbito regional ou nacional e em eventos internacionais promovidos pelo Instituto de Solidariedade Internacional da Fundação Konrad Adenauer, no Peru, Colômbia e Alemanha.

- Participação em cursos de Especialização promovidos em outros estados como, Amazonas, Rio Grande do Sul e São Paulo - Instituto de Pesquisas Espaciais com duas bolsistas e uma palestrante.

- Participação em cursos de Especialização nos seguintes países: França, Inglaterra e Estados Unidos.

- Organização e Coordenação do II Curso Nacional para telepromotores financiado pela Konrad Adenauer.

- Todas as participações fora do Estado da Bahia, e no exterior, não acarretaram ônus ao IRDEB.

A segunda diretora do IRDEB foi a Professora Noélia Pessoa. Em entrevista ela nos contou sobre a sua nomeação e os seus primeiros tempos no IRDEB:

Em 06 de novembro de 1973, o Conselho Curador do IRDEB, presidido pelo então Secretario de Educação Dr. Rômulo Galvão de Carvalho, através da Resolução n.05 / 1973 aprovou a lista tríplice com os nomes dos professores Gilseth Maria Passos de Oliveira, Laerte Correia Lima e Noelia Pessoa Gondim de Matos. Foi com muita honra que o meu nome foi escolhido pelo então Governador Antonio Carlos Magalhães.

Quando assumi a direção executiva do IRDEB,no final de 1973, o mesmo funcionava no subsolo da Biblioteca Central, nos Barris, em condições físicas muito precárias. Uma das situações que mais afligiam a todos e da qual me recordo bem eram as goteiras decorrentes das infiltrações no teto. Havia realmente também limitações significativas relativas aos meios de comunicação disponíveis, vez que a educação à distância, característica essencial do trabalho desenvolvido pela instituição, dispunha tão somente de alguns horários na Radio Sociedade da Bahia e da utilização de malotes. O IRDEB já era tinha uma boa imagem nos meios educacionais. Pessoalmente, eu mesma já tinha trabalhado para o mesmo, redigindo aulas de Avaliação Educacional, em programas de treinamento de professores. Dispunha o IRDEB de uma equipe formada por bons profissionais, professores, técnicos e radialistas, e funcionários administrativos, os quais sempre “vestiram a camisa“, apesar de todas as limitações existentes, características de uma organização a qual não era realmente tratada como prioritária pelo sistema educacional estadual.

Já se vão mais de 35 anos e depois de muitas e muitas mudanças de residência já não disponho mais de arquivos profissionais desta época. Vou assinalar portanto, de

memória, consequentemente, sem muitos detalhes, as experiências as quais considero as mais significativas.

Sempre gostei muito de desafios e sempre sonhei alto. Depois de dois ou três meses avaliando, diagnosticando juntamente com a equipe já existente reforçada com mais alguns profissionais por mim convidados, ficou constatado que era imprescindível uma guinada na vida do IRDEB, a fim de que o mesmo pudesse cumprir de forma muito mais eficiente a sua missão de levar a educação, através do rádio, aos lugares mais distantes.

As ações de rotina continuaram. Os cursos supletivos e os cursos de treinamento de professores, se não me falha a memória inclusive cursos de preparação para concurso de magistério do Estado da Bahia. No entanto, em paralelo a estas atividades, deu-se início ao desenvolvimento de uma ação mais aprofundada de avaliação da própria entidade, diagnosticando-se de forma detalhada as dificuldades que limitavam o seu funcionamento. Estas dificuldades passavam não somente pelas deficiências de sua infra estrutura física, mas também pelas limitações na qualidade dos equipamentos e pela falta de material. Muitas vezes era necessário se apagar uma aula de uma fita para que outra aula pudesse ser gravada. Evidentemente todas estas dificuldades decorriam da falta de recursos financeiros vez as disponibilidades orçamentárias eram sempre muito inferiores às necessidades do IRDEB.

Fala do Prof. Cid Teixeira sobre a sede do IRDEB

Nós funcionávamos em primeiro lugar no sub solo da Secretaria de Educação com instalações as piores possíveis. Depois o estado comprou uma área ali na Federação junto a uma estação de televisão e construiu a sede do IRDEB, nós nos mudamos para lá e é o período digamos mas vibrante vamos dizer assim, com a criação de uma emissora a Rádio Educadora que está aí até hoje com a criação de cursos formais de Português, Matemática etc... contratando professores, e outros produtores para a elaboração de aulas, dentro de uma técnica radiofônica, isto é as aulas feitas mais para serem ouvidas do que lidas e contratando professores na capital e no interior, para cursos de formação de natureza comercial.

Sobre a construção da sede na Federação:

Profª Noélia:

Depois de um tempo significativo de estudos e discussões, deu-se inicio à elaboração de um planejamento de longo prazo que pudesse englobar a definição das estratégias que transformassem o IRDEB, numa instituição capaz de cumprir a sua missão de forma mais efetiva.

Assim foi elaborado o PLANO DIRETOR o qual tinha como objetivo principal traçar as estratégias necessárias para a que a curto, médio e longo prazo o IRDEB viesse a se transformar numa instituição bem mais sólida, com uma infra estrutura compatível com as suas funções educacionais e culturais. Assim, era essencial a construção de uma nova sede, a compra, instalação e manutenção de novos equipamentos, e principalmente o desenvolvimento de recursos humanos em quantidade e qualidade para o desenvolvimento das funções que seriam desenvolvidas por este novo IRDEB. Um programa de melhoria institucional deste porte só poderia ser posto em prática com um significativo aporte orçamentário o que só poderia ser conseguido a partir da elaboração de um plano diretor substancial. E isto foi feito durante o pouquíssimo tempo de nossa gestão.

Logo no inicio do ano de 1973, uma de nossas primeiras atividades fundamentais para definir os novos rumos do IRDEB foi a participação, não só minha como Diretora Executiva, mas de uma boa parte de assessores e técnicos, no V Seminário Brasileiro de Teleducação – Secretaria de Educação de Pernambuco associação Brasileira de Teleducação em Recife, 09 a 16 de dezembro de 1973. Este seminário nos possibilitou um forte embasamento à toda equipe sobre os passos a tomar ruma a reestruturação da infraestrutura física, técnica e administrativa do IRDEB. Voltamos bastante estimulados e começamos a trabalhar nesta direção.

1. A primeira tarefa foi a questão do terreno. Comentava-se que no bairro do Sobradinho havia um terreno que pertencia ao Irdeb. A documentação foi localizada, no inicio do ano de 1974, foram feitos os registros necessários para que este terreno ficasse juridicamente desembaraçado.

2. Simultaneamente aos trâmites legais para a questão do terreno, deu-se inicio então aos estudos preliminares, para que fossem definidas as especificações físicas dos espaços com o fim de nortear a elaboração do projeto arquitetônico.

Profª Aristocléia

Construímos a sede e fizemos a transferência para a Federação. Com a ajuda de todos. porque não é uma andorinha só que faz verão.

Prof. Cid Teixeira:

Agora a construção da sede do IRDEB lá na Federação mudou muito a estrutura do IRDEB. Isso nós devemos a Ruth e a Aristocléia. Porque o IRDEB funcionava, no sub solo, você imagine da Biblioteca Central numa sala de favor e presa ao horário da Biblioteca. E também de favor, em algumas emissoras de rádio por força de ligações de ordem pessoal, de ordem pessoal minha com o Coronel Lúcio, que era o Gerente da Rádio Cultura, nós conseguimos uns horários na Rádio Cultura, para veicular os programas que funcionando ... Aí é que entra Humberto, preparando apostilas para serem desenvolvidas aos professores contratados pelo IRDEB na capital e no interior.

Fala da Profª Letícia sobre a construção da sede na Federação:

Aqui foi um campo de futebol e um terreiro de candomblé, diga-se de passagem. Então tem muitas obrigações, muitas coisas enterradas aqui, embaixo. Por isso muita gente acha que o IRDEB não soube usar o espaço ao ponto que deveria, porque não fizeram o que deveriam ter feito. Arrancaram árvores sagradas que era o Irôco que era uma que ficava ali na frente do IRDEB. Era árvore sagrada do terreiro. Foram destruindo coisas para construir outras que fazem parte da cultura daqui do Alto do Sobradinho. Ainda tem terreiro de candomblé por aqui. Onde nós estamos assentados era um terreiro e um campo de futebol. Destruíram tudo. A diversão, o lazer da rapaziada, de certa forma, e tudo que tinha a ver com o terreiro que aqui funcionava. Um campo de futebol e um terreiro de candomblé e uma árvore que tinha em frente do IRDEB chamada Irôco, uma árvore sagrada que tem no Gantoi, uma árvore grande que bota um pano branco. Todo terreiro de candomblé normalmente tem um Irôco. E aqui tinha esse Irôco. Eu me lembro que Nunes no dia que foram derrubar a árvore ele chorou. Antônio Carlos Nunes que era locutor da FM aqui. Hoje eu não sei se ele se aposentou, eu não sei. Lembro-me disso.

Foi na sede nova, na Federação, que foi instalada a Rádio FM. Porém, a concessão para sua instalação foi cedida ainda na gestão da professora Noélia:

A outra grande questão que nos afligia era o fato do IRDEB não ter sua própria voz. Falava pela voz da Radio Sociedade, com pouquíssimo tempo à disposição para a transmissão das aulas. Assim, a idealização de dar ao IRDEB, autonomia funcional com a aquisição de equipamentos e instalação de sua própria rádio tornou-se questão essencial de nossa administração . Este processo de auto avaliação do IRDEB, estimulado e coordenado por um profissional que antes não pertencia ao mesmo, ou seja, alguém *que veio de fora*, como era o meu caso, não foi isento de conflitos e houve inicialmente muita resistência por parte de alguns técnicos, situação esta que em nenhum momento nos esmoreceu. A grande maioria da equipe já tinha tomado consciência de que uma reforma de grande porte era necessária a fim de mudar, radicalmente, para mais e melhor, as características da organização.

No decorrer do ano de 1974 todas estas providências foram tomadas, e os esforços para se conseguir os recursos para a consecução de todo este programa de desenvolvimento institucional foram desenvolvidos de forma satisfatória

É importante ressaltar aqui o papel da equipe que se desdobrou, inclusive com algumas viagens para Brasília a fim de discutir com MEC / PRONTEL os anteprojetos a fim de que os mesmos se tornassem em documentos definitivos de projetos exequíveis. Foram muitas e muitas redações nclusive para a elaboração de documentos para a assinatura dos convênios necessários com os vários parceiros envolvidos. Foram alocados recursos do próprio IRDEB, outros recursos específicos da SEC/Governo do Estado, além do MEC / PRONTEL .

É fundamental assinalar o apoio incansável do então Secretário de Educação Dr. Rômulo Galvão de Carvalho, o qual confiava inteiramente na equipe e cobrava para que tudo andasse o mais rápido possível, pois ainda neste mesmo ano ele deixaria a cargo de Secretário, em função das eleições, candidato que era a deputado federal. Igual postura de apoio e permanente encorajamento vinha também do Conselho Curador do IRDEB. Dr. Rômulo foi substituído pelo Dr. Kleber Pacheco o qual deu continuidade apoiando firmemente este plano de desenvolvimento do IRDEB.

Finalmente em outubro de 1974, tive a grande satisfação de participar do Encontro Nacional de Secretários de Educação patrocinado pelo Ministério da Educação em Petrópolis, no Rio de Janeiro, onde foi assinado o Convênio entre o MEC/ PRONTEL / SEC / IRDEB para a instalação no IRDEB da Radio Educadora.

Houve então a mudança de Governo, assumindo a Secretaria de Educação o Dr. Carlos Santana. Foi realmente com a sensação do dever cumprido, que em audiência com o mesmo passei às suas mãos, todos os documentos relativos ao novo plano diretor do IRDEB:

a) Escritura definitiva devidamente registrada em cartório, do terreno situado no Alto do Sobradinho onde hoje se encontra a sede do IRDEB

b) Projeto arquitetônico do novo prédio do IRDEB, com todas as especificações definidas

c) Convênios assinados com as devidas alocações de recursos provenientes dos vários parceiros não só para a construção da nova sede como também para a instalação, funcionamento e manutenção da nova rádio educadora.

d) Recibo de comprovação da primeira cota dos recursos enviados pelo MEC para tal fim depositada em conta específica do Banco do Brasil.

e) Cópia do Documento intitulado Plano Diretor do IRDEB, envolvendo as estratégias a curto, médio e longo prazo sinalizando todos os caminhos a serem percorridos, para que o IRDEB se transformasse numa instituição forte, eficiente e eficaz, que cumprisse o papel de levar educação aos recantos mais longínguos. De memória cito as linhas gerais que nortearam este plano diretor.

Segundo a Professora Aristocléa foi instalada a FM. porque tínhamos a concessão de Ondas Curtas mas os técnicos do ministério acharam fácil adquirimos um canal de FM. Então ai ocorreu um passo para as Ondas Curtas.

A Rádio FM não veiculava programas educativos, tinha uma programação musical, específica e diferenciada das rádios comerciais. Sobre a programação da FM, podemos destacar na fala de seus produtores e diretores:

Profª Aristocléia:

Era feita uma produção educativa com musicas selecionadas. era uma orientação ao ouvinte do que é a musica. mas programas educativos voltados sempre para a musica.

Profª Letícia:

Produzi também para a FM os programas "Gente da Gente que tratava de músicos emergentes em geral, e também o "Canto da Terra" que era com Fábio Paz. Que depois Fábio Paz saiu e eu assumi. Depois juntamos o "Canto da Terra" ao "Gente da Gente" e pegávamos o cantador e os músicos em geral, juntávamos tudo num programa só. Tudo na FM. Tanto na FM, como nas Ondas Curtas.

Os programas educativos eram produzidos no estúdio do IRDEB, inicialmente na sede da Biblioteca central e, após inauguração da nova sede na Federação, e transmitidos por Rádios parceiras, como comenta a Profª Aristocléa, os locutores e produtores:

Profº Aristocléa:

Rádio sociedade da Bahia, rádio Excelsior...

Marinalva Santana

Antes de ser veiculado pela Rádio Educadora eles [os programas] eram feitos através da Rádio Sociedade que naquela época era a emissora de maior potência e alcançava um maior número de municípios. Depois, com o advento da R. E. o IRDEB se tornou o gerador dessas aulas. Eram aulas do currículo normal da Secretaria de Educação e Cultura e as pessoas que a escutavam e freqüentavam os chamados Telepostos que eram salas de aulas voltadas para esse tipo de aprendizagem, participavam do concurso de Supletivo da Secretaria e muitas delas passavam

Professor Cid Teixeira

Nós começamos de favor, graças ao prestígio de ordem pessoal. Eu era amigo pessoal do Coronel Lúcio. Dona Ruth era amiga das pessoas da Rádio Cultura e por isso um

programa “Quem sabe é o José” foi para o ar. O IRDEB como serviço público, não tinha prestígio ainda. Ninguém sabia quem era. Nós botamos o IRDEB pra rua.

Porém, a maior parte dos programas educativos iam ao ar através da Rádio Ondas Curtas, que foi inaugurada em 1981 e tinha uma grande audiência como comentaram os produtores:

Programas veiculados pela Emissora Ondas Curtas e público alvo

Marinalva Santana

O público era muito diversificado, atingia donas de casas, estudantes, comerciantes, a população toda de uma cidade do interior era beneficiada por ele.

Os programas eram de saúde, agricultura, músicas, dicas de como cuidar da higiene, como cuidar da criança, o trabalho materno-infantil [...] fazer uma horta, para o agricultor mesmo, tínhamos convênio com a EMATER, EMETERBA que era a EMATER da Bahia.

A audiência era muito variada, horários com locutor fixo e cada locutor desses, independente das pessoas ouvirem a rádio o tempo todo, ela tinha suas predileções pelo próprio locutor, pois a empatia pelo locutor e o ouvinte é que faz com que a audiência cresça numa emissora. Se o locutor passa uma credibilidade para o ouvinte, se ele dá aquilo que o ouvinte está precisando naquele momento, ele vai ter um ouvinte cativo. Lourival Oliveira abria a rádio às 6:00 h. e ia até as 10:00 h. , em seguida Lívia Santana, Pedro Santiago e no final do horário, Willian Maia.

A Rádio funcionava das 6:00 até as 22:00 h. A programação da Rádio era uma grande revista que abrangia interesse da criança, pois nós tínhamos programa infantil, até uma pessoa mais preocupada com assuntos mais adultos como o ensino/aprendizagem, que era o Supletivo, os programas de saúde, de puericultura....

Pedro Santiago –

O “Show da tarde” que durou anos... Era um programa completo que colocava quase tudo o que o ouvinte queria saber, era uma resposta ao gosto do público, de acordo com cada região através das cartas recebidas.

Cid Teixeira

Eu comecei produzindo programas informais digamos assim. Aquela que não obedecia um programa no sentido formal da palavra. Tinha História, Português ou do que fosse. Mas um programa de informação à comunidade. De modo que não tinha nada a ver com a organização pedagógica da Secretaria de Educação. Mas antes disso eu andei instalando aí pelo interior Escolas Técnicas de Comércio, porque o que havia na Bahia na época era simplesmente a Faculdade de Ciências Econômica, mantendo um curso médio de Contabilidade e acabou-se. Num prédio velho na esquina da Piedade com a Rua Direita da Piedade. Onde hoje é a Faculdade de Ciências Econômica. Então eu andei instalando escolas Técnicas em Ilhéus, Itabuna, Jequié, Juazeiro, Feira, Alagoinhas e deixei implantada ainda sem funcionar a de Belmonte. Mas essas Feira, Juazeiro , Ilhéus, Alagoinhas, o IRDEB fez convênios com os ginásios particulares e implantou Escolas Técnicas de Comércio. Eu não sei hoje, tem alguns anos, eu não sei como estão exatamente essas escolas. Mas houve um momento em que elas realmente modificaram a estrutura administrativa escolar nesses municípios criando opções e novas formas de encontrar condições para viver nesses municípios. Tudo isso foi implantado graças ao exemplo que vinha do Rio Grande do Sul. Vinha do Padre Landell de Moura para a Bahia trazido por Dona Ruth Teixeira Vieira, nome que nós devemos reverenciar, porque foi quem realmente trouxe o IRDEB para a Bahia.

Eram a entidade, as escolas que já existiam para o Ginásio e o IRDEB, Instituto de Rádio Difusão Educativa da Bahia. Então nós tivemos em ...eu posso dá exemplos assim: em Ilhéus, Prof. Hélio Lemos foi o nosso representante lá junto à Associação Comercial da Bahia, implantando a Escola Técnica do Comércio nas instalações do Ginásio do .... Em Itabuna ... em Jequié com Cordeiro de Almeida nós fizemos um convênio com o Sindicato dos Empregados do Comércio. Encontrávamos na cidade a entidade que já possuía uma sala de aula, possuía uma estrutura física pra isso e então o professorado do IRDEB, os alunos os preparadores de aula do IRDEB faziam os textos que eram remetido e depois faziam a verificação de aprendizagem e mantinha-se um sistema de inspeção permanente. Havia permanentemente um funcionário do IRDEB ali que era inspetor de curso. Eu fui durante muito tempo inspetor de curso. Depois um cidadão chamado ..... José Carlos.... Machado foi inspetor de cursos. E com isso o IRDEB extrapolou daqui da capital para o interior. Aqui nós tivemos não me lembro bem do nome da Faculdade de Filosofia que era ali em Nazaré, depois foi no colégio.... em vários locais onde o IRDEB mantinha postos com seus professores, com aulas

preparadas no IRDEB e Humberto foi um dos grandes autores de aulas para.... No interior por correspondência. Radiofônicas também. E também na capital tivemos aulas local com Prof. na classe. O IRDEB elaborava as aulas que poderiam ser radiofônicas e por correspondência

Nós instalamos Escolas Técnica por esse interior todo. Eu me lembro de Ilhéus, Itabuna, Jequié. Homem Del Rei, ele era presidente da Associação Comercial de Jequié e deu todas as condições. As salas, os prédios lá com ... E no Sindicato dos Empregados do Comércio o Sr. João Cordeiro de Almeida. Juazeiro com o Prof. ... funcionava no Colégio Rui Barbosa, numa sala bem instalada. Feira de Santana no Santanópoles dom Áureo Filho. Alagoinhas com o professor que foi Deputado da Bahia.... que criou o Ginásio de Alagoinhas. E fizemos outras tentativas que funcionaram mas, de pouco vulto como Serrinha por exemplo, que a política local não deu para desenvolver esse evento.

O Projeto Minerva nasceu no Rio Grande do Sul. Era um projeto realmente ambicioso em fazer com que a informação saísse da sala de aula para o público de modo geral. O Projeto foi tão bem sucedido no Rio Grande do Sul mas, na verdade é que nós aqui da Bahia e outros estados da Federação imitaram a idéia vamos dizer, a elaboração das apostila, dos livros, das aulas do Projeto Minerva passaram a ser feitas na nova sede, com uma instalação certinha, com cadeira para sentar, com horário para abrir. Era a sede do IRDEB, que nós vivíamos antes do favor, da boa vontade no sub solo da Secretaria de Educação.

Lá [na nova sede] nós já tínhamos a estação de rádio, a Rádio educadora e tínhamos as instalações para a elaboração dos textos pedagógicos que eram distribuídos. Tínhamos uma gráfica, não de grandes proporções, que permitia que as apostilas fossem multiplicadas e distribuídas pelo interior. Os programas também eram veiculados pela Rádio Educadora e pela Rádio Cultura.

Depois que a Rádio Educadora se instalou, funcionou, ganhou prefixo, ingressou em resumo na estrutura radiofônica, nós agradecemos à Rádio Cultura pela contribuição anterior e passamos a produzir diretamente para a Rádio Educadora. Eu fazia a locução. As respostas das perguntas do Projeto Minerva eram feitas a dois. Um Sr. chamado Hélio Lima.

Muitas pessoas que estão no IRDEB não me conhecem. Eu senti isso quando jogaram fora todo o meu arquivo de gravação. Jogaram no lixo. Se perdeu, não por mim, não estou dizendo por mim. Perderam duas horas de entrevista minha com Anísio Teixeira. Duas horas de gravação de entrevista minha com Adroaldo Ribeiro Costa. Duas horas de entrevista minha com Cosme de Farias. Então a cidade passou a conhecer essas pessoas através de entrevistas contando sua vida. Prof. Edgar Mata. Uma porção. Jogaram no lixo pois precisavam do armário para botar não sei o quê. A direção do IRDEB.

Não era minha, era do IRDEB. Jogaram aquilo que eu fiz no Projeto Minerva, entrevistando essa gente toda. Toda a história da Educação na Bahia. Duas horas de Anísio Teixeira contando a vida dele, foi jogada no lixo assim, no meio da rua. Eu poderia citar dezenas de entrevista feitas com a comunidade.

As minhas, quer dizer, as do IRDEB, forma todas jogadas no lixo. Por que se precisou do armário para guardar qualquer coisa. Mas isso já passou.

Professora Letícia também comentou sobre a destruição dos programas do Professor Cid Teixeira e outros:

Inclusive destruíram os programas de Professor Cid Teixeira. Cid Teixeira tinha um programa de música clássica e quando faltava fita para gravar os programas que estava chegando, eles apagavam simplesmente, desmagnetizavam as gravações de Cid para poder dar lugar às novas gravações.

Era dedo duro, [programa ao vivo como o Curto Circuito] que a gente chamava de dedo duro. Era uma gravação que durava mais ou menos um mês para caso tivesse algum problema com a censura estava lá provando, porque era ao vivo.

Todos são impossíveis, [Programa Curto Circuito] mais alguns ...principalmente os que tiveram visita Tiveram pessoas que foram entrevistadas ao vivo, como Fafá de Belém,.

Eu sei que o “Pra Lembrar com Saudade” tem muito aí, porque de vez em quando eu vou lá e dou uma futucada. Mas são aquelas fitas rolos que nem sei se estão boas. Tem umas que quando você pede para copiar, estão todas estragadas.

Cid Teixeira sobre os seus programas:

Além da aula propriamente dita era mantido, e esse é meu tema com maior participação, um curso de informações gerais para a comunidade. Havia um título muito curioso: “Quem sabe é o José”. Nós recebíamos uma carga enorme de correspondência de pessoas que já não estavam mais em idade escolar, gente bem mais velha, mas que tinha curiosidade com a área de História, Sociologia. E aquelas coisas que eram possíveis de serem respondidas pelo grupo de funcionários que trabalhava no IRDEB era respondida lá. Aquelas perguntas que envolviam mais informações e interesse fora do âmbito do IRDEB nós procurávamos, eu pessoalmente procurei, em diversas áreas universitárias para transmitir.

Segundo a Professora Aristocléa, o IRDEB também produziu programas de Curso de Formação de professor, para o interior, professor primário, de 1ª a 4º série do 1º grau.

O IRDEB teve, nessa questão de aulas a distancia, uma importância muito grande na educação. Na Bahia, como em outro estado. Encomendava à secretária do Rio de Janeiro, o projeto de reciclagem dos professores do Madureza. E também trabalhava para Sergipe... Programas aplicados lá por uma equipe técnica. Eram programas radiofônicos Eram os textos. Material impresso para a reciclagem dos professores.

Sendo o rádio um instrumento de fácil utilização e de baixo custo, torna-se acessível às diversas camadas sociais, havendo um público fiel aos seus programas. A Rádio O. C. por ter um alcance maior que a F. M. conseguiu um público mais abrangente, principalmente nas cidades do interior não só da Bahia, como também nos outros estados. Essa diversidade de público e a função social do rádio, principalmente da O. C. foi comentada pelos locutores em suas entrevistas:

Função social e importância do Rádio

Marinalva Santana

Educação, informação e cultura, pois a maioria das pessoas, mesmo aquelas que freqüentam a escola não têm condição de comprar jornal, livros, revistas, discos [...] o meio rádio é barato, pois só utiliza energia elétrica ou energia de pilha, de transisto e leva entretenimento, leva informação, leva conhecimento para todo o mundo e em qualquer lugar que a pessoa esteja. Ela pode estar no trabalho com seu radinho de pilha ou pode estar em sua sala ou seu quarto.

O rádio é um meio muito abrangente, ele atinge milhares, milhões, bilhões de pessoas ao mesmo tempo. Uma informação que é veiculada pela rádio chega a essas pessoas no mesmo momento e todas elas podem se beneficiar dela. O rádio já foi veículo de educação, isso aconteceu não sei se acontece ainda hoje aqui na Rádio Educadora, já foi veiculado o curso Supletivo de 1º grau.

As respostas que nós tínhamos eram muito boa, recebíamos de quase todo o interior do estado uma média de 40 a 50 cartas por dia... Depois o correio ficou caro e as pessoas passaram a escrever a cada quinze dias, mas diziam que estavam ouvindo e faziam uma resenha do que se passou nos dias anteriores para que a gente tivesse a certeza de que eles estavam ouvindo a Rádio, comentavam, mas não tinham mais uma freqüência [das cartas] pelo custo dos correios.

Pedro Santiago

Informar e divertir... também passar cultura, informação e passam muito serviço para a comunidade. Novas tecnologias da rádio de 1967 para cá há uma mudança radical, total, porque naquela época o rádio AM era que comandava a programação, não existia a FM e o rádio era mais ouvido do que a televisão.

Infelizmente eu acho a comunicação muito pobre pelo que se poderia fazer. Das necessidades que existem em cada pessoas, as suas interrogações, as suas dúvidas. As pessoas perguntam muito. Você passa na rua as pessoas perguntam: Você sabe onde fica tal lugar? Você sabe onde é que faz isso? Você sabe onde fica tal repartição? Você sabe o que acontece com isso ou aquilo? A área de saúde, tantas informações que poderia se passar para as pessoas em todas as áreas da vida humana, o rádio e a televisão poderia penetrar, mas deixou de lado isso, principalmente a rádio AM em Salvador é de políticos e religiosos então eles cuidam dos seus interesses para aquilo que elas passam a existir... Agora a rádio FM canalizou tudo para a música e aí só ficamos mal servidos de uma Rádio de boa qualidade principalmente aqui em Salvador, salvo a RE, puxando a brasa para nossa sardinha, já que estamos aqui na RE que tem uma programação totalmente diferente de todas as outras, me parece à única que oferece um conteúdo de informação e cultura e me parece que a RE vai receber um prêmio interessante justamente por difundir a cultura... Ainda no mês de dezembro.

Há uma magia, pois o ouvinte do rádio é muito mais fiel do que o telespectador da televisão. Um apresentador de rádio, quando cai na simpatia do público, aquele ouvinte lhe acompanha a vida inteira. Na semana passada eu estava conversando com uma pessoa e chegou um amigo dela que eu conhecia. Então ele me apresentou: esse é Pedro Santiago. E ele disse: não me diga, rapaz, eu acompanho você desde a década de 60 no rádio, mas que prazer. Foi aquela alegria, aquela satisfação. Isso não acontece só com uma pessoa. Isso porque o ouvinte no momento, no momento em que ele passa a ouvir alguém no rádio, aquela voz, aquele jeito de ser, aquele jeito de trabalhar, ele fixa uma imagem... Tudo isso passa pela mente do ouvinte. Toda imagem criada é alimentada pela crendice de que a pessoas pode ser assim ou não. Ela perdura muito tempo e é difícil de desfazer. Quando o público gosta de uma coisa, é difícil deixar de gostar... Então é essa a magia do rádio. E a facilidade que você acabou de falar, pois o rádio é do tamanho de um relógio que você coloca no braço, em qualquer lugar, no bolso... pequenininho.. Você vai aonde desejar e tem a sintonia de uma Rádio.

Assim, se as Rádios fizessem uma programação trabalhada de cultura, de informações com certeza nós alcançaríamos o êxito e o objetivo do rádio que é divertir, informar e também formar, porque a informação da pessoa, de difundir a cultura, o que fez durante muito tempo a RE O. C. e hoje a FM.

Para o radialista Perfilino Neto, há um preconceito contra a O. C.:

O preconceito passa pelo fato de não ser transmitido na FM os programas de Supletivo, por causa do preconceito contra a OC. A razão para o preconceito contra a OC deve-se ao fato de que em São Paulo o rádio era tido como de preto e de pobre. Porém no Rio de Janeiro ele era elitista, pois, o aparelho era caro e não chegava a todos.

“O cego vê o mundo ouvindo o rádio”. Temos 22 emissoras de FM em Salvador, daí a Educadora ter seu diferencial dentro das FMs, que é educação e cultura.

Roquete Pinto devolveu a Rádio Sociedade porque se decepcionou com a utilidade comercial que o rádio estava sendo usado.

A Rádio Educadora FM não deve ser considerada “elite”, pois ela tem um programa de Chorinho aos domingos que grande parte da clientela é de motorista de táxi.

Ademar Casé comercializou o rádio, vendendo diversos produtos (prostituiu o rádio).

Professora Letícia

Levando em consideração que o rádio talvez seja a mídia mais importante do mundo. Um deficiente visual ouve as informações que a gente passa... Mas um deficiente auditivo não. O rádio é tão importante que no interior, eu comecei a andar em Rio de Contas e os Quilombolas de Barra e de Bananal, eles vinham para a sede compravam caixas daquelas pilhas grossas, das mais grossas, para colocar no rádio. E levavam os rádios para pendurar na árvore para ficarem ouvindo a Rádio Educadora Ondas Curtas, que é outra coisa que infelizmente acabou. Nós recebíamos informações de fora do Brasil. Hoje o pessoal fala em Internet, mas você não pode levar a Internet pra a roça, nem energia tem. É importante o rádio. O próprio aparelho se for radinho portátil, você leva para qualquer lugar. E eu fui testemunha, na época; e via comprando as caixas de pilhas no interior, como em Rio de Contas [...] E, por causa da rádio, eu fui convidada para conhecer o município, participei do concurso de máscara do carnaval de lá [....]

Para manusear o computador você tem que ter passado em algum momento por alguma escola, para aprender a ler e escrever. Já o rádio você ouve. Na época da guerra foi a Rádio que deu todas as informações pelo mundo inteiro. E ainda hoje se usa como manobra política

Sobre a gravação das aulas para o Curso de Supletivo, concurso para locutor, a função de pedagoga, a programação e alcance da O. C., e programação da F. M.

Professora Marinalva

O locutor interprete era aquele que não somente lia o texto, a informação, mas que também criava personagens. A gente fazia aqui na verdade, um rádio teatro. A aulas eram motivadoras, eram criadas situações do cotidiano, mas tínhamos uma equipe de produção muito boa ... com a situação eram passados os conteúdos de Matemática, História, Geografia, todo o currículo do Supletivo. Mariza Rangel, Marinalva, Pedro Ferreira e Lourival Oliveira, foram os primeiros locutores do IRDEB, na Segunda fase do Supletivo. Na primeira fase onde só tinham os redatores, Humberto de Argollo e Regina Helena Soares, os locutores eram José Raimundo e Nara Pimentel. Depois novo formato em que se trazia o cotidiano para o ouvinte, já era um formato diferente, existia mais pessoas trabalhando. Tinha contra-regra, sonoplastia... sem muitos recursos como hoje.

A produção da Rádio é onde eram produzidos os programas e passava por um corpo de pedagogos que faziam a revisão para ver a parte pedagógica, metodológica das aulas. Quando acabou essa parte de Supletivo, passou a ser produtora, hoje produz texto, informe literários, curiosidades, informes diversos que são veiculados na RE FM.

Sobre as inscrições para o concurso de locutor

Depois da inscrição foi marcado um pequeno teste com os candidatos. Foram selecionados alguns, que participaram de um curso de dicção, interpretação, ministrado pelo ator Mário Gusmão já falecido. Após o curso algumas pessoas foram selecionadas para trabalhar no IRDEB, dentre ela - eu.

Os primeiros programas do supletivo do primeiro grau foram gravados em fita-rolo, e um microfone para quatro locutores Mariza Rangel, Lourival Oliveira, Pedro Ferreira. A competência técnica do operador de áudio, Hélio Lima, e a experiência que nós locutores trazíamos de rádios comercias ,além da vontade de todos de fazer o melhor de si nos levaram a fazer bons trabalhos , apesar a precariedade inicial. Depois foi construído um estúdio de gravação e as coisas realmente deram um salto de qualidade.

Minha experiência em programas produzidos no IRDEB e veiculados pelas emissoras de FM e OC, foi muito boa. As cartas, telefonemas da capital e do interior que chegavam até nós e até a presença de ouvintes que queriam conhecer o produtor e os intérpretes daqueles desses programas. Era muito gratificante. Era um trabalho de equipe em que produção, locução e equipe técnica se completavam.

A função da pedagoga nos programas era analisar se o conteúdo esta de acordo com programa da secretaria da educação: adequação da linguagem utilizada ao público-alvo; dosagem de conteúdo; se o programa era atraente para o ouvinte, se estava de acordo com os objetivos propostos .....

Pedro Santiago:

Já trabalhei no interior da Bahia, em Feira de Santana, lendo muitas aulas do Supletivo ao vivo com o programador colocando algumas músicas, as passagens. Quanto à programação atual que está mais voltada para a música é para economizar, pois para que o rádio hoje tenha uma programação que não seja só de música é preciso uma equipe de produção que fica mais caro e eles visam mais o lucro do que pela qualidade, pois tocar só música é muito fácil, não se compra praticamente disco, pois as gravadoras oferecem. O lucro estar sempre por cima da qualidade.

O “Show da tarde” que durou anos... Era um programa completo que colocava quase tudo o que o ouvinte queria saber, era uma resposta ao gosto do público, de acordo com cada região através das cartas recebidas.

O mesmo som que chegava a Frackfour, Itália e outros países, esse mesmo som estava apto para chegar a Salvador e ser sintonizado em qualquer Rádio. O que acontecia é que por Salvador ter muitas Rádios as pessoas não se preocupavam em pegar um receptor que tem O. C. E sintonizar a O. C. indo à busca daquela Rádio.

Muitas pessoas de regiões longes, onde a FM não existia ainda, então nessas regiões as pessoas tinham e têm ainda obrigação de ter um rádio de O. C. e sintonizar.

Mas aqui em Salvador, sempre se ouviu o som da O. C. Eu tive ouvintes de Itapuã, Castelo Branco, são pessoas curiosas e que fazem pesquisas no rádio e sintonizam a O. C. Esses rádios hoje estão ficando raros, pois hoje se ouvem pouco as O, Cs. Aqui em Salvador não tem sentido se vender um rádio de O. C. porque aqui se ouvi pouco as O.C. A gente também encontra mais em proporção o número de ouvintes. Se você quiser comprar um rádio com O. C. tem que andar um pouco no comércio para achar pela escassez de ouvintes.

É mais fácil sintonizar a FM embora a Rádio FM só música, embora pudesse aproveitar esse som lindo, *estéril* e fazer uma programação bem diversificada, prestar informação ao público, o que o público precisa. Há muitas interrogações, as pessoas querem saber muito e têm poucas respostas, através do rádio e da televisão, que é outro veículo com um poder enorme, mas que não é usado como deveria ser, para responder aos anseios do telespectador, que seja ouvinte do rádio.

Sobre a elaboração dos scripts, do material impresso e do guia do orientador para as aulas do Supletivo, e o controle dos resultados na aprovação do exame do Supletivo, ouvimos as professoras produtoras Josélia Fraga e Letícia Barbosa:

Professora Josélia

A gente elaborava o material para o aluno, a gente elaborava o script e a gente elabora os guias para Orientador de Aprendizagem. E o material impresso que era que era o livro do aluno. Quando eu cheguei logo eram feitos no formato de apostila, depois é eles tiveram o formato de livro.

Era treinado e o pessoal, os professores das diferentes disciplinas eles eram treinados para produzir trabalhos e eram treinados também para a concepção do livro e do manual que era o guia do orientador de aprendizagem. Agora a gente não trabalhava sozinho, a gente tinha uma equipe, que era a equipe dos produtores, a equipe dos pedagogos que faziam a revisão pedagógica e todo o material, todo ele, desde o material impresso até .... ia passando pelo .... E uma equipe de revisão de língua portuguesa. Então era um trabalho muito criterioso e feito assim a seis, oito dez vinte mãos. Daí é que passava para o pessoal.... ainda tem uma coisa. Naquele antigamente, não tinha computador, e a gente fazia tudo manuscrito. Primeiro porque não tinha máquina datilográfica suficiente para tanto material. Segundo porque eram aquela máquina imensas. Então, como era: a gente fazia manuscrito, tinha uma equipe de datilógrafos, que faziam a datilografia daquele material, que antigamente era feito naqueles estêncios enormes. Eu não sei se chamava estêncio, mas era para ir para a gráfica tipo mimeógrafos para fazer as apostilas. Tinha uma equipe de artes que fazia aquele desenho todo naquele material, que ia para o mimeógrafo. E depois é que virou um livro mesmo. Então tinha toda uma equipe trabalhando. Depois vinha para a revisão de conteúdo, era revisão em cima de revisão para que o trabalho saísse o melhor possível.

O acompanhamento do aluno, o resultado, o controle sobre isso era na Secretaria de Educação. Isso não ia para as escolas. A gente tinha isso como notícia da Secretaria. Mas a Secretaria deve ter ainda um Departamento que chamava Educação de Adultos, depois virou Educação Continuada, entendeu e que tinha todo esse controle. Agora, depois que o IRDEB deixou de fazer parte da Secretaria de Educação ai se desligou e nem notícia mais a gente tinha. A gente tinha aqui, se não me engano, era a parte mais específica se eu não me engano essa parte, o pessoal daqui do IRDEB que é da área de planejamento e avaliação, recebiam os relatórios da Secretaria de Educação, acompanhavam assim. Agora o que a gente acompanhava aqui era a aprendizagem do nosso aluno do tele posto, que ia prestar o exame. Não era o IRDEB que aprovava ou não aquele aluno. O IRDEB fazia tudo para que ele ficasse apto a prestar o exame.

O livro de Ciências do Supletivo de 1º grau de 1977 foi produzido pela Professora Josélia e mais outros 4 produtores. Como eram escritos os textos.

Era dividido por capítulos e todos os que participavam do livro faziam uma revisão de conteúdo. No meu caso eu participava do livro não só como responsável pelo conteúdo,

pois houve período em que eu era responsável pelo conteúdo e pela redação do livro mesmo. Por que eu sou da área. Depois a coisa cresceu muito e foi preciso pegar outras pessoas, fornecer o conteúdo paralelamente para fazer uma equipe. Ma no caso de escrever o livro, não era qualquer pessoa que tinha essa habilidade, porque não tinha sido treinado. Então, muitas vezes tem ali pessoas que só forneceram o conteúdo e que não participaram da redação do livro. Entendeu? Era assim que funcionava. Assim com o script. Para escrever um script, não é qualquer professor de português que vai saber redigir um script pra rádio nem é um professor de História que vai saber, nem é de Ciências ou Matemática. Eram pessoas treinadas.

Sobre a elaboração dos livros para Orientador de Aprendizagem.

Aí tinha a equipe de pedagogos que acompanhava. A gente orientava como trabalhar . Todos nós da equipe tínhamos licenciatura. Então a gente tinha noção de didática de metodologia do ensino. E a gente orientava, dava orientação de como trabalhar cada capítulo daquele e de com trabalhara cada aula, de como explorar cada aula daquela. Que tipo de coisa deveria ser questionada, de que maneira seria mais fácil tratar daquele assunto. Então é por aí.

Professora Letícia

É nós fazíamos os scripts e tinha os locutores, que em várias ocasiões faziam como uma rádio novela . A gente tinha que fazer pesquisa do que escrevia, músicas que tinham a ver com o conteúdo do programa, selecionar os locutores de acordo com o que seria dito, que seria repassado. Tinha, na época, Mariza Rangel, Marinalva Santana, Pedro Santiago, era uma equipe muito boa. Hélio Lima, no comando do botõezinhos, Berduega, Pedro. Foi um tempo muito bom. Eu escrevia sobre Educação Moral e Cívica.

Nós tínhamos que seguir os objetivos, aquela coisa toda, para falar a verdade eu não me lembro como eram essas aulas, sei que fiz, deve ter alguns exemplares na biblioteca. Eu não me lembro exatamente. Eu sei que passava a noite, queimando as pestanas, pesquisando, para pode entregar. Porque tinha que entregar um bloco de X programas semanais.

Sobre o trabalho da Supervisão.

Semanalmente eles tinham que fazer um relatório, enviar para cá e mensalmente eles vinham ou mandavam alguém para trazer esse relatório e também assinar a papelada, porque antigamente não tinha essa coisa de Internet , você tinha que assinar mesmo para comprovar o seu trabalho. Fiz algumas viagens para o interior, na época, pela Secretaria Geral de Cursos e também conheci os Orientadores de Aprendizagem alguns deles assumiam, não sei se ainda assumem, trabalhos de diretoria dentro dos seus municípios.

Sobre a elaboração de livros para Orientadores de Aprendizagem.

São livros do Supletivo. Educação Moral e Cívica com o livro do aluno e também do Orientador. A gente fazia os dois porque o do orientador foi baseado no do aluno e dizia como ele deveria fazer o trabalho com o aluno.

Durante os primeiros anos do SERTE/IRDEB, havia entre os funcionários um espírito de equipe e de irmandade que foi confirmado por alguns dos entrevistados:

Professora Marinalva:

Éramos muito mais que uma equipe de trabalho, éramos de verdade uma família onde os problemas de trabalho eram discutidos, as dúvidas eram dirimidas e todos se ajudavam e acatavam , depois de convencidos, a opinião da maioria tudo em função do ouvinte ,da qualidade do trabalho e do sucesso da instituição.

Professora Mariaugusta

Éramos muito unidos porque trabalhávamos em vários lugares juntos... No Santa Bernadete, equipe, era a base do trabalho. Trabalhamos na CADES, que era realmente um centro muito grande de integração, porque viajávamos pelo interior usando o mesmo meio de transporte, ficávamos no mesmo hotel, às vezes ficávamos um mês seguido, preparando professores. Divertíamos nos juntos, estudávamos. Era o mesmo grupo em vários lugares ao mesmo tempo. Por isso havia essa integração. Não significa que fosse necessariamente à política do SERTE, mas sim pelas circunstâncias de vida e da forma como nós fomos escolhidos. Juntos fomos para a Universidade Católica quando fui convocada para montar um departamento de Educação e posteriormente a Faculdade de Educação As mesmas pessoas. participaram da experiência do Centro Integrado Anísio Teixeira. Então, realmente foi um grupo que revolucionou, sofreu. Viu desmoronar os

sonhos e assistiu os estertores da Escola Pública. Apesar das seqüelas, conseguimos sobreviver.

Professor Raimundo Dantas

Mas o SERTE funcionou com essa perspectiva. A perspectiva da conscientização. Não era uma coisa ideológica que eu estava lá para transformar os alunos em comunistas ou coisa desse tipo pelo contrário, o que a gente fazia era dar aos alunos consciência de cidadania, responsabilidade pelo destino da nação ... onde as pessoas fossem solidárias, responsáveis ....sempre foi essa a cara do SERT Ee do IRDEB ...

Professora Erimita

Eu acho que o que dava mais vontade da gente trabalhar, no SERTE, no começo do IRDEB, era essa equipe. Porque a gente tinha.... a gente tinha idéias comuns e a gente achava que estava fazendo alguma coisa pela educação. Tinha aquele entusiasmo. A gente viajava, era um clima de fraternidade, de solidariedade. Se alguém tinha um problema a gente ia ajudar um ao outro. A gente ria, brincava em conjunto...

Professor Miguel

Na realidade isso existia. Esse espírito que as pessoas chamavam de o IRDEB era uma família. Que todos trabalhavam juntos e que todos eram irmanados em um só, está entendendo? Então a gente via que o IRDEB era uma família.

Professora Josélia

Realmente nós éramos uma família. E era uma coisa muito bonita o relacionamento da gente era muito bonito e se você procurar saber ainda hoje as pessoas que trabalhavam antes, desde o início, quando tinha esse espírito de família, não era só uma equipe. A gente estendia o relacionamento da gente para fora do IRDEB. A gente fora do IRDEB. A gente não era só colega. E até hoje por mais que a gente fique anos sem se ver quando a gente encontra os colegas daquele tempo é como se estivesse encontrando um irmão. É como se a gente estivesse encontrando um parente. Os filhos dos colegas nossos daquele tempo a gente vê como sobrinhos, os mais velhos como no seu caso, talvez não

como sobrinhos. Mas a gente vê assim. Até hoje a gente sente um carinho especial pelos filhos e netos quem quer que venha depois na família, dos nossos colegas daquele tempo.

Professora Letícia

Na época da pesquisa procurávamos encontrar livros, discos, trazíamos de casa. O IRDEB foi realmente uma família, talvez por isso eu tenha optado em fazer do IRDEB minha segunda família e esquecer outras propostas que tive durante minha vida, para trabalhar, ganhando até mais, do que eu recebia aqui,mas esse espírito de irmandade que havia aqui acho que eu não ia consegui em lugar algum. Pra mim é... às vezes eu deixava de estar com meus filhos para estar sendo ajudada ou ajudando os colegas a produzir os trabalhos. Isso aconteceu realmente. E Humberto foi uma pessoa assim, que eu chamava de meu pai dentro do IRDEB. Eu tive um pai e uma mãe dentro de IRDEB. A mãe foi Lourdes Drummond (que Deus a tenha em bom lugar), foi minha mãe do IRDEB, que me ensinou muita coisa aqui dentro e meu pai foi Humberto... Quando eu entrei no IRDEB eu era hippie, fazia Faculdade, mas era hippie, eu ganhava dinheiro, fazendo artesanato. Vendia na Praça de Sé, naquela feria hippie e tudo. Então, pra eu me adequar, não era maluca, sair daquela coisa de produzir as coisa que eu fazia lá fora e passar a produzir, ganhar mensalmente, com horário, contrato, normas a seguir e tudo isso... Humberto e Lourdes Drummond foram assim pessoas que ... às vezes eu sinto saudade, pois os dois estão lá em cima, parece que eu estou vendo, agora mesmo falando, parece que eu estou vendo tudo.

Professor Cid

Nós éramos a ante repartição pública no sentido negativo que a palavra Repartição Pública tem. Era realmente um espírito de solidariedade. O poder público pagava a gente, mas c0mo é que se dizia antigamente “to nela mas não sou dela”. Isto é, nós éramos formalmente funcionários públicos mas não funcionava na cabeça, como funcionários públicos. No grupo lá do seu pai aquela menina Marinalva, a Dona Sizinia que infelizmente já morreu. E Ruth comandando tudo. Aí nós mudamos para a parte de cima já saímos do prédio velho da Secretaria de Educação para o prédio do IRDEB. Nós

já tínhamos um estúdio pronto e era uma estrutura física que permitia que o IRDEB funcionasse. Era a realização física do IRDEB.

Há uma coisa muito importante nós conseguimos viver uma estrutura de coleguismo, de irmandade, vamos dizer assim, de integração que eu não encontrei mais em serviço público nenhum. Eu tenho 42 anos de ensino na Universidade Federal da Bahia, Departamento de História. As pessoas se encontravam e davam aula, mas não havia integração . No IRDEB não. As pessoas realmente se uniram, graças repito sempre a Ruth, Aristocléia e a Noélia. Mas Noélia no fim, quando eu sair. Eu já estava saindo.

Sobre a transferência do IRDEB da SEC para a SECULT, os entrevistados tiveram visão semelhante:

Marinalva

Uma pena! num país de grande dimensões como o nosso , o radio ainda poderia estar exercendo a função de educar e formar brasileiros.

Dr. Jorge

É um absurdo. Porque o importante é continua incentivando.

Exatamente. O corre- corre hoje é bem maior. A luta pela sobrevivência. Tem que se aproveitar os melhores momentos.

Professora Mariaugusta

Ah! É uma perda enorme, mas quando eu falo de educação penso no ser total. EAD para mim é apenas mais uma ferramenta que pode reforçar e ser um instrumento de enriquecimento. Não pode se constitui num único veículo de aprendizagem porque apenas informa,e, informação não significa educação, que é processo permanente e coletivamente construído.

Um veículo de comunicação do Estado tem obrigação de complementar a educação presencial e discutir questões relacionadas a sexualidade, Meio Ambiente, cidadania, consumo relações sociais, cultura etc. Aquele formato de ensino por disciplina é muito velho È insuportável e não sei se os alunos vão suportar. Educação verdadeira trabalha

hábitos,atitudes comportamento habilidades. Secretaria de Educação perde um grande veiculo de sustentação e reforço de projetos educacionais.

Professor Raimundo Dantas

Eu acho uma burrice muito grande do governo. Porque uma coisa é comunicação e outra é educação. Então o IRDEB é a utilização do recurso da comunicação para produzia a educação . Por mais que você diga quem trabalha lá são diretores que não entende de educação para ele é tocar uma música mais erudita,

Então eles não têm uma visão do que é educação. Então que devia mandar na TV educativa seriam os educadores e o pessoal de jornalismo de TV. O pessoal técnico, ... deveriam dizer como é que eu levo essa mensagem educativa para povo. Eu nunca sair de rádio e TV, faço programas de televisão.Tive vários programas, eu .... TV Bahia eu fiz durante cinco anos, programa bons negócios. Então, eu me considero um cara dos dois lados .... eu conheço bem a TV .... porque aprendi.... quem faz essa parte é o pessoal técnico em comunicação,tem corte, edição. Agora, o conteúdo, que é importante ...não é a forma, é o método. Quando o governo passou o IRDEB pra Secretaria de Educação, o que ele fez, Ele privilegiou o meio,em detrimento da mensagem,porque o sistema de educação é,.... mas isso aí é..... é papo do pessoal de comunicação.

Professor Miguel

Mudou. Eu não sei se no papel, mas na prática mudou. Inclusive nos papéis timbrados Não tem mais Educação é Instituto de Rádiodifusão da Bahia.

Porque na época do governo passado, no governo de Paulo Souto, . entrou marketing, Educação foi embora.

Foi uma perda totalmente ..... porque era uma casa de Educação, deixou de ser uma casa de Educação passou a ser uma casa de .... por causa da televisão ... o Rádio ficou com a parte jornalística que deixou de ser educativo para ser jornalístico. Aí entrou Marketing, acabou com a Educação. Realmente é uma casa de Educação que não é mais educação.

Nós não se sabemos se mudou pra pior ou pra melhor!

Professora Josélia

Aí depende da visão da pessoa. Por exemplo: Como um órgão que faz educação, ele deixou realmente de ter essa importância. Mas eu acho que o IRDEB continua muito preocupado com a educação é....não a educação formal, porque eu ainda vejo de certa forma nos dirigentes uma preocupação com o produto de cada um dos seus setores.Com o produto que sai da rádio, que sai de TV,com o que é feito.... agora que aglutinou a parte de cinema, de vídeo etc, de imagem, também eu vejo essa preocupação não é uma coisa desligada. Não é a cultura só pela cultura. Entendeu. Então a gente faz de alguma maneira. Então é uma visão diferente, deixou de ser um órgão de educação e porque motivos, porque orientações políticas lá, acima de mim, eu não entendo muito bem essas parte. Na parte do meu trabalho eu continuo fazendo um trabalho direcionado para educação. Mesmo que não educação formal, Supletivo ou outro tipo de educação continuada etc...

Professora Dilza

Com relação à sua pergunta, eu acho que a Rádio e a TV Educativa é um instrumento tão importante para a Educação, e não usar esse instrumento é um negócio absurdo. Eu acho que não usar um instrumento que se tem na mão, pra fazer educação é um negócio absurdo. Não precisava usar o meio todo o tempo, dar à programação, todo um sentido de educação.

Professora Letícia

Olha, agora tem o IAT, o Instituto Anísio Teixeira que assumiu esse trabalho que era do IRDEB. Eu acho o seguinte: no momento em que nós estamos com a Secretaria de Cultura, já passamos pela de Turismo, na Secretaria de Cultura eu vejo muito o IRDEB como o responsável em veicular a cultura do nosso estado. Estivemos agora viajando como mediadora, representando o IRDEB, durante 32 dias com a Caravana Territorial de Cultura, ... Nós estivemos em treze municípios, em treze territórios, na chamada Caravana Camarão e .... Era a Caravana Camarão. Terminou com a Terceira Conferência Estadual de Cultura, que foi em Ilhéus. A diversidade cultural do estado da Bahia é tão forte que o IRDEB como responsável pela TV pública deveria ampliar essa veiculação. Não produzir só, mas também receber as produções de outros órgãos, pessoas, diversidades .... O que está acontecendo? O que está acontecendo é o que a

gente chama de parceria. Que o IRDEB está fazendo com as TVs de universidades responsáveis por isso. Denise que foi coordenadora da TVE, há alguns anos, está trabalhando com esse projeto. Então a TV é isso, tem a parte educativa. Eu acho que tem a ver. Educação está com o IAT e Cultura como IRDEB. O que não impede que um não possa veicular o trabalho do outro. Eu acho importante haver essa parceria como IAT. Mas o IRDEB assumir essa parte educativa, eu não vejo dessa forma.

Claro que o IRDEB agora tem outra função, mas acontece que na época era educação, nós éramos da Secretaria de Educação depois disso nós já passamos pela de Cultura e Turismo, hoje é só Cultura, mas nós continuamos veiculando programas educativo, inclusive ante ontem foi a estréia do "Tô sabendo mais", com as escolas e tal. No momento em que você faz um programa desses é um programa educativo, não é mais formal. Mas se você for observar a grade da TVE hoje, que inclui programas das outras TVs públicas, ela é educativa. Porque educação e cultura não andam separadas de forma alguma, só deixamos de ser formais. Mas a educação continua sendo veiculada tanto pela rádio como pela TV.

Professor Cid

Foi uma perda para a educação na medida em que o grande veiculo, eu continuo a dizer. Não é a toa que a BBC de Londres é do governo. Não é a toa que a Rádio Pequim, tem na China, é do governo. Não é a toa que a Rádio de Moscou é do governo. Estou dando exemplo de três estruturas. Não é a toa que a BBC de Londres é do poder público, porque o poder público trás o poder de penetração que essas emissoras têm e conduzem a educação através da televisão. Você ouve aqui em português a BBC de Londres fazendo o que nós do IRDEB já fazia há 20 anos 30 anos passados.

Comentário do atual Diretor do IRDEB Pola Ribeiro

Já era da Secretaria de Cultura só que ela era Secretaria de Cultura e Turismo. Quando eu entrei é que foi formada exatamente a Secretaria de Cultura. Minha vinda para cá foi no mesmo momento que se estabeleceu que a Secretaria apenas de Cultura. Mas, tivemos uma variante nisso eu acredito que os primeiros diretores eram uma indicação exclusiva dos secretários de Cultura, digamos assim. Não teve uma indicação assim mais ligada a comunicação de governo á AGECOM Assessoria Geral de Governo Porque o que se percebia antes, como produtor até mesmo vim para o IRDEB para a

TVE é que os diretores tinham um vínculo maior com AGECOM Agência de Comunicação do Governo, mas do que com a Secretaria mesmo. Então eu fiquei com uma liberdade muito grande que foi dada pelo Governador e pelo Secretário de Cultura no sentido de desenvolver um processo que estava acontecendo a nível nacional, que era de uma comunicação pública de uma rádio pública, de uma TV pública. A rádio passou a ter uma proeminência muito grande na área pública e na associação da Rádio Pública do Brasil e a TV também junto à AGETPEC Associação Pública e Cultura do Brasil. O que eu acho é que a grande mudança que aconteceu, primeiro foi a Secretaria ter saído da Secretaria de Cultura e Educação, passou pela Secretaria de Cultura e Turismo e até que ela fosse para a Secretaria de Cultura. Então ela vem num bojo de paradigma grande que é o corte que Gilberto Gil já tinha dado no Ministério da Cultura. Ou seja a Cultura no Brasil deixou de ser , como se o Ministério da Saúde existisse para atender os médicos e não a população. O Ministério da Cultura no Brasil a política de cultura no Brasil era para atende os artistas não tinha aquela coisa de que a população tinha que dialogar o conhecimento da própria cultura do povo brasileiro. Gil quebrou esse paradigma e a gente entra nesse caminho, quatro anos depois de que tudo é fruto da cultura. A linguagem, a moda a culinária tudo passou a ser a formação do povo brasileiro.

Elas se intercalam em todo caso há uma relação muito forte. Mas quando ela saiu da Secretaria de Educação ela perdeu o seu caráter educativo. Hoje ela retoma porque o que nos interessa enquanto cultura hoje é estabelecer uma relação transversal com as outras Secretaria de Governo, principalmente Educação, mas também com Cultura. Então o que aconteceu nesse três anos e meio é que nós buscamos foi que nós buscamos uma relação com todas as Secretaria de Governo. Ou seja, para cumprir a função de Comunicação Social que é não exatamente escola, mas uma função social que a gente tem, a gente procurou a Saúde para que a gente pudesse informar a população das necessidades que a Saúde tinha de informar as pessoas sobre vacina, sobre hábitos, sobre forma de se relacionar com o próprio corpo etc... Com Turismo também, o que aconteceu foi que quando a Secretaria de Cultura deixou de ser da Secretaria de Educação, nenhum projeto foi estabelecido entre as duas Secretarias mais. Só começamos agora em 2007 a retomar acordos e convênios já assinei uns três ou quatro já, com a Secretaria de Educação e o Instituto Anísio Teixeira. Então nós ajudamos a formar a TV Anísio Teixeira. Ajudamos a formar o desenho técnico dela, a idéia de

conceito de conteúdo dela. Trabalhei pessoalmente com os professores que foram escolhidos para trabalhar lá na TV Anísio Teixeira que é uma TV de formação para professores. E como a gente reconhece que esse conteúdo é para formação de professores é também um conteúdo muito forte de interesse da população e da sociedade,porque Educação não é responsabilidade só da Secretaria de Educação. Os colégios educam, pais educam, visinho educa, a sociedade educa. Então esses conteúdos a gente também trouxe ele para a grade da televisão. Principalmente em relação à televisão. A Rádio deixou de ter programas educativos nesse sentido mais restritos de transmissão de conteúdo e de programa.

Comentários dos entrevistados sobre o fechamento da emissora O. C.

Pedro Santiago

Quanto à OC era uma rádio muito interessante, que infelizmente não foi reconhecida, pois foi desativada. Atualmente no mundo existem várias Rádios OC como a BBC de Londres, que é ouvida no mundo inteiro. A Voz da América, a Rádio Vaticano e a Rádio Nacional de Paris que faz propaganda em português e fala para vários países da Europa e mantém um repórter em vários países da Europa dando notícias daquele país.

No Brasil são poucas, Rádio Bandeirante, Rádio Globo e a Rádio Nacional de Brasília do Amazonas, todas com grande potência e ouvindo no mundo inteiro. A Rádio O.Cs. recebia muitas correspondência inclusive fitas gravadas com programação em espanhol, italiano, Frank four na Alemanha e países da África, devido à diversidade da programação de cultura e turismo, que levava à Bahia longe.

A educação, instrução, cultura e a prestação de serviços que eram recheados de informação e muita notícia, tendo uma audiência considerável mundo inteiro e especialmente na Bahia, na Chapada Diamantina, toda aquela região com mais de quarenta municípios. Era a Rádio daquela região.

Mas o governo entendeu que era melhor desativá-la, talvez por falta de motivação maior e uma explicação mais clara com relação à utilidade do rádio, então ela foi desativada.

Nós recebíamos de 15 a 20 cartas por dia e depois que ela foi essa carta continuaram chegando e eu tive um trabalhão para dar satisfação e responde àquelas pessoas. Elas não sabiam que a Rádio foi desativada e perguntavam por que a Rádio estava fora do ar,

e eu escrevia dizendo que ela não estava fora do ar, mas, que foi desativada. Até o começo deste ano, janeiro ou fevereiro eu respondi cartas dizendo que ela estava desativada.

O povo estava acostumado àquele trabalho. Regiões do estado de Pernambuco, do sertão, as pessoas escreviam muito também telefonavam. Nós colocávamos as pessoas no ar de qualquer parte do Brasil, usava-se aquele telefonema para levar à população informações e cultura sobre aquela região, prestando informações para todo o Brasil, pois a Rádio tinha ouvinte em todo o Brasil. O Piauí era o estado que mais escrevia devido à qualidade do som que chegava lá.

Eu considero para nós que trabalhamos, um impacto... Isso a gente leva, pois estamos acostumados a trabalhar em várias Rádios, a gente sai de uma e vai para outra. A gente gosta daquele trabalho, mas por algumas circunstâncias a gente sai por interesse de melhoria. A gente está acostumada a mudar.

Quando a Rádio saiu do ar, tinha alguma coisa para fazer no IRDEB, tinha. Eu quero trabalhar, continuei trabalhando. Foi uma perda sim, mas a perda maior foi para o público, milhares de pessoas do Brasil que tinha na R. E. O. C. a sua preferida. Nós mandávamos um recado qualquer. Vou narrar um fato para mostrar o alcance da RE O. C. Uma ouvinte ligou do interior da Bahia, de uma cidade chamada Boquira para anunciar uma festa. Mas quando chegou na sexta-feira, a festa seria no sábado, na sexta-feira que antecedia a festa, ela ligou e disse: Me coloque no ar: eu estou ligando para dizer que a festa não vai mais acontecer, porque morreu um político daqui da cidade. Eu pergunte: A festa será quando? Não sabemos ainda, eu lhe aviso depois. Na semana seguinte, na sexta-feira, oito dias depois, ela ligou pedindo para eu colocá-la no ar, dizendo que a festa vai ser amanhã. Eu digo: deixe para daqui a oito dias, para anunciar, como as pessoas vão saber dessa festa assim, anunciada só aqui pela Rádio? Eu descrente que a Rádio teria esse alcance todo, eu sabia que tinha, mas não tanto... Não de imediato. Aí ela falou um pouco, a festa vai ser amanhã, assim e tal. Eu disse, essa festa não vai ar certo. Na segunda-feira ela ligou e pediu, me ponha no ar que eu tenho uma coisa para falar. Eu quero agradecer ao recadinho que você deixou eu dá para RE, a festa foi um sucesso de público. Eu perguntei: Mas você tem certeza que foi a RE? Ela respondeu: Todas as pessoas que chegaram na festa e eu perguntei elas disseram: Eu ouvi pela RE. Eu fiquei embebecido com aquilo, porque uma Rádio alcançar tanta

audiência, tão distante de Salvador, em O. C. tinha que ter realmente muito ouvinte e ser muito preferida.

A gente tem que fazer com carinho, olhar o ouvinte como a nossa inspiração maior, a nossa motivação. A nossa energia de trabalho é o ouvinte. É tão bom você receber uma carta de longe dizendo estou lhe ouvindo todos os dias, eu gosto do que você faz, eu gosto daquilo, daquilo outro. Ou então, um telefonema... é o retorno do seu trabalho, aquela resposta. Porque quando você faz uma coisa que é para os outros, se você não tiver retorno, você perde a motivação. Mas se você tem alguma resposta positiva, com certeza você tem mais energia para fazer melhor. E é o que acontece com o rádio. A gente faz e faz com carinho, com vontade, aquele desejo que chegue lá, que sensibilize, que emocione, que tenha resposta, que passe alegria para as pessoas. Estou feliz, estou alegre, porque estou lhe ouvindo, porque eu gosto. Isso é ótimo, isso é muito bom.

Perfilino Neto

A direção do IRDEB era de um jornalista e a coordenação da rádio também. Havia um preconceito contra a OC. Mas eu não entendi porque a O. C. foi tirada do ar, numa época em que o IRDEB era dirigido por um jornalista, Paulo Marcone e na coordenação estava à frente uma pessoa que ensinava a cadeira da rádio na UFBA e foi uma pessoa que ao chegar aqui se voltou muito contra a O. C., mas desconhecendo que essa rádio tinha uma importância cultural e educativa e, acima de tudo, até turística. Eu digo isso porque quando eu chefiei a O. C., nós recebíamos cartas de várias partes do mundo de países do outro lado do mundo, principalmente da Europa, onde era muito comum, entre os ouvintes europeus, já que eles encaram a rádio com muita seriedade, mandarem cartas, fotos, fitas magnéticas com a gravação no horário com a qualidade de som para que a gente pudesse melhor avaliar e aferir a verdade e ainda mandavam um dólar para que a gente mandasse responder a carta. Daí você vê a seriedade que o europeu tem com o rádio.

Então não se concebe porque a emissora foi tirada do ar, me parece até que quando a rádio teve seus transmissores lacrados e eles sabiam o mal que estavam fazendo à radiodifusão e à comunidade do estado. Tanto sim que a Rádio foi desativada no período de carnaval, me parece que num sábado ou domingo de carnaval. De modo que tudo foi tramado nas caladas da noite e a Rádio saiu do ar e nós ficamos sem saber que tomaram os equipamentos da Rádio.

Mas como funcionário daqui da instituição não podíamos dizer nem fazer nada, pois corríamos o risco de responder inquérito ou até perder o emprego. Então, a Rádio foi tirada do ar, num momento em que a Rádio tinha uma aceitação grande, porque no que pese a Rádio já ter saído do ar há alguns anos, ainda tem ouvintes que telefonam do interior ou de outros estados, ou ainda mandam cartas, perguntando se a Rádio ainda vai voltar ao ar. Isso porque, pela importância e o papel que teve a Rádio Educadora OC no estado. Então eu não entendo porque foi tirada do ar. Lamento.

Foi uma perda muito grande para a população, principalmente para a população do interior da Bahia, que tem menos acesso à informação, à cultura e em locais que a televisão não pega muito bem.

A perda não foi somente para as comunidades interioranas aonde a Rádio chegava, como também para a própria radiodifusão, o próprio profissional de rádio, porque num mercado onde cada dia que passa diminui mais a fonte de trabalho, fechar uma emissora de rádio, principalmente com a função social que tinha a Rádio Educadora OC, porque era a única do Norte Nordeste com uma programação voltada para o repasse de informes culturais, informes educacionais e que tinha um retorno dado através das cartas que a gente recebia e dos telefonemas.

Então a comunidade perdeu, o profissional de rádio perdeu e o governo do estado naquele momento também perdeu, porque politicamente não foi um bom negócio para o governo, porque politicamente a emissora estando no ar era um bom negócio para o governo em termos políticos também.

É uma coisa que a gente não sabe explicar... Talvez seja uma questão de ideologia mesmo, de dar mais ênfase à FM.

Professora Josélia

Isso já aconteceu há muitos anos quando a gente perdeu até a concessão da Rádio Ondas Curtas. Porque na verdade, essa educação mais formal, mais direcionada para a escola, a gente numa rádio FM a gente não tem condições de fazer. Primeiro porque o alcance dela é pequeno, segundo porque dentro das regras que rege, pelo que eu entendo é isso, a Rádio FM, ela não se prestaria a ser um veículo de educação como a gente fazia nas outras rádios. Isso eu acho que se tornaria um trabalho muito legal com uma Rádio AM ou uma Rádio de Ondas Curtas. Primeiro a gente perdeu a concessão da OC, Ondas Curtas foi estupidamente fechada sem explicação de um dia pro outro, de uma hora para outra e, a gente tinha a possibilidade de ter uma rádio AM se não me engano

chegou a ter a concessão na mão e perdeu, há anos atrás. Eu sei notícias de que essa gestão está correndo atrás de ter de novo um Rádio AM. Aí com uma Rádio AM a gente poderia até, mesmo que não esteja ligado diretamente à Secretaria de Educação, a gente ter a Secretaria de Educação como parceira e fazer o programa educativo.

Diretor Pola

Foi uma pena, porque quando perdeu o sentido educacional acharam que não tinha sentido manter a OC, então precisava ter remodelado tecnicamente as OC, mas não devolver a outorga das OC ao Ministério das Comunicações. O que a gente fez primeiro aqui foi pedir de volta essa outorga. Só que nesses três anos ainda não conseguimos receber de volta essa outorga das OC. Acho que é uma perda, nós hoje recebemos solicitação sobre a programação da Rádio em toda Bahia, fizemos dois encontros com a Produção Musical do Estado, ampliamos o festival que já encontramos aqui o Festival de Música e passamos a divulgar ele em todo estado com participante de vários o territórios e temos trabalhado também com os Comunicadores Comunitários. Tivemos alguns encontros, participamos da Conferência de Educação a Rádio tem muito prestígio na Secretaria de Comunicação mais do que a televisão mesmo e temos um projeto ligado aos Comunicadores Comunitários que é também uma forma de Educação Comunitária e Educação e Comunicação que é o Projeto Ondas Livres que está sendo desenvolvido, que foi desenvolvido junto as Universidade com parceiras de Rádios Comunitárias e temos continuamente cedido o nosso sinal para Rádios do interior do estado para pegar programação nossa que a gente dá o endereço via satélite para que se possa acessar.

Os novos rumos do IRDEB

Professora Letícia

Claro que o IRDEB agora tem outra função, mas acontece que na época era educação, nós éramos da Secretaria de Educação depois disso nós já passamos pela de Cultura e Turismo, hoje é só Cultura, mas nós continuamos veiculando programas educativo, inclusive ante ontem foi a estréia do “Tô sabendo mais”, com as escolas e tal. No momento em que você faz um programa desses é um programa educativo, não é mais formal. Mas se você for observar a grade da TVE hoje, que inclui programas das outras TVs públicas, ela é educativa. Porque educação e cultura não andam separadas de forma

alguma, só deixamos de ser formais. Mas a educação continua sendo veiculada tanto pela rádio como pela TV.

Diretor Pola
Chega em quarenta e dois municípios [o sinal da Rádio FM]. Mas via satélite porque nós estamos também via satélite com a Rádio e as pessoas podem baixar a programação em outras Rádios. Não exatamente em sua casa mas uma outra Rádio que tenha antena pode estar transmitindo a nossa programação.

A organização administrativa do IRDEB

Na verdade a gente está pulando uma fogueira. Temos uma proposta de reforma administrativa e também está na Assembléia Administrativa e não foi votada ainda mas, nós hoje temos uma compreensão de que o IRDEB de uma outra maneira. A gente acha, no caso da televisão que a função principal da televisão é diferente da Rádio. Que a função principal da Televisão é programar e exibir não é produzir. Então agente precisa estabelecer um Departamento de Programação que eu espero está deixando montado com pessoas que pensem a programação que conheça a programação de uma emissora que possa trocar conteúdo isso não é atividade de diretor, nem de operação, nem de planejamento em geral, mas que tenha um Diretor de Programação mesmo forte um departamento que possa fazer uma troca de conteúdo com outras emissoras. E no caso da Rádio a gente tem esse planejamento de voltar as Ondas Curtas, ou AM e que tenha um trabalho forte também no caso da internet com a Rádio. Construímos o Portal onde a Rádio e a TV estão lá ao vivo todo tempo que o usuário pode acessar novos conteúdos e que mudamos a missão do IRDEB. Passamos a ter uma missão que era educativa, depois ficou meio nem era uma coisa nem era outra. Hoje nós temos uma missão que é fortalecer, porque juntou no IRDEB toda política do áudio visual, a internet, game, cinema, tudo passou a ser assunto do áudio visual do IRDEB. O que era assunto da Fundação Cultural passou a ser assunto do IRDEB. Então a nossa missão ficou "Fortalecer o áudio visual e a rádio difusão em articulação com a sociedade para desenvolver a cidadania, a diversidade e a democracia". Esse passou a ser a missão da casa. Agora, administrativamente a gente não tem competência para dar conta dessas atividades todas. Então estamos esperando uma reforma administrativa, dentro da Secretaria de Cultura, já foi apresentada nossa proposta, mas hoje a gente ainda funciona com três cargo de diretoria, que é planejamento, operação e Diretoria em geral,

e quando a gente fala em articulação com a sociedade a gente já não tem como dar conte disso tecnicamente, porque significa que a gente não vai estar produzindo tudo, a gente vai fazendo visitação, a gente vai estar fazendo mais cartão convite, então para estabelecer esse relacionamento, essa articulação com a sociedade, agente precisa de uma área mais desenvolvida mais organizada, pois nós trabalhamos em parceria com a Secretaria de Administração do Estado no sentido de modernizar fizemos várias ações, abrimos a internet para que tenha um diálogo maior com os funcionários, mas eu diria que ainda não chegamos a um ponto de madureza, um ponto bom, em dizer assim a casa estar administrativamente bem esquematizada para cumprir suas funções. A gente está cumprindo as funções com ... Por exemplo a gente tem um Departamento de edital que não está cumprindo um cronograma, mas nós já lançamos mais de vinte editais, para produção de filmes em série, para a Rádio e para a TV. A Rádio a gente estréio esse ano com algumas Rádio novelas, sobre Bimba, sobre Cuíca de Santo Amaro, sobre várias personalidades baianas e foi incrível, foi feito via edital, a gente selecionou os candidatos, mas ainda não é um hábito, foi uma coisa laboratorial que nós fizemos o resultado foi muito bom... e a gente espera consolidar essas coisa. Mas para consolidar a gente precisa ter um desenho administrativo que justifique isso.

Possibilidade do retorno da programação educativa na RE

Na verdade a gente não estar mais nessa perspectiva. Essa perspectiva ela volta a acontecer no momento da digitalização da Rádio e da TV. Por que com a digitalização a gente passa a ter mais de um canal. A Rádio Educadora passa a ter um outro perfil, mas ela pode ter um outro perfil só jornalístico e pode ter uma outra só instrucional. Então a gente não quer abri mão disso e agente estar se aproximando muito da Secretaria de Educação , mas a gente quer se aproximar , ter troca, poder melhorar mesmo essa condição de está consciente dessa responsabilidade com a educação. Como a educação está buscando desenvolver outras atividades fora da sala, extra curricular, extra salas, a gente vai ter que equilibrar mais esse fato. Nós somos educadores extra curriculares. Somos educadores extra sala de aula. Mas no momento em que a gente tem a possibilidade de ter também a possibilidade de estar ensinando curricularmente e tal é nosso interesse. Por exemplo o ENEM, desde que surgiu o ENEM nós fizemos primeiro um super trabalho com os professores estavam realizando o ENEM e botamos no ar e foi muito boa a resposta, Temos o programa do Jorge Portugal “estou sabendo” que também prepara para o ENEM, via entretenimento, via jogos, via games com os alunos

mas passado na TV e via o site “Eu estou sabendo mais” e vários conteúdos são transmitidos por aí visando o ENEM mesmo. Então tem uma conotação nesse sentido. Ainda ontem tivemos uma reunião com Jorge Portugal e ele mostrava uns e-mail que ele recebeu de alunos que foram aprovados na UEFS e tal e que estudou vendo o programa “Estou sabendo” e no site “Estou sabendo mais” . Então assim, a gente acha que tem compromisso com a educação. Agora, nós não nos consideramos uma sala de aula eletrônica.

A Secretaria de Educação está trabalhando a Educação à Distância, tanto via televisão Anísio Teixeira como o Projeto de Educação à distância mesmo. E nós demos um apoio aqui na área de licitação, na área de organizar essas licitações e conceituar essa TV à Distância.

ANEXO II

CARTA DE CESSÃO

Salvador, _____

Eu,_____,
identidade nº _____declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista gravada em_____para Idália Maria Tibiriçá Argôlo, aluna do Mestrado de Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia, UNEB, usá-la integralmente, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma autorizo o uso de terceiros ouvi-la e usar citações, ficando vinculado o controle à Idália Maria Tibiriçá Argôlo que tem a guarda da mesma.

Abdicando direitos meus e dos meus descendentes, subscrevo a presente, que terá minha firma reconhecida em cartório.

_____

Nome do Colaborador

ANEXO III ROTEIROS DE ENTREVISTAS

Roteiro para entrevista com as diretoras

Explicar sobre o objetivo do projeto

Dados pessoais
Nome
Profissão
Cargo que ocupa/ocupou no SERTE/IRDEB
Período que trabalhou no SERTE/IRDEB
Ocupação atual

1- Sua história como educadora. Como chegou ao cargo
2- Qual o governador na época
3- Quando a senhora foi trabalhar no SERTE/IRDEB a sede já era na Federação?
4- Quando foi inaugurado o estúdio de gravação?
5- Qual Rádio inaugurou primeiro? Quando foi a sua inauguração?
6- Os programas educativos eram veiculados pro qual Rádio?
7- Quem coordenava o Setor Educativo? Como estavam organizados os programas? Havia alfabetização de adultos, Madureza, Supletivo? Quais matérias eram apresentadas no programas?
8- A Senhora tinha assessores? Quais eram eles?

10-Sobre os programas a senhora poderia falar:

10.1- Produção das aulas
10.2- Estrutura das aulas e teoria de aprendizagem
10.3- Material didático
10.4- Convênio como o Canadá, Alemanha e outros.

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O PROFESSOR RAIMUNDO DANTAS

Explicar sobre o objetivo do projeto

Dados pessoais
Nome
Profissão
Cargo que ocupa/ocupou no SERTE/IRDEB
Período que trabalhou no SERTE/IRDEB
Ocupação atual

1- O Senhor participou do MEB/SERTE/IRDEB poderia mim falar como foram esse primeiros contatos como grupo e com a Professora Ruth?

2- Que função o Senhor exercia no MEB/SERTE/IRDEB?

3- No material escrito pelo Professor Humberto de Argollo, encontrado em seu acervo particular, ele comenta o " espírito de equipe, de irmandade" que existia entre vocês nos primeiros anos do SERTE. O Senhor poderia comentar um pouco sobre esse comentário?

4- No material do Professor Humberto de Argollo, encontrei um parecer do Senhor discutindo a transformação de SERTE em SES datado de 6 de maio de 1968. O Senhor poderia falar sobre esse parecer?

5- O Senhor foi responsável também pela elaboração do estatuto de IRDEB?

6- No período que foi construído o Circuito Fechado de TV do ICEIA, o Senhor ainda trabalhava no SERTE? Como funcionava esse circuito?

7- Além do Curso de Madureza Ginasial, o SERTE também teve outros projetos como o Curso de treinamento de Professores em TV, em 1967. O Senhor participou desse curso? Pode falar sobre ele?

8- A década de 60 foi marcada por várias transformações na educação da Bahia, como o Colégio Santa Bernadete, o Colégio Anísio Teixeira, o MEB e o SERTE. Como o Senhor se posicionou diante dessas transformações?

9- Fale um pouco sobre o Curso de Estenotaquigrafia Internacional oferecido pelo SERTE no período em que o Senhor trabalhou na instituição.

10- Hoje o IRDEB não é mais um órgão ligado à SEC e por consequência não veicula mais programas educativos. Como o Senhor vê essa mudança do IRDEB?

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS PROFESSORES - PRODUTORES

Explicar sobre o objetivo do projeto

Dados pessoais
- Nome
Profissão
Cargo que ocupa/ocupou no SERTE/IRDEB
Período que trabalhou no SERTE/IRDEB
Ocupação atual

1- Sua história como educadora (o). Como chegou ao cargo
2- Qual o governador na época
3- Quando a senhora (o) foi trabalhar no SERTE/IRDEB a sede já era na Federação?
4- Fale um pouco sobre a sua trajetória como mulher e profissional em educação.
5- Como funcionava a produção das aulas? A Senhora (o) também elaboravam os scripts?
6- O material impresso também era elaborado por vocês? Qual era a metodologia?
7- No material escrito pelo professor Humberto, encontrado em seu arquivo particular, ele comenta sobre o "espírito de equipe, de irmandade" que existia entre vocês nos primeiros anos do SERT/IRDEB. A Senhora (o) poderia falar um pouco sobre esse comentário?
8- No período em que foi construído o Circuito Fechado de TV do ICEIA, a Senhora (o) já trabalhava no IRDEB? Como funcionava esse circuito?

10-Em pesquisa realizada na Biblioteca do IRDEB, encontrei um livro de Ciências do Curso do Supletivo de 1º Grau, para aluno, de 1977, que a Senhor (Josélia) é produtora, junto com mais outros quatro produtores. Como vocês escreviam os textos. Era dividido por capítulo?

11-A Senhora (Josélia) também elaborou livros para Orientadores de Aprendizagem? Como funcionava essa produção? Vocês acompanhavam o trabalho do O. A.?

12- A Senhora (o) também trabalhou no IRDEB como produtora (o)? Exerceu outras funções? Quais? Trabalhou no Projeto Minerva?

13- Qual a sua opinião sobre o fechamento da Rádio O.C.?

14- Nesse período em que a Senhora (o) trabalhou no IRDEB, ele passou por várias transformações, inclusive o seu desligamento da SEC e, por consequência, a não veiculação dos programas educativos. Como a Senhora (o) vê essa mudança?

15- No livro Educadora 25 anos, o autor declara que o Senhor (Cid Teixeira) chamava o projeto Minerva de “Me inerva”. O Senhor confirma essa afirmação?

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS LOCUTORES

Dados pessoais:
Nome –
Profissão
Cargo (os) que ocupou ou ocupa no IRDEB
Período que trabalhou no SERTE/IRDEB
Ocupação atual

1- Quando o senhor (a) começou a trabalhar na instituição, já era IRDEB? Onde funcionava? Quem era a diretora?
2- Para o Senhor (a), qual a função social do rádio?
3- De acordo com o material escrito pelo Prof. Humberto de Argollo, o IRDEB fez um concurso para locutor e a senhora (Marinalva) teria feito este concurso. A senhora pode falar sobre esta afirmação?
4- Fale um pouco sobre a sua trajetória como mulher e profissional em educação
5- A senhora fez parte do primeiro grupo de locutores do IRDEB. Como eram gravadas as aulas do Curso de Madureza Ginasial e depois do Supletivo?
6- Fale um pouco sobre sua atuação como locutor (a) de programas das Ondas Curtas e da FM e sobre o alcance da O. C.
7- Descreva a função da senhora (Marinalva) como pedagoga.
8- No material escrito pelo Prof. Humberto de Argollo, encontrado em seu arquivo particular, ele comenta sobre o "espírito de equipe, de irmandade" que existia entre os funcionários nos primeiros anos do SERTE/IRDEB.A senhora poderia falar sobre esse comentário?
9- Hoje o IRDEB não é mais um órgão ligado à SEC e por conseqüência não veicula mais programas educativos. Como o senhor (a) vê essa mudança na instituição?
10- Fale sobre o fechamento da O. C. e o comportamento dos ouvintes sobre o fechamento desta emissora.

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O ORIENTADOR DE APRENDIZAGEM

Explicar sobre o objetivo do projeto

Dados pessoais
Nome
Profissão
Cargo que ocupa/ocupou no SERTE/IRDEB
Período que trabalhou no SERTE/IRDEB
Ocupação atual

1- O Senhor trabalhou como Orientador de Aprendizagem em escolas da capital. O Senhor pode nos falar sobre essa experiência?
2- Vocês tinham treinamentos? Onde ocorriam?
3- Onde eram elaboradas as aulas para veiculação dos programas do Supletivo de 1º grau?
4- As aulas tinham horários fixos para serem veiculadas?
5- Quais as emissoras que veiculavam essas aulas?
6- Como ocorriam as aulas no Teleposto?
7- Havia uma freqüência muito grande nos telepostos?
8- As aulas tinham outras atividades além dos conteúdos programáticos, como orientação para o lar, para o trabalho?
9- As aulas eram diárias? Quanto tempo os aluno levavam para concluir um módulo?
10- Eles faziam um módulo de todas as disciplinas ao mesmo tempo?
11- O O. A. participava da elaboração dos textos, sugeria algum tema?
12- Havia reuniões entre os O. A., os produtores e coordenadores?
13- Como funcionava a supervisão ao teleposto?
14- No material escrito pelo professor Humberto, encontrado em seu arquivo particular, ele comenta sobre o "espírito de equipe, de irmandade" que existia entre vocês nos primeiros anos do SERT/IRDEB. O Senhor poderia falar um pouco sobre esse comentário?

15- Nesse período em que o Senhor trabalhou no IRDEB, ele passou por várias transformações, inclusive o seu desligamento da SEC e, por consequência, a não veiculação dos programas educativos. Como o Senhor vê essa mudança?

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O ALUNO

Explicar sobre o objetivo do projeto

Dados pessoais

Nome

Profissão

Ocupação atual

1- Por que você cursou o Madureza Ginasial?
2- Em que ano?
3- Como você se preparou para as provas?
4- Você assistia as aulas pelo rádio?
5- Na sua cidade havia uma tela sala ou teleposto?
6- Você trabalhava durante o tempo em que cursou o Madureza Ginasial?
7- Além de você, mas alguém da sua família cursou o Madureza Ginasial?
8- O Curso de Madureza Ginasial foi suficiente para você chegar à Universidade ou você precisou fazer um cursinho pré-vestibular?
9- Qual a importância do Curso de Madureza Ginasial para sua vida de um modo geral?
10- Gostaria que você falasse um pouco da sua trajetória como afrodescendente de classe média que conseguiu entrar numa Universidade pública, numa época que não havia cotas, vindo de uma cidade do interior e de um curso à distância.
11- Como você vê a EAD para adultos e nas universidades atualmente?
12- Você tem acompanhado a trajetória do IRDEB? O que você pensa sobre as mudanças desta instituição durante os últimos anos? E sobre a sua mudança para a SECULT?

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA A PROFESSORA DILZA

Explicar sobre o objetivo do projeto

Dados pessoais
Nome
Profissão
Cargo que ocupa/ocupou no SERTE/IRDEB
Período que trabalhou no SERTE/IRDEB
Ocupação atual

1- No material do acervo particular do professor Humberto de Argollo, ele cita a sua atuação como chefe de divisão Técnico Pedagógica, no período em que o SERTE foi transformado em S.E.S. A Senhora poderia falar sobre esse tema?

2- A década de 1960 foi marcada pro várias transformações na educação na Bahia e a Senhora participou dessas transformações no Colégio Santa Bernadete. Poderia falar sobre essas mudanças?

3- Numa época em que as mulheres estavam começando a marcar espaço na sociedade baiana, como a senhora se situa dentro deste contexto histórico de implantação de um projeto de inovação da educação na Bahia?

4- Hoje o IRDEB não é mais vinculado à SEC e por conseqüência não veicula mais programas educativos. Como a senhora vê essas situação no IRDEB?

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM O ATUAL DIRETOR DO IRDEB

Explicar sobre o objetivo do projeto

Dados pessoais –
Nome completo –
Profissão –
Cargo que ocupa no IRDEB
Tempo de trabalho no IRDEB

1 – Quando o Senhor chegou ao IRDEB, a instituição já havia passado para a Secretaria de Cultura?

2- Como o senhor vê essa mudança de Secretaria? Com isso, o IRDEB deixou de transmitir programas educativos instrucionais**.** Isto significa que irá cada vez mais se distanciar do seu objetivo principal que é a educação, ficando praticamente com a cultura?

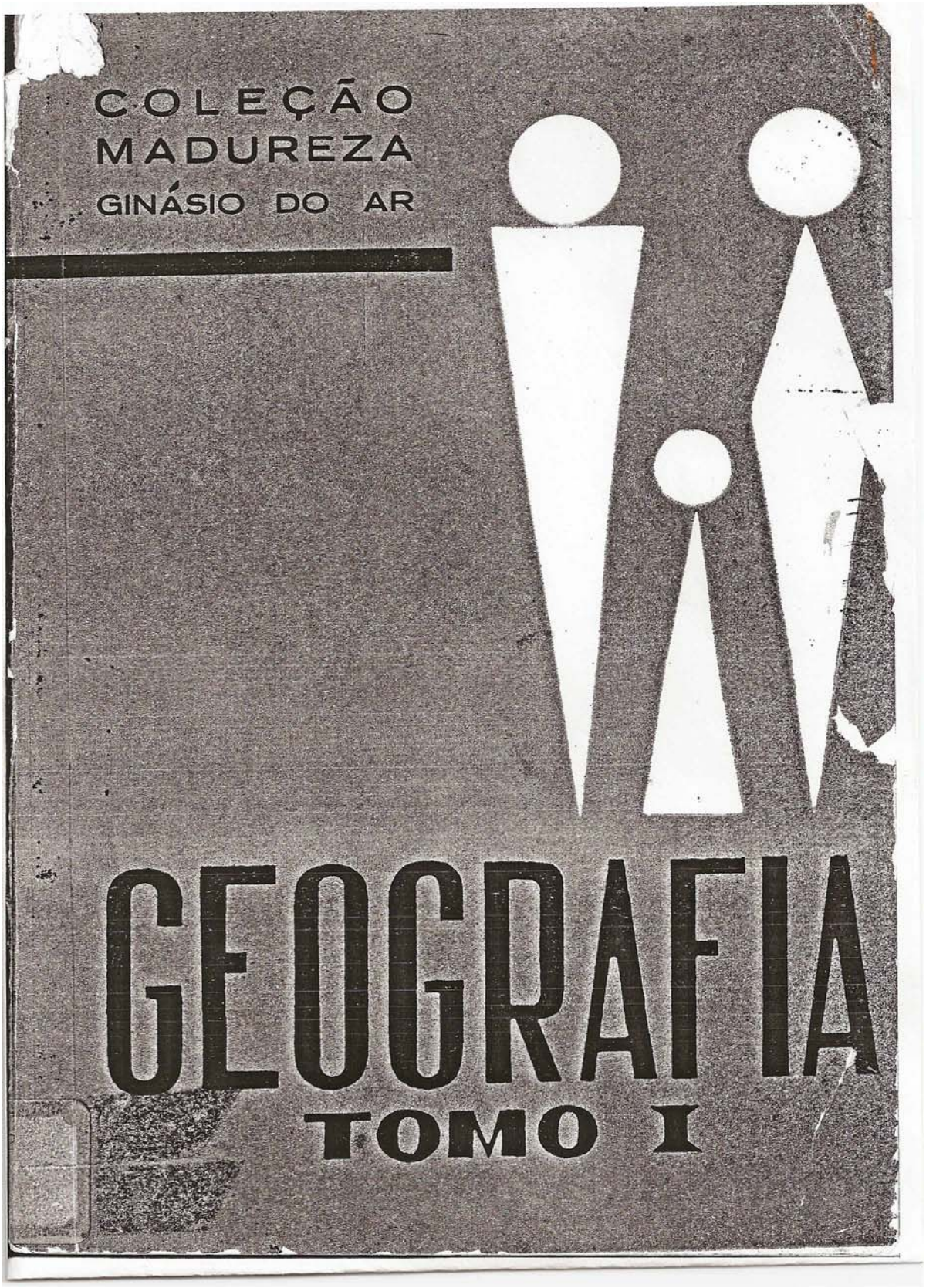
3- Qual a sua opinião sobre o fechamento da Rádio Ondas Curtas? O Senhor tem planos para revitalizá-la?

4- Atualmente, como está organizada a estrutura administrativa do IRDEB?

5- Quanto à Rádio Educadora, quais os projetos para sua gestão? Existe possibilidade de veiculação de programas educativos instrucionais?

6- Com o meu projeto, estou reunindo material sobre a memória do IRDEB desde a sua fundação, quando antes era SERTE, através da veiculação de programas educativos via Rádio, no período de 1966 até 1979. Para isso estou utilizando o material arquivado pelo Professor Humberto de Argollo, que trabalhou no IRDEB durante mais de 30 anos. Gostaria de propor à instituição em montar um acervo com a documentação sobre a história do IRDEB. O arquivo do IRDEB guarda uma grande parte deste acervo, mas o meu interesse é fazer um trabalho mais sistemático, com divulgação desse material para outros pesquisadores em educação. Existe interesse neste trabalho?

ANEXO IV COLEÇÃO MADUREZA DO AR LIVRO DE GEOGRAFIA – TOMO I



CONCEITO DE GEOGRAFIA

Fizemos urna serie de perguntas anteriormente.
Tente responde-Ias. Conseguiu? Assim fazendo, você estará observando, participando e descrevendo 0 meio em que vive. A Geografia alem de(descrever a Terra, estuda também as, atividades do homem no meio que 0 cerca, as causas dessas atividades relacionadas entre si, tendo· se em vista as condições da atmosfera local. Esta pala. vra - atmosfera - tern urn significado urn tanto curioso: - ATMOS quer dizer vapor d'água Como aquelas gotinhas d'água, por exemplo que as folhas': apresentam ao amanhecer) e a segunda parte da palavra SPHAIRA = esfera: em outros termos, e 0 ar que respiramos. E este pode variar,' de urn dia para outro, de urn lugar para para outro etc. a depender de vários fatores. Vamos tornar mais claro, 0 que dissemos, com 0 seguinte:

Já ouviu você falar alguma coisa, ou /mesmo ja leu, a respeito das regi6es polares? Sao partes da terra onde os climas s,ao completamente diferentes do nosso, 0 ar e pesado. Assim se nos da Bahia temos urn clima que se apresenta com chuvas nurna determinada época do ano, e sem essas nurna outra parte, com temperaturas suportáveis durante todo 0 ano, nas Regi6es Polares, tal não vai acontecer. Ao contrario, ai os climas São os mais frios que se conhece, os gelos são tão constantes, :que dão a estas regiões o nome de Regiões de Gelos Extremos. As temperaturas Vão a 0°. A temperatura média normal em nosso Estado não vai alem de 28°. [...]

Este termo GEOGRAFIA - tal como no principio falamos acerca da palavra Atmosfera - e igualmente composto de duas partes e, como aquela, provem do grego (lingua que se fala na Grécia, tal como Inglês na Inglaterra, alemão, na Alemanha, francês na França, etc): geo = Terra e graphein = descrição, logicamente temos: descrição da Terra. Quanto a isto, repetimos que
. a Geografia de fato descreve a ,Terra, 0 que se passa na superficie terrestre. Mas com os tempos, as coisas mudaram e evoluiram, e com elas, a Geografia tambem nao Iicou parada, antes tambem evoluiu e assim nao se limitou, como no pas.sado, apenas a descrever, mas pas. sou a explicar 0 que se passa na superficie do globo terrestre, 0 que nele ocorre e existe. Portanto, vai alem de uma simples descrição da Terra.

Desta forma chegamos ao conceito de GEOGRAFIA.

CONCEITO DE GEOGRAFIA - Ciência que estuda as atividade1:\ do homem no meio que 0 cerca, das causas destas atividades relacionadas entre si, bem como as condições atmosféricas deste mesmo meio.
Ora, se como vimos, as "meios" podem ser diferentes (ou semelhantes) :por causas as mais diversas, a Geografia, descrevendo-os vai explicá-los. Porque ex:plical' e CIÊNCIA.

Responda de maneira correta e atenciosa as perguntas:

1) Quantos habitantes ha na cidade em que voce mora?
   Qual 0 tamanho, a area da mesma?
2) Quais as principais atividades exercidas pelos seus habitantes? Par que?
3) Descreva com palavras, simples a SUa cidade.
4) Finalmente, **que voce entendeu** par Geografia?

ANEXO VIII SCRIPT DA AULA 52 DE ESTUDOS SOCIAIS – O RECÔNCAVO

TRANSCRIÇÃO DO SCRIPT DA AULA Nº 52 DA DISCIPLINA ESTUDOS SOCIAIS

Assunto - “RECÔNCAVO”

Abertura com uma música ao som de berimbal (técnica prefixo)

Voz masculina - IRDEB – (Música prefixo - fundo)

Voz masculina - O INSTITUTO DE RADIODIFUSÃO EDUCATIVA da BAHIA integrando o programa nacional de teleducação apresenta, (pausa) mais um programa do Curso Supletivo de 1º Grau.

Aula de Estudos Sociais nº 52 (Música prefixo)

Técnica cortina (música São Salvador - cantada por Gal Costa)

Voz masculina– hoje vamos conversar com você sobre o Recôncavo, uma das regiões em que está dividido o estado da Bahia. (Técnica cortina)

Voz feminina 1 – Mas não é possível menina há quanto tempo eu não a vejo!

Voz feminina 2 – Pois é você também não aparece, sabe onde estou morando e é incapaz de fazer uma visita.

Voz feminina 1 – Ah! Minha querida, é falta de tempo, eu trabalho o dia todo, mas não se preocupe não, qualquer fim de semana eu apareço lá em Muritiba.

Voz feminina 2 – Tá legal, já sei que vou esperar sentada, pois você não vai sair de Salvador para nada.

Voz feminina 1 - Oh! Marina, também não é assim. Há poucos dias mesmo eu estive em Cachoeira e São Felix passando um fim de semana.

Voz feminina 2– É, e por que não foi até Muritiba. É tão perto!

Voz feminina 1 - Olha, no próximo mês eu irei até lá. Certo?

Voz feminina 2- Só quero vê.

Voz feminina 1 – Você vai ver mesmo.

Voz feminina 2 - Bom Marina, a conversa está muito boa, mas eu já vou indo. Eu tenho dentista marcado para daqui a pouco.

Voz feminina 1- Não se preocupe não. Eu também estou com um pouquinho de pressa, pois tenho que resolver uma série de coisas.

Voz feminina 2 – Então minha querida, então até breve. Boa viagem para você.

Voz feminina 1 - Obrigada. Olhe lá, eu estou esperando.

Técnica cortina (música orquestrada como som de berimbau).

Voz masculina – Você acabou de ouvir, caro tele aluno uma conversa entre duas amigas que se encontraram na rua. Lembre-se que elas falaram no nome de quatro cidades, localizadas no estado da Bahia. Você seria capaz de responder quais foram elas? Tenho certeza que sim. Vamos lá! Muito bem, Salvador, Muritiba, Cachoeira e São Felix. Essas cidades e muitas outras como por exemplo Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, Maragogipe, Camaçari, Cruz das Almas, Castro Alves, Itaparica, pertencem à zona do Recôncavo.

Técnica cortina (música orquestrada com berimbau)

Voz masculina - Recôncavo! Recôncavo!

Voz Feminina 1 – Você já ouviu falar em Recôncavo? Claro que sim. O Recôncavo é uma das regiões em que está dividido o estado da Bahia.

Voz feminina 2 - O Recôncavo compreende as terras em torno da Baía de Todos os Santos, a maior Baía do país.

Voz feminina 1 - A zona do Recôncavo é constituída por cinqüenta municípios, dos quais o mais importante é Salvador, capital do estado.

Voz feminina 2 - Veja bem telealuno, que a tempos atrás, ou seja no século XVI, a zona do Recôncavo, correspondia a três capitanias. Vamos vê quais eram?

Voz feminina 2 – No século XVI, as capitanias que correspondiam à zona de Recôncavo eram: a da Baía de Todos os Santos, a da Ilha de Itaparica e a do Recôncavo ou a do Paraguaçu.

Voz feminina 2 - A Capitania da Baía de Todos os Santos, foi doada a Francisco Pereira Coutinho. A da Ilha de Itaparica a Dom Antônio da Ataíde, o Primeiro Conde de Castanheira. E a Capitania do Recôncavo ou do Paraguaçu foi doado a Álvares da Costa, filho de Duarte da Costa segundo Governador Geral do Brasil.

Voz feminina 1 – Você sabia telealuno que foi no Recôncavo que começou o povoamento da Bahia? Você sabe quais os fatores que contribuíram para isso?

Voz feminina 2- Claro, você deve saber. Quer vê, lembre-se. Foi no Recôncavo que se desenvolveu o cultivo da cana-de-açúcar. Pois é, como a lavoura da cana-de-açúcar exigia numerosa mão-de-obra essa zona recebeu numerosa quantidade de escravos negros. Esses escravos aqui chegando, misturaram-se com o branco e como o índio, contribuindo para o povoamento da região. Foi no Recôncavo também, que a criação de gado começou a se desenvolver. E como você sabe, essa atividade contribuiu bastante no povoamento de várias áreas no território.

Outro fator ainda de grande importância, foi o fato de Salvador ter sido capital da colônia por mais de 200 anos concentrando governo, as repartições, trazendo funcionários da Corte e suas famílias.

Voz masculina– Então telealuno, viu quanta coisa você aprendeu sobre o Recôncavo? Que tal você responder agora algumas perguntas sobre essa zona? Vamos lá?

O que é o Recôncavo?

Voz feminina 1 – É isso mesmo. O Recôncavo é uma das regiões em que estar dividido o estado da Bahia. O Recôncavo compreende as terras que circundam a Baía de Todos os Santos. A maior Baía do país.

Voz masculina – Quantos municípios compõem o Recôncavo?

Voz feminina 1 - Muito bem, o Recôncavo é composto por cinquenta municípios. Dentre eles, Cachoeira, Santo Antônio de Jesus, Salvador, Cruz das Almas, Itaparica.

Voz masculina – Qual o acidente geográfico mais importante da zona do Recôncavo?

Voz feminina – Certo. A Baía de Todos os Santos.

Voz masculina – E o município?

Voz feminina – É isso mesmo. O município mais importante do Recôncavo é o de Salvador.

Voz masculina – Agora preste bem atenção. No século XVI, a zona do Recôncavo correspondia a três capitanias. Quais eram elas?

Voz feminina – Está certíssimo. A da Baía de Todos os Santos, a da Ilha de Itaparica, e a Capitania do Recôncavo ou do Paraguassu.

Voz masculina – Agora só mais uma perguntinha. Quais os grupos étnicos que deram origem à população do Recôncavo?

Voz feminina – Branco, indígena e negro.

Voz masculina – Muito bem! Viu quanta coisa você aprendeu? E agora vamos falar um pouquinho sobre Salvador, esta bela cidade do Recôncavo.

Técnica cortina – (trecho da Música São Salvador cantada por Gal Costa)

Voz feminina - Salvador a cidade mais antiga do Brasil, com suas ladeira famosas, suas praias feiticeiras. A cidade que tem maior número de igrejas do país. A cidade onde há cada esquina que dobramos nos deparamos com a figura tão simpática da baiana, com seu tabuleiros de acarajés, abarás, camarões, dendê e pimenta. A cidade histórica, gloriosa, tradicional. Cidade dos romances de Jorge Amado, das canções de Caymi, da Lagoa do Abaeté.

Técnica cortina (música São Salvador) Continua como fundo.

Voz masculina – Você sabe a data da fundação da cidade de Salvador? Você sabe quem foi o seu fundador? Você já ouviu falar em Caramuru?

Técnica Cortina (Música São Salvador)

Voz feminina 1 – Salvador é antes de tudo a capital do estado da Bahia. É uma cidade que está localizada a entrada da extensa e famosa Baía de Todos os Santos.

Voz feminina 2 - Como não existe nenhum documento que indique a data da fundação da cidade do Salvador, convencionou-se então tomar o desembarque de Tomé de Sousa, primeiro Governador – Geral como a data da fundação da cidade.

Voz feminina 1 – Tomé de Sousa desembarcou no Porto da Barra a 29 de março de 1549.

Voz feminina 2 – Assim que chegou, Tomé de Sousa iniciou os trabalhos da construção da cidade. O trecho escolhido foi o que hoje compreende a Praça Castro Alves, a rua Chile e a Praça Tomé de Sousa ou a Praça Municipal.

Voz feminina 1 – Na construção da cidade Tomé de Sousa contou com a valiosa ajuda de Caramuru.

Voz feminina 2 – Caramuru era o nome pelo qual os índios chamavam o português Diogo Álvares Correia.

Voz feminina 1 – Caramuru viveu com os índios Tupinambás que aqui habitavam. Casou-se com a índia Catarina e teve vários filhos. Os seus descendentes formaram algumas das primeiras famílias baianas.

Voz feminina 2 – Mas, voltemos a falar sobre a construção da nova cidade. Pois bem, na Cidade Alta, foram construídos os principais edifícios da cidade. A Casa do Governador, onde hoje estar o Palácio Rio Branco. A Casa da Cadeia e da Câmara onde hoje esta a Prefeitura Municipal e a Casa dos Capitães na Rua onde que hoje se chama Rui Barbosa.

Voz feminina 1– Na Cidade Baixa, foram construídos os estaleiros, o ancoradouro, as docas, as ferrarias e os armazéns da cidade.

Voz feminina 2 – Como via de acesso entre as Cidades Alta e Baixa, foram abertos dois caminhos. As Ladeiras do Pau da Bandeira e da Conceição.

Voz feminina 1 - Como você, pode observar ainda hoje esses dois caminhos ligam a Cidade Alta à Cidade Baixa. Aliás, Salvador ainda conserva muito do seu passado. Nela o antigo e o moderno se misturam constantemente.

Voz feminina 2 – Ao passarmos pelas suas ruas, vemos antigas igrejas, sobrados e fortes, junto a modernos edifícios e largas avenidas e vales.

Voz feminina 1 – O Pelourinho por exemplo, é um retrato vivo do passado. É um dos conjuntos arquitetônicos mais importantes do Brasil.

Voz feminina 2 – Cantada em prosa e ver pelos seus filhos e visitantes, Salvador é um importante centro cultural e de turismo.

Voz feminina 1 – Contudo o que a faz paraíso inesquecível para os que aqui chegam é seu contagiante calor humano. São suas festas de largo, suas manifestações folclóricas, suas comidas famosas e mais do que tudo é o céu azul é a areia branca, é o mar azul. Salvador é a capital da Bahia. É a própria Bahia. Bahia de Todos os Orixás . Bahia de Todos os Santos.

Técnica cortina (música São Salvador)

Técnica prefixo (música orquestrada com berimbau)

Obs: os anexos que não foram apresentados nesta mídia estão disponíveis no volume 2 na versão impressa da dissertação.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS–GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

IDÁLIA MARIA TIBIRIÇÁ ARGÔLO

A EDUCAÇÃO DE ADULTOS À DISTÂNCIA NO ESTADO DA BAHIA – 1961-1979: MEB, SERTE E A CRIAÇÃO DO IRDEB

Salvador

2010

IDÁLIA MARIA TIBIRIÇÁ ARGÔLO

A EDUCAÇÃO DE ADULTOS À DISTÂNCIA NO ESTADO DA BAHIA – 1961-1979: MEB, SERTE E A CRIAÇÃO DO INSTITUTO DE RADIODIFUSÃO EDUCATIVA DA BAHIA

Dissertação apresentada à comissão do Programa de Pós – Graduação em Educação e Contemporaneidade, da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, na linha de pesquisa Processos Civilizatórios: Educação,Memória e Pluralidade Cultural.

ORIENTADORA: Profª. Drª. JACI MARIA FERRAZ DE MENEZES

Salvador

2010

FOLHA DE APROVAÇÃO

A EDUCAÇÃO DE ADULTOS À DISTÂNCIA NO ESTADO DA BAHIA – 1961-1979: MEB, SERTE E A CRIAÇÃO DO INSTITUTO DE RADIODIFUSÃO EDUCATIVA DA BAHIA

IDÁLIA MARIA TIBIRIÇÁ ARGÔLO

Dissertação apresentada à comissão do Programa de Pós – Graduação em Educação e Contemporaneidade, em 06 de outubro de 2010, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:

Profª Drª Jaci Maria Ferraz de Menezes
Universidade do Estado da Bahia
Doutorado em Doctorado En Ciencias de La Educacion de La Educacion
Universidade Católica de Córdoba

Prof. Dr. Charles D'Almeida Santanna
Universidade do Estado da Bahia
Doutor em História
Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Arnon Alberto Mascarenhas de Andrade
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Doutorado em Ciências da Educação
Université de Caen - França

Prof. Dr. Gilmário Moreira Brito
Universidade do Estado da Bahia
Doutorado em História
Pontifície Universidade Católica SP

Dedico este trabalho ao Professor Humberto de Argollo, meu pai, um exemplo de honestidade e competência, tendo dedicado toda sua vida à educação, como professor de História e escrevendo a História do IRDEB, instituição na qual trabalhou durante longo tempo, cujo material me serviu de fonte para a realização desta dissertação.

AGRADECIMENTOS

É muito difícil relacionar todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para que este trabalho fosse realizado. Foram muitos aqueles que estavam do meu lado incentivando e ajudando na conclusão desta dissertação.

Em primeiro lugar, quero agradecer ao nosso criador, com a interseção de Nossa Senhora Aparecida que me deram força, saúde e coragem para trilhar os caminhos que me levaram a elaboração e conclusão desta dissertação.

Ao meu pai (In memória) tanto pelo legado deixado através de seu acervo particular sobre o IRDEB que tive a oportunidade de utilizá-lo neste trabalho, podendo assim divulgar seus escritos sobre esta instituição que trabalhou por mais de 30 anos, como pelo incentivo e exemplo que tive durante toda a vida.

À minha mãe, que sempre esteve presente na minha vida profissional, incentivando, orientando e revisando os meus escritos.

À Minha filha Carolina, pela sua presença constante em minha vida dando-me coragem para segui em frente e ajudando nos meios eletrônicos.

Aos meus irmãos Miguel e Sérgio e meu sobrinho Marcelo pelas horas destinadas na minha orientação com os meios tecnológicos.

A amiga “que se confunde como irmã” Professora Drª Neise Mare que estive comigo antes mesmo desta dissertação tomar formato acadêmico, dando orientações, sugestões e revisando o trabalho.

Ao meu amigo irmão Professor Dr. Chales D’Almeida pelo incentivo em realizar o mestrado e por estar comigo durante todo tempo, orientando, revisando, sugerindo e dando todo apoio necessário para que este trabalho fosse concluído.

A Damião, meu companheiro de todas as horas, pelo incentivo e paciência durante todo o período em que estive voltada para o trabalho.

Ao colega, Professor Edmilson Moraes pelas constantes orientações durante minha preparação para o mestrado até a finalização deste trabalho.

À Professora Jaci Menezes, minha Orientadora e já amiga, por ter aceitado o desafio de orientar o meu trabalho e a dedicação nas constantes revisões.

Ao Professor Arnon Andrade pela colaboração nas orientações deste trabalho e por aceitar o convite de participar da minha banca, revivendo alguns momentos em que trabalhou no IRDEB.

Aos meus colaboradores, Professores Raimundo Dantas, Ruth Vieira, Mariaugusta Rocha, Erimita Mota, Noélia Pessoa, Letícia Barbosa, Josélia Fraga, Miguel Menezes,

Aristocléa dos Santos, Cid Teixeira, Dilza Atta, Dr. Jorge de Jesus, Produtor Pola Ribeiro, e os radialistas Marinalva Santana, Pedro Santiago, Perfilino Neto por terem me concedido as entrevistas que tanto me ajudaram para a construção da história do IRDEB.

Aos funcionários do IRDEB, Cleonice, Aline, Maria, Rita, Jacira, Washington, Valdemir Cabral, Maurício, pela ajuda nas pesquisas com os documentos e as fitas com as aulas radiofônicas.

Às Bibliotecárias Joceane da UFBA e Hildete, da UNEB, pela ajuda nas revisões e consultas bibliográficas.

À Professora Drª Regina Moura, pelas orientações metodológicas.

Aos amigos Henri Sidney e Alain Pascal pelo incentivo e apoio.

Às amigas (os) e colegas que torceram por mim durante todos esses meses em que estive voltada para a elaboração deste trabalho.

A todos os professores da UNEB que direta ou indiretamente contribuíram para o sucesso desta dissertação através das aulas que muito me ajudaram a construir o presente texto.

A todos, muito obrigada.

RESUMO

A presente dissertação faz uma reflexão sobre a Educação de Adultos no Brasil através de Campanhas de alfabetização e analisa a trajetória da Educação de Adultos na Bahia à Distância, através do rádio, durante os anos de 1961 a 1979, tendo início com o Movimento de Educação de Base (MEB) através da alfabetização de adultos para conscientização política, no início da década de 1960. Após o Golpe Militar de 1964 o MEB tem a sua estrutura modificada e, em 1966, foi fechado pelos militares. A partir deste período se inicia no Brasil e na Bahia o Curso de Madureza Ginasial pelo Rádio em convênio com o Ministério da Educação e Cultura (MEC) e a Secretaria de Educação e Cultura (SEC), através do Serviço de Rádio e TV Educativa (SERTE), preparando jovens e adultos para o Exame de Madureza Ginasial, elaborado pela equipe de professores produtores do SERTE. Faz uma análise da transição do SERTE para Seção de Educação Supletiva (SES) e em seguida para Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia (IRDEB) e a transformação do Curso de Madureza para o Curso de Supletivo de 1º e 2º grau. A dissertação focaliza as aulas pelo rádio para o curso de supletivo através das tele-salas, com a presença de um Orientador de Aprendizagem (O. A.), através dos scripts para as aulas radiofônicas e as apostilas elaboradas pelos professores produtores do SERTE/IRDEB. O IRDEB foi durante muitos anos um órgão ligado à SEC e tinha como principal objetivo a veiculação de programas educativos formais para uma população adulta. Atualmente a instituição está ligada à Secretaria de Cultura (SECULT) e, através da Rádio FM e da TVE, veicula uma programação cultural e educação não formal.

Palavras - chave: Educação de Adultos; Teleducação; Educação à Distância; Madureza Ginasial; Ensino Supletivo.

RÉSUMÉ

Notre travail est une réflexion sur l'éducation des adultes au Brésil mais centralisée sur le cas de Bahia. Celle-ci a commence sous forme de Campagnes d'Alphabétisation d'Education à distance pour Adultes durant les périodes allant de 1961 à 1970 via la radio. Ces Campagnes ont commencé par des Mouvements d'Education de Base (MEB) dont l'alphabétisation n'avait, en réalité', pour priorité et preoccupation que conscientiser politiquement la population dans les années 1960. Après le coup d'Etat militaire de 1964, le Mouvement d'Education de Base eut sa structure modifiée et fermée par les militaires en 1966. C'est durant cette même période que débuta à travers la radio au Brésil comme à Bahia le Cours de *Madureza Ginasial* grace au partenanriat entre le Ministère de l'Education et Culture (MEC), le Secrétariat de l'Education et Culture (SEC) et le Service de la Radio et de la TV Educative (SERTE). Les cours élaborés et donnés par les professeurs/fonctionnaires de la raido capacitaient les jeunes et les adultes pour l'entrée au collège *Madureza Ginasial*. Durant son existence du programme, il eut progressivement des transitions du SERTE à la Section de l'Education Suplétive (SES) et après à l'Institut de la Radiodifusion Educative de Bahia (IRDEB) mais aussi transformation du Cours Madureza pour l'enseignement du premier et deuxiène cycle. La réalisation de ces cours n'étaient possibles que grace à une equipe de plusieurs professionnels/ producteurs de divers secteurs de l'Institut de la Radiodifusion Educative (IRDEB). Pendant plusieurs années, cet organe était lié à la SES mais acutellement, l'institution est rattachée au Secrátariat de la Culture (SECULT) via les radios FM et la TVE responsables des programmes culturels et educatifs.

Mots-clés - Education des adultes; Teleducation; Education à distance; *Madureza Ginasial;* Education Suplétive.

SUMÁRIO Pag.

	Dedicatória	
	Agradecimentos	
	Resumo	
	Resumé	
	Sumário	
	Introdução	16
1	Histórico da Educação de Adultos no Brasil	26
1.1	Educação Popular / Educação de Adultos	26
1.2	Análise das diversas campanhas para erradicação do analfabetismo no Brasil	33
1.3	A situação da Educação de adultos no início do século XXI	38
2	O Movimento de Educação de Base (MEB) no Contexto dos Movimentos de Cultura Popular na Década de 1960	40
2.1	A implantação do sistema radiofônico no Brasil	41
2.2	A educação de adultos e o início da teleducação na Bahia	50
2.3	A atuação do MEB na Bahia	55
2.4	O MEB após a Ditadura Militar	**60**
3	A Educação Radiofônica na Bahia através do SERTE/IRDEB	**65**
3.1	Antecedentes históricos	**65**
3.2	A Transição MEB/SERTE	**67**
3.2.1	O convênio entre MEC/SEC para implantação do MEB na Bahia	**68**
3.2.2	A atuação do SERTE na Bahia	**69**
3.2.3	O Curso de Madureza através do “Ginásio do AR”	**70**
	A – Análise do material impresso	**72**
3.2.4	A Transformação do SERTE em SES e IRDEB	**88**
3.3	A criação do IRDEB e a centralização	**91**
3.3.1	Organização, estrutura, plano de trabalho, e metas	**93**
3.3.2	A transformação do Curso de Madureza Ginasial em Supletivo	
	A- Novas modificações	**94**
	B- Análise do Material Didático	**97**
	C- Elaboração dos sripts	**100**
3.3.3	As sedes do IRDEB	**115**
3.3.4	A paulatina desativação	**123**
	Considerações finais	**127**
	Referências Bibliográficas	**131**

Lista de Tabelas **11**

Lista de Gráficos **11**

Lista de Figuras **11**

Lista de fotos **12**

Lista de quadros **13**

Lista de Mapas **13**

Lista de abreviações **14**

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Analfabetismo no Brasil em 1940 33

Tabela 2 Grau de analfabetismo na Bahia – 1920 e 1940 35

Tabela 3 Grau de analfabetismo na Bahia - 1950 36

Tabela 4 Percentual do grau e dos anos de estudo da população de 15 anos e mais 66

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Candidatos por profissão ao exame de julho/68 (%) 83

Gráfico 2 Candidatos por idade ao exame de julho/68 (%) 84

Gráfico 3 Aprovados, reprovados e desistentes julho/68 (%) 85

Gráfico 4 Preferência por matéria no exame julho 68 (%) 86

LISTA DE FIGURAS

Figura - 1 Capa da cartilha Brasil Grande 61

Figura - 2 Lição 1 da Cartilha Brasil Grande 62

LISTA DE FOTOS

Foto – 1 Equipe de produtores 96

Foto - 2 Produtores elaborando aulas 100

Foto - 3 Locutor no estúdio 101

Foto - 4 Hélio Lima - operador 102

Foto - 5 Marinalva Santana - locutora 104

Foto - 6 Miguel Menezes – Orientador de aprendizagem 106

Foto - 7 Letícia Barbosa – Professora- produtora 115

Foto - 8 Cid Teixeira – Produtor- locutor 116

Foto - 9 Berduega – Operador 118

Foto - 10 Santarém - Operador 121

Foto - 11 Perfilino Neto – Produtor - locutor 122

LISTA DE QUADROS

Quadro – 1 Campanha de alfabetização de adultos 34

Quadro - 2 Curso de extensão para formação de professores para TVE 113

Quadro – 3 Programas veiculados por rádios parceiras e veiculados pelo IRDEB 114

LISTA DE MAPAS

Mapa – 1 Municípios atingidos pelo Ginásio do Ar em cada zona da Bahia (%) 78

Mapa - 2 Distribuição dos candidatos para o exame de julho/68 por zona do estado (%) do total de inscrições 81

ANEXOS – volume 2

Anexo I	Análise das Entrevistas
Anexo II	Carta de cessão
Anexo III	Roteiro de entrevista
Anexo IV	Madureza Ginasial Ginásio do Ar – Geografia Tomo I Livro de aluno
Anexo V	Requerimento, ficha de avaliação, recibo, atestado de saúde, autenticidade dos documentos de aluno do Curso de Madureza – Salvador Bahia
Anexo VI	Requerimento, ficha de inscrição, certidão de nascimento, atestado de saúde de aluna do Curso de Madureza – Alagoas
Anexo VII	Curso Supletivo de 1º grau – Livro do aluno
Anexo VIII	Script da aula 52 de Estudos Sociais – O Recôncavo
Anexo IX	Curso Supletivo de 1º grau - Guia do Orientador de Aprendizagem
Anexo X	Folha de Frequência do Curso de Madureza
Anexo XI	Diário de Classe; Ficha Cadastro do Supervisor
Anexo XII	Ficha de Seleção de Supervisor
Anexo XIII	Ficha de visita da supervisão ao teleposto
Anexo XIV	Ante-Projeto da Construção da Sede do IRDEB
Anexo XV	Cópia do Jornal da Bahia 1º de abril de 1977

LISTA DE ABREVIAÇÕES

CNBB Confederação Nacional dos Bispos do Brasil

CPC – Centro Popular de Cultura

CSB – Colégio Santa Bernadete

CADES –

E. M. C. Educação Moral e Cívica

F M - Frequência Modulada

G. O. A. – Guia de Orientador de Aprendizagem

ICEIA – Instituto Central de Educação Isaías Alves

IRDEB – Instituto de Radio Educativo da Bahia

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

JAC – Juventude Agrária Católica

JEC – Juventude Estudantil Católica

JIC – Juventude Independente Católica

JOC – Juventude Operária Católica

JUC – Juventude Universitária Católica

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MCP – Movimento de Cultura Popular

MEB – Movimento de Educação de Base

MEC – Ministério de Educação e Cultura

NEDES – Núcleo de Desenvolvimento Social da UFBA

O. A. Orientador de Aprendizagem

O. C – Ondas Curtas

O. S. P. B. Organização Social e Política do Brasil

RENEC – Rede Nacional de Emissoras Católicas

SAR – Serviço de Assistência Rural

SEC – Secretaria de Educação e Cultura

SECULT Secretaria de Cultura

SERTE – Serviço de RádioTelevisão Educativa

S. E. S – Seção de Educação Supletiva

SIRENA – Sistema de Rádio Educativo Nacional

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UNE – União Nacional dos Estudantes

INTRODUÇÃO

A constatação do alto índice de analfabetismo no Brasil na população de 15 anos e mais levou o Governo Federal a criar campanhas de alfabetização para jovens e adultos a partir da década de 1940. Na década de 1950, com as políticas voltadas para o desenvolvimento industrial no Brasil e em resposta ao recrudescimento do movimento popular, o governo volta a investir na educação de adultos, apoiando iniciativas como o MEB (Movimento de Educação de Base) organizado pela CNBB. Além dos projetos do governo surgem neste período outras iniciativas para a educação popular e de adultos através do Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE), do Projeto Paulo Freire que, após o Regime Militar, são substituídos pelos governantes, pelo Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), Exame de Madureza, Projeto Minerva e Supletivo, entre outros. Tais projetos se efetivaram, freqüentemente, conjugando a modalidade presencial e à distância, tendo o rádio como o veículo auxiliar e promotor da instrução.

O estado da Bahia também participa destas ações realizadas através do MEB, que contemplava a população das Regiões Norte, Nordeste e Centro Oeste por serem as regiões que apresentavam o maior índice de analfabetismo do país. Entretanto, uma particularidade do processo desenvolvido no estado foi a implantação do "Ginásio do Ar", para preparação do Exame de Madureza através do SERTE, na década de 1960, que daria origem ao Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia – IRDEB.

O IRDEB através dos seus programas instrucionais promoveu a difusão da Educação à Distância destinada a adultos, atuando tanto através de conteúdos formais, ou seja, de disciplinas como Matemática, Português, História, Geografia e Ciências do Currículo dos cursos regulares, de nível médio, como de conteúdos informais que atendiam a necessidades da população das cidades e da zona rural. Assim, este órgão ligado à Secretaria da Educação e Cultura do Estado da Bahia, por muito tempo, foi referência na promoção da Educação de Adultos à Distância no território baiano, e até de territórios de outros estados vizinhos, como Alagoas, dado ao alcance do rádio.

Este estudo intitulado "A Educação de Adultos à Distância no Estado da Bahia – 1961-1979: MEB, SERTE e a Criação do IRDEB" se propôs a analisar a Educação Radiofônica na Bahia, iniciada na década de 1960, tomando como recorte o IRDEB, uma instituição pública que em seus primórdios foi responsável pela Educação de Adultos através do rádio no estado. Para alcançar a realização dessa proposta este objetivo foi desmembrado nos seguintes:

- Registrar a memória histórica do IRDEB, sobretudo pela carência de estudos acadêmicos sobre educação pelo rádio na Bahia e de material bibliográfico acerca deste instituto
- Subsidiar reflexões sobre as práticas do IRDEB, em seus objetivos atuais.
- Estimular a produção de outros trabalhos semelhantes sobre os diversos meios e as necessidades atuais da educação pública.

METODOLOGIA DA PESQUISA

O estudo pretende contextualizar a Educação de Adultos no âmbito do país e do estado da Bahia identificando os aspectos que propiciaram a implantação de uma rádio com finalidade essencialmente educativa no estado da Bahia. Analisar a situação do IRDEB, no estado da Bahia, enquanto instrumento difusor de educação formal e informal, os seus projetos educativos via do rádio, como uma nova perspectiva de educação para a população baiana.

Para isso, utilizei o material do Acervo do Professor Humberto de Argollo e do arquivo do IRDEB sendo complementado pelas entrevistas com funcionários da instituição e pessoas ligadas indiretamente a ele.

Em vista disto, optei pelo uso da História Oral Temática através das referidas entrevistas realizadas com funcionários da instituição, reunindo material histórico sobre a trajetória institucional e educativa do IRDEB, indispensável para recomposição de sua memória.

A escolha do IRDEB como objeto de pesquisa esteve também relacionada ao vínculo emocional e profissional que tenho com a instituição, como filha de um dos primeiros professores produtores de aulas radiofônicas deste órgão, Professor Humberto de Argollo e por ter trabalhado no mesmo na produção de Material Impresso, no Centro de Planejamento e Produção Pedagógica - um setor responsável pela elaboração de Material Impresso que servia de apóio às aulas radiofônicas; e também como Produtora do Programa radiofônico “Curto Circuito” – destinado basicamente à população feminina, realizado ao vivo, com uma duração diária de duas horas.

Tendo o IRDEB como campo empírico deste estudo, o objeto da pesquisa foram os programas educativos radiofônicos denominados de Madureza Ginasial e Supletivo do 1º Grau, realizados de 1968 a 1979, produzidos por esta instituição e veiculados por rádios particulares de várias cidades da Bahia, que eram transmitidos diariamente e destinados a adultos a partir de 16 anos com escolaridade primária.

Meu interesse neste estudo foi registrar aspectos da memória histórica deste instituto, através dos *scripts* e das técnicas elaboradas para a produção das aulas radiofônicas; o número de alunos constantes nas folhas de freqüência nas telesalas; o material impresso; as aulas gravadas; elaboração das provas para os exames de madureza; a abrangência das telesalas e dos Exames de Madureza nas cidades do estado da Bahia; bem como o índice de aprovação nesses exames. O objetivo central foi analisar a trajetória do instituto através dos citados programas radiofônicos, colaborando na construção da memória histórica do IRDEB como um instituto que participou ativamente da história da Educação de Adultos na Bahia num período de efervescência política educativa.

O texto desta dissertação foi estruturado em duas etapas complementares para responder ao problema de pesquisa e aos objetivos que me orientaram durante o trabalho de reconstrução da memória do IRDEB. A primeira etapa foi dedicada à construção dos capítulos teóricos

fundamentados nas idéias e nas reflexões sobre Educação de Adultos no Brasil e na Bahia, elaborado com base na análise da conjuntura sócio-política da redemocratização brasileira no pós-guerra. Este momento histórico influenciou as campanhas de erradicação do analfabetismo de adultos dado ao seu reconhecimento como um problema nacional. A preocupação com a alfabetização de adultos tem o seu momento mais promissor no início da década de 1960, com o "Movimento de Cultura Popular" em Recife, de Arrais; a "Campanha de Pé no Chão também se aprende a ler", em Natal; e do "Centro Popular de Cultura" da União Nacional dos Estudantes – UNE e do Movimento de Educação de Base (MEB) que estão inseridos no contexto político do ideal de educação através da conscientização.

Para traçar a trajetória da Teleducação na Bahia, iniciei o meu trabalho sobre o MEB e obtendo material desta instituição através do Professor Osmar Fávero que organizou o acervo deste movimento e que me cedeu um texto sobre a trajetória do MEB a nível federal. Além deste, obtive também documento da CNBB com um pequeno histórico do MEB, datado de agosto/2005, por volta dos seus 44 anos de existência.

Vale ressaltar a experiência que vivenciei com a Bolsa Sanduiche na UNICAMP, Universidade de Campinas, sobre a orientação do Professor Dr. José Claudinei Lombardi, realizando pesquisa nos acervos da Biblioteca Central da UNICAMP e nas Bibliotecas da Faculdade de Educação e do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas IFCH, onde encontrei vasto material que me deram suporte para a pesquisa do campo teórico, principalmente no que se refere à Educação de Adultos e a Educação Radiofônica, no Brasil.

O estudo teórico e documental permitiu aprofundar meu conhecimento sobre o objeto da dissertação e subsidiar a elaboração do roteiro de entrevista, a análise e a interpretação das informações empíricas.

A pesquisa empírica caracterizou a segunda etapa deste estudo, iniciada através da leitura do material sobre o IRDEB que compõe o acervo do Professor Humberto de Argollo, (que durante um longo tempo trabalhou no instituto), onde encontrei informações inéditas sobre a instituição bem como nome de profissionais que trabalharam neste órgão e alguns dos quais tornaram-se meus entrevistados. O referido professor registrou e começou a escrever as primeiras linhas sobre a história da instituição, material este que me serviu de apóio durante todo o meu trabalho empírico.

A partir desta leitura, entrei em contato com os entrevistados para recuperar informações sobre a trajetória do IRDEB e subsidiar a construção da memória histórica deste instituto. As entrevistas (ANEXO I, v.2) tiveram início no segundo semestre de 2003 e retomadas no primeiro semestre de 2008, e durante os anos de 2009 e 2010. Os depoimentos foram obtidos mediante a elaboração de oito roteiros de entrevista (ANEXO II,v.2) destinados a 16 entrevistados, três dos quais ocuparam cargo de direção no instituto; e mais o atual diretor da instituição, um membro da Assessoria da instituição, um orientador de aprendizagem, além de cinco professores- produtores de programas educativos radiofônicos, três locutores, um aluno[1] e uma técnica da Secretaria da Educação e Cultura. As perguntas do roteiro de

[1] Procuramos localizar um número maior de alunos; com os seus endereços existentes no cadastro de alunos desatualizados pela passagem do tempo, encontramos apenas um deles.

entrevista foram elaboradas com base no problema de investigação e nos objetivos estabelecidos, para orientar o meu trabalho nas características dos informantes. Três perguntas foram comuns a todos os informantes, à exceção do aluno - dado a sua ausência na construção dos caminhos educativos do IRDEB - e do atual diretor, pois vive uma nova realidade na instituição. As perguntas em questão foram sobre o espírito de equipe no IRDEB, as transformações ocorridas na instituição com a sua transferência para a Secretaria de Cultura e a participação das mulheres no processo de mudança na sociedade brasileira na década de 1960, visto que as três primeiras diretoras do IRDEB e grande parte da equipe de professores-produtores eram mulheres.

O contato com os entrevistados teve início a partir de um levantamento de nomes de profissionais que trabalharam na instituição através do acervo do Professor Humberto de Argollo e, os próprios entrevistados foram me mantendo em contato com outros entrevistados, formando assim uma rede de informantes. Foram os seguintes os entrevistados, na sequência da realização das entrevistas:

A primeira entrevista foi com a professora Ruth Teixeira Vieira, primeira diretora do IRDEB, com uma vasta experiência em educação. Vinda do Colégio da Polícia Militar onde trabalhava como Orientadora Educacional, tendo sido responsável pela implantação do sistema de rádio-educação na Bahia, através do MEB, e em seguida no SERTE. Permaneceu no IRDEB desde a sua fundação entre 1969 até 1972. Atualmente está aposentada realizando cursos num grupo ligado à Religião Católica.

A Professora Aristocléia de Jesus Macedo foi a terceira Diretora do IRDEB; dirigia o Colégio Duque de Caxias por 16 anos quando foi convidada para o cargo de Direção e trabalhou na instituição entre 1975 a 1983 sendo responsável pela construção da sede atual e da instalação da Rádio Educadora. Atualmente está aposentada e não exerce mais funções relacionadas à educação.

A outra categoria de entrevistados foram os locutores Marinalva Santana e Pedro Santiago, ambos aposentados do IRDEB, que entraram na instituição através de seleção interna ainda na década de 1960, como locutores de programas educativos. Marinalva cursou Pedagogia e passou a trabalhar como pedagoga que dava suporte aos programas do Supletivo. Pedro Santiago trabalhou durante muitos anos como locutor, até a extinção da Rádio Ondas Curtas, quando tornou-se Produtor de programas radiofônicos.

Perfilino Neto é jornalista; foi Coordenador da Rádio Educadora e ainda trabalha no IRDEB como produtor de programas para a rádio F.M. e tem se dedicado ao estudo do rádio no Brasil. Sua entrevista versou sobre o papel do rádio no Brasil e, principalmente da Rádio Ondas Curtas, devido ao seu alcance em diversas partes do Brasil e de outros países.

A Professora Noélia Pessoa foi a segunda Diretora do IRDEB e permaneceu no cargo entre 1973 a 1975 e o meu contato com ela se deu através de outros funcionários do instituto. Ela é Pedagoga e atualmente está aposentada exercendo funções que não estão ligadas à educação.

Um dos entrevistados foi o Dr. Jorge Gomes de Jesus, ex-aluno do Curso de Madureza Ginasial através do SERTE, em 1968, que assistia às aulas radiofônicas do Ginásio do Ar em casa, e estudava em grupo. Esta entrevista teve a finalidade de tentar caracterizar o tipo de

aluno que participou do Curso de Madureza Ginasial. Atualmente o Dr. Jorge é Advogado e trabalha num escritório próprio.

Na tentativa de encontrar os primeiro profissionais que trabalharam no IRDEB, quando este ainda era SERTE, levou-me à Professora Mariaugusta Rosa Rocha na Faculdade de Tecnologia e Ciências – FTC – onde a mesma trabalha como Coordenadora de Responsabilidade Social. A Professora Mariaugusta tem uma carreira totalmente voltada para educação, iniciando como Professora do Ensino Fundamental no interior do estado da Bahia, foi professora do Mestrado em Educação da Universidade Católica de Salvador, participou do NEDES, Núcleo de Desenvolvimento Social da UFBA, foi Professora do Colégio Santa Bernadete e Diretora do Centro Integrado Anísio Teixeira. No IRDEB trabalhou com o primeiro grupo de professores-produtores do Ginásio do Ar, preparando aulas para o Exame de Madureza Ginasial. Mais recentemente, foi Secretária de Educação do Estado da Bahia (1987-1989).

Foi através da Professora Ruth que entrei em contato com outros entrevistados como o Professor Raimundo Dantas que começou a trabalhar no MEB como voluntário, ainda estudante de economia na UFBA que, após realizar diversos trabalhos dentro da instituição, foi convidado pela Professora Ruth para ser seu Assessor, cargo que exerceu até a desarticulação do MEB. Trabalhou também no SERTE, como Assessor Técnico e no IRDEB, com o mesmo cargo. Durante o período militar foi perseguido pelo regime, abandonou o curso voltando tempos depois a estudar formando-se em Filosofia. Atualmente é Mestre em Administração de Empresa e trabalha como Coordenador na Santa Casa da Misericórdia.

Na procura para compor minha rede de informantes, cheguei à professor Erimita Mota através da Professora Ruth. No IRDEB, a Professora Erimita Cunha Miranda Mota, fez parte do grupo dos professores-produtores do SERTE, elaborando aulas para o Ginásio do Ar. Formada em Linguística e Educação, foi professora do Colégio de Aplicação, ensinou na Faculdade Católica como professora de Metodologia do Ensino de Português e na Pós-Graduação com linguagem em educação. Está aposentada e trabalha com assessoria a projetos educativos, com comunidades indígenas.

Entrevistei também um Orientador de Aprendizagem, o Professor Miguel Antônio Menezes, a fim de que relatasse esta experiência. Licenciado em Matemática, trabalhou no IRDEB como Orientador de Aprendizagem entre 1972, e 1973, e após essa data foi para o Centro de Material Impresso como Produtor de Material Impresso. O Professor Miguel continua trabalhando no IRDEB exercendo o cargo de Produtor Executivo .

Entrevistei ainda as Professoras Josélia Maria das Graças Fraga e Letícia Barbosa, que ainda trabalham na instituição e foram produtoras de programas para o Curso de Supletivo pelo rádio. A Professora Josélia é licenciada em Ciências Biológicas e iniciou sua trajetória na instituição como Orientadora de Aprendizagem em Teleposto e foi produtora dos programas para o Supletivo na disciplina de Ciências Biológica. Embora aposentada do IRDEB, ainda trabalha na instituição como Produtora de Programas para a Rádio FM.

A Professora Dilza Atta, que também não trabalhou no IRDEB, coordenava a Divisão de Assistência Técnico-Pedagógica da Secretaria de Educação e Cultura, no final da década de

1960, quando o SERTE tornou-se SES e permaneceu vinculado a esta divisão. A Professora Dilza trabalhou no Colégio Santa Bernadete e atualmente está aposentada realizando trabalhos de assessoria na área de educação.

A Professora Letícia Maria Barbosa, é formada em Filosofia pela UFBA, Pós - graduada em Educação à Distância pela Universidade Brits Columbia e também em Rádiovisão. Entrou no IRDEB como estagiária no dia 2 de janeiro de 1975 e foi contratada em 1º de maio de 1975 através de concurso, e continua trabalhando até hoje como Assessora da Diretoria de Operações, num total de 35 anos dedicados à instituição. Foi produtora dos programas para o Supletivo nas disciplinas de Estudos Sociais, Educação Moral e Cívica (EMC) e Organização Social e Política do Brasil - OSPB.

Entrevistei ainda o Professor Cid Teixeira, professor aposentado da UFBA, ex membro do Conselho Estadual de Cultura, que foi produtor e locutor de programas radiofônicos da FM e O. C. durante muitos anos e tem uma vasta experiência em educação pelo rádio, tendo o seu testemunho enriquecido muito o meu trabalho quanto à contribuição do meio rádio para a educação formal e informal.

Encerrei as entrevistas com o atual Diretor do IRDEB, Paulo Roberto Vieira Ribeiro, conhecido profissionalmente como Pola Ribeiro. Ele é produtor, trabalha com cinema e está no instituto desde 2007, com a proposta de implantar uma TV Pública. Com sua entrevista elaborei um panorama dos novos rumos do IRDEB.

As primeiras entrevistas foram gravadas em fitas popularmente denominadas de K7 com tempo médio em torno de 30 a 60 mim. e, posteriormente, gravadas em CD. As demais foram gravadas em aparelho digital e transcritas para CD. Os encontros com os entrevistados aconteceram em locais, horários e datas previamente determinadas por eles para sua realização. Vale ressaltar que essas entrevistas foram um dos momentos mais prazerosos da minha pesquisa, pois muitos desses entrevistados são pessoas do meu relacionamento, tanto como colegas de trabalho, no período em que estive na instituição, bem como conhecidas ainda na minha infância, quando meu pai era Professor – produtor do IRDEB. Durante as entrevistas segui criteriosamente os roteiros para encontrar as informações necessárias ao meu estudo. Os informantes em vários momentos acrescentaram elementos e informações adicionais que enriqueceram o objeto de estudo ampliando o meu conhecimento sobre os programas educativos radiofônicos e a trajetória do IRDEB no processo de Educação de Jovens e Adultos na Bahia.

Após a realização das entrevistas, transcrevi criteriosamente e na íntegra seu conteúdo para me apropriar da informação e, posteriormente, voltei a entrar em contato com os entrevistados e lhes entreguei o texto transcrito para que eles analisassem e assinassem a carta de cessão, (ANEXO III, v. 2) dando-me plena liberdade para utilizar nesta dissertação as informações obtidas. Durante a análise, alguns entrevistados fizeram modificações no texto transcrito, pois não mais queriam divulgar certas informações que foram fornecidas durante as entrevistas orais.

O próximo passo foi submeter as entrevistas a procedimentos metodológicos apropriados ao desenho da pesquisa, através da análise da informação obtida em cada entrevista para

apropriação do seu teor e construção da memória descritiva do IRDEB. Em seguida, deu-se o confronto das informações de cada entrevista e destas com o material bibliográfico e documental sobre o IRDEB. Durante este processo, elaborei uma linha do tempo com os depoimentos dos informantes que facilitou a reconstrução das conjunturas históricas contemporâneas, da veiculação dos programas educativos radiofônicos do instituto e da participação dos informantes nessas conjunturas no IRDEB.

Na realização das entrevistas, observamos que os informantes fizeram referência ao espírito de equipe presente na primeira geração de profissionais do IRDEB ressaltando, inclusive, com a expressão família, em parte, porque vários informantes eram colegas em outras atividades da época. As entrevistas revelaram forte presença de mulheres no instituto, contudo, elas não tinham consciência sobre os ideais políticos do feminismo e do papel das mulheres na sociedade brasileira. Simplesmente se viam como professoras e representantes da educação, segundo seus depoimentos.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA ORAL NO BRASIL

A História Oral foi introduzida no Brasil na década de 1970, durante os *anos de chumbo*, no período da Ditadura Militar que "acabou por excitar o aparecimento de uma História Oral vibrante, contestatória" (BOM MEIHY, 2007, p. 111), Ela surge como instrumento para a afirmação da democracia pelo registro de outras versões da história que não a versão oficial. Durante o período da Campanha pela Anistia nos fins de 1970 e com a Abertura Política, observa-se a necessidade de registrar a memória de um tempo difícil. É nessa época que museus, arquivos e grupos isolados, entre outros, começam a assumir o direito de registrar as suas trajetórias.

Porém, somente no início dos anos 1990 ela passou a ter uma expressão mais significativa com a multiplicação de seminários e a incorporação pelos programas de pós-graduação de história e com os cursos voltados para a discussão de Fontes Orais. Além disso, contatos com pesquisadores estrangeiros e com programa de reconhecido mérito internacional, deram início a seminários e criaram condições para debates e a troca de experiências, a criação da Associação Brasileira de História Oral, em 1994, e as publicações de seu Boletim que estimulam a discussão entre pesquisadores da história oral em todo país.

Nos três grandes encontros realizados no país em período recente – II Encontro Nacional de História Oral no Rio de janeiro em 1994, o I Encontro Regional da Região Sul Sudeste – São Paulo/Londrina, 1995, e o III Encontro Nacional – Campinas, 1996, foram apresentados trabalhos temáticos com a participação de pesquisadores, estudantes, doutores e demais membros da academia, que demonstraram um quadro animador para a História Oral no Brasil. Na Bahia, em 2003, foi realizado o II Encontro Norte Nordeste da Educação, sob a coordenação do grupo História Oral da Professora Yara Ataíde.

Segundo AMADO e FERREIRA, (2006) são três as principais posturas a respeito do *status* da História Oral: a primeira advoga a História Oral como técnica; a segunda a História Oral como disciplina e a terceira a História Oral como metodologia.

História oral como técnica – interessam as experiências com gravações, transcrições e conservação de entrevistas, e o aparato que o cerca; tipos de aparelhagem de som, formas de transcrição de fitas, modelos de organização de acervo etc...

História Oral como disciplina - os que postulam a História Oral como disciplina partem de uma idéia fundamental: a História Oral inaugurou técnicas específicas de pesquisas, procedimentos metodológicos singulares e um conjunto próprio de conceitos; este conjunto, por sua vez, norteia as duas outras instâncias, conferindo-lhes significados e emprestando unidade ao novo campo de conhecimento.

História Oral como metodologia – nesta condição a História Oral apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho – tais como os diversos tipos de entrevista e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho – funcionando como ponte entre a teoria e a prática.

Partindo do material encontrado no Acervo do Professor Humberto de Argollo e utilizando a História Oral Temática como metodologia, estruturei o estudo do meu objeto de pesquisa, com entrevistas gravadas, transcrevendo, analisando e relacionando-as com a bibliografia e o material impresso sobre o IRDEB, o meu campo de trabalho.

Os depoimentos obtidos a partir do testemunho oral deram-me informações que não seriam encontrados em trabalhos escritos. Dessa forma, possibilitou-me esclarecer trajetórias da instituição que não seria possível obter através de outras fontes, pois, segundo MIKKA e outros, citados por Amado e Ferreira, (2006, XIV) “o uso sistemático do testemunho oral possibilita à história oral esclarecer trajetórias individuais, eventos ou processos que às vezes não têm como ser entendidos ou elucidados de outra forma”.

Ao utilizar História Oral como metodologia, parti do princípio que esta é uma história do tempo presente, numa perspectiva temporal por excelência, onde a memória do entrevistado é constantemente revisada dando um toque especial ao depoimento, numa constante relação entre escrita e oralidade, memória e história ou tradição oral e história, dando uma característica singular na geração de depoimentos que são os diálogos entre entrevistador e entrevistado, entre sujeito e objeto de estudo.

Em muitos casos, as fontes orais dão informações de povos iletrados ou oprimidos, os que não têm voz na sociedade ou não podem transmitir suas histórias através de fontes escritas. No meu objeto de estudo, os sujeitos não se situam nesta classificação, pois são dirigentes, funcionários, ou alunos de uma instituição de educação à distância, porém, em alguns momentos senti nas suas falas, queixas, sentimentos de tristezas com relação ao novo rumo dado à instituição, melancolia por algumas situações que viveram e não mais retornarão. Através dessas entrevistas, puderam revelar esses sentimentos que, durante muito tempo, estavam esquecidos ou talvez guardados e que puderam ser revelados com esses depoimentos.

Para atingir o objeto da minha pesquisa, que é o ensino à distância através do rádio e a análise dos programas radiofônicos, optei pelo método de História Oral Temática que, segundo Bom

Meihy, (2007, p. 38) “o caráter documental decorrente das entrevistas é o cerne deste ramo”. A História Oral Temática, apesar de subjetiva, é passível de confrontos a partir de datas, fatos nomes e situações e são formuladas através de documentação, embora tenha um caráter social.

Na elaboração dos questionários de pesquisa, tive o cuidado de escolher questões pertinentes a cada entrevistado, dado aos cargos ocupados e a época em eles trabalharam na instituição e tomar conhecimento sobre os fatos ocorridos no IRDEB, durante o período estudado.

Segundo Bom Meihy, “além da caracterização do colaborador – quem é, onde estava na circunstância do evento, o que viu, ouviu, contou -, é crucial saber como se porta em face de outras versões” (2007, p. 39). Durante as entrevistas, procurei conhecer melhor os entrevistados, me informando sobre o que faziam além de trabalhar na instituição, sua visão do contexto social e político da sociedade no período em que trabalharam no IRDEB, como vêem o rumo que a instituição tomou, e o que estão fazendo atualmente. Desta forma, tentei montar um perfil dos meus entrevistados, não apenas no que se refere à instituição, mas também sobre sua visão de mundo.

Esta dissertação está assim estruturada: Introdução, onde descrevo o processo utilizado para a elaboração da fundamentação teórica e metodológica, uma descrição sobre os entrevistados e os caminhos que percorri para formular minha rede de informantes. No Capítulo I, Histórico da Educação de Adultos no Brasil, analiso a situação da educação de adultos no Brasil no período colonial, imperial e início da república, quando não havia uma política específica de educação voltada para os adultos pois era confundida por educação popular, faço uma análise das campanhas para erradicação do analfabetismo no Brasil, a partir da década de 1940, quando a alfabetização torna-se uma questão nacional, devido a constatação do alto índice de analfabetos no país, principalmente entre jovens e adultos;

No Capítulo II, O Movimento de Educação de Base (MEB) no Contexto dos Movimentos de Cultura Popular na Década de 1960, faço um pequeno histórico da implantação do sistema radiofônico no Brasil e das diversas experiências de educação de adultos através do rádio na Bahia; traço um pequeno histórico do MEB que iniciou a educação radiofônica na Bahia, através da alfabetização de adultos pelo rádio com uma proposta de conscientização política dentro da ideologia vigente na época, juntamente com outros movimentos de cultura popular surgido neste período, tendo sua ideologia modificada durante a Ditadura Militar e encerrado na Bahia pelos próprios militares.

No Capítulo III - A Educação Radiofônica na Bahia através do SERTE/IRDEB - inicio com uma análise da década de 1960, período de muitas mudanças políticas, sociais e econômicas ocorridas no Brasil e na Bahia que propiciou o surgimento de vários movimentos em prol da educação; analiso o funcionamento do Curso de Madureza Ginasial através do SERTE em convênio com o MEC e a SEC Bahia com a finalidade de preparar os alunos para o Exame de Madureza Ginasial com aulas radiofônicas; a transição do SERTE para SES depois IRDEB; a instalação do Projeto Minerva; as aulas para o Supletivo de 1º e 2º Grau analisando o material impresso utilizado nestes cursos,os scripts para a veiculação das aulas radiofônicas; o funcionamento das telesalas onde o telealuno tinha aulas presenciais apoiados por um Orientador de Aprendizagem (O.A.), acompanhando as aulas pelo rádio e pelas apostilas produzidas no próprio IRDEB.

Nas Considerações finais faço um comentário sobre os caminhos traçados para o IRDEB pela nova direção do instituto, bem como sua transferência para a Secretaria de Cultura e as propostas para as Rádios FM e OC.

1- **HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE ADULTOS NO BRASIL**

1.1- EDUCAÇÃO DE ADULTOS / EDUCAÇÃO POPULAR

Sempre que falamos em educação de adultos pensamos a que clientela devemos atingir. A chamada "educação de adultos" não estava vinculada àquele que já freqüentou os cursos fundamental e médio ou uma faculdade e queria voltar aos bancos escolares para aperfeiçoar os seus estudos, numa visão de educação como processo permanente, mas sim ao adulto que, por vários motivos, não foi alfabetizado ou não concluiu os seus estudos quando criança. É para essas pessoas que se destinavam os cursos de Educação de Adultos oferecidos pelo Estado, majoritariamente advindas das classes trabalhadoras.

Por esta razão, durante muitos anos a Educação de Adultos foi identificada como 'educação popular" porque estava voltada para aqueles que tinham sido excluídos do processo educativo regular e formal, na sua seletividade interna – ou seja – o "povo", pessoas de menor renda, cujas tarefas de sobrevivência – suas e de seu grupo familiar – encurtaram sua permanência na escola. Assim, Educação de Adultos foi identificada como Educação Popular "devido à conotação classista de seletividade do nosso sistema de ensino." [2].

Numa sociedade onde o código de leitura se impunha em todos os setores fazendo com que o indivíduo iletrado se sentisse a margem desta sociedade, considerava-se a alfabetização vital para o seu progresso e o indivíduo que não dominava esses códigos, um inculto, além de responsável pelo atraso cultural do país - negando-se deste modo os conhecimentos adquiridos oralmente, na prática diária, ou mesmo aprendidos de uma geração a outra. Neste contexto, "a alfabetização surge, pois, como possibilidade de desenvolvimento individual, no sentido de eliminar a marginalização, pois marginal seria aquele que não tem condições de se integrar no seu meio". [3]

As discussões em torno da educação de adultos reacenderam após a Segunda Guerra Mundial com a constatação do grande contingente de analfabetos existentes no Brasil, principalmente entre jovens e adultos. Essa educação era mais ampla que apenas a alfabetização pois educar um adulto não seria apenas levá-lo a identificar os códigos lingüísticos, para que este

[2] PAIVA, 1987, P.16
[3] DI ROCCO, 1979, P.13

simplesmente lesse os letreiros dos ônibus, as bulas de remédios, assinasse seu nome nos documentos de identificação ou coisa semelhante. A educação de adultos deveria formar um indivíduo consciente dos seus direitos e deveres, também cidadão participante dos problemas relativos ao seu país. Para isso, a educação deveria ser mais abrangente, com aquisição de elementos fundamentais de formação, de princípios que conduzissem o adulto a compreender o mundo em que vivia, sabendo utilizar os conhecimentos necessários à sua própria sobrevivência. É a partir deste contexto que a UNESCO cria as expressões "Educação Fundamental" ou "Educação de Base" logo após a sua fundação em 1945. Segundo estudiosos da história da educação de adultos,

> "O objetivo da educação de base ou educação fundamental é capacitar o indivíduo, todos os indivíduos, com recursos essenciais para a participação no mundo, a fim de aprimorar-lhe as condições de vida". (DI ROCCO, 1979).

Para compreendermos o processo de educação voltada para o adulto, devemos nos transportar ao início da colonização do Brasil, quando a educação estava sob a responsabilidade dos padres Jesuítas com a finalidade de difundir a fé católica na colônia, e ensinar a língua portuguesa aos indígenas, tornando-os *dóceis e fáceis* de serem colonizados pelos portugueses, representando assim o lado espiritual da conquista do Novo Mundo. Os Jesuítas deram preferência à educação das crianças, pois seria a forma mais eficaz de chegarem aos adultos. As práticas educativas destinadas à educação dos adultos tinham a função de alfabetizá-los e ensinar-lhes a língua portuguesa com vista à sua conversão – catequese, dando-se no conjunto das práticas desta ação

Com o decorrer da colonização, a educação do adulto indígena perdeu sua finalidade e o próprio processo econômico instalado pela coroa portuguesa no Brasil, não necessitava de investimentos do Estado na educação dos adultos, mesmo entre os portugueses e seus descendentes que viviam na colônia, pois para as atividades aqui existentes, o processo de letramento era desnecessário. Além disso, grande parte da mão-de-obra utilizada na colônia era de escravos africanos que não tinham direito à escolarização.

Em 1759, os Jesuítas foram expulsos de Portugal e de suas colônias, inclusive do Brasil, pelo Ministro de Estado Marquês de Pombal, que tornou obrigatório o uso da língua portuguesa na Colônia e empreendeu uma série de reformas para "adaptar aquele país e suas colônias às

transformações econômicas, políticas e culturais que ocorriam na Europa” [4]· No Brasil foram instituídas as aulas de Primeiras Letras e as aulas Régias, isto é, aulas avulsas de latim, grego, filosofia e retórica, em que os próprios professores, nomeados, organizavam os locais de trabalho e quando as aulas estavam funcionando, eles requisitavam do governo o pagamento pelos trabalhos de ensino – garantidos na letra pela instituição do subsídio literário. Porém, não havia nada específico para a Educação de Adultos na concepção hoje praticada.

Com a chegada de D. João e da Corte Portuguesa em 1808, fugida das tropas Napoleônicas que invadiram Portugal, a cultura e a educação ganharam nova estrutura. Para sediar a Corte, algumas mudanças foram realizadas no Rio de Janeiro como a criação da Imprensa Régia (1808), a Biblioteca Pública (1810), o Jardim Botânico (1810), o Museu Nacional (1818) o primeiro jornal, A Gazeta do Rio de Janeiro, (1808) a prioridade da educação nessa fase, deu-se em função das elites com cursos isolados, de nível superior, para servir ao Exército e à Marinha, em função da defesa militar. Outro objetivo da educação foi atender ao serviço público com bons burocratas, a defesa militar, principalmente com médicos e engenheiros e visando o desenvolvimento econômico, foram formando técnicos em economia, agricultura, química desenho técnico sendo criados para isso, cursos no Rio de Janeiro e na Bahia. [5]

A implantação do Império pouco alterou o sistema de ensino que permaneceu fortemente marcado pela tradição literária e humanista fundada pelos jesuítas. Entretanto, as idéias iluministas começaram a penetrar na cultura brasileira sobre a influência das lojas maçônicas e da Revolução Pernambucana de 1817. Neste período, há a dúvida do Estado em assumir a educação como seu dever ou dar ampla liberdade à iniciativa privada.

A idéia de implantação do ensino primário para todos os cidadãos começa a se formar já nas discussões dos Constituintes de 1823 e na própria Constituição de 1824 quando os ideais liberais ganham força no cenário político brasileiro e, “na verdade, nada mais representam do que a dimensão educacional das formulações liberais que prevalecem no país neste período.” [6]
A Lei de 15 de outubro de 1827 determinava “a criação das escolas de primeiras letras que fossem necessárias em todas as cidades vilas e lugarejos mais populosos do país” [7] o que não se constituiu devido a problemas sociais e econômicos. Além dessa lei, nenhuma outra sobre Educação Popular foi promulgada no Brasil durante o Império.

[4] GHIRALBELLI JR. 2006. P. 26
[5] GUEDES, P. 5
[6] BEISIEGEL, 1974
[7] Id, p.6

Com o desenvolvimento econômico do Brasil durante o Império surge a necessidade de criação de escolas para adultos que passam a ser instaladas nas províncias. A Constituição de 1824 estabelecia eleições indiretas e o voto censitário, ou seja, para votar e ser votado, o cidadão deveria possuir uma determinada renda anual e isto já excluía parte da população.

Ainda no Império, Rui Barbosa foi o redator do projeto de lei que instituía o voto direto, porém, propunha a condição de ser alfabetizado para participar do processo eleitoral. Esse projeto demonstra a:

> intencionalidade de exclusão dos negros, ex-escravos (analfabetos na sua grande maioria tendo em vista a proibição explícita de sua freqüência à escola e, mesmo pela existência da lei e na prática, uma política de escolarização dos "ingênuos"[8]), da cidadania ativa.[9]

Rui Barbosa sofreu crítica de José Bonifácio[10] que o considerava conservador, portando e contrariando os princípios do Partido Liberal, partido ao qual Rui Barbosa integrava, pois restringia a participação do eleitorado, na medida que excluía 80% da população, criando uma "casta" na população, da nação brasileira; ao desnacionalizar as massas ativas, este projeto estaria condenando ao "hilotismo político"[11] as mesmas massas. Em defesa de sua proposta, Rui Barbosa proferiu um discurso em 10 de julho de 1879, na Câmara, como resposta a José Bonifácio e uma justificativa para este projeto bem como a necessidade da aprovação da Eleição direta sem que houvesse a convocação de uma constituinte.

Para Rui Barbosa a dualidade do sufrágio enfraquecia a ação popular; no entanto, para estabelecer o voto direto considerava necessário qualificar o eleitor. Assim, defendia o ensino universal antes do sufrágio universal, argumentando que a consciência da própria condição do indivíduo é dada pela leitura. Para ele é a leitura que forma o cidadão e, como ler é o meio de aprender, infere ele que, onde está o instrumento aquisitivo da capacidade, aí estaria a capacidade. Desta forma, o analfabeto estaria incapacitado para os negócios do Estado. Por conta desta condição, propõe a retirada de todo o eleitorado primário e estabelece a eleição direta, reduzindo o eleitorado a menos de 4% da população brasileira, sendo um governo de minoria ilustrada e letrada.[12] Por outro lado, Rui Barbosa não deixa claro que os excluídos são

---

[8] Ingênuos - no Brasil, no fim do século XIX, designação dos filhos de escravos nascidos após a Lei do Ventre Livre (1871). Grande Dicionários Larousse Cultural da Língua portuguesa, 1999, p. 525.
[9] MENEZES p. 26
[10] Deputado por São Paulo, liberal e abolicionista, professor da Faculdade de Direito de São Paulo.
[11] Referência aos "hilotas" que não participavam da democracia grega. Menezes, p. 29.
[12] Menezes, 2003, 26

exatamente os negros libertos e seus descendentes, pois os escravos não tinham acesso à condição de eleitor.

A "Lei Saraiva"[13] conforme foi denominada a Reforma, eliminava o voto indireto, mantendo o voto de qualidade com base numa renda anual, estabelecia a condição de ser alfabetizado para participar do processo eleitoral e instituía o título eleitoral. Com esta lei, as camadas médias que, em sua maioria não eram alfabetizadas, começaram a sentir a necessidade de se instruir para participar do processo eleitoral, visto que, a instrução era um elemento novo utilizado como justificativa para excluí-los desse processo. Porém, os ex-escravos permaneceram fora do processo eleitoral, visto que em sua maioria eram analfabetos, pois não era permitido o acesso dos mesmos à escolarização.

A Constituição Republicana de 1891 eliminou a renda como critério de qualificação do eleitor, mas manteve a proibição do voto ao analfabeto. O fim do Império e a instalação da República no Brasil, não alteraram o quadro de analfabetismo, pois nenhuma nova medida foi tomada nesse sentido. A partir da abolição, os ex-escravos que representavam as camadas mais pobres do país, permaneceram sem acesso à educação e, apesar de livres não lhes foi dada nenhuma condição de sobrevivência numa sociedade que foi estruturada pelas elites, por e para os brancos. O próprio trabalho agrícola passa a ser executado por imigrantes europeus assalariados, cabendo ao negro os trabalhos mais inferiores dentro desta nova sociedade que se forma, ainda que se intitule democrática.

A Primeira Guerra Mundial acarretou mudanças no panorama político do Brasil e a preocupação com o sistema educativo volta à cena, envolvendo os principais profissionais da época A precariedade do ensino é reconhecida e considerada como responsável por grande parte dos problemas do país, iniciando-se várias campanhas contra o analfabetismo no Brasil. Neste período, a Educação de Adultos é confundida com Educação Popular.

Ainda em função das mudanças ocorridas com a Primeira Guerra, cresce no Brasil uma necessidade de nacionalização do ensino e um movimento contra as escolas estrangeiras do sul do país. Nessa fase, os grupos industriais - urbanos vêm na alfabetização uma forma de

[13] O Decreto nº 3.029, de 9 de janeiro de 1881, que teve como redator final o Deputado Geral Rui Barbosa, também ficou conhecido como "Lei Saraiva". Deveu-se tal denominação à homenagem feita ao José Antônio Saraiva, Ministro do Império, que foi o responsável pela primeira reforma eleitoral do país.

ampliar suas bases eleitorais nas cidades, o que vem de encontro às elites agrárias que ainda dominavam o país e temiam que a alfabetização prejudicasse seus *currais eleitorais.*

Em resposta às novas necessidades da população urbana do país, devido ao desenvolvimento da indústria, comércio e dos serviços foram criadas as ligas de combate ao analfabetismo, como a Liga Brasileira contra o Analfabetismo nascida no Clube Militar do Rio de Janeiro em abril de 1915 tendo como objetivo, promover "um movimento vigoroso e tenaz contra a ignorância visando a estabilidade e a grandeza das instituições republicanas". [14] Um dos objetivos dessa Liga era se esforçar para que até a data do Centenário da Independência, o Brasil estivesse livre do analfabetismo para não parecer no contexto mundial como um país de analfabetos, condição considerada uma vergonha nacional. Na visão do Médico e Cientista Miguel Couto, da Academia de Medicina do Rio de Janeiro:

> [...] o analfabeto é um microcéfalo : a sua visão física estreitada, porque embora veja claro, a enorme massa de noções escritas lhe escapa: pelos ouvidos passam palavras e idéia como se não passassem; o seu campo de percepção é uma linha, a inteligência, o vácuo: não raciocina, não entende, não prevê, não imagina, não cria. (PAIVA, 1978, p.99).

Esta visão do analfabeto como um deficiente, torna-se consenso entre os intelectuais e políticos da época que passam a considerar a educação com uma "ação humanitária", devendo os órgãos governamentais e vários setores da sociedade se empenhar em extirpar essa "doença" que se alastra pelo país.[15]

Com esse ideal humanitário, surgem, nessa época, outras ligas contra o analfabetismo tais como a Liga Nacionalista de São Paulo e, na Bahia, em 1916, Cosme de Farias, Isaías Alves e outros criaram a Liga Baiana contra o Analfabetismo, mantida por Cosme de Farias a vida toda.

O Art. 1º do estatuto da Liga Baiana contra o Analfabetismo especifica sua atuação:

> ... criada e implantada nesta Capital, a 12 de outubro de 1916, tendo o seu campo de ação em todo o Estado, se destina, especialmente, a combater, por todos os meios, a situação dos analfabetos e, como imediata conseqüência dessa aspiração, a difundir pelas classes populares os primeiros e indispensáveis conhecimentos da instrução primária elementar, que se trate de crianças quer de adultos. (ESTATUTO DA LIGA BAHIANA, 1916, P. 2).

[14] PAIVA, 1978.p.96,97

[15] Esta visão, no entanto, deixa de considerar os conhecimentos adquiridos oralmente. Como sobrevivem e sobreviveram as sociedades sem escrita? E a cultura passada de uma geração a outra? No Brasil colonial e no Império, grande parte da elite agrária não era alfabetizada, será que esses donos de grandes propriedades rurais e minas de ouro, que não conheciam os códigos lingüísticos se enquadrariam também nessa classificação do Dr. Miguel Couto? Entretanto, sabe-se que, quanto mais complexa a sociedade há mais necessidades em conhecer os códigos lingüísticos e, no Brasil do início do século XX, esta necessidade já começa a ser um fator primordial ao desenvolvimento da nação.

A Liga Baiana contra o analfabetismo, personificada na figura do Major Cosme de Farias, foi pioneira no acesso à educação popular, na cidade de Salvador, quase meio século antes da ampliação das escolas públicas. Seu início deu-se com a Campanha do ABC, criada pelo Major em 1892 que, com seu ideal humanitário, organizou e manteve aproximadamente 200 escolas para jovens e adultos com a distribuição gratuita de milhares de exemplares de cartas do "ABC" (cartilhas) e material escolar. [16]

Liga Baiana pode ter sido responsável pela inauguração da primeira escola pública destinada à Educação de Adultos e pela campanha de uniformização do livro didático para melhoria da qualidade de ensino. Com o seu entusiasmo o Major Cosme de Farias conquistou a comunidade e ganhou adesões de instituições como o Colégio Ipiranga, tradicional instituição privada que abriu as suas portas para cursos gratuitos destinados a adultos analfabetos. [17]

O próprio Major escrevia sua Carta do ABC com hinos patrióticos (ao Dois de Julho, à Bandeira, o Nacional), trovas de lavra própria como Versos à infância e destaque de personalidades baianas (médicos, militares, juristas, professores primários, escritores, vultos históricos), em detrimento das personalidades estrangeiras comuns ainda hoje nos livros brasileiros. Além disso, inovou com a primeira cartilha, composta de 30 páginas, ao adotar uma nova técnica onde o estudante soletrava para formar palavras que, interligadas entre si, compunham uma frase completa. Um exemplo: "ga-to"/ "pe-ga"/ "ra-to" originava "Gato pega rato".

O Major Cosme de Farias lutou contra o analfabetismo durante toda sua vida quase sempre utilizando recursos próprios ou doações de particulares, raramente recebeu ajuda do governo, que durante os primeiros anos do século XX pouca contribuição deu para a Educação de Adultos no Brasil. [18]

Os ideais de liberalismo estabelecidos durante o processo de instalação da República no Brasil, logo nos primeiros anos do governo republicano, foram derrubados pelas elites agrárias do país que instalaram o governo oligárquico denominado pelos historiadores de República do café-com-leite. Nesse período, que permaneceu até a Revolução de 1930, pouco se investiu na Educação de Adultos, com exceção da "Reforma João Alves, decreto 16.782-A, de 13/01/1925, art. 27, que previu o ensino para adultos". (DI ROCCO, 1979, p. 43). Pelo princípio federativo, cada Estado deveria organizar sua própria estrutura para o ensino

[16] HTTP://pt.wikiped.org.wik/cosme_de_farias, acesso em 29-06-2010
[17] Id. Acesso em 29-06-2010
[18] Id. Acesso em 29-06-2010

fundamental, razão pela qual as Constituições brasileiras não tratavam da Educação de Adultos em especial, sendo exceção a Constituição de 1934 que apresentou o ensino primário como obrigatório para crianças e adultos:

> o plano nacional de educação " a ser fixado, coordenado e fiscalizado em sua execução pelo Governo Federal, deveria incluir, entre as normas, o "ensino primário integral gratuito e de freqüência obrigatória extensivo aos adultos. (art. 150, parágrafo único, a).

Esta Constituição foi substituída pela de 1937, não havendo assim, consolidação desta determinação.

1.2-ANÁLISE DAS DIVERSAS CAMPANHAS PARA ERRADICAÇÃO DO ANALFABETISMO NO BRASIL

A partir da Revolução de 1930 vários fatores levaram a modificações na estrutura educacional brasileira. Neste ano foi criado o Ministério de Educação e Saúde Pública e em 1938 o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, no mesmo Ministério. A educação de adultos torna-se um problema nacional. As novas estruturas sócio-econômicas que se formam, urbano-industrial contrapõem-se a elite agro-exportadora e exige a escolarização da população para maior participação no novo cenário político e econômico que se forma no país.

A constatação do alto índice de analfabetismo no país passa a preocupar as autoridades e pode ser constatada a partir de dados encontrados no censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE de 1940.

Tabela 1

ANALFABESTIMO NO BRASIL EM 1940

POPULAÇÃO DE MAIS DE 15 ANO	ANALFABETOS DE MAIS DE 15 ANOS	ANALFABETISMO %	POPULAÇÃO DE 15 A 39 ANOS	ANALFABETISMO DE 15 A 39 ANOS	Analfabetismo %
23.639.769	13.279.899	56%	16.515.300	8.937.282	54%

Fonte: Censo Demográfico de 1940. Apud di Rocco 1979, p. 85

A análise desses dados nos revela que mais de 50% da população adulta não era alfabetizada e isto os excluía das novas relações de trabalho no país, que exigia uma melhor formação do trabalhador, o que significava criar condições desenvolvimentistas. Neste novo contexto, a

educação de adultos toma também uma dimensão social. Preocupado em resolver o problema do analfabetismo no Brasil, o governo federal inicia, a partir da década de quarenta, uma série de campanhas em prol da sua erradicação no país. Segundo Di Rocco (1979, p. 45) as principais campanhas são:

QUADRO 1

DATA	CAMPANHAS
De 1947 a 1963	Campanha de Educação de Adultos e Adolescentes
De 1952 a 1963	Campanha Nacional de Educação Rural
De 1958 a 1963	Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo
De 1962 a 1963	Mobilização Nacional contra o Analfabetismo
De 1961	Movimento de Educação de Base MEB
De 1963 a 1964	Comissões de Cultura Popular e o Programa Nacional de Alfabetização
De 1967 a 1985	Movimento Brasileiro de Alfabetização

Fonte: DI ROCCO, obra citada.

Ainda segundo Di Rocco, a primeira campanha de âmbito nacional para erradicação do analfabetismo teve início em 1947, através da Portaria do Ministério da Educação nº 57, de 30/01/47, a qual criava no Departamento Nacional de Educação, o Serviço de Educação de Adultos. Paralelo a isso, foi instituído o Fundo Nacional de Ensino Primário, FNEP, cujos recursos destinavam-se a ampliação do sistema escolar primário e, destes 25% seriam destinados à educação de jovens e adultos. Outros setores também tomaram consciência da importância da alfabetização. Após a Consolidação das Leis do Trabalho, passou-se a exigir que o menor, ao tirar a carteira de trabalho "fizesse prova de saber, ler, escrever e contar, ou, então, seria estabelecido um prazo para apresentação do certificado de matrícula e freqüência à escola primária, dando assim oportunidade de aprimoramento intelectual". (Di Rocco, 1979,p.46)

Com o objetivo de utilizar os 25% do FNEP em favor da educação de adultos, Lourenço Filho idealizou, em 1947 a Campanha de Educação de Adultos e Adolescentes como o lema "ainda que por amor às crianças é que devemos educar os adolescentes e adultos"[19]

[19] DI ROCCO, 1979, p.46

Apesar de não ter um caráter permanente e precisar de portarias a cada ano para sua prorrogação, a Campanha obteve num curto espaço de tempo, bons resultados e, já no segundo ano de sua existência:

> [...] todas as unidades da Federação já haviam criado e vinham mantendo em funcionamento um órgão especialmente dedicado à administração de ensino supletivo. A Delegacia Estadual de Educação de Adultos do Estado da Bahia foi criada pela portaria de 3 de dezembro de 1947. (BEISIEGEL, 1974 P 119).

Para Lourenço Filho, idealizador da primeira Campanha, ela foi vitoriosa, pois conseguiu a elevação da taxa de alfabetização, houve a instalação de inúmeras classes de educação de adultos, a evasão diminuiu e a aprovação alcançou a média de 50%. Apesar de ter sido considerada bem sucedida, a campanha deu ênfase à população das cidades, pois o governo estava preocupado com o crescimento da população urbana, em elevar o nível dos trabalhadores das cidades e aumentar o número de eleitores.

Comparativamente, nesse período, a Bahia encontrava-se com o maior número de alunos fora dos estabelecimentos escolares em relação a outros estados brasileiros e com um alto índice de analfabetismo, conforme demonstrado nos dados do censo demográfico de 1940, realizado pelo IBGE.

TABELA 2: grau de alfabetização na Bahia, 1920 e 1940

ANOS	1920		1940	
GRAUS DE ALFABETIZAÇÃO	NÚMEROS	%	NÚMEROS	%
SABEM LER E ESCREVER	516.306	26,9	1.639.347	28,3
NÃO SABEM LER E ESCREVER	1.397.722	73,1	612.447	71,6
SEM DECLARAÇÃO		0	1.958	0,1
TOTAL	1.914.028	100,0	.223.752	100,0

Fonte SEPLANTEC/CEI – Projeto Memória da Educação na Bahia – 1920 a 1980 (não publicado)

Dados básicos: Censo demográfico de 1920, 1940. (Adaptado de MENEZES e BARRETO, 2005/2006)

Observe-se que 73,1% da população do estado da Bahia no ano de 1920, não sabiam ler nem escrever constatando-se uma pequena redução destes percentuais para o ano de 1940, década em que se inicia a Campanha de Educação de Adultos. Diante deste quadro, a Bahia foi contemplada com 1.600 unidades escolares de ensino supletivo, superando os estados de São Paulo e Minas, apesar destes serem os estados mais populosos do Brasil.

Neste período, o Ministério da Educação através do seu Ministro Clemente Mariani, se responsabilizava em fornecer material didático para os alunos, pagamento de gratificação por *pro labore* para os professores, tendo todo apoio da Secretaria de Educação e Saúde do Estado da Bahia e dos prefeitos dos municípios contemplados. Esta Campanha foi considerada bem sucedida, visto que o índice de analfabetismo diminuiu a partir dos anos seguintes, como mostra os dados do censo demográfico de 1950, realizado pelo IBGE.

Tabela 3: Grau de alfabetização na Bahia 1950

Graus de alfabetização	Número	%
Sabem ler e escrever	908.411	33.1
Não sabem ler e escrever	1.829.570	66,7
Sem declaração	3.492	0,2
Total	2.741.473	100,0

Fonte SEPLANTEC/CEI – Projeto Memória da Educação na Bahia – 1920 a 1980 (não publicado)

Dados básicos: Censo demográfico de 1920, 1940. (Adaptado de MENEZES e BARRETO, 2005/2006

De acordo com a análise feita por Di Rocco, por esta Campanha não atingir ao homem do campo foi criada a Campanha Nacional de Educação Rural, que passou a funcionar em paralelo à Campanha de Educação de Adultos e Adolescentes. Sendo aprovada pelo Ministério da Educação, em 09/05/1952, tendo como objetivo levar a Educação de Base ao meio rural, influenciada pelas idéias difundidas pela UNESCO, "no sentido de que a alfabetização não é em [suficiente] si mesma. Melhor que simples alfabetizar, seria dar condições mínimas para que os indivíduos se desenvolvessem e atuassem no seu meio."[20]. Essa Campanha funcionava através de projetos, permitindo a descentralização, os recursos eram provenientes de verbas consignadas em orçamento anual e por doações.

Por serem constantemente substituídos os seus realizadores, essas Campanhas iam perdendo a sua motivação inicial criando condições para o surgimento de outras Campanhas que funcionavam paralelamente às anteriores. Desta forma, em 1958 instalou-se a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, que tinha os mesmos objetivos das anteriores, tendo apenas características diferentes no que se refere às suas lideranças. Esta Campanha estava subordinada diretamente ao Ministro da Educação, demonstrando o interesse pela

[20] Di Rocco, 1979, p. 50

erradicação do analfabetismo durante o governo do Presidente Juscelino Kubitscheck de Oliveira, dando ênfase às metas desenvolvimentistas deste período.

A Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo estabeleceu um Plano Piloto cujos objetivos podem ser resumidos da seguinte forma: mostrou a necessidade de desenvolvimento cultural do Brasil; salientou a importância de se educar para o presente e para o futuro eliminando os objetivos vigentes no passado, agora a alfabetização não seria mais um fim em si mesma; o analfabetismo era um entrave para o desenvolvimento, "uma vergonha nacional"; procurar conhecer as causas sociais e econômicas para a continuidade do analfabetismo, para dar orientação científica aos trabalhos; partiria de uma análise da realidade para estabelecer métodos de trabalho e processos de avaliação, para aplicação em massa e em curto prazo; a verba seria usada para a criação de Centros Pilotos criados em cada uma das regiões geográfica como a exemplo o primeiro na cidade de Leopoldina em Minas Gerais; educadores de todas as outras regiões deveriam ir a Leopoldina para acompanhar a instalação e o desenvolvimento dos trabalhos.[21]

Em 1958, o Decreto nº 47.251 organizou as campanhas existentes dando-lhes uma estrutura administrativa, área de atuação, recursos orçamentários e seus objetivos que, em linhas gerais, foram os seguintes: a Campanha de Educação de Adultos e Adolescentes tinha como propósito elevar o nível cultural do povo brasileiro, com aproveitamento da radiodifusão; a Campanha Nacional de Educação Rural voltava-se para o trabalhador do campo, dando atenção ao professor; Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo desempenharia suas atividades nas áreas municipais, utilizando o material das outras campanhas. Essas três Campanhas passaram a formar um só movimento de erradicação do analfabetismo de cunho federal, endereçadas às mais diversas áreas, coordenados pelo Ministério da Educação, com recursos federais consignados, no orçamento da República. [22]

Em junho de 1963 foi publicada a Port. MEC nº 182 de 28/06/63, iniciando em Brasília a Comissão de Cultura Popular, presidida por Paulo Freire, então Professor da Universidade de Recife, que vinha desenvolvendo um trabalho de Educação de Adultos em Pernambuco, com grande repercussão nacional. Em janeiro de 1964 "seria assinado o Decreto nº 53.465, publicado a 22/01/64, instituindo Programa Nacional de Alfabetização, que deveria adotar o

[21] Di Rocco, 1979, p. 54
[22] Id. 1979, p. 58.

Sistema Paulo Freire, com o apoio do Ministério da Educação". O governo militar, através da Port. nº 207/64, publicada em 13 de abril, extinguiu a Comissão de Cultura Popular. [23]

No curto período de governo do Presidente Jânio Quadro, foi oficializado através do Decreto nº 50.370, de 21/03/61, o Movimento de Educação de Base – MEB, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, com liberação de verbas para a instalação de 15 mil escolas radiofônicas, em Estados de Norte, Nordeste e Centro Oeste. O MEB sobreviveu ao golpe militar, porém, foi submetido a várias reformas, alterando algumas de suas diretrizes, substituindo professores e elaborando uma nova cartilha (Mutirão) em lugar da anterior (Viver é lutar). O trabalho do MEB e seus desdobramentos serão analisados nos capítulos seguintes.

1.3-A SITUAÇÃO DA EDUCAÇÃO DE ADULTOS NO INÍCIO DO SÉCULO XXI

Apesar das muitas campanhas que o governo brasileiro elaborou com o intuito de erradicar o analfabetismo, ainda não estamos livres desse problema social que, durante muito tempo foi visto como o causador do atraso no desenvolvimento do país. A causa de tantas pessoas chegarem à idade adulta analfabetas está na falta de oportunidades destes em freqüentarem a escola durante a infância, seja pela carência de vagas, ou pelo fato de não conseguirem acompanhar as aulas por motivos que vão desde as dificuldades atreladas ao processo de aprendizagem até a necessidade de entrar no mercado de trabalho ainda criança. Essa parcela da população é na sua grande maioria de afro-descendentes, ocupantes dos postos de empregos com baixos salários, residentes nas invasões, favelas, mocambos ocupando geralmente áreas de riscos, que vão transmitindo para seus filhos as mesmas ou talvez, piores condições de vida que a sua.

O Brasil chegou ao século XXI enfrentando problemas semelhantes ao do início do século XX, uma população de adultos sem dominar os códigos lingüísticos, resultando numa parcela de indivíduos denominados atualmente, de "analfabeto funcional", aqueles que apenas assinam o nome, lê, mas não conseguem interpretar. Os métodos de Educação de Adultos não devem apenas se preocupar em alfabetizá-los, mas torná-los cidadãos conscientes dos seus

[23] DI ROCCO, p.1979, 64-65

direitos e deveres dentro da sociedade em que vive. Era essa a proposta dos MCPs, do MEB e do Projeto Paulo Freire que, com o golpe militar de 64, foram extintos ou tiveram sua ideologia modificada como no caso do MEB e os seus membros presos, exilados, torturados ou mortos.

O governo brasileiro tinha, assim, (como ainda tem) uma grande dívida para com esses adultos que não conseguiram se alfabetizar ou concluir o ensino fundamental e por isso estavam fora do mercado de trabalho formal ou exercendo funções subalternas recebendo salários inferiores.Era preciso não apenas uma campanha para tentar erradicar o analfabetismo, mas uma nova forma de ação dos órgãos competentes, dando início a um projeto que realmente atingisse a população adulta nos seus anseios de conhecimento, considerando suas especificidades como pessoas que já estão no mercado de trabalho, ou seja, o trabalhador estudante, que já traz um conhecimento prévio e uma grande experiência de vida.

2 - O MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO DE BASE (MEB) NO CONTEXTO DOS MOVIMENTOS DE CULTURA POPULAR NA DÉCADA DE 1960

2.1 – A IMPLANTAÇÃO DO SISTEMA RADIOFÔNICO NO BRASIL

Como foi visto, a Educação formal no Brasil enfrenta uma série de situações que por vezes contribuiu para dificultar o acesso da população, principalmente das camadas populares, ao conhecimento. Essas dificuldades são agravadas pela pobreza e pela necessidade de lutar pela sobrevivência, afastando os alunos da escola normal. Para tentar superar tais dificuldades, o governo e organizações da sociedade civil, passaram a utilizar o rádio como instrumento para veicular programas educativos, por este ser um importante instrumento de comunicação no Brasil, tendo em vista que existem milhares de emissoras de rádio no território brasileiro. O rádio é reconhecidamente um instrumento de baixo custo e de fácil manuseio, que facilita a sua utilização por todas as classes sociais.

Sendo a comunicação inerente ao ser humano e um aspecto inevitável do social o homem sempre quis aperfeiçoá-la e não abandonou este objetivo durante séculos. Nesta trajetória foram muitas as conquistas podendo-se destacar a invenção da imprensa em 1450, por Guttenberg, momento em que se acreditou ter alcançado o meio definitivo na comunicação. Porém, esta seria apenas o começo do longo do processo de comunicação à distância.

O homem ultrapassou os limites do seu corpo quando conseguiu mandar a mensagem falada à distância com a criação do telégrafo elétrico por Samuel Morse, em 1884, e do código alfabético nele utilizado. Este invento foi um passo para que Guilherme Marconi viesse a desvendar os mistérios da radioeletricidade, pois:

> as mensagens remetidas por um fio poderiam se enviadas sem esse meio físico, através do espaço. Em 1896 conseguiram enviar sinais à distância de um e dois metros, quando Marconi obteve patente para a exploração de um serviço de radiocomunicação com base em suas experiências. (LOPES, 1970, P. 16)

A preocupação do ser humano com a comunicação revela a sua necessidade de interagir com os diversos grupos e informar e ser informado sobre os acontecimentos que nos rodeiam.Todavia, esse meio também contribuiu para a estabilidade política e unidade das nações e no Brasil, no século XX e a radiocomunicação também foi utilizada, em alguns

momentos da nossa história, por governantes como controle da ordem social e propaganda política.

As pesquisas sobre os meios de comunicação à distância evoluíram a partir do telégrafo por impulso eletro –magnético até alcançarem as comunicações pelas ondas de *hertz*, indo para televisão em seguida com o uso dos satélites artificiais e as viagens interplanetárias. De conquista em conquista o ser humano, com sua perseverança, foi avançando cada vez mais nas pesquisas com a radiocomunicação, mas,

> O termo radiodifusão só apareceu pelas alturas de 1919, mas, em 1906, Reginald A. Fesseden e Ernest F. W. Alexanderson instalaram um alternador de alta freqüência numa estação transmissora em Nova York e no Natal desse mesmo ano fizeram uma demonstração pública com a irradiação de dois discursos, um número de canto e um solo de violino (LOPES, 1970, P.18).

Segundo Perfilino (2009) no Brasil a história do rádio teve início com o padre gaúcho Roberto de Moura Landell, "que em 1892 inventou uma válvula de três eletrodos e com a qual levou sua própria voz à grande distância sem emprego de fios". Porém, a Igreja Católica o considerou "um impostor, que tinha pacto com o diabo" (NETO, 2009, p. 17), tendo o Brasil perdido o direito à patente deste invento tão importante para a comunicação.

Oficialmente no Brasil, as ondas do rádio chegam na década de 1920, num período muito agitado e importante da nossa história, pois em fevereiro de 1922 acontecia a Semana de Arte Moderna, em São Paulo, e em março era fundado o Partido Comunista Brasileiro. Além disso, em setembro comemorou-se o primeiro centenário da Independência do Brasil, e neste mesmo dia, ocorreu a primeira emissão radiofônica oficial do país, com o discurso do Presidente da República, Epitácio Pessoa, durante a exposição comemorativa do referido centenário.[24])

Alguns pesquisadores contestam este fato afirmando que o estado de Pernambuco foi o pioneiro na emissão radiofônica, "quando, em 1919, foram realizadas as primeiras experiências de rádio telegrafia, com captação de sinais com código de Morse" [25].

Como vimos, o Brasil convivia com um alto índice de analfabetismo da população adulta, condição que excluía parte dos indivíduos do processo eleitoral, pois segundo a Constituição de 1891, só poderia votar e ser votado o cidadão que soubesse ler e escrever. Essa situação de analfabetismo entre a população adulta não só excluía o indivíduo do processo político, como também dos quadros de emprego, determinando para grande parcela da população a condição

[24] MOREIRA, 1991, p. 15
[25] Id, 1991, p. 15)

de sub emprego tanto nos centros urbanos, ou nos trabalhos agrícolas, pois o Brasil ainda permanecia um país agro-exportador.

É neste contexto sócio-político do Brasil que surge o rádio no país e como toda nova invenção, inicialmente era caro e estava limitado a uma pequena parcela da população, ou seja,a elite que tivesse poder aquisitivo para mandar buscar no exterior um aparelho transmissor. A grande massa da população não teve acesso a esse benefício durante as primeiras décadas de implantação do sistema radiofônico, pois a programação também não estava voltada para atingir o seu objetivo previsto em seu Art. 3º "levar a cada canto um pouco de educação, de ensino e alegria"[26] . No Brasil, o rádio foi implantado para atingir aos objetivos de intelectuais e cientistas e sua finalidade era apenas cultural e educativa, para uma elite letrada.

Desde a instalação da primeira emissora no Brasil, em 1923, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada por Roquete Pinto, o rádio foi utilizado como instrumento educativo, tendo um papel importante para a sociedade pois, levava informações a localidades cada vez mais distantes e no momento em que o fato estava acontecendo. Em 1936, Roquete Pinto doou ao Ministério da Educação a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, que passou a se chamar Rádio Ministério da Educação, tendo como promessa por parte de Ministro Gustavo Campanela de que iria preservar os ideais educativos da Rádio, iniciando o sistema de Rádio Educativo no Brasil.

Durante a primeira fase da instalação das rádios no Brasil, estas se mantinham com mensalidades pagas pelas pessoas que podiam ter um receptor, por doações de entidades públicas e privadas. As primeiras emissoras funcionavam como "clubes ou associações formadas pelos idealistas que acreditavam na potencialidade do novo meio" [27].

Nesta época, os anúncios, ou seja, os "*reclames*", como eram chamados, eram proibidos pela legislação, e só em 1931, quando o rádio brasileiro já estava comprometido com os "reclames" é que surge o primeiro documento sobre radiodifusão, sendo a publicidade permitida a partir do Decreto nº 21.111, de 1º de maio de 1932, que regulamentou o Decreto 20.047, de maio de 1931. O Decreto de 1932, autorizava a veiculação de propaganda pelo rádio tendo, inicialmente, limitado sua manifestação, a 10% da programação, inicialmente e posteriormente a 20%. Atualmente, está fixada em 25%. Ver ORTRIWANO, 1985, p. 15.

[26] HORTA, ...P.81
[27] ORTRIWANO, 1985, p.

Com a introdução das mensagens comerciais, o rádio passa do erudito, educativo, cultural para transformar-se em popular, voltado ao lazer e a diversão. Os “reclames” são introduzidos entre a programação popular, humorística e outras atrações que vão surgindo durante essa nova fase do rádio no Brasil

Com as mudanças sócio-econômicas ocorridas no Brasil a partir da Revolução de 1930 a expansão do comércio, da indústria e a conseqüente concentração da população nos grandes centros urbanos, os industriais e comerciantes, passaram a ver o rádio como um incentivador para o consumo, pois as propagandas através desse meio eram mais eficientes junto a população do que os jornais, devido ao seu alcance e elevado índice de analfabetos no país.

O aumento da audiência do rádio se deu em razão do barateamento do custo dos aparelhos receptores, pois, em 1932 “já não é impossível comprar um rádio: um aparelho custava em torno de 80$000 e o salário médio de uma família de trabalhadores não ficava longe de 500$000 por mês. (MOREIRA, APUD TOTA, 1991, p.23).

Alcançando cada vez mais um grupo diversificado, os programas radiofônicos começaram a ser mais bem estruturados, os profissionais do rádio passaram a se especializar, formando equipes e os programas do rádio passaram a responder às necessidade coletivas, cumprindo sua função social, enquanto meio recreativo e informativo, manipulador de opinião. Um exemplo desta condição foi a divulgação através do rádio da Revolução Constitucionalista de 1932, em São Paulo, conclamando o povo em favor da causa política.

No governo de Getúlio Vargas foi criado o Departamento Oficial de Propaganda – DOP, em 1930, encarregado de uma seção de rádio que antecedia a “Hora do Brasil”. Em 1934 este órgão foi transformado em Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, surgindo a “A Voz do Brasil”. Durante o Estado Novo, em 1939, foi criado o Departamento de Imprensa e Propaganda - DIP, diretamente ligado à Presidência da República e substituindo o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, tendo a seu encargo a fiscalização e censura não só do conteúdo das programações radiofônicas, como as do cinema, teatro e jornais[28]. Durante o Estado Novo, Getúlio Vargas utilizou o rádio como instrumento de afirmação do seu governo e de controle social, divulgando os seus discursos que atingiam, principalmente, as classes trabalhadoras.

Esse modelo foi importado da Escola de Chicago, nos Estados Unidos, introduzida por Lasswell através da corrente da Mass Communication Research de 1927. Harol D. Lasswell

[28] ORTRIWANO, 1985, p.

publicou o livro Propaganda Techniques in the Word War, extraiu as lições da I Guerra Mundial (1914-1918), que para ele os meios de difusão sugiram como instrumentos indispensáveis para a "gestão governamental das opiniões", partindo do telégrafo e do telefone para o cinema, passando pela rádio comunicação. A propaganda rima com democracia, sendo o único meio de suscitar a adesão das massas, mais econômico do que a violência, a corrupção e outras técnicas de governo desse gênero, podendo ser utilizada tanto para bons como maus fins. Essa visão instrumental consagra uma representação da onipotência da mídia, considerada ferramenta de circulação eficaz dos símbolos. [29]

Lasswell definiu a agenda da pesquisa sobre os meios de comunicação formulando o modelo teórico de "quem diz o que, por que canal, com que efeito?" visando a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, privilegiando a análise dos efeitos da mídia sobre os receptores e as transformações que operam em seus conhecimentos, comportamentos, atitudes, emoções, opiniões atos submetidos a resultados formulados por acionistas preocupados em pôr em números a eficácia de uma campanha de informação governamental, publicitária ou de uma operação de relações públicas das empresas. [30]

A década de 1940 é conhecida como a "época de ouro do rádio brasileiro" quando as diversas emissoras passam a disputar a audiência, atingindo cada vez mais as classes populares. É nesse período que o IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), inicia suas atividades. Vai ao ar a primeira radionovela, "Em busca da Felicidade" em 1942, veiculada pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Começa a fase do radiojornalismo, destacando-se o "Repórter Esso" que inicia suas atividades em 28 de agosto de 1941, com notícias sobre a II Guerra Mundial e dos programas de auditório, com os cantores famosos da época.

A época de ouro do rádio termina com o surgimento da televisão que pouco a pouco conquista os melhores profissionais do rádio e imita a sua programação. O rádio procura uma nova linguagem para concorrer com a televisão, entrando na fase do *vitrolão*, com muita música e poucos programas, as radionovelas são trocadas por noticiários, brincadeiras de auditório, serviço de utilidade pública, atendimentos às necessidades regionais.

Mas é através de um componente eletrônico que o rádio passa a ganhar mais espaço, pois o transistor que permite ouvir o rádio em qualquer lugar, sem ligá-lo à eletricidade aumenta a sua utilidade e sua audiência. Dessa forma as rádios passam a investir no jornalismo ao vivo,

[29] MATTERLART, 1999, p. 36
[30] Id, 1999, p. 40

permitindo que as reportagens fossem transmitidas ao vivo da rua e entrevistas gravadas fora dos estúdios.

Na década de 1960 começam a operar as primeiras FM (Frequência Modulada), fornecendo música ambiente, para assinantes em escritórios, hospitais e residências. As FMs foram responsáveis por uma grande revolução das rádios, com um novo tipo de programação.

Todas essas mudanças pelas quais o rádio passou desde o surgimento da primeira emissora, em 1923, nós dão a dimensão da sua importância como veículo de comunicação, através dos radiojornais e das informações para o público dos fatos acontecidos em vários locais, realizando a integração entre diversas regiões do país. Além disso, havia o entretenimento como as rádionovelas, que divertiam e davam ao público uma visão romântica da sociedade. Com a veiculação dos anúncios de propaganda, o rádio passou a induzir o público ao consumo, tornando-o refém das modas, tendências, e de todos os tipos de produtos disponíveis no mercado.

Através dos programas radiofônicos, a população passou a ter uma visão padronizada da nação e sentindo-se parte dela, pois começou a utilizar os produtos anunciados pelas emissoras, a se vestir de acordo com as novas tendências, enfim a se comportar com os padrões estabelecidos pelos programas de rádio. Por ser utilizado também como meio de propaganda do governo, o rádio também possuía influencia nas decisões políticas da população, na medida em que atuava como formador de opinião.

Paralelo à sua utilização comercial e de propaganda política, o rádio esteve desde o início voltado para a educação, sendo a história da Radiodifusão Educativa no Brasil confundida com a própria história da radiodifusão brasileira. Roquete Pinto ao idealizar a primeira rádio no Brasil visualizou o seu valor educativo, tanto que doou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro para o Ministério da Educação, em 1930. “E o rádio brasileiro nasceu sem finalidades comerciais, viveu muito tempo exclusivamente prestando serviço à cultura, graças aos esforços de um, grupo de abnegado” (SOUZA, APUD HORTA, P. 83).

Apesar dos esforços para levar educação e cultura à população, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, transmitia uma programação mais erudita, voltada para as elites. Isto ocorreu devido à dificuldade de acesso do aparelho transmissor para as camadas populares, nesse período. Porém, em 1933, no Distrito Federal, na época a cidade do Rio de Janeiro, o plano de Roquete Pinto concretiza-se com a instalação da Rádio Escola Municipal, no Distrito Federal, através

do Professor Anísio Teixeira, então Diretor de Instrução Pública, cargo que ocupou entre 1931 e 1935.

A instalação dessa rádio estava prevista na Reforma de Ensino do Distrito Federal, elaborado por Fernando de Azevedo, e regulamentada pelo Decreto Municipal nº 2.940, de 22 de novembro de 1922, que no seu Art. 636 determina a criação no Distrito Federal de

> Uma Rádio-escola com respectiva estação transmissora, destinada à irradiação diária para as escolas e para o público, de hino e canções escolares, da hora oficial, do boletim de atos e instruções da Diretoria Geral, de todos os assuntos de interesse do ensino, de conferências, lições e sessões artísticas de caráter educativo. (Horta, ...)

Porém, a programação da Rádio Escola Municipal, não cumpriu efetivamente todas as determinações estabelecidas no Decreto e, embora instalada em pleno Estado Novo, a sua programação foi diversificada promovendo uma modernização do ensino. Talvez se deva ao fato de ter o Professor Anísio Teixeira à sua frente.

Essa foi a primeira iniciativa do governo voltada para a educação popular via rádio, bem como viabilizador do contato direto entre emissora e ouvinte, abrindo caminho para a fase da recepção organizada. As atividades eram realizadas através da distribuição de folhetos e esquemas das lições, pela estação, aos “alunos radiouvintes”, que eram enviadas antes das aulas radiofônicas, através dos correios e às pessoas inscritas no programa. Os alunos respondiam com trabalhos relacionados aos assuntos e mantinham contato direto com a emissora através de carta, telefone e visitas.

Havia uma preocupação com a metodologia, que introduzia músicas, perguntas e respostas, não havendo repetição de datas e nomes históricos. Essa didática utilizada pelo rádio, e o contato direto com o ouvinte, garantiu a audiência dos programas, tendo no primeiro ano de suas atividades 1.818 alunos inscritos, com 10.800 trabalhos e, em 1941, considerado o ano áureo da Rádio, esse número foi elevado para 20.437 trabalhos inscritos.

Com o objetivo de reunir as principais emissoras existentes no Brasil, Elba Dias e Roquete Pinto fundaram em 19 de junho de 1933, uma organização. Esta, situada na Capital Federal, na época Rio de Janeiro, que reuniu as principais emissoras existentes no Brasil. Por iniciativa de Roque Pinto, foi criada uma:

> [...] Confederação Brasileira da Radiodifusão, (CBR) criando uma “Comissão Educativa” com a finalidade de “promover o emprego da radiodifusão como meio de educação direta, pela divulgação de informações técnicas e profissionais, pelo auxílio ao ensino público, pela melhoria da

> saúde e da higiene, pelo apuro do gosto artístico, pelo desenvolvimento do espírito de paz e concórdia entre os povos, pela propagação de notícias de interesse geral". (HORTA, ... p. 91, citação 30).

A Comissão Educativa criou o programa "Quartos de hora da Comissão Rádio Educativa da CBR transmitindo diariamente das 18,45 às 19 horas pelas seis emissoras filiadas do Rio de Janeiro" Não foi possível encontrar dados mais precisos sobre este programa, entretanto é possível obter uma visão sobre a preocupação com a utilização do rádio como meio educativo.

Vale ressaltar as experiências de iniciativas particulares realizadas no Brasil com rádio educativo, entre elas a Universidade do Ar, da Rádio Nacional do Rio de Janeiro em 1941, pelo seu diretor, Dr. Gilberto de Andrade com o apoio da Divisão de Ensino Secundário. Este programa destinava-se aos professores do Ensino Secundário de todo o Brasil, tendo como finalidade oferecer orientação metodológica. Dentre seus objetivos, estavam relacionados: oferecer aos professores meios de apresentar aos alunos a disciplina e reter a sua atenção, e oferecer-lhes meios de intensificar o interesse do aluno pela matéria; melhoria nos processos de verificação de aproveitamento; oferecer bibliografia ao professor.[31] (HORTA,). Essa experiência não logrou êxito, segundo Horta, pela falta de adaptação do corpo docente à didática especial de uma aula dada pelo rádio.

Ainda, segundo Horta, a primeira experiência com recepção organizada através da radiodifusão educativa, deu-se em São Paulo com a Universidade do Ar, idealizada por Benjamin Lago, em setembro de 1947, "um esforço conjunto do SENAC e do SESC de São Paulo visando utilizar o rádio para uma grande campanha de educação em favor da classe comerciária, principalmente nas cidades do interior de São Paulo"[32] O objetivo principal desta iniciativa foi possibilitar aos comerciários uma melhor compreensão de suas atividades profissionais, através da veiculação das aulas de Português, Aritmética Comercial, Técnicas de Vendas, Noções de Economia Política e Ciências Sociais.

De acordo com o Professor Ribas da Costa, esta experiência de sete anos (1947 a 1954) da Universidade do Ar, demonstrou claramente que a recepção organizada é condição fundamental para um bom resultado do sistema rádio-educativo. A partir dessa, outras experiências com rádio-educativo surgiram no Brasil, demonstrando cada vez mais a

[32] HORTA, ...P. 97

importância do rádio como veiculo de comunicação e a viabilidade de sua utilização para programas educativos inclusive de alfabetização de adultos.

Uma experiência pouco divulgada e que não contou com apoio das esferas do governo, foi o Curso de Alfabetização pelo Rádio, realizado em 1950, na cidade fluminense de Valença, Rio de Janeiro, pelo técnico de educação, o Professor Geraldo Januzzi. Esse curso conseguiu resultados práticos, demonstrando possibilidade de execução e produtividade do sistema radiofônico para alfabetização de adultos.

As iniciativas de educação popular pelo rádio ganham visibilidade a partir de 1949, quando o Professor Ribas da Costa, preocupado com a educação popular e o alto índice de analfabetismo no país, após conhecer a indústria eletrônica em visita às fábricas de transmissores de rádios Philips, em São Paulo, se convence da possibilidade de viabilizar a educação popular e alfabetização através do rádio. Assim apresentou ao governo um plano para Escolas Radiofônicas, que incluía além da educação de base a alfabetização de adultos pelo rádio.[33]. Porém, esse plano não foi aceito sob a alegação de que o ensino da leitura não seria possível sem a presença de um professor.

Após conhecer as experiências de alfabetização de adultos pelo rádio do Professor Januzzi e do Monsenhor Salcedo, na Colômbia, o Professor Ribas da Costa tornou a apresentar o mesmo plano anteriormente rejeitado através da elaboração do livro “Educação Fundamental pelo Rádio” Desta forma, em março de 1957 foi convidado pelo Ministro da Educação para organizar o Sistema Rádio Educativo Nacional – SIRENA, a partir das bases apresentadas no seu referido livro.

O SIRENA atuou juntamente com a Campanha de Educação de Adultos e Adolescentes, cujo objetivo era colaborar na mobilização nacional contra o analfabetismo. Em 1960, foi inaugurada em Leopoldina, Minas Gerais, a “Rádio Sirena” emissora chave de um sistema radioeducativo, em apoio à Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, com a Diocese de Leopoldina. Com a extinção dessa campanha em 1963, o SIRENA foi extinto, sendo incorporado à Rádio Educadora de Brasília.[34]

Segundo Horta, as prováveis causas do desaparecimento do SIRENA, em atividade no período compreendido entre (1957-1963), foi a preocupação demasiada com os recursos

[33] COSTA, 1956, p.21
[34] HORTA,...P. 106-107-108

materiais sendo deixado de lado a preparação do pessoal e o controle com os resultados, além de ser um órgão estatal e estar sujeito às oscilações políticas.

As experiências com educação de adultos através do rádio também foram sistematizadas pela Igreja Católica através da Arquidiocese de Natal, que solicitou ao Presidente da República Juscelino Kubitischek, a concessão de uma estação de radiodifusão direcionada ao homem do campo, através do Bispo de Natal, D. Eugênio de Araújo Sales, quando foi instalada a Emissora de Educação Rural de Natal.

Após conhecer a experiência com alfabetização de adultos realizada pelo Monsenhor Salcedo, na Colômbia, D. Eugênio também presidente do Serviço de Assistência Rural, (SAR) "iniciou uma campanha para pôr em prática a experiência de radioeducação, nos moldes colombianos, no Rio Grande do Norte"[35]. Para implantação dessa experiência, foi contatado vários líderes de comunidades rurais e utilizada a tecnologia a serviço do projeto educativo, através da instalação de rádio cativos, com o objetivo de alfabetizar jovens e adultos. A Emissora buscava apresentar uma programação de qualidade com música, informações, entrevistas, novelas, aulas para o agricultor, para o criador de animais e para as donas de casa enquanto o horário das últimas horas da tarde era reservado para as aulas das Escolas Radiofônicas. [36]

De acordo com Pinheiro (2006, p.107) a partir de 1961, as escolas Radiofônicas saem da tutela do SAR e passam a fazer parte do Movimento de Educação de Base (MEB), estabelecendo um Convênio com o Governo Federal, havendo algumas modificações na sua estrutura. Em Natal, a educação pelo rádio:

> [...] não conseguiu promover a pretensa integração do trabalhador rural ao desenvolvimento nacional. No entanto, possibilitou instrumentos, como a leitura e a escrita que, em tese, poderiam levar a tal. (PINHEIRO, 2006 107).

Vale ressaltar a experiência radiofônica da Rádio Sociedade da Bahia com o programa "A Hora da Criança", fundada por Adroaldo Costa, em 1943. Sendo um dos maiores sucessos do rádio em todos os tempos, o programa favoreceu a expansão da Hora da Criança como obra filantrópica de assistência a menores, ainda hoje existente em Salvador, com um teatro onde oferece aulas de artes gratuitamente para alunos de escolas públicas e para alunos de escolas particulares com uma contribuição simbólica. [37]

35 PINHEIRO, 2006, p. 98
36 Id, 2006, p.102
37 Cadena, HTTP://www.radiosociedadeam.com.br, acesso em 29-06,2010

2.2 - EDUCAÇÃO DE ADULTOS E O INÍCIO DA TELEDUCAÇÃO NA BAHIA

O ano de 1947 pode ser considerado como um divisor de águas na Educação de Adultos no Brasil, pois foi a partir dessa data, devido ao contexto político que o Brasil estava vivendo, com a redemocratização após o Estado Novo, que o Governo Federal passou a se preocupar com a Educação de Adultos, em razão dos altos índices de analfabetos apresentados no censo de 1940, realizado pelo IBGE. Durante as décadas de 40 e 50 o governo se empenhou em realizar diversas campanhas de alfabetização, visando interesses político, pois:

> o analfabeto era caracterizado como um ser marginal, imaturo, responsável pelas crises de desenvolvimento, pelas crises políticas e, portanto, representando um empecilho à Democracia e Liberdade. (DI ROCCO, 1979, p.14).

A preocupação com a Educação de Adultos durante as décadas de 1940 e 1950, limitava-se a alfabetização, embora a UNESCO tivesse elaborado um relatório, em 1947, com a finalidade de examinar a situação de pobreza e ignorância em países subdesenvolvidos, como o Brasil, México e Irã, tendo relatado a necessidade de estender o processo educacional a todos os cidadãos, considerando que:

> O analfabetismo surge como um traço marcante impedindo qualquer tentativa de mudança de comportamento; constatou a comissão, entretanto, que não seria somente erradicar o analfabetismo, a solução ideal. O problema deveria ser enfrentado de forma mais abrangente, através do processo de aquisição de elementos fundamentais de formação, e que vem constituir a chamada “educação de base”. (DI ROCCO, 1979, p. 15).

De acordo com a mesma autora a Educação de Base concebida pela UNESCO, teria como objetivos: habilidades de pensamento e comunicação; habilidades profissionais, de auto conservação e auto expressão; compreensão do ambiente geográfico e humano, como organização social e regime jurídico-político; desenvolvimento de habilidades para viver no mundo moderno; desenvolvimento moral e espiritual. Esses aspectos foram estabelecidos durante a década de 40, porém no Brasil, nesse período, a Educação de Adultos ainda era voltada para a erradicação do analfabetismo. O objetivo da Educação de Base ou Educação Fundamental é capacitar todos os indivíduos com recursos essenciais para a participação no seu mundo, a fim de aprimorar-lhes as condições de vida.

Durante as décadas de 1940 e 1950, a Educação de Adultos limitou-se a uma série de campanhas nacionais iniciada em 1947 com a Campanha de Educação de Adultos e Adolescentes, idealizada por Lourenço Filho e, no decorrer dessas duas décadas, outras campanhas foram lançadas, sempre visando à erradicação do analfabetismo no Brasil.

Vale lembrar que na Bahia o Movimento de Alfabetização de Adultos antecedeu às propostas do governo federal, pois, em 1916, Cosme de Farias, Isaias Alves e outros criaram a Liga Baiana contra o Analfabetismo, mantida por Cosme de Farias durante toda a sua vida.
Nos anos 50, o Brasil entrou num novo momento político com a volta de Getúlio Vargas ao governo, eleito pelo voto popular, com o "nacionalismo desenvolvimentista" [38], voltado para as massas urbano – industrial. Ainda nessa década, Juscelino Kubitschek empreende um avanço industrial ainda maior através de seu Plano de Metas e o slogan "50 anos em 5".

Além disso, verifica-se a transferência da capital do Rio de Janeiro para Brasília e a migração de um grande contingente de pessoas da zona rural para o Planalto Central, onde foi construída a nova capital, evidenciando grandes desigualdades sociais.

É nesse contexto político que se realiza o II Congresso Nacional de Educação de Adultos, em 1958, convocado e patrocinado por entidades públicas e privadas e com o apoio do MEC, "seu objetivo seria o estudo do problema da educação dos adultos em seus múltiplos aspectos, visando seu aperfeiçoamento" [39]. Neste Congresso observou-se que as condições do país haviam mudado e que as campanhas de Educação de Adultos não estavam mais compatíveis com a atual estrutura social, política e cultural do Brasil, cabendo aos congressistas fixar novas diretrizes para a educação desse segmento da população.

Foi também nesse cenário político que tramitou no Congresso Nacional, após a promulgação da Constituição de 1946, a tentativa de formulação da proposta de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), que foi rejeitada pelo Congresso Nacional em 1949. A principal luta dos redatores da LBDEN era em favor da escola pública e gratuita, principalmente nas séries iniciais. Porém, em 1958,

> a Comissão de Educação e Cultura recebeu um súbito substitutivo que alterava substancialmente todo o projeto original". Era o "substitutivo

[38] Ghiraldell Jr. P. 89
[39] PAIVA,1987 p. 207

> Lacerda" que trazia para dentro da legislação os interesses dos proprietários do ensino privado. GHIARALDELLI Jr. P. 90-91, 2006)

A LDBEN 4.024 foi aprovada em 1961, sendo sancionada pelo presidente João Goulart, garantindo igualdade de tratamento por parte do Poder Público para os estabelecimentos oficiais e particulares, de ensino no que reserva à possibilidade de financiamento. Para Anísio Teixeira foi "meia vitória, mas vitória". Quanto à Educação de Adultos, a LDBEN, no capítulo II, Artigo 27, determina que:

> O ensino primário é obrigatório a partir dos sete anos e só será ministrado na língua nacional. Para os que iniciarem depois dessa idade poderão ser formadas classes especiais ou cursos supletivos correspondentes ao seu nível de desenvolvimento.

Em função da LDBEN, elaborou-se o Plano Nacional de Educação e extinguiu-se as campanhas nacionais coordenadas pelo Departamento Nacional de Educação (DNE) "para atender ao princípio da descentralização administrativa das atividades nacionais". [40]

Ainda nos anos 50, surgiram as iniciativas privadas ligadas à Igreja, no campo da educação de adultos através do Rádio, quando foi criada a Rede Nacional de Emissoras Católicas (RENEC). A Igreja Católica que "durante toda a nossa história educativa havia se dedicado à educação das elites, começava a interessar-se mais profundamente pela educação das massas".[41]

Embora o Brasil apresentasse um alto índice de analfabetismo, cerca de 50% da população, a preocupação da Igreja com a educação primária, onde o analfabetismo poderia ser evitado, era muito pequena naquela época, (cerca de 2.184 escolas num total de 105.525) [42] .Por outro lado a educação secundária e universitária que estava ao alcance da menor parte da população, representa representada particularmente pela classe média, era onde a Igreja Católica aparecia como mais atuante. A preocupação da Igreja sempre foi a de manter o *status quo* e obter benefícios do governo que repassava para a população em obras de caridade: "Entretanto, uma coisa é esmola, e outra, mudança social. Esmola serve para manter vivo os pobres e confortá-lo na hora da morte, mas não deve ser confundida com justiça social e mudança social."[43]

Verificando a análise feita por Bruneau com relação às mudanças na ideologia da Igreja Católica nas décadas de 1950/1960, observa-se que estas mudanças estão ligadas ao contexto mundial com a Guerra Fria e à preocupação com a ameaça de expansão do comunismo

[40] Id.1987, p. 222
[41] PAIVA, P. 221
[42] BRUNEAU, 1974, P. 93
[43] Id,.,1974, p.141

principalmente na zona rural do Nordeste. O período de 1950 a 1961 é o mais importante na formulação de uma ideologia de mudança social dentro da Igreja, que se inicia na zona rural a partir das agitações ocorridas neste setor e as demagogias de políticos na zona urbana. Isto gera dentro da Igreja uma tomada de consciência do atraso de muitas estruturas sociais e da injustiça em geral, vindo a compreensão de que o homem é composto de corpo e alma e portanto, a Igreja deve se interessar pela ordem temporal.

A partir dessa tomada de consciência alguns membros da Igreja passam a agir na tentativa de modificar a realidade miserável existente entre a população, principalmente no Norte e Nordeste e é através da Educação de Base que essa mudança tem início. É nesse contexto que se inicia o Movimento de Educação de Base, o MEB, nos estados do Nordeste, Norte e Centro Oeste. Dentro do plano nacional até o descentralizado local, era organizado e administrado por leigos mostrando que "é preciso mobilizar o laicato se a Igreja quiser mudar a influência em relação à situação temporal".[44]

O Movimento de Educação de Base - MEB – surge no contexto político dos movimentos de cultura popular quando estes encontram força dentro de regiões subdesenvolvidas e controladas pelas oligarquias locais (Norte, Nordeste, Cento Oeste). Além do MEB, outros movimentos voltados para este segmento da população, surgiram neste período como o Movimento de Cultura Popular – MCP –Recife, a Campanha de Pé no Chão Também se aprende a Ler – em Natal; Centro Popular de Cultura - CPC – da UNE. Vale ressaltar que esses movimentos tinham como principal objetivo a alfabetização. Neste contexto, s\urge o Projeto de Angicos, de Paulo Freire, depois assumido pelo Governo Federal e,

> no clima das Reformas de Base do Governo de Jango, o Sistema Paulo Freire foi um verdadeiro achado. Através dele seria possível – era a previsão – acrescentar cinco milhões de eleitores ao corpo eleitoral em 1965 (?) e assim desequilibrar o poder da oligarquia em favor do movimento popular. (CUNHA 1985, p. 21).

Durante esse período, a Educação de Adultos estava voltada para estimular a participação destes no contexto político, não apenas pelo voto, mas através de uma conscientização política mais ampla.

No segundo semestre de 1960, sob o patrocínio da RENEC tendo como presidente o Arcebispo de Aracaju, D. José Vicente Távora, foi realizado, naquele estado, o 1º Seminário de Educação de Base, reunindo várias entidades que trabalhavam no campo da Educação de Base pelo rádio, ou que estavam planejando a realização de programas

[44] Bruneau, 1974, p. 159

semelhantes. Os debates e as relações que se estabeleceram nessa ocasião significaram o primeiro passo para a concretização de um Movimento Nacional de Educação de Base. Em fins de 1960, D. Vicente Távora,

> enviou ao recém-eleito Presidente da República, uma carta proposta tratando da criação do Movimento Nacional de Educação de Base para responder às necessidades de milhões de brasileiros, adultos e adolescentes analfabetos. Em 28/11/60, o Presidente eleito respondeu a D. Távora anunciando o seu apoio a proposta formulada na carta acima referida". (COSTA, 1986, p.).

A teleducação foi introduzida no Brasil no início do governo de Jânio Quadros, pelo Decreto nº 50.370 publicado no Diário Oficial de 19/07/1961, que destinava verbas para o movimento. "O objetivo dessas verbas era a instalação, ainda em 1961, de 15 mil escolas radiofônicas, ampliando-se esse número nos anos seguintes. [45] O MEB "deveria executar um plano qüinqüenal (1961-1965), instalando inicialmente 15.000 escolas radiofônicas e expandido-se nos anos subseqüentes"[46]

A experiência em educação radiofônica teve início em Sutatenza, na Colômbia com o Monsenhor Salcedo através de um projeto com adultos da zona rural daquele país, como relata a professora Ruth:

> [...] foi na Colômbia que começou o trabalho de Rádio Educativa com a finalidade de preparar os camponeses.... O fundador foi o Monsenhor Salcedo. Ele era uma pessoa ativíssima... Aí ele criou essa história de rádio cativo que só pegava aquela emissora... que era a dele. Aí ele criou um Centro de Treinamento... eram duas casas, uma casa só para homens e outra só para as mulheres as meninas, mocinhas... que iam ali e passavam três meses de acordo com a necessidade, não tinha só aula de alfabetização não, ele ensinava corte e costura não sei quantas coisas..à medida que ia desenvolvendo ele ia colocando mais coisa, eu visitei lá ".VIEIRA, Ruth. Entrevista 2003).

Esse trabalho ficou conhecido por D. Eugênio Sales, na ocasião ainda em Natal, no Rio Grande do Norte, que o considerou interessante e achou que seria uma solução para o Nordeste. Assim, ele implantou o trabalho na sua Diocese, principalmente na alfabetização e catequese.

Tornando-se Cardeal da Bahia, D. Eugênio acompanha em Salvador o desenvolvimento das ações do MEB, ele não gostava da linha do MEB, pois considerava muito avançada. Para ele deveria dar mais catecismo. A Professora Ruth foi mediadora nessa questão e

[45] Di Rocco, p.
[46] Paiva, p. 223

conseguiu "orientar os trabalhos para que falasse de Deus, dos mandamentos, da liberdade e dos direitos do cidadão, sem a conotação do Catecismo". [47]

O MEB tinha como objetivo a formação integral do homem, a educação como um processo global que associava o trabalho às necessidades e anseios de libertação do povo, estimulando uma ação transformadora consciente e livre, propiciando todos os elementos necessários para que cada homem se promovesse, atingindo a plenitude de sua realização. Nesta concepção a palavra conscientização estava intrínseca ao próprio ato de educar, pois na concepção do MEB a educação ajudava o homem a tomar consciência de si mesmo, do que ele é, e dos outros, ou seja a comunicação entre os sujeitos.

2.3 - A ATUAÇÃO DO MEB NA BAHIA

Na Bahia a teleducação foi introduzida em 1961 através de um convênio realizado entre a Secretaria de Educação e Cultura (SEC), o Movimento de Educação de Base (MEB) e a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)[48], no qual ficou estabelecido que a (CNBB) falava em nome das Emissoras Unidas da Bahia – (Rádio Sociedade de Feira de Santana, Rádio Emissora de Alagoinhas e Rádio Educadora de Santo Amaro) e Rádio Paróquia de São Gonçalo dos Campos.

Já havia na Bahia um trabalho dos Capuchinhos com Escolas Radiofônicas em Feira de Santana e em São Gonçalo dos Campos que, de acordo com a Professora Ruth Vieira "quando começamos a organizar a Equipe Estadual, houve uma certa dificuldade para os frades aceitarem que a sede fosse em Salvador."

Para alcançar os seus objetivos, o MEB desdobrava-se em sistemas radioeducativos, procurando cobrir as áreas em que devia atuar utilizando um conjunto composto por uma emissora; uma equipe treinada e equipada para locução e supervisão das escolas radiofônicas, bem como para a produção e emissão dos programas radioeducativos; uma rede de escolas radiofônicas, equipada com receptor cativo, nas quais um grupo de alunos, coordenados por um monitor, se reunia para ouvir as aulas e realizar ações decorrentes das comunicações recebidas.

Na Bahia, o convênio entre o MEB e a Secretaria de Educação e Cultura do Estado foi assinado em 7 de julho de 1961, na gestão do Secretário de Educação Wilson Lins, dando início aos trabalhos de Educação de Base. Neste ano as atividades se limitaram a contatos com autoridades e instituições interessadas no trabalho de alfabetização e conscientização da

[47] Educadora 25 anos da FM 107.5

[48] "A CNBB foi fundada, em outubro de 1952, por Monsenhor Helder Câmara, e aprovada por Monsenhor Giovanni Montini, então Secretário de Estado do Vaticano" BRUNEAU p. 196.

população. A partir de setembro de 1962, as aulas foram transmitidas num período experimental, até 5 de dezembro, havendo uma ótima freqüência. [49]

Para a escolha do local onde seriam implantadas as escolas radiofônicas, era necessário conhecer *in loco* os problemas da área a ser trabalhada, fazendo um levantamento das necessidades e possibilidades locais, através de estudos e visitas às comunidades que deveriam ser motivadas para a educação e promoção. "A escola radiofônica é apresentada como um instrumento para esta transformação. As comunidades devem assumir a instalação das escolas."[50].

A escolha dos monitores ficava a cargo da comunidade local que, muitas vezes, era feita através do voto, demonstrando a liderança do escolhido e sua aceitação por parte da comunidade. Em Salvador, muitos monitores eram participantes da JUC (Juventude Universitária Cristã) que davam aulas como voluntários, como fala a Professora Ruth: "...fui arranjar o pessoal para trabalhar... na Universidade Católica, aí eu consegui que alguns meninos da JUC trabalhassem... como voluntários. Depois a gente conseguiu alguma coisa para eles..."

A JUC era uma divisão da Ação Católica, que foi reorganizada em 1950, numa base diferente daquela adotada por Dom Leme, sendo baseada no modelo francês ou belga. As outras divisões eram a JEC - Juventude Estudantil Católica, JAC - Juventude Agrária Católica, JOC - Juventude Operária Católica, JIC - Juventude Independente Católica, sendo a JUC e a JEC as mais importantes no período de 1950 a 1964. Apesar das modificações na forma, o movimento fazia parte integrante da Igreja institucional.

A JUC e a JEC tiveram um grande envolvimento dentro do MEB e isso devido a uma combinação de três fatores, "consciência de vários problemas na sociedade e um subsequente desejo de mudar radicalmente as suas estruturas com o envolvimento direto com o meio em que iriam agir, a participação de padres jovens e progressistas, a maioria formado na Europa e o contato com a teologia européia mais avançada, principalmente a francesa, levou os membros da JUC e da JEC "a questionarem a sociedade e o papel como cristão dentro dela" [51].

A partir desses questionamentos, a JEC e a JUC tomaram novo rumo e em junho de 1960 acontece o décimo encontro anual da JUC, onde foi elaborado o documento "Bases Mínimas

[49] Informe sobre o MEB
[50] Informe sobre o MEB
[51] BRUNEAU, 1974, P. 181-,182

para o Ideal Histórico do Povo Brasileiro" demonstrando maturidade do movimento e o questionamento de tudo a sua volta, o documento rejeitou a antiga missão de evangelização, e seus membros se envolveram direto na "Revolução Brasileira" tomando a vanguarda da Igreja Católica na busca ativa da promoção da mudança sócio-política e,

> por volta de 1962, um grande número de militantes da Ação Católica tinha fundado a AP, Ação Popular que é a expressão de uma geração que manifesta na ação revolucionária as opções fundamentais que assumiu como resposta ao desafio de nossa realidade e como conseqüência da análise realista do processo social brasileiro na hora histórica que vivemos. (Bruneau, 1974, p. 187-188).

A hierarquia da Igreja se dividiu com relação às posições tomadas pelos jucistas tentando levar o movimento à retomar evangelização. Podemos dizer que, apesar de ter tido um período curto de existência, pois com o golpe militar de 1964 o movimento foi considerados subversivos e os seus membros perseguidos pelos militares, a JUC e a JEC, ajudaram a Igreja no seu papel de promoção na mudança social pois:

> Ajudaram a criar uma imagem da Igreja interessada em melhorar uma sociedade injusta, educaram bispos e outros na abertura para a mudança social e trabalharam nos programas do MEB, dos sindicatos rurais, a educação de base de Paulo Freire, os Círculos de Cultura Popular, os de Goulart e os dos governos reformistas de Pernambuco e de Goiás e outros, patrocinados pela Igreja. (BRUNEUA, 1974, 180)

Para coordenar os trabalhos do MEB na Bahia, foi convidada a professora Ruth Vieira, pedagoga e irmã de D. Walfrido Vieira, que tinha sido nomeado Bispo Auxiliar do Cardeal da Bahia. Segundo a professora Ruth "eu seria o elemento de mediação entre a hierarquia e o MEB, para amortecer um pouco a intransigência de D. Augusto, Cardeal da Bahia..."

Ainda segundo a Professora Ruth, o MEB na Bahia se estruturava em: Coordenação Estadual que era a Professora Ruth; Supervisores que viajavam para acompanhar os trabalhos desenvolvidos nas comunidades e dar treinamento; produtores que elaboravam as aulas radiofônicas e o material impresso; locutores que gravavam as aulas, monitores ou orientadores de aprendizagem, quem realmente desenvolvia o trabalho diretamente com os alunos, que eram adultos, tanto da zona rural como da zona urbana.

A equipe formada pela Professora Ruth para começar os trabalhos do MEB era, em sua grande maioria, de voluntários que tinham como ideal "transformar a indignação em ação, em ação transformadora,..." (Dantas, 2009), fazendo um trabalho de base, uma educação integral,

formação para a cidadania. Por ser uma equipe de voluntários, o trabalho era de muito idealismo:

> [...] essa intenção de realmente promoção social e humana das pessoas carentes da zona rural. Então isso contagiava a equipe que trabalhava. Então não era uma equipe de empregados, era uma equipe de pessoas que faziam aquilo por ideal. (DANTAS, 2009).

Apesar das dificuldades, o trabalho de rádio educação apresentava resultados satisfatórios. Os textos dos programas eram produzidos na sede do MEB em Salvador e enviados para Feira de Santana, onde eram gravados nos estúdios da Rádio Sociedade de Feira de Santana, que transmitia para quase todo o estado. Havia um horário específico para veicular o programa e, seguindo a linha da Colômbia, também foi implantado o rádio cativo, que só sintonizava uma mesma freqüência, ou seja, uma mesma rádio.

As aulas tinham uma linha ecumênica buscando não ficar apenas na religião católica. Além de alfabetizar e veicular aulas de matemática, português, história, geografia e ciências, eram dadas aulas de higiene, através de uma cartilha que ensinava a cuidar do recém-nascido, e do umbigo "o que diminuiu, em vários locais onde a cartilha foi utilizada, a mortalidade infantil, conhecida como o mau de sete dias (infecção no umbigo dos recém-nascido) explica a Professora Ruth Vieira.

O trabalho realizado pela equipe do MEB não se limitou ao trabalho educativo, pois atingia cada vez mais outros setores, tais como o clube de mães, cooperativas, sindicatos:

> Era um trabalho de muito idealismo e de muita incompreensão, pois os bispos não aceitavam[...] pois achavam que a gente era avançada no sentido político, pois a gente fazia um trabalho de conscientização política [...] isso após a revolução[...] [de 1964] comenta a Professora Ruth Vieira.

As mudanças que a Igreja produziu através do MEB, criou tensões em vários setores da sociedade, pois suas atitudes desagradaram vários segmentos, uma vez que, a "Igreja no Brasil interessa a todo mundo, de modo que quando ela tenta mudar alguns aspectos da sua abordagem da influência, desencadeiam-se reações e até mesmo, conflitos"[52].

Pouco antes do Golpe Militar no país, em fevereiro de 1964, a atitude de Carlos Lacerda, na ocasião governador do Estado da Guanabara, foi mandar confiscar três mil cópias da nova cartilha do MEB, "Viver é Lutar", consideradas comunistas, pois alguns textos sugeriam

[52] BRUNEAU, 1974, p. 161

enfrentamentos das classes sociais, descrevendo de maneira mais ou menos objetiva, a infeliz situação social no Brasil, demonstrou a insatisfação de vários segmentos da sociedade.

Para desarticular as ações do MEB, Lacerda convocou a polícia mesmo sem avisar antes à Diretoria do MEB, demonstrando o interesse de desmoralizar o movimento, sendo alguns elementos do MEB obrigados a fazer declarações na polícia, como se fossem criminosos comuns. Entre eles estavam Dom Távora, Presidente do Movimento, Monsenhor Hilário Pandolfo, Vice-Presidente, e Marina Bandeira, Secretária. Entre os meios de divulgação, como os jornais, ficou claro o que muitos pensavam sobre o MEB e da estratégia de mudança social da Igreja que ele representava, pois consideravam o Movimento como uma demonstração dos comunistas na comunização do país, através da ingenuidade de padres e até bispos se fazendo cúmplices involuntários dos comunistas e instrumento de seus planos subversivos.[53]

O MEB passou a preocupar setores ligados ao governo dos militares, pois temia a sua influência contrária aos ideais do golpe militar, tanto que, a palavra conscientização foi proibida de ser utilizada, como nos conta a Professora Ruth:

> Eu mim lembro que fui fazer uma palestra na Faculdade de Educação, aí o professor Thales de Azevedo estava mim esperando... Dona Ruth, por favor, a senhora conta a história do MEB , mas não use algumas palavras que no momento não se pode usar. Eu falei quais? Conscientização[...] (VIEIRA, Ruth. Entrevista 2003)

Nesta preocupação com a conscientização, localizamos a influência do pensamento freiriano, que, na mesma época, articulava a leitura das palavras com a leitura do mundo, com a aquisição de uma consciência de si no mundo. Para Freire:

> [...] a conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. Exige que os homens criem sua existência com um material que a vida lhes oferece [...](FREIRE, 1970, p.26).

[53] BRUNEAU, 1974, p.162

2.4 - O MEB APÓS A DITADURA MILITAR

Com as pressões do regime, a partir de 1965 a situação foi ficando cada vez mais difícil, pois o trabalho desagradava a Igreja Católica e aos militares, até que, em 1966 a casa do MEB foi desocupada e o material levado para o Rio de Janeiro, quando há uma desarticulação do MEB:

> Após a "Revolução" [golpe militar de 1964] eles [os militares] arrombaram o MEB, que estava nesse tempo em Nazaré, na [rua] Inácio Tosta[...] E aí foi horrível e até o vidro de cima da mesa eles levaram. Papel em branco, máquina de escrever nunca apareceu. Desapareceu nessa batida no MEB quinhentos rádios e todos os rádios que vieram do Maranhão[...] nós estávamos precisando do rádio e o Maranhão ia demorar mais de um ano para colocar em prática[...] (RUTH VIEIRA, Entrevista 2003)

Devido a essa atitude dos militares na Bahia, existe muito pouco material sobre o MEB, inclusive os rádios cativos que depois foram encontrados em vários locais, porém sem nenhuma condição de uso, pois eles serviam apenas para a emissão dos programas específicos do MEB.

Depois do golpe militar de 64, o MEB teve a sua ação limitada por ações governamentais e, "após inúmeros encontros com autoridades do novo governo, alterou algumas das suas diretrizes, substituiu professores e elaborou uma nova cartilha ("mutirão') em lugar da anterior ("Viver é lutar"). (KADT, APUD Di Rocco, 1979, P. 66). Segundo Raimundo Dantas, na Bahia, eles a Professora Ruth Vieira e outros, elaboraram a cartilha Brasil Grande, baseada no método Paulo Freire que, apesar de ter sido perseguido pela ditadura, o seu trabalho continuou sendo utilizado, porém sem a ideologia principal de "conscientização", como comenta o Professor Raimundo Dantas:

> Uma cartilha que foi feita por mim e Ruth [...] Porque quando apreenderam as cartilhas, nós ficamos sem saber o que fazer sem a cartilha do governo. Aí nós rapidamente, em uma semana, sábado, domingo, de noite, trabalhamos 18 dias, dia e noite a equipe toda, e criamos uma série de cartazes que pudesse substituir a cartilha pelo menos por um bom tempo, enquanto a gente preparava outra cartilha e imprimia outra cartilha, então era, foi um trabalho lindo emendava a noite, um dormia, o outro continuava trabalhando a gente mesmo que imprimia folha de papel bem grande e imprimindo isso, tínhamos 700 escola radiofônicas na Bahia era imprimindo isso e botando pra levar [...] até as últimas comunidades. Foi um trabalho lindo, e depois e até enquanto isso eu e Ruth que tínhamos um conhecimento maior de alfabetização etc, montamos uma cartilha [...]

Ainda segundo o Professor Raimundo Dantas, "a gente partia de uma pesquisa do universo vocabular do grupo, dessa pesquisa a gente tirava a palavra chave, que era do uso cotidiano dele, principalmente se possível, do seu próprio trabalho" Nesse sistema, trabalhava-se as

palavras chaves, destacando as suas sílabas e formando outras palavras com as sílabas da palavra geradora.

As aulas seguiam um *script* em cima da cartilha e o papel do monitor era muito importante, pois era ele quem seguia as orientações do locutor, no programa via rádio e ia repetindo os passos dados por este, segundo informações do Professor Raimundo Dantas:

> [...] utilizando a cartilha e o monitor que ficava lá com o quadro negro e o giz. Então se dizia, monitor escreva a palavra tal e o monitor ia e escrevia a palavra. Separe a sílaba da palavra, para os seus alunos verem. Veja aluno que aquele primeira letra que o monitor escreveu é o P repita com ele P. Agora junta, a segunda é A aquela ali é A. Monitor mostre para ele o A. P com A faz PA, repita com o monitor P com A faz PA...

Cabia também ao monitor fazer a relação da palavra estudada com o contexto social em que o aluno vivia. Ao formar a sílaba PA, o locutor orientava o monitor para que este explorasse a relação dessa palavra com o trabalho do educando; "você conhece a PÁ? Você trabalha com ela? Serve para cavar a terra, ela é fruto do seu trabalho. Com a PÁ você também está construindo um Brasil novo... Você já aprendeu como se escreve PÁ, o instrumento do seu trabalho" [54].

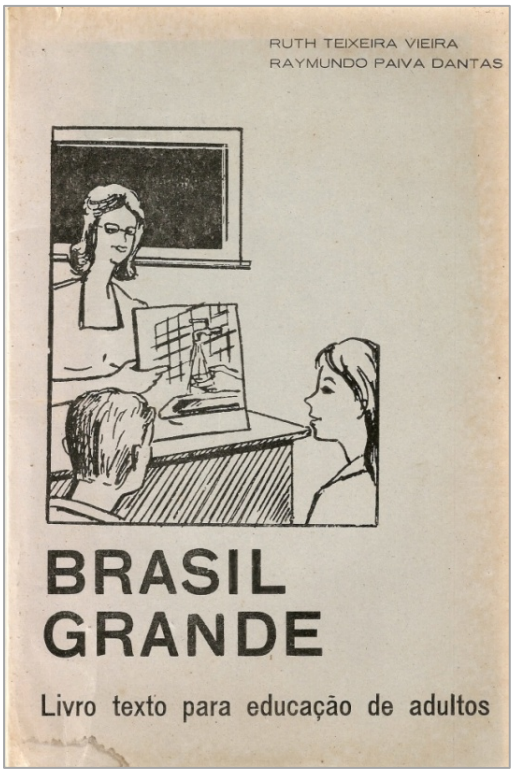


FIGURA 01 – Capa da Cartilha Brasil Grande – material didático utilizado para alfabetizar adultos inspirado no método Paulo Freire, no período da Ditadura Militar. Este material servia de apoio às aulas radiofônicas do MEB (Movimento de Educação de Base).

[54] Entrevista de Raimundo Dantas, 2009

Esta era a base do trabalho de alfabetização desenvolvido pela equipe do MEB, um trabalho voltado para a conscientização do ser humano como parte integrante do país em que vive e sujeito do processo histórico. Desta forma:

> os adultos eram realmente alfabetizados e mais do que alfabetizados, eles eram conscientizados.... da sua responsabilidade social, da importância do seu trabalho para o próprio país, para a comunidade. Essas coisas todas, aprender a votar bem, escolher representante.... vereador, prefeito que sejam preocupados com os problemas da população". (DANTAS, 2009)

Façamos uma análise da Lição 1 da cartilha

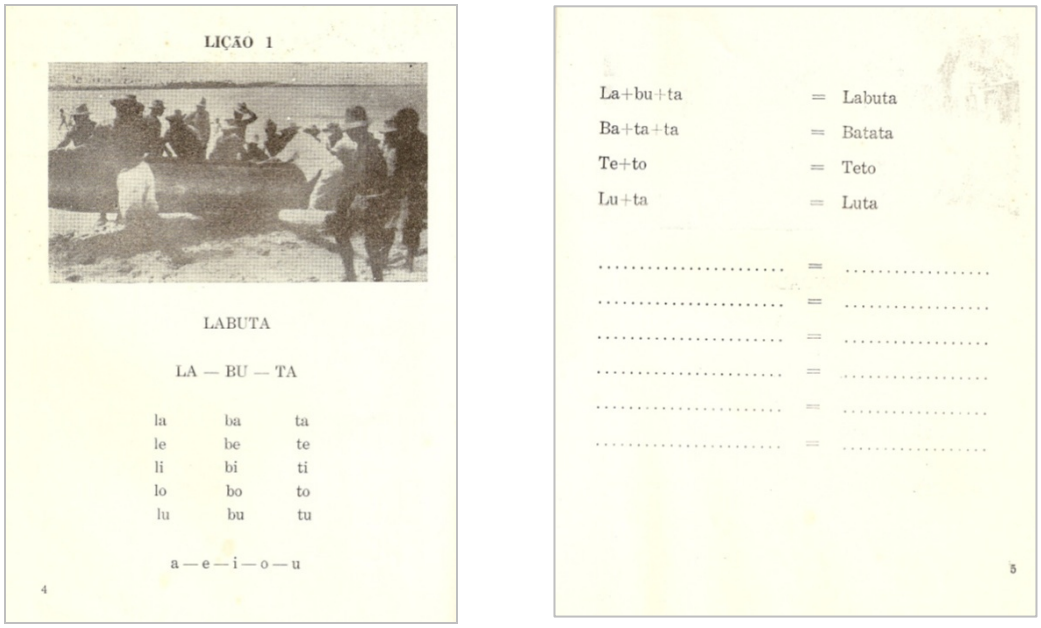


FIGURA 02 – Lição 1 da Cartilha Brasil Grande (à esquerda) e exercício de fixação do conteúdo (à direta).Observa-se que as palavras utilizadas no material são referentes ao cotidiano das camadas trabalhadoras.

A palavra LABUTA é utilizada como a primeira palavra geradora, pois faz parte do universo vocabular das pessoas da zona rural e representa a sua participação no contexto produtivo do país. Ela é dividida em sílabas, que segundo a informação do Professor Raimundo Dantas, são repetidas pelos alunos com a orientação do monitor e, a partir destas sílabas são formadas outras palavras que estão na segunda página da cartilha com exercício. Essa novas palavras também nos remetem ao universo vocabular dos alunos, como BATATA, TETO, LUTA. Nos espaços pontilhados da segunda página, era sugerido que os alunos escrevessem outras palavras com as sílabas da palavra geradora.

Nas lições seguintes, são introduzidas outras palavras geradoras como:

POVOADO; SABEDORIA

e com a ampliação do universo vocabular são introduzidas frases como:

“A vida é labuta”.

“O povo sabe: a luta pela vida é dura”.

A partir do surgimento das novas palavras geradoras, são introduzidas frases mais completas, pequenos textos e algumas noções de gramática como verbo, plural e singular, masculino e feminino.

No período que esta cartilha foi divulgada, já se conhecia o trabalho de Paulo Freire. Procura-se fazer uma adaptação deste método com a utilização da cartilha que não está na ideologia Freiriana. A elaboração desta cartilha veio em função de driblar os militares para tentar continuar fazendo um trabalho de base com alfabetização de adultos, mas o regime continuou perseguindo os membros do MEB inclusive os alunos, havendo uma dispersão dos componentes do grupo, com a perseguição, através de interrogatórios, prisões arbitrárias como comenta o Prof. Raimundo Dantas:

> Na época quem presidia o MEB era Dom Avelar, que era Bispo do Piauí, de Terezina[...] Então, a primeira coisa que a ditadura fez foi correr para ele, que era presidente do MEB e pressionar ele (...) que abriu mão de toda a formação de cidadania do MEB que prometeu fazer a catequese básica e a alfabetização.... Foi uma briga com D. Avelar e com todos os coordenadores, nessa época eu já era coordenador estadual(...) me demiti na hora e decidiram fechar tudo, pegaram o material que tinha(...) para não brigar com a ditadura. Isso foi um drama para nós.

A professora Ruth, que estava fazendo um curso fora do país, não chegou a presenciar o fechamento do MEB na Bahia, mas de acordo com o Prof. Raimundo Dantas, “chegou a ser presa, foi interrogada, ficou lá um dia inteiro, em interrogatórios”.

Por existir um convênio entre a CNBB e o MEC, o MEB foi o único movimento de cultura popular da década de 60, voltado para a Educação de Adultos, que sobreviveu ao Golpe Militar de 1964, apesar de ter sua ideologia totalmente modificada pelo regime.

As iniciativas de alfabetização de adultos através da conscientização, fazendo um trabalho de base, não apenas alfabetizando o aluno, mas tentando inseri-lo no contexto social e político, foram abortadas com a ditadura. A proposta do MEB dá lugar ao MOBRAL, que tinha uma

estrutura semelhante à linha da pedagogia de Paulo Freire, mas, claro, sem sua ideologia de conscientização e que não diminuiu o índice de analfabetismos no Brasil, criou apenas uma camada de pessoas semi-alfabetizadas, ou seja, o analfabeto funcional.

Em 1985, antes da Constituição de 1988, uma emenda Constitucional reconheceu ao analfabeto o direito ao voto, aumentando as bases eleitorais e liberando o governo central de realizar campanhas de alfabetização de adultos, visto que, o analfabeto passou a fazer parte das decisões da nação, através do voto. O analfabetismo deixou de ser considerado uma vergonha nacional, até por que, hoje já se considera alfabetizado quem assina o nome e lê letreiros de ônibus.

As ofertas de vagas nas séries iniciais das escolas públicas, aumentaram nas últimas décadas do século XX e neste início de século. Porém, ainda estamos muito longe de nos livrarmos da erradicação do analfabetismo, pois as crianças não conseguem aprender a ler nas primeiras séries iniciais chegando à idade adulta sem decifrar os códigos lingüísticos, aumentado o contingente de alunos analfabetos ou semi-alfabetizados.

Apesar de toda a repressão envolvendo os componentes do MEB, o trabalho realizado por essa instituição demonstrou a importância da educação de adultos através do rádio e a necessidade de expandir esse sistema. Dessa forma, foi criado o SERTE (Setor de Rádio e TV Educativa) através do Decreto 20.802 de 31/07/1968, (ARGOLLO, 1984) resultante de um convênio entre a Diretoria de Ensino Secundário do Ministério da Educação e Cultura – MEC e o Departamento Estadual de Educação e Cultura do Estado da Bahia.

3-A EDUCAÇÃO RADIOFÔNICA NA BAHIA ATRAVÉS DO SERTE/IRDEB

3.1- ANTECEDENTES HISTÓRICOS

O início da década de 60 marca uma nova fase na história política, social e econômica do Brasil, pois está sob os efeitos das idéias desenvolvimentistas do período de J. K., quando o país tem um novo surto de crescimento industrial sustentado pelo capital estrangeiro. Em vista disso, há uma crescente movimentação do operariado urbano, aumentando os mecanismos de pressão política e de reivindicação econômica. No campo, há um avanço das Ligas Camponesas principalmente em Pernambuco e Paraíba, com a ampliação da sindicalização rural e a criação, em dezembro de 1963, da Confederação Nacional dos Trabalhadores Agrícolas e os debates em torno da Reforma Agrária.

As classes médias urbanas "ainda que dividida pelo temor da subversão e a instabilidade econômica, comparecia com amplos setores ao movimento social". Os estudantes e intelectuais que passam a assumir posições favoráveis às reformas políticas e culturais. A UNE (União Nacional dos Estudantes) atuando na legalidade é responsável por discussões de questões nacionais e com acesso às instâncias do poder e, pela organização do CPC, Centro Popular de Cultura, Rio de Janeiro, 1961, que define estratégias para a construção de uma cultura "nacional, popular e democrática" [55] Os CPCs, eram organizados por jovens intelectuais em todo o país, desenvolvendo uma atividade conscientizadora junto às classes populares, defendendo a arte revolucionária, trabalhando diretamente com as massas, encenando peças em portas de fábricas, favelas e sindicatos.

Em Pernambuco foi criado, durante o governo de Miguel Arraes, o Movimento Popular de Cultura MPC, formando núcleos de alfabetização em favelas e bairros pobres Surge também nesta época um novo método de alfabetização criado por Paulo Freire, causando impacto aos métodos tradicionais através da utilização da palavra política no comando do aprendizado e levando a tomada de consciência da situação social vivida pela população analfabeta e marginalizada.

No campo político a presença do Partido Comunista Brasileiro, PCB, na semilegalidade desempenhava um papel de crescente importância na articulação dos setores progressistas, exercendo influência no meio sindical estudantil e intelectual, tornado-se uma peça estratégica no jogo de alianças no governo de Goulart, no ideário de revolução democrática[56].

---

[55] HOLANDA, 1984, P. 9

[56] Id., 1984, p. 11

No campo educativo, ocorre a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases do Ensino Nacional, 4.024/61, após anos de discussão no Congresso Nacional defendendo o direito e o dever da educação para todos os cidadãos. A idéia da educação pública, gratuita e universal surgiu e se consolidou no Brasil, na década 30 com os educadores escolanovistas, que "estabeleciam uma ligação entre educação e cidadania e educação e democracia" [57], quando educadores como Anísio Teixeira, Lourenço Filho e outros, em torno da Associação Brasileira de Educação lançaram o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova em 1932. Os signatários do Manifesto defendiam a democratização da escola, a instituição da escola única, e consideravam a educação um direito de todos e dever do Estado.

A promulgação da LDB 4.024/61 não conseguiu modificar a realidade de exclusão da grande parcela da população que permaneceu fora do sistema escolar ou por falta de vagas nas escolas ou pela própria seletividade do sistema educacional que se inicia antes do ingresso nas escolas, devido ao poder aquisitivo da população que não consegue manter os filhos nos banco escolares.

Conforme se pode observar na tabela 4, segundo dados compilados por Menezes e Barreto (2005/2006), esta situação era mais grave nos estados do Nordeste tendo a Bahia apresentado, durante as décadas de 1960 e 1970 um percentual muito baixo dos níveis de escolaridade, principalmente entre a população de mais de quinze anos.

TABELA 4

PERCENTUAL DO GRAU E DOS ANOS DE ESTUDO DA POPULAÇÃO DE 15 ANOS E MAIS

BAHIA – 1960 – 1970

GRAUS E ANOS ANOS DE ESTUDOS	1960	1970
SEM INSTRUÇÃO – DE 1 ANO	62,7	59,1
1º GRAU 1 A 4 ANOS	27,5	26,3
5 A 8 ANOS DE ESTUDO	7,5	26,8
2º GRAU 9 A 11 ANOS	1,3	2,4
SUPERIOR 12 ANOS	1,0	2,5
TOTAL	100,0	100,0

Fonte: SUDENE- Indicadores sociais do Nordeste – 1970-1980
IBGE – Censo Demográfico de 1960
Elaboração: GT Indicadores Sociais (Adaptado de MENEZES e BARRETO, 2005/2006)

Essa dificuldade ao acesso à educação formal, aliada à necessidade de se qualificar para entrar no mercado de trabalho, numa década onde a industrialização está se expandindo na

[57] Menezes, 2006, p.

Bahia, levou a clientela de jovens e adultos a procurar novas formas de se escolarizar e uma delas foi o Curso de Madureza Ginasial onde o adulto podia concluir o antigo ginásio em poucos meses, sem a necessidade de freqüentar a escola regularmente.

Para facilitar o acesso dessa camada da população ao conhecimento e concluir o curso ginasial o governo Federal criou o curso de Madureza através do rádio, pois já havia uma experiência de educação radiofônica com resultados positivos.

3.2 -A Transição MEB/SERTE

Como já dissemos, nos meados dos anos de 1960, após o Golpe Militar, o MEB foi paulatinamente desativado e na Bahia, apesar das modificações feitas na programação do órgão e no seu material didático, os militares fecharam a sede do MEB. Porém os programas de educação de base continuaram a ser veiculado através do SERTE, um órgão ligado ao MEC. Segundo a Professora Ruth Vieira,

> Logo após a criação nacional, o MEC solicitou a participação da SEC – Secretaria da Educação e Cultura, que designou o MEB – Movimento de Educação de Base, para assumir a responsabilidade da coordenação do novo setor a 5/02/1965. O MEC preconizava a utilização do rádio com toda a estrutura de uma escola popularizada, simples e democrática. A área a ser atingida inicialmente seria o ensino supletivo para preparar o Exame de Madureza do 1º. grau. Infelizmente, a urgência do MEC para o começo do curso, fez-nos aceitar o material do Projeto Minerva. O SERTE-Bahia ficou responsável pela transmissão, acompanhamento e avaliação do Programa. Somente mais tarde nos libertamos desse projeto e elaboramos nosso Programa denominado “Ginásio do Ar”.

De acordo com as nossas pesquisas, constatamos que o Projeto Minerva só foi instalado em 1970, informação que vem de encontro àquela da Professora Ruth, quando esta afirma que o SERTE logo após a sua instalação, transmitia o Projeto Minerva. Acreditamos que deveria haver algum outro programa a nível federal, para a preparando o aluno para o Exame de Madureza semelhante ao Projeto Minerva.

O exame de Madureza era estabelecido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – (L.D.B.E.N.) 4.024/61 que consagra no seu Artigo 99 – disposições transitórias – referente ao Exame de Madureza:

> “Art. 99.
> Aos maiores de dezesseis anos (16) será permitida a obtenção do Certificado de conclusão do Curso Ginasial, mediante a prestação de Exames de Madureza em dois (2) anos, no mínimo e (3) no máximo, após estudos realizados sem observância do regime escolar.”
> Parágrafo único –
> Nas mesmas condições permitir-se-á a obtenção do Certificado de Conclusão do curso Colegial aos maiores de “dezenove anos”.

De acordo com a atual denominação prescrita na L.D.B.E.N. 9.394 de 20/12/1996, o curso ginasial corresponde ao atual Ensino Fundamental, do 6º ao 9º ano e o Curso Colegial ao Ensino Médio.

Em Junho de 1969, o Presidente da República, General Costa e Silva[58], dava nova redação ao Art. 99 da, L.D.B.E.N. 4.024/61 suprimindo da sua redação original a exigência de "em dois anos no mínimo, e três no máximo". Desta forma os candidatos passaram a ter oportunidades como a de realizar exames, de até (6) seis matérias de uma só vez, bem como, a de repetir o exame de qualquer disciplina tantas vezes fossem necessárias.

3.2.1 - O Convênio entre MEC/SEC para Implantação do SERTE na Bahia

Com a finalidade de regulamentar os Exames de Madureza, a Lei Orgânica do Ensino do Estado da Bahia, (Lei nº 2.463, de 13-09-1967), transcreveu o Artigo 99 da L.D.B.E.N. e determinou como o Estado iria preparar o candidato ao Madureza:

> Art. 100 –
> Aos maiores de (16) dezesseis anos, será permitida a obtenção de Certificado de conclusão do ciclo ginasial do Curso Secundário, mediante a prestação de Exame de Madureza, após estudos realizados sem observância do regime escolar.
> §1º - Nas mesmas condições, permitir-se-a a obtenção do certificado de conclusão do curso colegial, do curso secundário, aos maiores de (19) dezenoves anos.
> §2º - Os exames de que trata o presente Artigo será regulamentado pela Secretaria de Educação e realizado nos estabelecimentos autorizados pela Secretaria de Educação e Cultura.
> §3º - Em cumprimento a este Artigo e ao anterior a Secretaria de Educação e Cultura oferecerá as pessoas a que eles se referem cursos por correspondência associados a transmissões de Rádio e Televisão [59]".

---

[58] Marechal **Artur da Costa e Silva** nesceu emTaquari, 3 de outubro de 1899 no Rio Grande do Sul, faleceu n Rio de Janeiro, em 17 de dezembro de 1969, foi o segundo presidente do regime militar instaurado pelo Golpe Militar de 1964. Seu governo iniciou a fase mais dura do regime militar, promulgado o AI-5, que lhe deu poderes para fechar o Congresso Nacional, cassar políticos e institucionalizar a repressão. No seu governo, houve um aumento significativo das atividades subversivas e de guerrilha visando combater o golpe de Estado de 1964 e o regime militar por ele instalado.Foi eleito Presidente da República em 3 de outubro de 1966, pelo Congresso Nacional, obtendo 294 votos. Foi candidato único pela ARENA. O MDB se absteve de votar. Tomou posse, em 15 de março de 1967, em meio a grandes expectativas quanto ao progresso econômico e a redemocratização do País. Neste dia 15 de março, entrou em vigor, a Constituição de 1967, deixando de vigorar, a partir daquele dia, os 4 atos institucionais baixados por Castelo Branco.

[59] Menezes, 2009, p. 235

A partir do que foi estabelecido neste Artigo e, em cumprimento ao §3º foi oferecido na Bahia a todos os candidatos ao Exame de Madureza, um Curso pelo Rádio, denominado "Ginásio do Ar", devidamente autorizado pelo Secretário de Educação e Cultura, Prof. Luís Navarro de Brito. Assim, favoreciam àqueles que desejavam realizar os Exames oficiais, aos quais tinham acesso também os candidatos que não freqüentavam o "Ginásio do Ar".

3.2.2 - A atuação do SERTE na Bahia

Vinda de uma vasta experiência em educação radiofônica, através do MEB, coube à Professora Ruth Vieira a incumbência de coordenar o SERTE órgão onde seriam produzidas as aulas radiofônicas e de escolher o primeiro grupo que iria trabalhar no "Ginásio do Ar", então denominados de Professores-produtores. Esse grupo foi indicado pelo Professor Ney Meira, que lecionava Matemática e Estatística no Colégio Santa Bernadete, situado na Cidade Baixa, Itapagipe, palco de uma reforma pioneira na Bahia, que serviu de base a muitas experiências hoje comprovadas. [60]

A ligação entre a Professora Ruth e o Colégio Santa Bernadete deve-se ao fato dela ser membro da Igreja Católica, através do MEB e, como comenta a Professora Mariaugusta Rosa Rocha, também professora do Colégio Santa Bernadete e primeira Professora – produtora de Geografia do "Ginásio do Ar":

> Ninguém imaginava que um colégio de freira, um colégio de bairro, situado na península de Itapagipe conseguisse juntar tanta gente para pensar, refletir e propor novos rumos para a educação. Havia Heloisa, Lucia,Inês Dilza Ata, Irmã Querubina. Importante ressaltar a figura de Dr. Luis Rogério , um grande líder, uma pessoa fantástica. Apesar de médico, tinha uma experiência da educação adequada à nossa realidade.. Ele foi responsável pela implantação do CENEC – Centro de Educação da Comunidade. Viajei com ele por todo interior do Estado na sua peregrinação para implantar a rede CENEC. Aprendi muito com Dr. Rogério. E no Santa Bernadete passávamos o dia inteiro pensando, respirando e discutindo educação.Quem era do Santa Bernadete, passou a ser muito solicitado.Acredito que fui para o SERTE, depois do Santa Bernadete. Necessário dizer que Ruth Vieira era muito ligada ao pessoal da Igreja Progressista.

[60] Argollo, S.D.

Além da Professora Mariaugusta os outros professores – produtores, do primeiro grupo que compôs o "Ginásio do Ar", também eram do C. S. B. entre eles: Erimita Cunha de Miranda, Professora de Língua Portuguesa; Lúcia Ito Rocha, Professora de Ciências; Humberto de Argollo, Professor de História; e o próprio Ney dos Santos Meira, Professor de Matemática. Infelizmente, desse grupo apenas as professoras Mariaugusta e Erimita continuam entre nós e através de seus depoimentos foram obtidas informações importantes, que permitiram superar as lacunas que os documentos oficiais deixaram.

Como nos informou a Professora Mariaugusta, este grupo de professores a partir do trabalho desenvolvido no C. S. B. passou a ser muito solicitado e foi responsável por muitas mudanças educacionais ocorridas na Bahia na década de 1960, no período anterior ao Golpe Militar. Foram muitas mudanças que, segundo esta Professora, partiu da experiência do C. S. B. Desta forma, o grupo estava sempre junto, unido nos seus ideais de transformação da educação, em diversos segmentos, não apenas através da educação radiofônica, mas na Campanha de Aperfeiçoamento e Difisão de Ensino Secundário (CADES), no Colégio de Aplicação, na implantação do curso de Educação na Universidade Católica e da Universidade Federal da Bahia - UFBA, na direção dos Colégios Integrados Anísio Teixeira e Ministro Pires de Albuquerque. "Então, realmente é um grupo que revolucionou e por isso estávamos sempre juntos e, apesar das seqüelas, conseguimos sobreviver[61].

Este grupo de jovens profissionais educadores, formavam uma família e o "espírito de equipe, de irmandade predominou e perdurou" [62] por muito tempo, não apenas com o primeiro grupo de Professores-produtores, mas continuou resistindo às mudanças do espaço físico, isto é, os vários locais onde o SERTE foi instalado e às mudanças institucionais, quando o SERTE foi transformado em SES e em seguida em IRDEB.

3.2.3 - O Curso de Madureza Através do "Ginásio do Ar"

A Filosofia dos Cursos Radiofônicos e dos Exames de Madureza do SERTE levava em conta os conhecimentos teóricos e práticos que os alunos já possuíam e eram usados como base para os conteúdos programáticos, buscando uma ligação intrínseca entre a teoria e a prática. A grande meta dos cursos era conseguir dos alunos a reflexão lingüística, matemática,

[61] Mariaugusta, 2009
[62] Argollo, S.D.

geográfica, histórica e bio-físico-química, encarnando em sua vivência e não apenas, tratá-los como pequenos depósitos de conhecimentos das disciplinas estudadas.[63]

Para conseguir alcançar esta meta, os organizadores do "Ginásio do Ar" tinham como perspectivas:

1- **"A busca dos relacionamentos e sua organização –** para que o aluno aprendesse era necessário que fosse oferecido um Curso, onde cada disciplina esteja em completo relacionamento com sua vida, bem como relacionados com as demais matérias do Curso". As aulas deveriam ser um ponto de relacionamento entre a vida do aluno e todo o vasto conhecimento humano, para levar o aluno a sentir a necessidade de estudar sempre, percebendo a necessidade do relacionamento social que se refletiria, primeiramente no estudo de equipe, nos "Ginásios do Ar" estabelecendo-se como norma de vida[64].

2- **A busca da precisão** - objetivando despertar no aluno a compreensão da necessidade do planejamento, usando como fator de motivação, o choque entre a idéia concebida e a realidade experimentada, tendo a pesquisa como instrumento ideal, através do qual o estudante descobre a falsidade da aparência e procura, a partir daí, desenvolver todo um espírito de planejamento, aguçando sua capacidade de atuação, conseguindo sempre melhores resultados em sua ação[65].

3- **A busca da concreteza** - baseado no dado concreto, no aqui e agora, onde o passado já não existe e o futuro chega, para logo tornar-se passado, levando o homem a se agarrar no presente enquanto presente. Os cursos deveriam iniciar os estudos a partir do dado visível, tocável, presente no cotidiano de cada aluno. A sua cidade, o seu estado, os seus contemporâneos, o mundo de hoje, são os pontos de referência para todos os estudos, e só a partir dele, o aluno encontrará o passado e projetará futuro[66].

4- A busca do metafísico - a visão de o aqui e o agora pode formar homens-máquinas imediatistas e robotizados, mas é da própria concreteza que emergem os mais puros dados metafísicos. Assim, quando se aprofunda com os alunos, através da pesquisa e do planejamento, o estudo do dado concreto, e quando tudo é feito a partir do pressuposto da ordenação dos relacionamentos universais, normalmente se revela a

[63] Madureza Ginasial – Uma experiência em educação p.8
[64] Madureza Ginasial – Uma experiência em educação, 1968, p. 8
[65] Id., 1969, p. 9
[66] Id., 1969, p. 9

> força dos dados espirituais concretamente, em cada aluno. Aparece no reconhecimento da própria força cognoscitiva que ele possuía ainda que não tenha consciência da mesma e, na descoberta da vontade humana, formando o grande quadro das interrogações metafísicas que são o verdadeiro certificado da Madureza do pensamento lógico-científico. [67]

A perspectiva filosófica do SERTE é confirmada na seguinte interpretação da Professora – produtora Mariaugusta, sobre as aulas do "Ginásio do Ar":

> Naquele tempo eu pensava que ia salvar o mundo! Imaginava que era o caminho que dispúnhamos para democratizar o acesso à educação. Realmente você democratizava a informação. Dentro daqueles parâmetros, respondia-se às necessidades daquele tempo. Os conhecimentos duravam, trabalhava-se muito a memória, e a sociedade cobrava a quantidade dos conhecimentos acumulados O professor acreditava que sabia, que era a fonte de onde emanava a informação e que era o dono da verdade.

Dessa forma, observa-se que, para ela, o Curso de Madureza foi, na época, uma democratização na educação.

A- ANÁLISE DO MATERIAL IMPRESSO

A análise da aula Introdutória e do questionário de Geografia do livro de Madureza Ginasial, Tomo I, elaborado pela Professora – produtora Mariaugusta, permite observar que existe uma relação com a Filosofia estabelecida pelo Curso, no que se refere à "Busca pela concreteza", e a "Busca da Precisão" quando na aula se estabelece uma comparação entre o clima das regiões polares e o da Bahia: (ANEXO IV)

> Assim, se nós aqui na Bahia temos um clima que se apresenta com chuvas numa determinada época do ano, e sem essas numa outra parte, com temperaturas suportáveis durante todo o ano, nas Regiões Polares, tal não vai acontecer.

E o questionário orienta o aluno a realizar uma pesquisa sobre a cidade em que vive:

QUESTIONÁRIO

> 1-Quantos habitantes há na cidade que você mora? Qual o tamanho da área da mesma?
> 2-Quais as principais atividades exercidas pelos seus habitantes
> 3-Descreva com palavras simples a sua cidade.

[67] Id., 1969, p. 9-10

4-Finalmente, que você entendeu por Geografia?[68]

As aulas veiculadas pelo "Ginásio do Ar" eram transmitidas por seis emissoras particulares em Salvador. A primeira emissora foi a Rádio Sociedade de Feira de Santana cujo sinal era melhor captado em diversas cidades do interior, e também em Salvador. A escolha dessa rádio deveu-se ao convênio firmado entre a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e a Secretaria do Estado da Bahia, assinado em 1961 e por força desse convênio ficava estabelecido que:

> A CNBB falava em nome das Emissoras Unidas da Bahia (Rádio Sociedade de Feira de Santana, Rádio Emissora de Alagoinhas e Rádio Educadora de Santo Amaro) a Rádio Cultura de Ilhéus e a Rádio da Paróquia de São Gonçalo dos Campos, todas concorde em integrarem a sede geral de emissoras católicas para execução do programa de Educação de Base do Brasil. (Argollo, 198...**)**

Por força desse convênio e ligado ao MEB até a sua extinção na Bahia, em 1967, o SERTE permaneceu vinculado a esse movimento, através das emissoras citadas, especialmente a Rádio Sociedade de Feira de Santana, pela sua potência escolhida para geradora dos seus cursos. A Rádio Excelsior passou a retransmitir os programas do Curso de Madureza a partir de 1970.

As aulas eram transmitidas pelo rádio num total de sete horas diárias, nos turnos diurno e noturno, para que atendesse às necessidades do aluno trabalhador. Essas emissoras tinham um convênio com a Secretaria de Educação do Estado e se comprometia a fornecer gratuitamente os horários.[69]

A elaboração das aulas era realizada por uma equipe de cinco professores, um por matéria, devidamente treinados em Rádio Educação e cabia a cada um deles a elaboração do curso, desde o plano inicial até os *scripts*, como relata a Professora – Produtora Mariaugusta:

> Elaborávamos os scripts isoladamente, em casa, e tínhamos a obrigação de entregá-los semanalmente, acho que duas aulas. Essas aulas se compunham de texto e aula propriamente dita. Lembro da técnica de cortina. Você falava e dava uma paradinha para música entrar. Enfatizava a necessidade de adequar músicas, aos interesses dos alunos que gostavam e pediam mais. O intervalo era ocupado pela música.

[68] ROCHA, 1969, p 11-13
[69] Madureza Ginasial – Uma experiência em educação p. 11

Além das aulas, os professores elaboravam o Material Impresso, isto é, as apostilas, como eram chamadas na época, com o texto de cada aula que ia ao ar, além de sugestões de pesquisa, orientação para o estudo e exercício de avaliação. De acordo com a informação obtida pelo Dr. Jorge Gomes, ex-aluno do Curso de Madureza Ginasial os alunos "pegavam as apostilas na Secretaria de Educação , quando a Secretaria funcionava ainda na Av. Sete de Setembro, no Corredor da Vitória", para acompanhar as aulas que eram veiculadas pelo rádio.

Nos primeiros anos do "Ginásio do Ar", os Professores – produtores elaboravam tanto os *scripts* quanto o material impresso sozinhos, ainda não havia uma divisão entre produtores de aulas radiofônicas e de material impresso, segundo informações da Professora Mariaugusta:

> [...] cada um agia independentemente. Não me lembro de reuniões para discussão de metodologia. Era muito simples. Cada um elaborava seu texto, preparava a aula que era gravada, os textos transformados em livro e distribuídos com os alunos. Foi o primeiro livro que eu escrevi.

Com o crescimento do número de alunos do SERTE e, consequentemente do aumento do volume de trabalho, juntou-se à equipe de Professores- produtores, os professores - revisores um para cada disciplina, cabendo a eles a revisão das aulas e apostilas, "zelando não só pelos aspectos particulares da técnica de ensino pelo Rádio e por correspondência, como também pela linguagem correta e acessível e pela precisão do conteúdo.[70] De acordo com a Professora Erimita:

> Os professores-revisores tinham o direito de fazer modificações nas aulas, que eram elaboradas a partir de "um conteúdo programático e havia uma metodologia [...] que a gente procurara introduzir o assunto. Esse era o objetivo.

Para dinamizar o trabalho, existiam os Centros de Recepção Organizada, Tele - sala ou Tele-posto, localizados em diversas cidades do estado onde os alunos se reuniam sob a orientação de um Professor – monitor para ouvir as aulas que eram veiculadas pelo rádio, realizar a leitura dos textos dos livros e responder às atividades propostas. No início dos trabalhos realizados pelo SERTE, "o corpo de monitores era de voluntários, em sua maioria constituída de professores primários, estudantes universitários, religiosos que se colocam à disposição do outro, dando assim uma parcela de contribuição ao esforço conjunto para o desenvolvimento do Estado." [71]

[70] Madureza Ginasial. Uma experiência em educação p 11
[71] Madureza Ginasial. Uma experiência em educação, p 12

A Professora Erimita, que também atuou como supervisora dos Telepostos, comenta como se dava o seu funcionamento:

> Um monitor, naquele horário, ele reunia o pessoal e ouviam o rádio juntos. O Teleposto era para controlar a recepção. Porque podia ter alguém que ouvia na casa dele [...] Aí todo mundo podia ouvir. Mas a gente [o SERTE] tinha um Teleposto.

No nosso entendimento, essa conotação de "voluntariado" e a sua manutenção pós extinção do MEB, torna evidente o descaso que os órgãos públicos sempre tiveram com a educação, transformando-a em trabalho beneficente, sem necessidade de remuneração como uma "contribuição para o desenvolvimento do Estado".

Por não existirem Centros de Recepção Organizada em todas as cidades ou por motivos particulares, muitos alunos assistiam às aulas pelo rádio, orientando-se pelas apostilas para se prepararem para realizar os exames de Madureza. Foi o caso do Dr. Jorge, o nosso aluno entrevistado, que residindo em Cachoeira, cidade do Recôncavo baiano, onde não existia Tele- sala estudou em grupo para se preparar para os exames, como nos contou na entrevista:

> Tive uma colega que nós nos reuníamos para estudar sempre... Aí nós dividíamos, eu ensinava matemática, ela português. Eu fiz a prova em Feira de Santana, no Colégio Gastão, antigo Colégio Normal. Tinha uma coordenadora lá [...] Professora Marília, que coordenava o curso naquela época... O Professor Carlito de matemática [...] Na época ele participava também do Madureza na escola

Segundo informações da Professora Olga Lima que lecionou no Colégio Estadual Gastão Guimarães, dos professores citados pelo Dr. Jorge sabe-se que a professora Marília Queiroz Silva já faleceu e o Professor Carlito se aposentou, desconhecendo-se o seu paradeiro. De acordo como o material do Professor Humberto de Argollo, a Professora Marília:

> [...] com sua dedicação, dinamismo e elevada capacidade de trabalho[...] *dublê* de professora e locutora [...] sustentou o SERTE em Feira de Santana, nas horas difíceis, até com o seu próprio sacrifício. Veio do MEB e é um dos elementos das primeiras horas do atual IRDEB, que dão de si, no anonimato, sem anseios de honras individuais, a contribuição pela grandeza da teleducação no Brasil.

Para orientar os monitores em sua tarefa pedagógica, existia um Setor de Supervisão que funcionava como um instrumento de dinamização dos centros de recepção organizada, "procurando desenvolver nos diversos grupos o espírito de colaboração, o sentido de compreensão e esforço comum" [72]. A supervisão funcionava também como um processo

[72] Madureza Ginasial. Uma experiência em educação

avaliativo medindo os sucessos e os pontos negativos da ação educativa, encontrando as causas e os meios de superá-los, através de sugestões aos professores redatores e revisores para modificação e reformulação das aulas. (ANEXO VII, v. 2)

O Planejamento dos Cursos era feito semestralmente por uma equipe central de produção com a Coordenação, Assessoria e a equipe de Revisão, partindo da linha básica do curso e levando em consideração as experiências do semestre anterior, quando eram estruturados os diversos programas, em plano de unidade. Mensalmente essa equipe se reunia para avaliar os trabalhos realizados por cada professor e verificar pequenas modificações realizadas pelo mesmo em seus planejamentos e reunir todo o curso em torno da globalização.

Na tentativa de suprir a distância existente entre Professor – produtor e aluno eram realizados exercícios passados em aulas ou em apostilas que depois de respondidos eram enviados para a equipe de produção que os corrigia e devolvia aos alunos. Porém, a presença do supervisor nos Centros de Recepção organizada garantia um contato direto e uma visão real do grau de aprendizagem conseguido pelos alunos neles inscritos.

O trabalho realizado pela equipe do SERTE, através dos exercícios e dos relatórios efetuados pelos supervisores, fornecia subsídios para perceber as dificuldades encontradas pelos alunos e tentar superá-las, avançando mais ou menos no planejamento ou tomando uma série de medidas que garantiam o êxito do curso.

Com essa estrutura, percebe-se que havia uma inter-relação entre os produtores, o setor de planejamento e de avaliação, que tentavam identificar e criar mecanismos para superar as dificuldades inerentes a um curso à distância, através do rádio e a falta de contato direto entre os Professores - produtores e os alunos.

Os alunos do “Ginásio do Ar” eram distribuídos por zonas, nos diversos municípios baianos que se encontravam agrupados na seguintes zonas:

Baixo Médio São Francisco: Ibotirama, Juazeiro, Barra do Rio Grande, Morpará, Xique-Xique e Ichú.
Cacaueira: Potiraguá, Valença, Itapé, Ibicaraí, Uruçuca, Canavieiras, Itapetinga, Ilhéus, Itabuna, Itajuípe e Itaperoá.
Chapada Diamantina: Brotas de Macaúbas, Seabra, ituaçu, Itaeté, Abaíra e Barra de Mendes.
Conquista: Vitória da Conquista, Jacaraci, Itapetinga, Macarani, Iguaí, Itarantim, Boa Nova, Itagibá, Planalto.

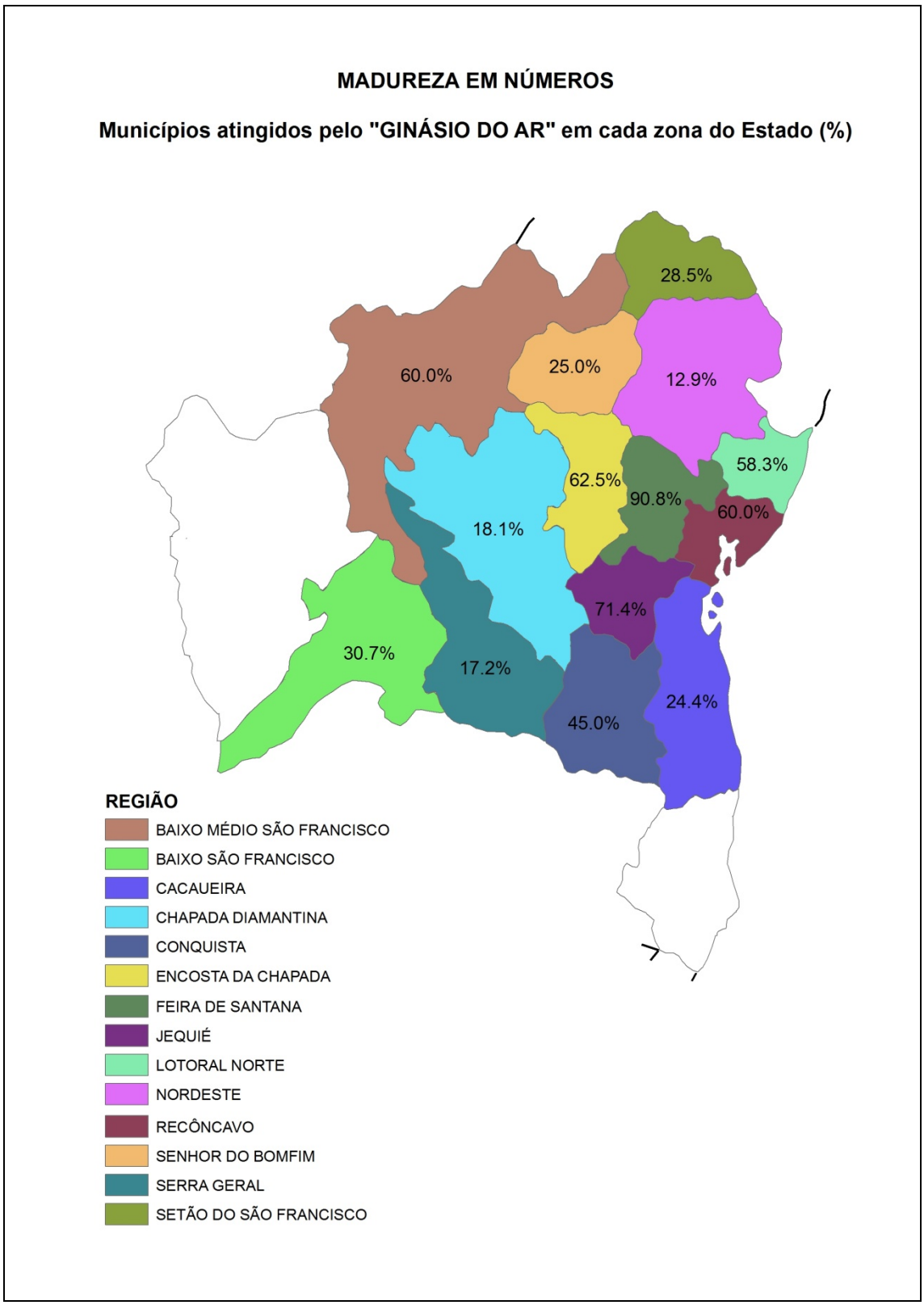
Encosta da Chapada: Boa Vista do Tupim, Jacobina, Rui Barbosa, Piritiba, Mundo Novo, Itaberaba, Macajuba, Wagner e Rio de Contas.
Feira de Santana: Feira de Santana, Coração de Maria, Conceição de Feira, Anguera, Biritiba, Água Fria, Conceição do Coité, Valente, Serrinha, Teofilândia, Tanquinho, Serra Preta, Santo Estevão, Irará, Santa Bárbara, Riachão do Jacuípe, Candeal, Santa Terezinha, Lamarão, Ipirá.
Jequié: Jequié, Itagi, Amargosa, Ubaíra, Elísio Medrado, São Miguel das Matas, Nova Itarana, Mutuípe, Milagres, Laje, Jaguaquara, Itiruçu, Barra da Rocha e Jitiaúna.
Litoral Norte: Rio Real, Alagoinhas, Esplanada, Entre Rios, Aporá, Acajutiba, e Nova Sour.
Médio São Francisco: Bom Jesus da Lapa, Palmas do Monte Alto, Malhada e Cocos.
Nordeste: Jeremoabo, Uauá, Queimadas e Cansanção
Recôncavo: Salvador, Cachoeira, Muritiba, Conceição do Almeida, Terra Nova, Santo Antônio da Purificação, Catu, Pojuca, Teodoro Sampaio, Santo Antônio de Jesus, São Sebastião do Passé, São Gonçalo dos Campos, São Felipe, Governador Mangabeira, Lauro de Freitas, Dias D'Ávila, Conceição do Jacuípe, Cruz das Almas, Sapeaçu, Maragogipe e São Felix.
Senhor do Bonfim: Campo Formoso e Senhor de Bonfim.

Serra Geral: Caetité, Guanambí, Livramento de Nossa Senhora, Boquira e Candiba.

Sertão do São Francisco: Paulo Afonso e Glória

No mapa 1 podemos observar a distribuição geográfica das zonas dos municípios acima relacionados.

Mapa 1



Fonte: BAHIA. Secretaria de Educação e Cultura. **Madureza ginasial**: uma experiência de educação. Salvador, 1969. P. 22. Informes sobre os cursos radiofônicos e exames de madureza.

É importante relacionar os municípios que faziam parte do Ginásio do Ar, para que se tenha uma visão da abrangência deste no interior da Bahia. Além destes municípios, havia também penetração em outros estados como Alagoas, Minas Gerais e Pernambuco, que mantinham

uma boa audiência, embora estes alunos não fossem inscritos no curso, mas sim para o exame de Madureza.

Em pesquisa realizada no arquivo do IRDEB, localizamos fichas de inscrição de candidatos ao Curso e Exame de Madureza e, entre elas, encontramos a ficha de uma aluna residente na cidade de Delmiro Gouvéia, em Alagoas, que em 15 de maio de 1968, requereu inscrição para o Exame de Madureza nas disciplinas de Português e Matemática, na cidade de Paulo Afonso. A través desta ficha de inscrição pode-se confirmar a abrangência do exame de Madureza através do SERTE/Bahia em outros estados do Brasil. (ANEXO VIII, v. 2)

O Curso de Madureza Ginasial, realizado através do SERTE, tinha como principal objetivo preparar o aluno para as provas de Exame de Madureza, que eram realizados semestralmente, em cidades com uma grande concentração de alunos e que facilitassem a presença de outros alunos de cidades próximas. Esta informação foi confirmada pelo Dr. Jorge, ex-aluno de Curso de Madureza:

> Idália - Você fez a prova aonde?
> Jorge - Em Feira de Santana.
> Idália - Em Cachoeira não tinha?
> Jorge – Não.
> Idália - E que locais tinham?
> Jorge – Guimarães, o antigo Colégio Normal.

As provas para esses exames eram elaboradas pela equipe do SERTE em cumprimento ao Decreto em sua cláusula quarta determina que:

> O Departamento Estadual de Educação, em comum acordo com o Ministério de Educação e Cultura através da Inspetoria Seccional, constituirá uma banca de exame em caráter permanente para a realização dos exames do madureza. [73]

Durante os anos de 1967 a 1969 foram formadas bancas examinadoras para os Exames de Madureza Ginasial, obedecendo aos termos do referido convênio. Presidia cada banca o Professor – produtor do SERTE, na sua disciplina. Os exames eram realizados durante os meses de janeiro e julho, em escolas estaduais ou em escolas particulares, aproveitando o espaço devido às férias escolares.

As inscrições para o Curso no Ginásio do Ar e para o Exame de Madureza eram realizadas nas cidades onde havia Tele salas ou na sede do SERTE, em Salvador, sendo bastante criteriosa, pois exigia dos candidatos um requerimento à Coordenadora Estadual do SERTE,

[73] ARGOLLO, 198..., p. 15

Professora Ruth Vieira, cópia da certidão de nascimento ou de casamento, com firma reconhecida, atestado médico e um valor de NCr$ 5,00 por cada disciplina que o candidato fosse prestar exame. (ANEXO IX, v. 2)

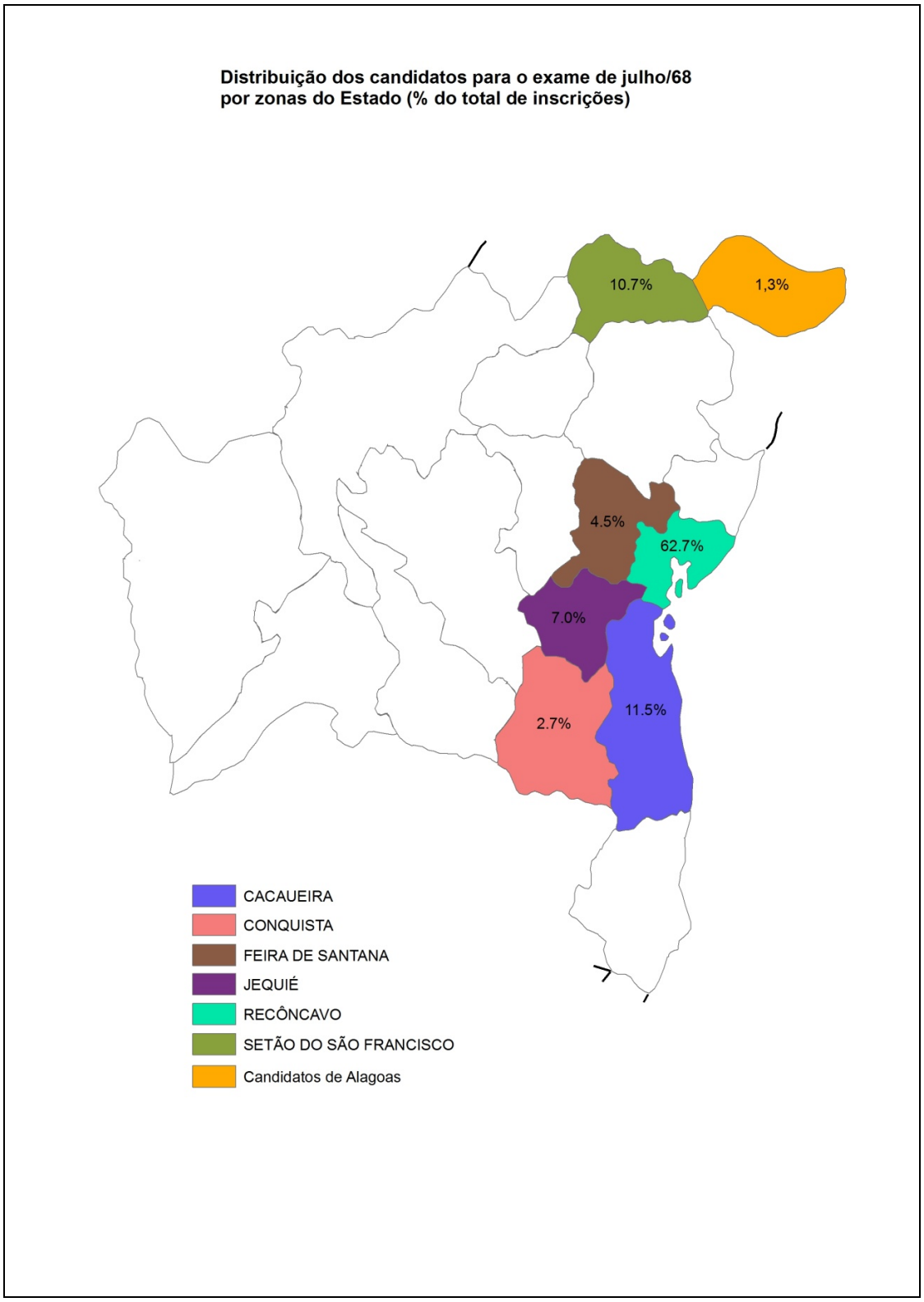
Esta seleção, apesar de criteriosa, era seletiva, pois excluía os candidatos que não tivesse acesso a um médico para requerer o atestado, ou aqueles que não pudessem pagar o valor solicitado para realizar a inscrição.

Procurando quantificar a ação do Madureza e sua ação no estado da Bahia, constatamos que em 11 de julho de 1967, o SERTE promoveu o 1º Exame de Madureza da Bahia, no Instituto de Educação Gastão Guimarães, em Feira de Santana, com um total de 52 alunos, assim distribuídos: 30 para Português, 18 para Matemática, 12 para Ciências, 32 para Geografia e 21 para História. Em Salvador, o primeiro exame ocorreu no Centro Educacional Edgar Santos, no dia 15 de julho de 1967, com um total de 94 alunos, assim distribuídos: 72 para Português, 65 para Matemática, 54 para Ciências, 32 para Geografia e 34 para História. Vale ressaltar que o mesmo aluno geralmente prestava exame para mais de uma disciplina.[74]

Nos exames realizados em janeiro de 1968 houve um crescimento relativo no número de alunos inscritos. Porém, em julho de 1968 percebe-se um aumento considerável no número de alunos inscritos para os Exames de Madureza, pois além de Salvador e Feira de Santana, ocorreram exames de Madureza em outras cidades do estado da Bahia e em Alagoas, como está demonstrado no mapa seguinte.

[74] ARGOLO, p. 11,12

MAPA 2



Fonte: BAHIA. Secretaria de Educação e Cultura. **Madureza ginasial**: uma experiência de educação. Salvador, 1969. P. 23. Informes sobre os cursos radiofônicos e exames de madureza.

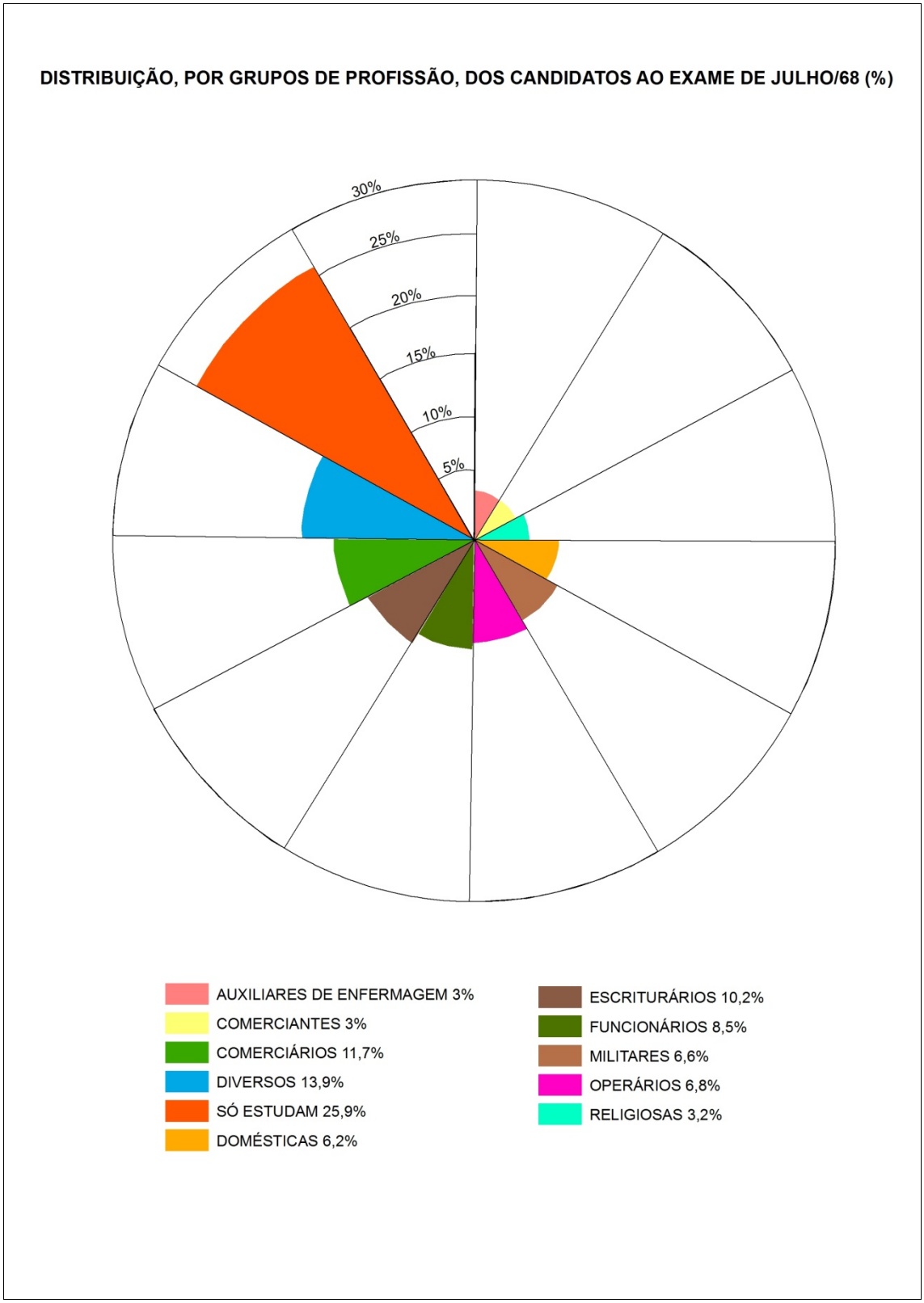
Apesar do Curso através do Ginásio do Ar ter uma abrangência em todo o estado da Bahia, os exames só eram realizados em 6 zonas e no estado de Alagoas. (ANEXO VI) Isso provavelmente deve-se à proximidade destas zonas com a capital, de onde saíam os professores examinadores, funcionários do SERTE e, devido à maior concentração de alunos inscritos no Ginásio do Ar. Nas zonas de Senhor do Bonfim, Encosta da Chapada, Chapada Diamantina, Serra Geral, e Baixo Médio São Francisco, não haviam banca e, de acordo com as informações obtidas no mapa nº 2 ou não houve inscrição desses candidatos para os exames, ou eles se inscreveram em outras zonas para realização dos exames.

A crescente procura pelos Exames de Madureza demonstra a sua credibilidade e também a necessidade cada vez maior da população adulta em concluir o Curso Ginasial, pois a década de 1960 é uma época em que há um crescimento industrial na Bahia com a criação Centro Industrial de Aratu (CIA) [75], e a expansão da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF), havendo cada vez mais necessidade de mão-de-obra qualificada. [76]

[75] O Centro Industrial de Aratu, Complexo industrial multissetorial, fundado em 1967, está localizado na Região Metropolitana de Salvador (RMS), nos municípios de Simões Filho e Candeias, distando 18 km de Salvador.

[76] Apolônio Sales assumiu a presidência da CHESF em 1962 e a empresa recebeu um considerável aumento do seu capital, por intermédio da ELETROBRÁS, que se destinava a ser a *holding* das principais empresas de geração de energia elétrica do País.

GRÁFICO 1



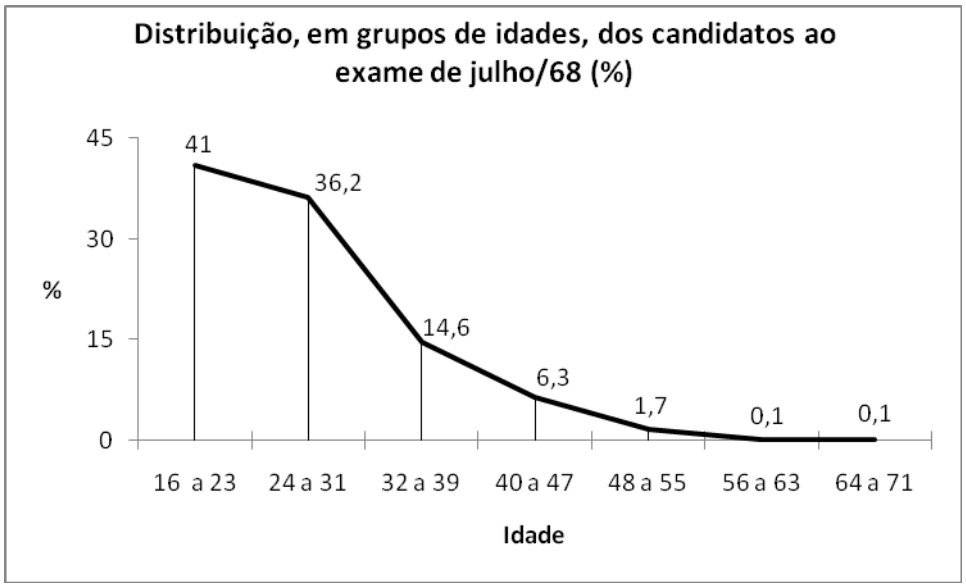
Fonte: BAHIA. Secretaria de Educação e Cultura. **Madureza ginasial**: uma experiência de educação. Salvador, 1969. P. 27. Informes sobre os cursos radiofônicos e exames de madureza.

O gráfico apresenta a distribuição de alunos por grupo de profissão. Pode-se observar que o maior índice de pessoas que se candidatavam ao Exame de Madureza era de estudantes, confirmando a crescente necessidade de qualificação pessoal para entrar no mercado de trabalho. Visto que as demais profissões demonstradas no gráfico têm um percentual bem inferior à dos estudantes.

Dr. Jorge, o aluno entrevistado, declarou que na época trabalhava no comércio de Cachoeira e que queria adiantar o curso ginasial:

> Idália- E por que cursou o Curso Madureza Ginasial?
> Jorge – Olhe bem! A gente... para antecipar... Achei que deveria antecipar o curso.
> Idália – Você vinha cursando?
>
> J – Vinha cursando normalmente.
> I – Você estava com que idade na época? Você se lembra?
> J - 17 anos.
> I – E nesse tempo você trabalhava?
> J – Trabalhava.
> I – Trabalhava lá mesmo em Cachoeira.
> J – Em Cachoeira.
> I – Trabalhava no comercio, em Cachoeira, não é isso? Então, você estudava praticamente à noite.
> J – À noite.

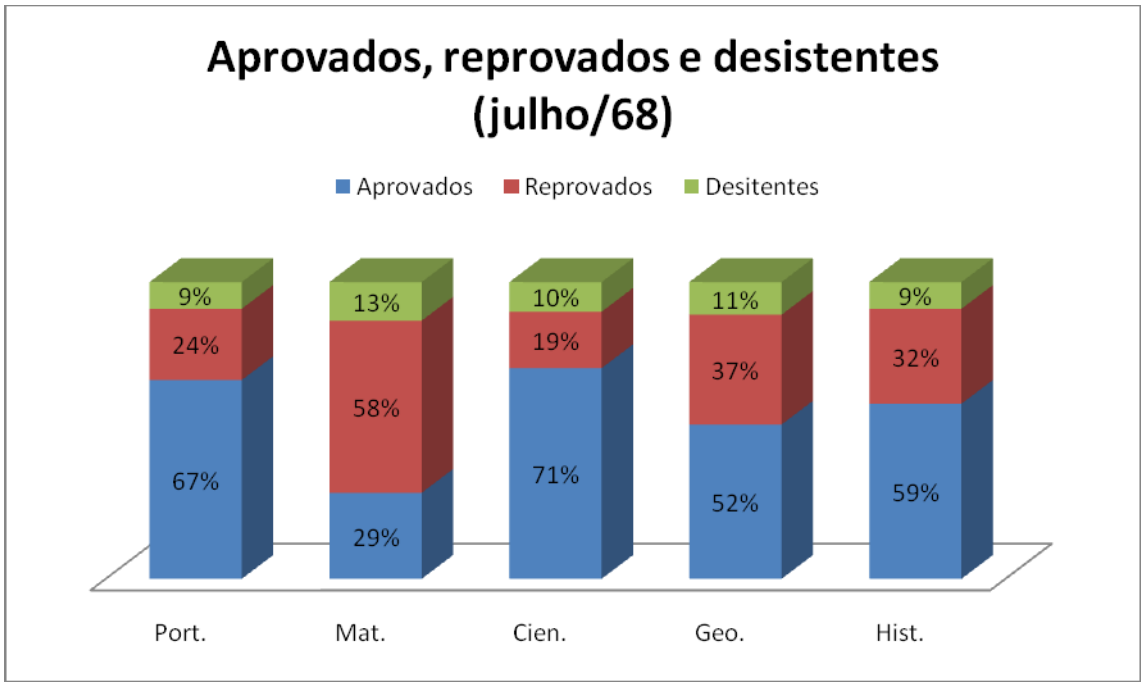
GRÁFICO 2



BAHIA. Secretaria de Educação e Cultura. **Madureza ginasial**: uma experiência de educação. Salvador, 1969. P. 26. Informes sobre os cursos radiofônicos e exames de madureza.

Observa-se neste gráfico uma predominância de candidatos para o Exame de Madureza de adolescentes e jovens na faixa de 16 a 23 anos, que vem confirmar a necessidade destes em se preparar para o mercado de trabalho. Ao confrontarmos os dados deste gráfico com a tabela IV "Percentual do grau de estudo da população de 15 anos e mais – Bahia – 1960-1970", durante esses anos o percentual de jovens com grau de instrução equivalente ao 1º grau, com 5 a 8 anos de estudo que equivalia ao curso ginasial era muito pequeno, apenas 7,5%. O que vem a justificar a grande procura pelo curso e exame de Madureza Ginasial.

Gráfico 3

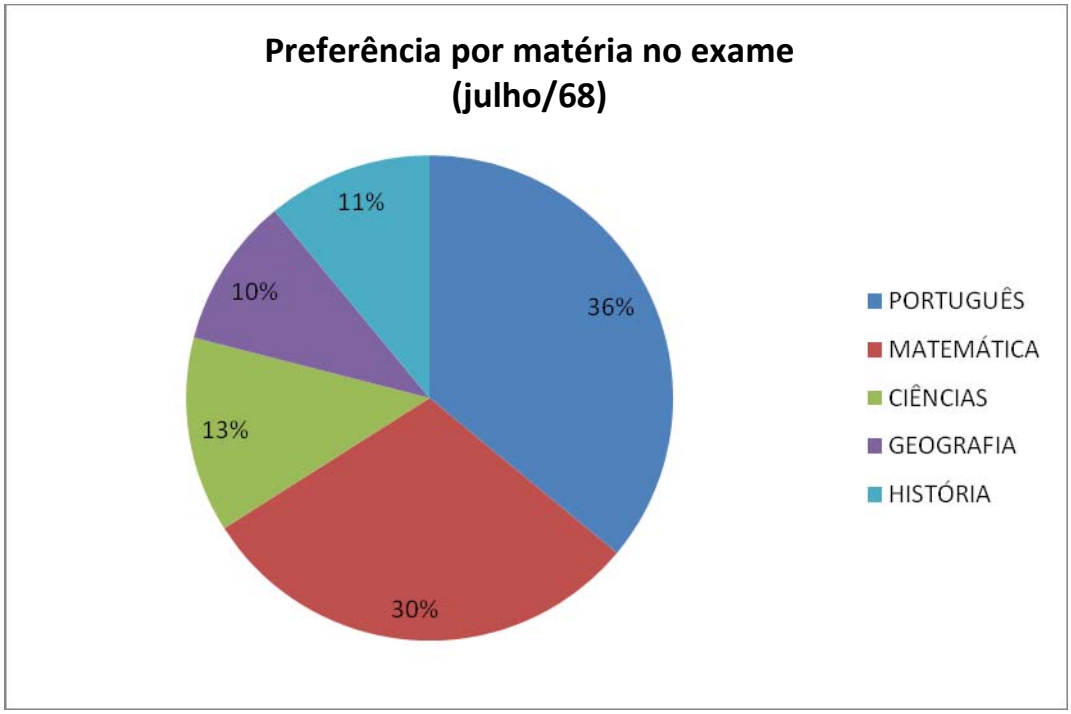


BAHIA. Secretaria de Educação e Cultura. **Madureza ginasial**: uma experiência de educação. Salvador, 1969. P .25. Informes sobre os cursos radiofônicos e exames de madureza.

Quanto, ao aproveitamento, a disciplina que apresentava um maior índice de aprovação era Ciências com 71%, sendo Matemática a disciplina que apresentava o menor índice de aprovação 29% e maior índice de desistência13%.

Com relação a preferência por matéria nos exames, a exemplo das inscrições realizadas para o exame realizado em julho de 1968, observa-se que as disciplinas de maior demanda eram as de Português e Matemática, conforme constata-se no gráfico 4.

GRÁFICO -4 PREFERÊNCIA POR MATÉRIANO EXAME DE JULHO DE 1968



BAHIA. Secretaria de Educação e Cultura. **Madureza ginasial**: uma experiência de educação. Salvador, 1969. p.25. Informes sobre os cursos radiofônicos e exames de madureza.

Observa-se uma maior procura pelas disciplinas de Português (36%) e de Matemática (30%), totalizando mais de 60% enquanto que as disciplinas de Ciências, Geografia e História, não correspondem a 40% das preferências dos candidatos.

Na análise das 5 fichas de Inscrição ao Exame de Madureza, conseguidas no arquivo do IRDEB, do ano de 1968, observamos que todos os alunos realizavam as primeiras inscrições para as disciplinas de Português e Matemática. Só no semestre seguinte eles realizavam a inscrição das demais disciplinas. Das 5 fichas analisadas 2 tiveram sua inscrição indeferida, 2 alunos foram reprovados em Matemática e aprovados nas demais disciplinas e apenas 1 aluno foi aprovado em Matemática e nas demais disciplinas.

As informações obtidas através das fichas de inscrição nos dá algumas características dos candidatos segundo a idade, profissão, forma como se preparavam para o exame, que são confrontadas com os gráficos de aproveitamento, das profissões, idades e sexo. Não nos foi

possível uma caracterização mais precisa devido à falta de dados mais concretos sobre o Exame de Madureza. No arquivo do IRDEB não existem modelos das provas, gabaritos, mapa com aproveitamento destes alunos que foram inscritos nos exames. As análises são feitas a partir dessas fichas de inscrição que também contêm as notas obtidas por eles em cada disciplina.

Para se obter o certificado de conclusão do Ginásio seria necessária a aprovação em todas as cinco disciplinas, provavelmente os candidatos davam preferência às disciplinas que para eles representavam maior dificuldade (Português e Matemática) como primeira inscrição para realização dos exames.

As bancas para execução dos exames eram compostas pelos Professores-produtores do "Ginásio do AR" que se reuniam periodicamente aos Professores–redatores, e planejavam todo o Exame nos seus aspectos pedagógicos. Essas provas eram distribuídas pelas cidades onde iriam ocorrer os exames, juntamente com os *baremas* (gabaritos) garantindo assim a unificação dos critérios de avaliação entre as diversas provas das diversas matérias. Porém, em cada cidade sede onde ocorriam os Exames, havia uma banca diferente, com provas diferentes, mas com a mesma linha programática.

Os Exames de Madureza eram realizados através de provas orais e provas escritas. Através das provas orais procurava-se "situar o ambiente cultural de cada candidato, suas aspirações e sua visão de mundo [...] buscando avaliar a sua capacidade de reflexão em função da disciplina que é objeto de exame"[77]. Nessas provas, evitava-se todo tipo de memorização, e propunham-se questões que exigiam reflexão e raciocínio.

As provas escritas eram impressas antecipadamente e os seus quesitos cobriam o máximo possível dos conteúdos dos programas, exigindo reflexão e raciocínio, com trechos transcritos, muitas vezes de situações - problema, utilizando mapas e cartogramas,[78] palavras-cruzadas e outros recursos com a finalidade de deixar o aluno mais a vontade psicologicamente, para que refletissem com maior realismo sua verdadeira capacidade. As provas orais e escritas eram julgadas por toda a banca que davam o resultado final numa escala de zero a dez, preenchendo as atas e os documentos oficiais do Exame.[79]

[77] Madureza Ginasial: uma experiência em educação, 19, 1969

[78] Mapa geográfico ou topográfico que registra por graduação ou diferença de cores a intensidade de fenômenos quantitativos estatísticos.

[79] Madureza ginasial. Uma experiência em educação

3.2.4.- A TRANSFORMAÇÃO DO SERTE EM SEÇÃO DE EDUCAÇÃO SUPLETIVA (S.E.S) e IRDEB

Em 1967 o MEC encerrou o convênio para manutenção do Curso de Madureza Ginasial pelo rádio, ficando a SEC da Bahia com a responsabilidade de desenvolver o trabalho. Em 1968, após extinção do SERTE pelo MEC, a nível nacional, este órgão foi transformado em Seção de Educação Supletiva, da Divisão Técnico Pedagógica do Departamento de Educação Média atendendo a reforma administrativa da SEC, de acordo com a Lei Orgânica do Ensino Nº 2.463 de 13 de Setembro de 1967.

Segundo informação encontrada no acervo particular do Professor Humberto de Argollo:

> [...] dentro da referida Divisão não havia nenhuma pessoa capaz de entender de teleducação. Muito pelo contrário, nela situavam-se técnicos adversários dos multi-meios em educação [....] só por ilustração, o consumo de papel da SES era maior do que de toda a Divisão a que estava vinculada.

A Profª Dilza Atta, Chefa da Divisão Técnico Pedagógica, nesta época, confirmou na entrevista que nos foi concedida, que a atuação do SERTE, após transformado em SES era independente dos outros setores dentro do órgão por ela chefiado:

> [...] a Divisão de Assistência Técnico-Pedagógica (DATP) era integrada por seis seções, uma das quais era o SERTE que já era um órgão bem estruturado, com um excelente quadro de professores que estavam se especializando em Educação à Distância. Todos ou a maioria deles participava também da experiência do Colégio Santa Bernadete, eu os conhecia e sabia como as coisas se desenvolviam lá. As demais seções começavam a estruturar-se. Na época, cada uma delas (Currículo, Supervisão, Avaliação etc) dispunha apenas de um professor que era o Chefe da Seção e todos os chefes juntos construíam o que cada seção deveria ser. Era um momento de criação e de muito trabalho. Priorizamos, assim, o acompanhamento às seções novas, enquanto o SERTE, sob a direção de Ruth Vieira, continuava muito bem o seu trabalho. Desse modo, o que tive com o SERTE, como Diretora da Divisão, foi uma relação de caráter formal. A correspondência que vinha para a Divisão era encaminhada para lá e só raramente, alguém do SERTE vinha participar das reuniões que a Divisão realizava na Secretaria.

Com a transformação do SERTE em SES e vinculado a um órgão cuja dimensão era muito menor que o seu potencial de trabalho, o Professor Raimundo Dantas, que nesta época era Assessor Técnico de Rádio Divisão do SERTE, encaminhou um parecer discutindo a situação do SERTE e sugerindo sua transformação, em maio de 1968, num órgão de autarquia,

respaldado na própria Lei Orgânica de Ensino, como comenta na entrevista que nos foi concedida:

> [...] O SERTE terminou com a reforma administrativa do Estado, [1967] terminou transformado em Seção de Ensino Suplementar que era uma seção, de uma Divisão de um Departamento de Ensino Médio e aí como seção a gente não tinha muito o que fazer porque dependia daquela burocracia de uma estrutura enorme. Nessa época já os outros estado, São Paulo já tinha a Fundação Anchieta, o Rio Grande do Sul tinha a Fundação Padre Landel de Moura, que é uma Fundação do estado para fazer a Rádio e TV Educativa que era o que a gente fazia na verdade. Então nessa época eu comecei a conversar com Ruth e podemos fazer aquilo também uma autarquia. Naquele tempo, se falava em autarquia que era o órgão do serviço público que tem uma certa autonomia. Ela disse bote no papel suas idéias e a gente passa para o Secretário de Educação. Então pronto, fizemos aquelas idéias, formulamos um resumo referente à formação (...)

No seu parecer o Professor Raimundo Dantas argumenta que a transformação do SERTE em SES não tem respaldo legal, pois

> [...] as características dos nossos serviços {do SERTE} não se prende às características da escola supletiva, pois não necessariamente daremos aulas noturnas nem cursos regulares, nem curso primário..... nossa característica é o uso dos meios modernos de comunicação, aplicando-os ao ensino, seja ele regular ou não, com a preocupação de preparar mais profundamente e de modo mais rápido, um número cada vez maior de alunos.... Fazemos uma educação para o desenvolvimento, em regime de urgência. Assim, a denominação que nos foi dada não é correta. (ACERVO HUMBERTO DE ARGOLLO).

E citando o Cap. II, seção VI, Atrs. 13 a 17 da Lei Orgânica do Ensino, Nº 2.464 de 13 de setembro de 1967, que dispõe sobre a organização da SEC, o Professor Raimindo Dantas afirma que “nem a Divisão técnico-Pedagógica, nem outra qualquer Divisão do Departamento de Educação Média possui, entre suas atribuições, alguma relacionada com o nosso tipo de serviço”.(ACERVO HUMBERTO DE ARGOLLO).

De acordo com os referidos artigos, o Departamento de Educação Média tem por finalidade:

> [...]assegurar ao adolescente educação de nível médio, facultando-lhe condições para o desenvolvimento equilibrado e livre de sua personalidade, bem como ao adulto, capacitando-os profissionalmente ou habilitando-os para ter acesso a estudos superiores.

De acordo com o Artigo 15 A Divisão de Assistência Técnico-Pedagógica compete, basicamente em promover, organizar a acompanhar a relação, treinamento e aperfeiçoamento do magistério; prestar assistência técnica e pedagógica às unidades de ensino médio e seu corpo docente; promover os estudos para revisão e atualização dos programas de ensino e dos

currículos; programar e realizar, em colaboração com o Centro de Estudos e Planejamento e outros órgãos, estudos e experimentações específicos, visando ao contínuo aperfeiçoamento dos currículos, dos métodos e processos e da supervisão do ensino médio; organizar e supervisionar os programas de avaliação de aprendizagem e do rendimento de ensino; proceder a avaliação periódica do rendimento dos programas de supervisão, visando à reformulação de seus objetivos; promover a regulamentação da expedição de certificados e diplomas.

Como está especificado no artigo 15 da Lei Nº 2.463/67, não há nenhuma relação da Divisão do Departamento de Educação Média com os tipos de serviço que o SERTE realizava. No seu parecer, o Professor Raimundo Dantas sugeriu, respaldado na mesma Lei, que o SERTE seja colocado como órgão próprio da SEC. Para isso, analisa os Artigos 87 a 89 da já citada Lei Orgânica, onde as "atividades do SERTE estão já previstas e só ali podem ser enquadradas", destacando os referidos artigos:

> Art. 87: "Para fins de extensão educativa e cultural, o Estado manterá e estimulará a criação de instituições e promoverá, nos limites de suas possibilidades, meios para o desenvolvimento das ciências, letras e artes, de forma que a atinja os vários grupos da comunidade".
> Art. 88 define: "As instituições de extensão educativa e cultural compreenderão, dentre outras, as seguintes:
> I - Bibliotecas Públicas, especializadas, Escolares e Infantis,
> II -Serviços de Divulgação, Televisão, Rádio, Cinema-Educativo e Difusão Cultural e Artísticas,
> III - Teatro,
> IV - Museus,
> V - Parques Escolares. (DANTAS, 1968, apud ARGOLLO, S/D, p. 11, grifos do autor)

Para o Professor Raimundo Dantas, o SERTE já era, naquela época o que "se refere o ítem II do Art. 88: "um serviço de TV, Rádio, Cinema Educativo". Com este argumento, ele sugeriu que o SERTE fosse transformado em um órgão de administração descentralizada, "visto que esses órgãos têm os maiores índice de produtividade no serviço público, pois sua estrutura oferece sempre melhores possibilidades de atuação, administração e controle, dado a não dependência da burocracia oficial". São ligados ao Secretário do Estado, regidos por um Conselho e possuem regimento próprio.

Com estes argumentos o Professor Raimundo Dantas de acordo com a entrevista cedida, entrou em contato, na época, com o Sr. Joaquim Coutinho, que era chefe do Centro de Estudos e Pesquisas (CEP) e assessor do Secretário Luís Navarro de Brito:

> Então o secretário gostou da idéia e disse vamos fazer, e aí me pediram para redigir o Estatuto o primeiro Estatuto e o primeiro Regimento. Então ele

> disse que seria uma fundação, uma autarquia do Estado. Então foi para a Assembléia Legislativa transformou no que é hoje o IRDEB que desde aquela época. No IRDEB Ruth foi a primeira diretora geral e eu fiquei como Assessor dela que eu já era há muitos anos e continuei, fazia algumas aulas e tal, produzia algumas aulas radiofônicas também [...].

3.3 -A CRIAÇÃO DO IRDEB E A CENTRALIZAÇÃO

O IRDEB foi criado através da Lei Nº 2.752-A de 4 de dezembro de 1969, sob a forma de Fundação Pública Estadual, vinculado à Secretaria de Educação e Cultura e, como consta no Artigo 2º da referida Lei:

> [...] terá por finalidade e execução, com exclusividade, de todos os serviços educativos do Governo do Estado da Bahia, através do rádio, televisão, ensino por correspondência e outros meios de comunicação às massas.

Mesmo obtendo status de fundação pública, o IRDEB permaneceu no sub-solo da Biblioteca Central, nos Barris e, apesar das precárias condições, continuou a executar o trabalho com os cursos de Madureza Ginasial, através das emissoras particulares e elaborando o material impresso na gráfica improvisada dentro da instituição.

Esta realidade sofreu modificação a partir de 1970, quando o Ministério das Comunicações e da Educação regulamentou através da Portaria nº 408 de 29 de julho de 1970 o cumprimento do Decreto - Lei nº 236 de 28 de fevereiro de 1967, segundo o qual, cabia ao CONTREL baixar normas "determinando a obrigatoriedade de transmissão de programas educacionais nas emissoras comerciais de radiodifusão, estipulando horário, duração e qualidade desses programas"[80]. Em cumprimento a esse Decreto-Lei e à Portaria referida, o Serviço de Radiodifusão do MEC lançou, em 4 de outubro de 1970, uma programação diária nas emissoras de rádio do país, o Projeto Minerva, que tinha esse nome em homenagem à Deusa Grega da sabedoria e destinava-se a:

> complementação do trabalho de sistemas educativos tradicionais, à colocação supletiva de adolescentes e adultos e à educação continuada. Pode abranger qualquer nível de escolaridade, divulgação ou orientação educacional pedagógica e profissional, e programação cultural de interesse das audiências". (Serviço de Radiodifusão Educativa/Rádio MEC, projeto Minerva. APUD Instituto de Planejamento Econômico e Social).

[80] Instituto de Planejamento Econômico e Social, 1976, p. 39

O Projeto Minerva que tinha como objetivos gerais "informar e formar, no cumprimento do método de abordagem, o problema da utilização dos meios de comunicação de massa, para fins educativos e culturais", [81] foi criado durante o Governo Militar e pretendia utilizar os meios de comunicação rádio e televisão para alcançar o indivíduo em qualquer lugar onde estivesse e "foi constituído como solução em curto prazo aos problemas do desenvolvimento econômico, social e político do país"[82]

O Brasil vivia o período conhecido por "Milagre econômico", durante o governo de Médici (1968-1974) quando a educação era voltada para preparar mão-de-obra para corresponder ao desenvolvimento econômico e à competição internacional. Desde a implantação do Regime Militar no Brasil em 1964, havia uma pretensão dos militares de fazer uma reforma no sistema educativo brasileiro, que se conclui com a Lei de Diretrizes e Bases, 5.692/71. O capítulo IV desta Lei enfatiza o ensino supletivo para adolescentes e adultos mediante cursos e exames de acordo com as normas estabelecidas nos respectivos Conselhos de Educação.

Sendo fruto do Regime Militar, o Projeto Minerva surgiu com o objetivo de solucionar os problemas educacionais existentes com a implantação de uma cadeia de rádio e televisão educativa para a educação da população de baixa renda utilizando os meios e métodos não convencionais. O referido projeto foi concebido pelo Ministério da Educação, Fundação Padre Anchieta de São Paulo e Fundação Padre Landell de Moura do Rio grande do Sul.

A organização do Projeto Minerva era semelhante a do Ginásio do Ar, com salas de recepção organizada, um monitor para auxiliar o aluno na audição das aulas e material impresso, com atividades desenvolvidas na sala ou nas residências. Havia também a possibilidade para o aluno de ouvir sozinho às aulas e prestar exames de supletivo nos locais estabelecidos.

O que diferenciava o Projeto Minerva do Curso de Madureza era a própria elaboração das aulas que eram padronizadas e tinham uma característica regionalizada, centrada na realidade do sul e sudeste, o que não contemplava a realidade da população nortista e nordestina gerando muitas críticas entre os profissionais do IRDEB, principalmente do Professor Cid Teixeira que o batizou de Projeto Me inerva". [83]

As aulas do Projeto Minerva eram transmitidas em cadeia nacional, em horário obrigatório, por rádios particulares, "mas era o IRDEB que copiava todo o material do projeto em fitas

[81] INSTITUTO DE PLANEJAMENTO ECONÔMICO E SOCIAL, 1976, , p40
[82] Educadora 25 anos da FM 107.5
[83] Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia, 2003, p. 84

cassetes, para a retransmissão para as pequenas rádios do interior do estado". [84] Essas aulas eram transmitidas nos diversos tele postos em toda a Bahia, onde os alunos assistiam às aulas pelo rádio depois um orientador comentava o conteúdo.

Segundo a autora, o Projeto Minerva se estendeu por 20 anos, terminando no Governo de Collor de Mello, por motivos políticos e falta de visão do uso do rádio por parte de muitos responsáveis pelo MEC, que não o visualizavam como instrumento eficiente para levar a educação a canais mais distantes. [85]

Por já existir no IRDEB um trabalho voltado para a educação de adultos através de aulas radiofônicas, o Projeto Minerva não teve na Bahia, a mesma repercussão que nos outros estados e o trabalho com educação de adultos via rádio, continuou através do IRDEB, e "a Bahia foi um dos primeiros estados a ter autonomia para fazer seus próprios programas" [86], com uma equipe treinada para elaborar as aulas. A respeito, comenta a Profª Ruth Vieira:

> ".... elaborávamos as aulas a programação, gravávamos as aulas, imprimíamos as apostilas e todo o material para os cursos. Era uma grande oficina, manipulada por um grupo de professores e de outros funcionários idealistas que trabalhavam buscando eficácia em tudo o que faziam. A caminhada pela qualidade, cobria todas as dificuldades de recursos materiais e humanos para o trabalho, que se desenvolvia também em quantidade."

3.3.1- Organização, estrutura, plano de trabalho e metas do IRDEB

Ainda segundo a Professora Ruth Vieira, o IRDEB estava estruturado em divisão e seções tais como: Divisão Técnico Pedagógica, Seção de Produção, Supervisão, Treinamento, Avaliação, Financeiro e de Pessoal, sendo a Divisão Pedagógica a parte mais importante da instituição, "pois regia todo o processo educativo, enfrentando a realidade do novo órgão com esforço, estudo e abnegação, convertidos em ação ordenada" (RUTH VIEIRA, 2003).

Para alcançar suas metas o IRDEB, como um novo órgão de educação à distância, enfrentava problemas específicos do período desenvolvimentista que o país estava vivendo, como as dificuldades oriundas do tradicionalismo de muitos que governavam e barravam a aplicação financeira dos meios renovadores da educação e:

> "a melhora na educação do povo ficava em segundo plano, e as verbas bastante limitadas impediam, muitas vezes, o bom desempenho do trabalho. Apesar dessa situação, o ânimo dos que faziam o IRDEB não era vencido. A programação continuava em ritmo normal, e os

[84] Idem, p. 85
[85] FERREIRA, Junia. HTTP://megacontador.com.br Acesso em 16-05-10.
[86] Idem, p. 85

> projetos em franca elaboração. No princípio o peso maior, por sua qualidade e quantidade de abrangência era do Curso Supletivo de Primeiro Grau, respeitando as características próprias do ambiente e da população do Estado". (VIEIRA, 2003).

A- Novas modificações

A criação da LDB 5.692/71 trouxe mudanças no sistema de ensino unificando os Cursos Primário e Ginásio em 1º grau subdividido em nível 1 da 1ª a 4ª série do 1º Grau, que correspondia ao antigo curso primário e o nível 2, da 5ª a 8ª série, que correspondia ao curso ginasial. Os cursos, Científico e Clássico transformaram-se em 2º Grau. O Curso de Madureza tornou-se Supletivo de 1º e 2º grau.

Além dessas modificações, a nova lei criou as áreas de estudos reunidas em: Comunicação e Expressão que contemplava as disciplinas de Português, Língua Estrangeira e Artes; Estudos Sociais que correspondia a História, Geografia, Organização Social e Política do Brasil (O. S. P. B.) e Educação Moral e Cívica (E. M. C.); Ciências que abrangia Ciências Físicas e Biológicas e Matemática.

Para acompanhar as reformas do ensino após a LDB 5.692/71 o IRDEB participou de encontros e seminários, como Comissão de Ensino Supletivo do Plano Prévio da Reforma; Encontro para reciclagem de professores e diretores com vistas à implantação da reforma; Curso das Coodernadorias Regionais e Cursos para Diretores de 1º Grau; Avaliação da implantação e acompanhamento do currículo de 1º Grau; Encontros e Seminários relacionados com a teleducação em âmbito regional ou nacional e em eventos internacionais promovidos pelo Instituto de Solidariedade Internacional da Fundação Adenauer, no Peru, Colômbia e Alemanha; Organização e Coordenação do II Curso Nacional para tele produtores financiado pela Konrad Adenauer; além de outros cursos de especialização em vários estados do Brasil e em países como França, Inglaterra e Estados Unidos, sem ônus para o IRDEB (VIEIRA, 2003).

Todos esses cursos capacitaram a equipe do IRDEB para a preparação das aulas do Supletivo de 1º e 2º Grau de acordo com a nova LDB. As aulas para o Curso de Supletivo de 1º Grau eram elaboradas no Setor de Produção do IRDEB; primeiro, o Material Impresso, isto é, o **Livro do aluno**; em seguida, a elaboração dos **Scripts** para as **aulas radiofônicas**, e os **Guias do Orientador da Aprendizagem**. Essas etapas eram executadas pelo próprio produtor que

utilizava o programa estabelecido pela Secretaria de Educação para realizar a produção das aulas, como comenta a professora Josélia Fraga em entrevista que nos foi concedida:

> A gente elaborava o material para o aluno, a gente elaborava o script e a gente elaborava os guias para o Orientador de Aprendizagem. [...] E o material impresso que era o livro do aluno, quando eu cheguei logo, eram feitos no formato de apostila, depois é que eles tiveram o formato de livro.

O trabalho realizado pela equipe de produção do IRDEB seguia uma metodologia específica para as aulas radiofônicas, havendo treinamentos constantes entre os produtores: "...os professores das diferentes disciplinas eram treinados para produzir trabalhos e eram treinados também para a concepção do livro e do manual que era o guia do orientador de aprendizagem". (FRAGA, 2009).

Além do conteúdo estabelecido pela Secretaria de Educação, havia objetivos que deviam ser seguido para a elaboração das aulas, como comenta a professora Letícia Barbosa, que elaborava aulas sobre Educação Moral e Cívica, (E. M. C.) em entrevista que nos foi concedida:

"Olha, nós tínhamos que seguir os objetivos, aquela coisa toda [...] Tinha que entregar um bloco de X programas semanais".

A produção das aulas do Supletivo era realizada por um grupo de profissionais, cada um com sua especialidade, num trabalho conjunto, enfrentando as dificuldades materiais da época e,

> "a gente não trabalhava sozinho, a gente tinha uma equipe, que era a equipe dos produtores, a equipe dos pedagogos que faziam a revisão pedagógica e todo o material, todo ele, desde o material impresso. E uma equipe de revisão de língua portuguesa. Então era um trabalho muito criterioso e feito assim a seis, oito dez vinte mãos. Daí é que passava para o pessoal [os alunos] (FRAGA, 2009)

Foto 1 - Equipe de produtores

O início do Curso de Supletivo realizado pelo IRDEB depois da 5.692/71, numa época em que a educação estava voltada para preparar mão- de obra para suprir as necessidades do mercado de trabalho. Desta forma, o Curso Supletivo, que tinha como finalidade preparar jovens e adultos para realização do Exame de Supletivo de 1º e 2º Grau para a obtenção dos certificados, cumpria esta finalidade estabelecida pelo governo.

No Curso Supletivo oferecido pelo IRDEB, o tele aluno poderia cursar uma ou duas matérias por semestre e, no final estaria apto a se submeter ao Exame Supletivo da Secretaria de Educação e Cultura - SEC – Bahia. A aprovação nesse exame dava ao tele aluno o direito ao certificado de conclusão do 1º Grau, sendo realizado em estabelecimentos oficiais do Estado, duas vezes ao ano.

Os alunos poderiam realizar os exames de uma só vez, ou seja, as três áreas do conhecimento, na mesma época, ou parceladamente; e só poderiam iniciar os exames a Nível de 1º Grau com 17 anos completos e concluí-los como 18 anos no mínimo. O IRDEB não realizava curso Supletivo, pelo rádio, para o 2º Grau. Este era feito por correspondência.

A partir da realização do Curso Supletivo, em substituição ao Curso de Madureza Ginasial, o IRDEB não mais realizava os Exames Supletivos, ficando estes, como já foi dito, a cargo da Secretaria de Educação do Estado. Além disso, também não mais elaborava as provas, e obtinha controle sobre o desempenho dos alunos somente através dela:

> (...) tinha como notícia da Secretaria, através do Departamento de Educação de Adultos. [...] o pessoal daqui do IRDEB que é da área de Planejamento e Avaliação, recebiam os relatórios da Secretaria, acompanhavam assim. [...] o que a gente acompanhava aqui era a

> aprendizagem do nosso aluno no tele posto, que ia passar pelo exame. Não era o IRDEB que aprovava ou não aquele aluno. O IRDEB fazia tudo para que ele ficasse apto a prestar o exame. (FRAGA, 2009).

Fizemos uma pesquisa na Biblioteca e no Arquivo do IRDEB e não encontramos nenhum relatório desse período que indicasse o percentual de aprovação ou reprovação no Exame de Supletivo dos alunos do Curso de Supletivo realizado pelo instituto. Funcionários da Secretaria de Educação do Estado nos informaram que após um incêndio no prédio da referida secretaria, situada no Centro Administrativo da Bahia, na década de 1990, todo esse material se perdeu. Desta forma, não podemos avaliar o índice de aprovação no referido exame dos alunos que freqüentavam as tele salas, organizadas pelo IRDEB, como fizemos com relação ao Exame de Madureza Ginasial no SERTE.

O Material Impresso elaborado pela equipe de produção do IRDEB era realizado por uma equipe composta de professores de cada área de estudo específica, produtor de material impresso, produtor de programas radiofônicos, supervisor e revisor. Mas uma vez este sistema diferenciava do Curso de Madureza quando o professor – produtor exercia sozinho quase todas as etapas da produção com exceção da supervisão e revisão.

B- Análise do Material Didático

Na metodologia de ensino-aprendizagem do IRDEB, encontramos a influência da Taxionomia de Bloom[87], pois apresenta uma sequência que vai do mais simples (conhecimento) ao mais complexo (avaliação), onde cada nível utiliza as capacidades adquiridas nos níveis anteriores. As capacidades e conhecimentos adquiridos através de um processo de aprendizagem são descritas por verbos.

Para demonstrar essa metodologia, passaremos à análise de uma unidade de ensino a partir de um conjunto de material instrucional. Iniciaremos com um livro-texto ou apostila de Estudos Sociais para o Curso de Supletivo de 1º Grau, elaborada em 1977, Unidade III. Ela está dividida em: Capa; Contra capa; Ficha de identificação do aluno; Apresentação; Introdução Índice Geral; Índice por disciplina Aula propriamente dita. Como se trata diferentes áreas do conhecimento, a apostila é sub-dividida em História, Geografia, O. S. P. B. e E. M. C. (ANEXO VII, v. 2)

[87] Benjamin Bloom liderou um grupo formado pela America Psychological Association para criar uma "classificação de objetivos de processos educacionais". O primeiro passo para a definição dessa taxionomia foi a divisão do campo de trabalho em três áreas não mutuamente exclusivas: a cognitiva, ligada ao saber; a afetiva, ligada a sentimentos e posturas; a psicomotora, ligada a ações físicas. (Marcos Teles, 2005).
Bloom e outros autores publicaram um trabalho intitulado " Taxionomia e objetivos no domínio cognitivo", sendo publicado em 1956, onde ele explica a classificação dos objetivos dividindo em 6 níveis.

Na capa encontra-se a logomarca e a identificação da instituição; a área de estudo; a unidade e o curso ao qual se refere. A contra capa refere-se aos revisores, equipe de Estudos Sociais, e equipe de ilustradores e diagramadores, porém não especifica os seus nomes. Tanto a capa como a ilustração eram elaboradas pela equipe de diagramadores do IRDEB. A apostila era elaborada por vários autores. Segundo Professora Josélia, o livro

> Era dividido por capítulos e todos os que participavam do livro faziam uma revisão de conteúdo. No meu caso eu participava do livro não só como responsável pelo conteúdo, pois houve período em que eu era responsável pelo conteúdo e pela redação do livro mesmo. Por que eu sou da área. Depois a coisa cresceu muito e foi preciso pegar outras pessoas, fornecer o conteúdo paralelamente para fazer uma equipe. Mas no caso de escrever o livro, não era qualquer pessoa que tinha essa habilidade, porque não tinha sido treinado. Então, muitas vezes tem ali pessoas que só forneceram o conteúdo e que não participaram da redação do livro.

A Ficha de identificação do aluno é composta de nome, endereço, estado, município, teleposto. A Apresentação refere-se ao curso de Supletivo e às vantagens que o aluno terá na sua vida profissional ao optar por escolher realizar este curso. Na Introdução encontram-se as orientações para o aluno de como utilizar o material, lendo os objetivos, ouvindo as aulas radiofônicas, realizando os exercícios e procurando orientação do Orientador de Aprendizagem, para aqueles que frequentam as salas de recepção organizadas. O Índice Geral está organizado por números das aulas, que nesta Unidade III, vai da aula 42 até a aula 61 que é de fixação. No Índice por Disciplina há uma divisão dos assuntos que compõem a área de Estudos Sociais.

A aula propriamente contida no texto, cujo título é: "O Recôncavo", está subdividida em: Objetivos; Conteúdo - Esquema (estrutura) e desenvolvimento; Síntese; Exercícios; Texto Complementar. Os objetivos da aula estão diretamente ligados ao texto e dão ao aluno uma visão do que eles irão aprender durante a aula. O esquema e desenvolvimento da aula correspondem ao que é estabelecido nos objetivos e é elaborado em subcapítulos que vão sendo explicados através de informações bem resumidas, como se fosse um diálogo entre o professor e o aluno.

Selecionaremos alguns objetivos da aula para tentar relacioná-los com o texto e os exercícios.

> "Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:
> - dizer quantos municípios compõem o Recôncavo;
> - identificar a participação de Caramuru na fundação da cidade de Salvador;
> - identificar as capitanias que existiam na região que correspondente ao atual Recôncavo (CURSO SUPLETIVO)

Ainda segundo Bloom e sua equipe de pesquisadores:

> os principais fenômenos de nosso interesse são as mudanças que ocorrem nos indivíduos, resultantes de experiências educacionais. Essas mudanças podem ser representadas pelas exposições globais dos objetivos de uma unidade educacional ou pela descrição real dos comportamentos do aluno que são considerados adequados e relevantes para os objetivos. (BLOOM, 10, 1977).

Desta forma, os objetivos traçados pela equipe de produtores do IRDEB também seguem a Taxionomia de Bloom, pois determina o que se espera do aluno, ao usar os verbos dizer e identificar.

Para que o aluno alcançasse esses objetivos, a aula segue o seguinte esquema:

1- Recôncavo

   1.1- Fundação da cidade do Salvador

   1.2- Capitanias do Recôncavo

   1.3- Povoamento do Recôncavo

   1.4- Salvador hoje

A aula se desenvolve dentro deste esquema com pequenos trechos com informações bem sucintas na tentativa de facilitar o aprendizado do telealuno. Nessas aulas haviam mais informações do que no scripts. Na síntese há um pequeno resumo do conteúdo trabalhado na aula.

O exercício é composto por questões diversificadas, incluindo questões de múltipla escolha, questões de completar frases, numerar a segunda coluna de acordo com a primeira e questões abertas. Todos esses exercícios levam o aluno a alcançar os objetivos propostos no início da aula. A aula termina com um texto complementar que é uma poesia de autor desconhecido, referindo-se à cidade de Salvador.

As aulas depois de prontas passavam por uma revisão pedagógica e de língua portuguesa e só depois de todas as revisões feitas é que ia para ser editada. No início dos trabalhos, quando ainda funcionava no subsolo da Biblioteca Pública, o IRDEB não dispunha de uma gráfica aparelhada então os textos eram reproduzidos em estencils onde eram transformados em apostilhas, como comenta a professora Josélia:

> Naquele antigamente, não tinha computador, e a gente fazia tudo manuscrito. Primeiro porque não tinha máquina datilográfica suficiente para tanto

> material. Segundo porque eram aquelas máquinas imensas. Então, como era: a gente fazia manuscrito, tinha uma equipe de datilógrafos, que fazia a datilografia daquele material, que antigamente era feito naqueles estêncil enormes. Eu não sei se chamava estêncil, mas era para ir para a gráfica tipo mimeógrafos para fazer as apostilas. Tinha uma equipe de artes que fazia aquele desenho todo naquele material, que ia para o mimeógrafo. E depois é que virou um livro mesmo. Então tinha toda uma equipe trabalhando. Depois vinha para a revisão de conteúdo, era revisão em cima de revisão para que o trabalho saísse o melhor possível.

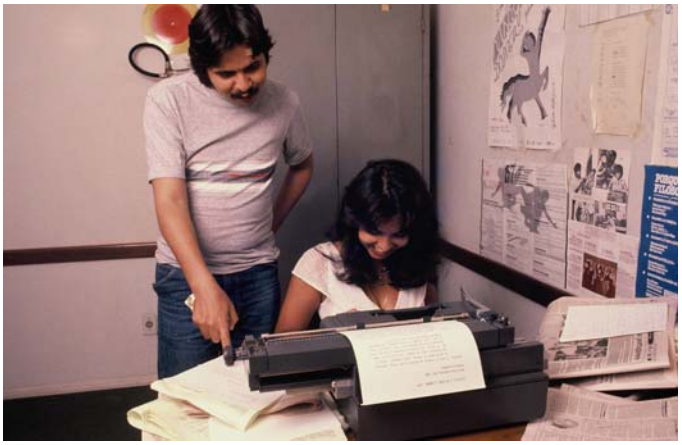


Foto 2 Produtores elaborando aulas

C - Elaboração dos scripts

Paralelo a elaboração do livro do aluno, eram produzidos os scripts para veiculação das aulas radiofônicas que seguiam os mesmos parâmetros do texto, porém, com uma técnica apropriada para o rádio. Esses scripts eram feitos pelos próprios produtores, nas máquinas de datilografias e passados para os locutores gravarem as aulas. No arquivo do IRDEB não existem cópias de scripts, porém encontramos a aula de Estudos Sociais gravada em fita rolo, copiamos para CD e, transformamos seu conteúdo em script, que passaremos a analisar. (ANEXO VIII, v. 2)

A aula em questão é a de nº 52 e inicia com a Técnica Prefixo que era uma música específica para o Curso de Supletivo, uma espécie de introdução a aula. Em seguida, o locutor, que fazia a função de professor, iniciava a leitura do texto e,

> O locutor interprete era aquele que não somente lia o texto, a informação, mas que também criava personagens. A gente fazia aqui na verdade, um rádio teatro. As aulas eram motivadoras, eram criadas situações do cotidiano, mas tínhamos uma equipe de produção muito boa [...] eram passados os conteúdos de Matemática, História, Geografia, todo o currículo do Supletivo. (SANTANA, 2003)

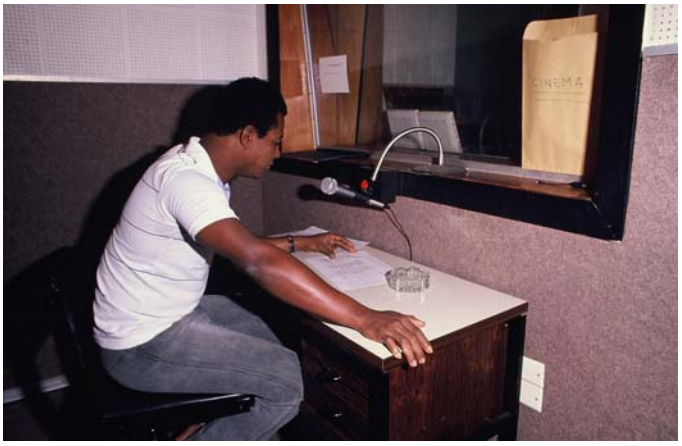


Foto 3 - Locutor no estúdio

O locutor iniciava a aula apresentando o programa do Supletivo, em convênio com o Programa Nacional de teleducação, indica o nº da aula, (52), em seguida entrava a técnica prefixo que é uma música orquestrada com berimbau.

O locutor indicava o tema da aula neste caso, O Recôncavo, e entrava a Técnica Cortina uma música que servia para intercalar as diversas partes do assunto abordado. Essas músicas eram selecionadas pelo próprio produtor que, muitas vezes, atendia aos pedidos dos próprios alunos. Nesta aula a música selecionada é São Salvador, cantada por Gal Costa.

A primeira parte da aula é uma conversa entre duas amigas que se encontram na rua, sobre as cidades do Recôncavo, que funcionava como uma introdução ao assunto da aula. Após a conversa, entrava mais uma vez a técnica cortina em seguida uma voz masculina iniciava a aula, sempre intercalando com perguntas sobre as cidades que as duas mulheres falavam, e dando exemplos de outras cidades que estão localizadas no Recôncavo.

A aula é dividida em textos pequenos e sempre intercalada pela técnica cortina, como se fosse um intervalo da encenação, já que seguia o modelo de um rádio teatro. Esses intervalos eram realizados para que o aluno pudesse refletir sobre a informação passada e se preparasse para as informações que se seguiam.

Para cumprir o conteúdo estabelecido pela SEC, o produtor passava a informação através de um diálogo com o aluno, intercalando com perguntas e respostas relativas ao tema da aula, que neste caso eram feitas com três locutores, um homem e duas mulheres, como podemos observar neste trecho:

> Voz masculina - Recôncavo! Recôncavo!
> Voz Feminina 1 – Você já ouviu falar em Recôncavo? Claro que sim. O Recôncavo é uma das regiões em que está dividido o estado da Bahia.
> Voz feminina 2 - O Recôncavo compreende as terras em torno da Baía de Todos os Santos, a maior Baía do país.
> Voz feminina 1 - A zona do Recôncavo é constituída por cinqüenta municípios, dos quais o mais importante é Salvador, capital do estado.
> Voz feminina 2 - Veja bem telealuno, que há tempos atrás, ou seja, no século XVI, a zona do Recôncavo, correspondia a três capitanias. Vamos vê quais eram?
> Voz feminina 2 – No século XVI, as capitanias que correspondiam à zona de Recôncavo eram: a da Baía de Todos os Santos, a da Ilha de Itaparica e a do Recôncavo ou a do Paraguaçu.

Entra a técnica cortina.

As aulas do Supletivo seguiam este modelo, sempre dialogando com o telealuno para motivá-lo a ouvir a emissão do programa, entendendo o texto que estava sendo transmitido, garantindo assim um bom resultado nos exames finais. Nas telesalas os telealunos ouviam a emissão acompanhando com a apostila.

No início dos programas do Supletivo, as dificuldades enfrentadas pelos profissionais eram muitas, principalmente entre os técnicos, pois,

> os primeiros programas do supletivo do 1º grau foram gravados em fita-rolo, e um microfone para quatro locutores Mariza Rangel, Lourival Oliveira, Pedro Ferreira, [Marinalva Santana] . A competência técnica do operador de áudio, Hélio Lima, e a experiência que nós locutores trazíamos de rádios comercias, além da vontade de todos de fazer o melhor de si, nos levaram a fazer bons trabalhos, apesar a precariedade inicial. (SANTANA, 2003).

Foto 4 - Hélio Lima operador

Esta aula foi gravada pelos locutores Lourival, Marinalva Santana e Mariza Rangel que dialogavam, conversavam e tentavam passar o conteúdo de uma forma lúdica e dinâmica, para garantir a audiência e, conseqüentemente, um bom resultado no aprendizado no Curso de Supletivo. A aula é intercalada por uma atividade de fixação, onde o locutor faz as perguntas e uma locutora respondia às perguntas, como está demonstrado no trecho seguinte:

> Voz masculina– Então telealuno, viu quanta coisa você aprendeu sobre o Recôncavo? Que tal você responder agora algumas perguntas sobre essa zona? Vamos lá?
> O que é o Recôncavo?
> Voz feminina 1 – É isso mesmo. O Recôncavo é uma das regiões em que estar dividido o estado da Bahia. O Recôncavo compreende as terras que circundam a Baía de Todos os Santos. A maior Baía do país.
> Voz masculina – Quantos municípios compõem o Recôncavo?
> Voz feminina 1 - Muito bem, o Recôncavo é composto por cinquenta municípios. Dentre eles, Cachoeira, Santo Antônio de Jesus, Salvador, Cruz das Almas, Itaparica.

A segunda parte da aula é sobre a cidade de Salvador, sua construção, a chegada de Tomé de Sousa, a data da fundação, e o local escolhido para instalar a cidade . Observemos trecho da aula que nos passa essa informação:

> Voz feminina 1 – Salvador é antes de tudo a capital do estado da Bahia. É uma cidade que está localizada a entrada da extensa e famosa Baía de Todos os Santos.
> Voz feminina 2 - Como não existe nenhum documento que indique a data da fundação da cidade do Salvador, convencionou-se então tomar o desembarque de Tomé de Sousa, primeiro Governador – Geral como a data da fundação da cidade.
> Voz feminina 1 – Tomé de Sousa desembarcou no Porto da Barra a 29 de março de 1549
> Voz feminina 2 – Assim que chegou, Tomé de Sousa iniciou os trabalhos da construção da cidade. O trecho escolhido foi o que hoje compreende a Praça Castro Alves, a rua Chile e a Praça Tomé de Sousa ou a Praça Municipal.

A aula segue esse esquema até o final e termina com a técnica cortina a música São Salvador, cantada por Gal Costa em seguida entra a técnica prefixo com a música orquestrada por um berimbau, que vai diminuindo o som até encerrar.

Grande parte do êxito dessas aulas deve-se aos radialistas que não somente traziam a experiência de rádios particulares, como também demonstravam habilidade na utilização da sonoplastia, adaptando, criando e superando as dificuldades encontradas por conta da precariedade de material no início da criação do estúdio, pois, “nós funcionávamos em

primeiro lugar no sub solo da Secretaria de Educação com instalações as piores possíveis.”(TEIXEIRA, 2010).

Para ocupar o cargo de locutor, foi realizada uma seleção onde os candidatos participaram de um curso, “com teste de seleção ministrado pelo ator Mário Gusmão. Este curso teve seis meses de duração a contar de abril até outubro de 1971”. (ARGOLLO, S.D.) Segundo a pedagoga Marinalva Santana que participou deste curso,

> Depois da inscrição foi marcado um pequeno teste com os candidatos. Foram selecionados alguns que participaram de um curso de dicção, interpretação, ministrado pelo ator Mário Gusmão – já falecido. Após o curso, algumas pessoas forma selecionadas para trabalhar no IRDEB, dentre elas – eu”. (SANTANNA, 2003).

Foto -5- Marinalva Santana - locutora

Guia do Orientador de Aprendizagem. (O.A.)

A outra etapa da produção era a elaboração do Guia de Orientador de Aprendizagem e cada volume englobava duas unidades de estudo, tendo estrutura semelhante à do Livro do aluno, ou seja, Capa; Contra capa; Apresentação; Introdução; Índice com as aulas de cada unidade; Índice geral; Índice por Disciplina. (ANEXO IX)

Apresentação é dirigida ao Orientador de Aprendizagem que irá trabalhar na telesala com os telealunos. O objetivo do Guia de Aprendizagem era “elaborar um material que o auxiliasse [o O. A.] no melhor desempenho de suas atividades no teleposto e na solução de possíveis problemas” (Guia do Orientador de Aprendizagem). A equipe que elaborava o G.A também solicitava do O. A. que enviasse sugestões para um melhor desempenho do trabalho nos telepostos.

O O. A. era o elemento chave no processo ensino aprendizagem, pois era ele quem tinha o contato direto com os telealunos e fazia a sua intermediação com o Centro de Produção. Para que o O. A. realizasse um bom trabalho ele recebia um treinamento na sede do IRDEB, como nos informou Miguel Menezes, que foi O. A. de telepostos “Lá nós tínhamos treinamento e quando estávamos aptos a trabalhar, éramos distribuídos para as escolas. Naquela época, tinham vários O. A. Nós tínhamos trinta O. A. distribuídos por toda capital.”

A Introdução estava sub dividida em informações Gerais; dinâmica do trabalho no teleposto, orientação para o procedimento didático, informações sobre as unidades III e IV.

Informações gerais:

- Estrutura do Curso de Estudos Sociais que consta de 83 aulas radiofônicas com 15 minutos de duração, subdivido em 4 Unidades que abrangem o programa proposto pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado;

- Estrutura do livro do aluno que corresponde a dois volumes, com objetivos, esquema e o desenvolvimento do conteúdo e exercícios, visando complementar o conteúdo apresentado nas emissões radiofônicas;

- Estrutura do Guia de Aprendizagem que é apresentado em dois volumes, contando de: a. objetivos da aula; b. idéias básicas do texto; c. orientação didática; d. respostas aos exercícios; e. reforço do conteúdo.

- Orientação para o trabalho do O. A.; ler o Guia do Orientador e planejar suas atividades dentro do que é sugerido, procurando adaptar as sugestões à realidade do seu teleposto; inteirar-se do assunto da aula, lendo a parte da apostila correspondente, listando as dificuldades encontradas e procurando resolvê-las antes da emissão.

- Informação sobre a avaliação que era efetuada através de testes objetivos, no final de cada unidade.

- *Dinâmica do trabalho no teleposto* que tinha como base o rádio e eram agrupadas em três fases distintas: 1. antes da emissão; 2. durante a emissão; 3. após a emissão.

FASE 1. **Antes da emissão**: com a duração de 30 minutos, que o O.A. deveria utilizar a para:

- discutir algum assunto de interesse do grupo ou da área;

- corrigir os exercícios da aula anterior, fixar os assuntos nela estudados, tirar as dúvidas que possam ter surgido;

- preparar o grupo para a audição da aula;

- conferir o horário da aula, ligar e sintonizar o receptor, garantindo uma boa qualidade de audição;

Fase 2. **Durante a emissão**, que durava 15 minutos:

- acompanhar a emissão junto com os telealunos, controlando o volume e garantindo um ambiente favorável a audição para que não houvesse interrupções;

- orientar o telealuno para que ele acompanhasse pelo livro, quando for solicitado pela emissão.

Essas emissões tinham horários fixos e eram veiculadas por Rádios particulares, “por força de ligações de ordem pessoal, [...] minha com o Coronel Lúcio, que era o Gerente da Rádio Cultura, nós conseguimos uns horários na Rádio Cultura, para veicular os programas [...]” (TEIXEIRA, 2010). Além desta Rádio, os programas do Curso de Supletivo eram veiculados também pela Rádio Sociedade da Bahia.

Segundo o Prof. Miguel, os telepostos tinham uma “freqüência grande e total, eram muito procurados” (ANEXO X, v.2). Nas telesalas o O. A. seguia as orientações dos Guias de Aprendizagem havendo uma dinâmica de trabalho e, ainda segundo o Professor Miguel:

> “Primeiro ouvíamos, silenciosamente. Ouvíamos todos, eram quinze minutos, por aí, de emissão. Ouvíamos silenciosamente, acompanhados pela apostila, as aulas tinham uma apostila. Ouvíamos e acompanhávamos, depois sentávamos, estudávamos pela apostila e tirávamos as dúvidas onde o O. A. explicava aos alunos”.

Foto -6- Miguel Menezes – O. A.

FASE 3 - Após a emissão, cerca de uma hora e meia:

- explorar a emissão, enfatizando as idéias básicas: promovendo a participação ativa dos alunos;

- incentivar os telealunos para o estudo do material de apoio:

- procurar tirar as dúvidas dos telealunos no que se refere a termos expressões etc...orientando-os durante o trabalho individual ou em grupo e na resolução dos exercícios;

- concluir as atividades do dia, avaliando o desempenho dos telealunos face aos objetivos propostos.

Orientação Didática – descrição de técnicas de ensino aprendizagem para serem desenvolvidas nos telepostos, tais como Estudo Dirigido; Discussão; Painel Aberto; Experimentação. Essas técnicas eram descritas por etapas constando de: objetivos; passos para sua execução; roteiro de trabalho com desenhos para que o O. A. visualizasse a arrumação da sala.

O Guia de Aprendizagem (G.A.) dava ao O. A. um roteiro de como trabalhar cada aula, repetindo os seus objetivos; destacando as idéias básicas que estão no esquema de cada aula; dando orientação didática para que o O. A. seguisse os passos determinados em cada aula inclusive com as técnicas sugeridas anteriormente; respostas dos exercícios de cada aula.

Os telepostos funcionavam em escolas públicas e privadas que apenas “emprestavam simplesmente a sala, nós ouvíamos as aulas depois sentávamos em grupo, discutíamos as aulas e o Professor, ou seja, o O. A. tirava as dúvidas com os alunos” (MENEZES, 2009). O O. A. davam aula de todas as disciplinas, por esta razão existia um Guia de Aprendizagem para que ele seguisse as determinações da produção pedagógica.

Ainda segundo o Professor Miguel, as aulas eram diárias, divididas em módulos, ou unidades, e correspondia ao conteúdo de todo o 1º Grau, que tinham a duração de 1 ano, contemplando todas as áreas de estudo.

Os Diários de Classe.

Encontramos no Arquivo do IRDEB Diários de Classe com o registro das atividades realizadas nos telepostos. Por não encontrarmos nenhum diário das aulas do professor Miguel, passaremos a analisar o Diário de Classe da Escola Professora Laura Ribeiro Lopes, na cidade

de Conceição do Jacuípe, mo mês de março de 1974. (ANEXO XI, v. 2) A aula seguia a orientação do G.A e estava dividida em etapas:

1- Assunto – Conjuntos – seres vivos e não vivos.

2- Atividade programada para antes da emissão – correção de teste feito na aula anterior.

3- Atividade programada para explorar a emissão – explicação do assunto e exercício de fixação.

4- Atividade programada para utilização do material de apoio – leitura por parte dos telealunos e discussão do assunto.

5- Avaliação: As atividades programadas foram executadas?

   a) Sim (X) Não ( )

6- Observação: (Nesta aula não foi feita nenhuma observação pois todas as etapas foram realizadas).

No dia seguinte há o registro do mesmo conteúdo e a atividade proposta é um teste de sondagem. Nas aulas do dia 26 o assunto é “Interpretação de texto e locução verbal” e no dia 27 do mesmo mês, o assunto registrado é “Sub conjunto – intersecção”. Assim, podemos observar que cada dia era veiculada uma aula de área de estudo diferente, o que vem comprovar a dinâmica e a aceleração do Curso Supletivo que em um ano eram veiculadas aulas com todo o conteúdo do 1º Grau tornando o aluno apto a realizar o Exame Supletivo para obter o certificado de conclusão do 1º Grau.

Durante o mês de março de 1974, por duas vezes as aulas não foram veiculadas. No dia 11-03 houve a fala do Secretário de Educação, Dr. Rômulo Galvão sobre o IRDEB e nos últimos dias do referido mês houve emissões sobre as comemorações do aniversário da “Revolução” (Golpe Militar de 31 de março). Estas intervenções nos revelam a utilização do rádio como veículo de propaganda política, principalmente porque neste horário existia um público alvo, os alunos do Curso Supletivo, que estavam reunidos no teleposto e eram induzidos ao ouvir a emissão.

Avaliação e Controle das atividades. A supervisão.

Para controlar as aulas, havia um grupo de coordenadores ligados ao IRDEB que visitava regularmente os telepostos; de acordo com o Professor Miguel Menezes:

> Ela [a coordenadora] fazia visitas diárias. Por exemplo. Hoje era dia de fazer visita no meu teleposto. Ela ia, ficava sentada lá, ouvia toda a emissão, depois via como eu procedia após a emissão com os alunos. Ela ia de surpresa. [não tinha dia fixo]. Mas ia toda semana.

Para se candidatar ao cargo de supervisor, era necessário participar de uma seleção onde o candidato preenchia uma Ficha Cadastro (ANEXO XII, v. 2) com dados pessoais, formação profissional, especialização, cursos de extensão e aperfeiçoamento, participação em estudos e pesquisas, atividades profissionais.

Submetia-se a uma entrevista com questões relativas ao IRDEB como instituição, teleducação, o cargo de supervisor, expectativas sobre o cargo e o salário, atitudes de liderança, integração e relações humanas.

Realizava uma avaliação escrita subdivida em duas partes – 1ª elaboração e resolução de uma situação problema envolvendo princípios que devem moldar as ações de um supervisor investindo na liderança do processo educacional; a 2ª parte com 5 questões que envolvem linha filosófica educacional, ação do supervisor e o currículo, contribuição do supervisor para o aumento da produtividade do grupo, o desempenho do supervisor dentro do sistema educacional, conduta do supervisor e do supervisionado.

Esse material foi encontrado no Arquivo do IRDEB, junto com as Fichas de Visita da Supervisão ao teleposto. Analisaremos uma ficha do teleposto Progresso de Abrantes de 27-08-73da Supervisora Erimita Mota, que entrevistamos em 2009. (ANEXO XIII, v.2)

A ficha é composta de 42 questões em sua maioria de múltipla escolha, sendo subdividida em IV itens:

I- Generalidades - abrange questões sobre o cronograma do curso; qualidade do som da emissão; horário de chegada ao teleposto dos alunos e do O. A.

II- Atitudes do O. A. antes da emissão – as questões se referem ao reforço aos alunos deficientes; atitudes socializantes e leituras de jornais ou revistas e sua relação com o tema; utilização de experiências anteriores dos alunos como motivação para a aula; descrição do trabalho do O. A.

III- Durante a emissão - postura do O. A. durante a emissão

IV- Após a emissão – questões sobre o G. A.; comportamento do O. A. quanto à utilização do roteiro de G. A.; análise das atividades propostas; atendimento aos telealunos; conclusão dos trabalhos; linguagem do O. A.

Após responder às questões objetivas da Ficha de Visita ao Teleposto, o Supervisor fez uma observação sobre o trabalho realizado no teleposto, registrando seu horário de entrada e saída do local; relatou as atividades realizadas no teleposto como o treino dos alunos em exploração da transmissão; orientação ao O. A. para exploração do assunto das aulas 30 e 35 (não dá informação sobre o assunto ou a área de estudo destas aulas); preparação do questionário para fixação das informações básicas do assunto.

A partir dessas informações pode-se observar que as visitas do Supervisor ao Teleposto não tinham um caráter de inspeção, mas de ajuda ao O. A. para um melhor desempenho do seu trabalho visando um bom aproveitamento do telealuno.

A estrutura dos programas instrucionais realizados pelo SERTE /IRDEB era diferente daqueles organizados pelo MEB. As aulas radiofônicas veiculadas pelo MEB objetivavam a alfabetização de adultos com o ideal de conscientização política, sendo realizadas através de rádios parceiras utilizando rádios cativos e ligado a movimentos sociais.

O SERTE inicia seus trabalhos através do convênio com o MEB e após a sua extinção deste, órgão, passa para a tutela do Estado em convênio com a SEC. Durante os anos em que veiculou programas para o Exame de Madureza Ginasial através do Ginásio do Ar, o SERTE obteve o controle de todas as etapas do processo ensino-aprendizagem, incluindo a elaboração e gravação das aulas radiofônicas, do Material Impresso e das provas para o Exame de Madureza Ginasial.

Com a extinção do SERTE e criação do IRDEB, este trabalho ganha uma nova dimensão com as aulas para o Curso de Supletivo de 1º grau, que são elaboradas através de uma equipe de produtores para as aulas radiofônicas e outra equipe de produtores para a elaboração do Material Impresso.

Essas três modalidades de educação radiofônica apresentaram semelhanças e vão se adequando à ordem social vigente no país, passando de movimento social e voluntariado – MEB e indo para o controle e centralização do Estado – SERTE/IRDEB.

3.3.2- Outros Cursos e programas

Além dos cursos para o Exame de Madureza Ginasial e do Supletivo, que foi “a principal razão da existência do órgão” (ARGOLLO, S.D.), foi ministrado pelo rádio um curso de especialização, destinado a professores primários

> patrocinado pela Secretaria de Educação e Cultura. Neste participou da equipe de professores produtores, o professor Raimundo Paiva Dantas, que elaborou a parte introdutória, de conteúdo filosófico, especialidade que lhe era própria, e também, de aulas de Educação Moral e Cívica. (ARGOLLO, S.D)

O Professor Cid Teixeira, em entrevista que nos foi concedida, relatou sua experiência durante os primeiros anos que trabalho no IRDEB, da instalação de Escolas Técnicas do Comércio em várias cidades do interior da Bahia como Ilhéus, Itabuna, Jequié, Juazeiro, Feira de Santana, Alagoinhas e também em Salvador, quando o instituto

> fez convênios com os ginásios particulares e implantou Escolas Técnicas de Comércio. [...] houve um momento em que elas realmente modificaram a estrutura administrativa escolar nesses municípios criando opções e novas formas de encontrar condições para viver nesses municípios. Tudo isso foi implantado graças ao exemplo que vinha do Rio Grande do Sul. Vinha do Padre Landell de Moura para a Bahia trazido por Dona Ruth Teixeira Vieira, nome que nós devemos reverenciar, porque foi quem realmente trouxe o IRDEB para a Bahia.

Ainda segundo o professor Cid Teixeira, o convênio era realizado entre o IRDEB e algumas entidades que se interessavam em realizar o curso como: Escolas Técnicas de Comércio, Associação Comercial, os Ginásios, Sindicatos dos Empregados, instituições que já possuíam alguma estrutura física.

O curso era realizado tanto por correspondência como através de aulas radiofônicas e na capital havia aula local com professor na classe. A realização das aulas era feita pelos professores produtores do IRDEB e,

> o professorado do IRDEB, [...] os preparadores de aula do IRDEB faziam os textos que eram remetidos e depois faziam a verificação de aprendizagem e mantinha-se um sistema de inspeção permanente. Havia permanentemente um funcionário do IRDEB ali que era inspetor de curso. Eu fui durante muito tempo inspetor de curso. [...] E com isso o IRDEB extrapolou daqui da capital para o interior. Aqui nós tivemos não me lembro bem do nome da Faculdade de Filosofia que era ali em Nazaré, [...] em vários locais onde o IRDEB mantinha postos com seus professores, com aulas preparadas no IRDEB. (TEIXEIRA, 2010)

Além deste, o IRDEB manteve outro curso por correspondência o de "Estenotaquigrafia[88] Internacional, planejado, elaborado e ministrado pela Professora Cantionília Maria Oliveira Monteiro de Castro" (ARGOLLO, S.D. P. 15), que,

> era filha do professor Nelson Oliveira que foi o inventor do método estenotaquigráfico [...] Naquele tempo o curso era o máximo. Não existia computador, não existia gravação fácil... Então, pelo rádio seria muito difícil e aquela população não era o público alvo. Como Ruth estava querendo começar um curso à distância, um curso por correspondência, aí ela ofereceu esse curso e foi um sucesso. Então teria a aula, com material impresso, a cada três meses tinha o teste, se mandava o teste, ela fazia o teste, depois tinha alguns momentos presenciais, que estava apresentando... Era uma coisa avançada... E foi assim que foi feito o curso por correspondência de estenotaquigrafia. (DANTAS, 2009).

O referido curso teve início em 1970, na administração da Professora Ruth Vieira, sendo extinto na gestão da Professora Aristocléia Macedo.

O Curso Supletivo de 2º Grau, introduzido em 1970, também era realizado por correspondência que funcionava na sede do IRDEB, na Biblioteca dos Barris "o professor preparava as aulas e o aluno ia tirar as dúvidas". (MENEZES, 2009)

O IRDEB também promoveu cursos específicos para os produtores e professores da rede estadual de educação, visando prepará-los para a veiculação de programas para a TVE, pois nesta época já existia a concessão para a inauguração do canal 2. Estes cursos foram ministrados no Circuito Fechado de TV do ICEIA e na antiga Rodoviária, onde funcionava um sistema interno de TV. De acordo com o material encontrado no acervo do Professor Humberto de Argollo, os Cursos de Extensão foram os seguintes: (QUADRO 2)

[88] De estonografia – s.f. (do grego steno, apertado + graphein, escrever). Técnica de escrita abreviada segundo sinais convencionais, que permite a rápida transcrição de um discurso; taquigrafia.(LAROUSSE, 1999, P.396)

NOME/DATA	PROFESSORES	PÚBLICO ALVO	FINALIDADE
Introdução à TVE 1967	Alfredina Paiva – coordenadora Judith Paiva – Profª de Português Manoel Jairo – Porf. Matemática Antônio Carlos – Prof. de Ciências Roberto Souza – Prof. de Geografia e História	Professores da rede Estadual de Educação	Ensinar a técnica de produção, direção, gravação e apresentação da TVE (vide anexo --- com a programação do curso.)
Técnica de produção de TV	Leonel Nunes e Frederico José de Souza e Castro	Equipe de produção	Elaboração dos scripts para a TV
Curso para TVE	Jack Soifer	Equipe de produção	Realizado no C. F. TV da antiga Estação Rodoviária de Salvador, prática na utilização da aparelhagem como mesa de corte e efeito, câmeras e visores
Curso com teste de seleção para locução e interpretação	Mário Gusmão	Candidatos a locutores e intérpretes	Selecionar e preparar candidatos para o cargo de locutores

Quadro 2: Curso de extensão para formação de professores para elaboração de programas para a TVE

Esses cursos visavam à preparação dos produtores para o Circuito Fechado de TVE do ICEIA, e esse estúdio seria transformado em estação geradora de programas de TVE, da Secretaria de Educação e Cultura, “graças aos esforços e idealismo do então Secretário Dr. Luís Augusto Fraga Navarro de Brito”. (ARGOLLO, S. D.) Porém, o referido estúdio não continuou, devido a problemas políticos e administrativos.

Cumprindo a sua função educativa, o IRDEB não se restringia apenas a programas educativos formais, também eram elaborados e veiculados programas educativos informais e,

> com o advento da Portaria 408/70, do Ministério das Comunicações e da Educação e Cultura, todas as emissoras de rádio da Bahia passaram a transmitir programas educacionais. O tempo obrigatório gratuito era de 5 horas semanais, assim distribuídos: 30 minutos diários, de 2ª a 6ª e 75 minutos aos sábados e domingos. (ARGOLLO, 198-.)

No material do acervo do Professor Humberto de Argollo, encontramos uma relação de programas veiculados pelo IRDEB, em cumprimento a esta portaria, que passamos a relacionar a seguir:

NOME DO PROGRAMA	DATA	DURAÇÃO	LOCAL DA VEICULAÇÃO/PÚBLICO ALVO
Informação Profissional	1974	22 programas de 10 minutos diários	Salvador
Educação Sanitária	1975	50 programas de 10 minutos	20 micro-regiões e 224 municípios
Bahia – Ontem e Hoje	1975	20 programas de 30 minutos	Bahia
Você pergunta e a SEC responde	1976	52 programas de 30 minutos mensais.	Informação sobre o Sistema Estadual de Ensino
Um Pouco de Tudo	1976	20 Programas de 30 minutos	
Vale a Pena Ouvir	1976	23 programas	Rádio Nedeland (Holanda) em convênio, sobre cultura geral
Fique sabendo	1976	16 programas de 30 minutos	Bahia
Curso de Conhecimento Turísticos e Relações Humanas para Motoristas profissionais	1977	20 programas de 30 minutos com impressão de 20 módulos em forma de Instrução programada	em convênio com a Bahiatursa,
Bahia – Sua Terra Sua Gente	1977	45 programas de 30 minutos	na primeira série foram elaborados, tratando das coisas da Bahia, tanto históricos, quanto folclóricos, turísticos e religiosos. Toda a tradição da Bahia foi estudada, assim como os vários vultos da música, das artes, da literatura e das ciências.

Quadro 3- Programas veiculados por rádios parceiras e produzidos no IRDEB

Todos esses programas foram veiculados por Rádios particulares, pois a R. E. F. M. só foi inaugurada em 1978. Foi nesse período também que o Professor Cid Teixeira, produziu e apresentou o programa "Quem sabe é o José [...] em parceria com Maria Anita [sua co-locutora] Ela fazia as perguntas e eu respondia" Era um programa com informações gerais para a comunidade que, segundo ele,

> Nós [os locutores] recebíamos uma carga enorme de correspondência de pessoas que já não estavam mais em idade escolar, gente bem mais velha, mas que tinha curiosidade com a área de História, Sociologia. E aquelas coisas que eram possíveis de serem respondidas pelo grupo de funcionários que trabalhava no IRDEB era respondida lá. Aquelas perguntas que envolviam mais informações e interesse fora do âmbito de IRDEB nós

> procurávamos, eu pessoalmente procurei, em diversas áreas universitárias para transmitir. (TEIXEIRA, 2010)

Procuramos no arquivo do IRDEB as fitas com as gravações de alguns desses programas mas, como os programas do Curso de Madureza Ginasial, também não encontramos fitas, scripts, nenhum registro que permitisse fazer uma análise deste material. Infelizmente, vivemos numa cultura onde a memória não é preservada, pelo menos no que se refere a registros documentais, temos que nos valer apenas das fontes orais da memória daqueles que viveram e presenciaram essa história. Durante as entrevistas, registramos desabafos de funcionários que presenciaram a destruição de grande parte deste acervo, revelando que:

> destruíram os programas de Professor Cid Teixeira. Cid Teixeira tinha um programa de música clássica e quando faltava fita para gravar os programas que estavam chegando, eles apagavam simplesmente, desmagnetizavam as gravações de Cid para poder dar lugar às novas gravações. (BARBOSA, 2010)

Este desabafo da professora Letícia vem ao encontro aos comentários feitos pelos primeiros funcionários da instituição, que revelaram a existência do espírito de equipe e de irmandade entre os colegas, o respeito das primeiras diretoras da instituição pelos funcionários e pelos programas por eles gravados. A própria professora Letícia comenta que:

> O IRDEB foi realmente uma família, talvez por isso eu tenha optado em fazer do IRDEB minha segunda família e esquecer outras propostas que tive durante minha vida, para trabalhar, ganhando até mais, do que eu recebia aqui. Mas esse espírito de irmandade que havia aqui, acho que eu não ia conseguir em lugar algum.[...] às vezes eu deixava de estar com meus filhos para estar sendo ajudada ou ajudando os colegas a produzir os trabalhos. Isso aconteceu realmente.

Foto 7- Professora – produtora Letícia Barbosa

Em entrevista que nos foi concedida, o professor Cid Teixeira também comentou sobre este espírito de equipe e de irmandade existente durante os primeiros anos da instituição:

> Nós éramos a anti repartição pública no sentido negativo que a palavra Repartição Pública tem. Era realmente um espírito de solidariedade. O poder público pagava a gente, mas como é que se dizia antigamente “to nela, mas não sou dela”. Isto é, nós éramos formalmente funcionários públicos, mas não funcionava na cabeça, como funcionários públicos. Eu tenho 42 anos de ensino na Universidade Federal da Bahia, Departamento de História. As pessoas se encontravam e davam aulas, mas não havia integração. No IRDEB não. As pessoas realmente se uniram, graças repito sempre a Ruth, Aristocléa e a Noélia.

Foto 8- Cid Teixeira produtor-locutor

Pelos comentários dos antigos funcionários do IRDEB, pode-se perceber que este espírito de irmandade não perdurou no instituto após a saída das três primeiras diretoras, pois, infelizmente o acervo da RE foi sucateado, demonstrando o desinteresse pelo material produzido pelo primeiro grupo de produtores, deixando uma lacuna na memória da instituição que, infelizmente, não pode mais ser recuperada. Perdeu-se grande parte do material do professor Cid talvez por desconhecimento do rico acervo que este produtor conseguiu acumular durante toda uma trajetória de trabalho na instituição visto que alguns funcionários novos não conheciam o professor como ele mesmo nos relatou:

> Muitas pessoas que estão no IRDEB não me conhecem. Eu senti isso quando jogaram fora todo o meu arquivo de gravação. Jogaram no lixo. Se perdeu, não por mim, não estou dizendo por mim. Perderam duas horas de entrevista minha com Anísio Teixeira. Duas horas de gravação de entrevista minha com Adroaldo Ribeiro Costa. Duas horas de entrevista minha com Cosme de Farias. Então a cidade passou a conhecer essas pessoas através de entrevistas contando sua vida. Prof. Edgar Mata. [...] Jogaram no lixo pois precisavam do armário para botar não sei o quê. A direção do IRDEB.

Ainda segundo o Professor Cid Teixeira, essas entrevistas foram realizadas no “Projeto Minerva, entrevistando essa gente toda. Toda a História da Educação da Bahia”. Não nos cabe aqui julgar os responsáveis por este descaso com um acervo tão rico sobre a história do rádio, mas como pesquisador, precisamos relatar o fato, para que situações como estas não continuem acontecendo.

Os programas que eram gravados ao vivo não eram arquivados por muito tempo, pois eles eram chamados de “dedo duro. [...] Era uma gravação que durava mais ou menos um mês para caso tivesse algum problema com a censura estava lá provando, porque era ao vivo”. (BARBOSA, 2010). Porém, nesses programas, existiam entrevistas de personagens da nossa história com gravações importantes que se perderam, por não terem sido arquivadas.

3.3.3- AS SEDES DOS IRDEB

Até a construção e instalação da sede própria, na Federação, o IRDEB funcionou por mais de 11 anos trocando de endereço em diversos locais não muito apropriados para o seu funcionamento. O primeiro endereço do IRDEB, quando ainda era SERTE, foi na Rua Santa Clara do Desterro “onde se reuniu o grupo fundador do IRDEB foi na mesma sede do MEB, desde que a coordenadora de ambos era a mesma pessoa e já contava com a sede deste movimento, estruturada e montada” (ARGOLLO, S.D). Neste local o instituto funcionou de agosto de 1965 até janeiro de 1966.

Do Desterro, o SERTE foi transferido para a Rua da Graça, no edifício do antigo Palacete da família Catarino, onde funcionava parte da Secretaria de Educação e Cultura. As dependências tornaram-se muito pequenas para o instituto que começou a crescer e necessitar de novos funcionários, sendo assim, o SERTE foi transferido para o sub – solo do edifício da Secretaria de Saúde, onde depois funcionaram órgãos da SEC. “Neste local [...] foi onde o SERTE viveu os mais importantes momentos de sua História. Lá se solidificaram a família que nele se constituiu. Obtiveram-se os primeiros êxitos com o Exame de Madureza”. (ARGOLLO, S.D)

O IRDEB surgiu de fato no sub-solo da Biblioteca Central do Estado, nos Barris, e a mudança ocorreu entre maio e agosto de 1971. Foi lá que o instituto se estruturou definitivamente, montando as dependências que pareciam definitivas e,

> um estúdio com cabine de gravação foi o mais destacado dessas dependências portanto, novas no IRDEB. A Diretoria deve sua sede própria. A Assessoria, a Supervisão, a Produção, a Secretaria, a Seção de Pessoal, a

> Seção Financeira, o Almoxarifado, a Mecanografia, até uma pequena copa-cozinha tiveram suas dependências próprias. (ARGOLLO),198-)

Foto 9 - Berduega operador

No sub-solo da Biblioteca Central o IRDEB viveu o seu período mais promissor no que se refere aos programas educativos, pois apesar das instalações precárias, foi deste local que saíram as produções para o Exame de Madureza e, posteriormente do Supletivo, com a elaboração dos scripts e do material impresso, preparação de exames, treinamento dos O.A. e gravação das aulas radiofônicas. Foi também neste local que se fortaleceu o espírito de equipe e de irmandade que tanto comentaram os primeiros funcionários desta instituição.

Apesar de existir uma estrutura aparentemente adequada, e contar com a cooperação dos funcionários que se uniam no ideal de contribuir para um bom desempenho de suas funções, as instalações na Biblioteca Central não satisfaziam às necessidades do instituto, e além disso, a instituição estava "presa ao horário da Biblioteca" (TEIXEIRA, 2010).

Para atender à demanda que se fazia em relação ao crescimento do trabalho de tecnologia realizado pelo IRDEB, era necessário, e porque não dizer urgente, a construção de uma sede própria e adequada ao bom funcionamento e melhor desempenho do instituto. Com este intuito foi elaborado o Plano Diretor para execução da obra da referida sede com instalações adequadas para a Rádio e TV Educativa. Coube à Professora Noélia Pessoa a elaboração do referido Plano, como ela nos relatou:

> era essencial a construção de uma nova sede, a compra, instalação e manutenção de novos equipamentos, e principalmente o desenvolvimento de recursos humanos em quantidade e qualidade para o desenvolvimento das funções que seriam desenvolvidas por este novo IRDEB. Um programa de

> melhoria institucional deste porte só poderia ser posto em prática com um significativo aporte orçamentário o que só poderia ser conseguido a partir da elaboração de um plano diretor substancial. E isto foi feito durante o pouquíssimo tempo de nossa gestão.

Encontramos uma cópia do Ante-Projeto de Construção da Sede do IRDEB no acervo pessoal do Professor Humberto de Argollo (ANEXO XIV, v. 2), que enfatiza a urgência na construção da referida sede,

> com recursos financeiros fornecidos pelo governo de Estado, através da Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia e pelo Programa Nacional de Teleducação – PRONTEL. Sua instalação em prédio próprio, construído conforme especificações ditadas pela necessidade de ação, irá permitir, de um lado, perfeita adequação do equipamento tecnológico que se aplica em educação e, de outro, condições ótimas de trabalho para aqueles de cuja reflexão e ação depende o êxito do projeto.

Esta sede foi programada durante o governo do Dr. Antônio Carlos Magalhães, sendo Secretário de Educação o Prof. Rômulo Galvão, (PESSOA, 2009), porém a inauguração ocorreu já na gestão do governador Dr. Roberto Santos, em 31 de março de 1977 “dentro do programa elaborado para comemorar o aniversário da Revolução [Golpe Militar de 64] e dois anos do Governo Roberto Santos” (Jornal da Bahia, 1º/04/77). (ANEXO XV, v. 2)

Foram muitas as expectativas dos funcionários para a inauguração e ocupação da nova sede, pois o Sub-solo da Biblioteca dos Barris, como foi dito, já não mais comportava a quantidade de funcionários e o volume de trabalho nele existente. A tão sonhada sede foi motivo de muitas alegrias para os irdebianos, porém, para os moradores do Alto do Sobradinho, da Federação, esta sede trouxe prejuízo, pois:

> aqui foi um campo de futebol e um terreiro de candomblé, diga-se de passagem. Então tem muitas obrigações, muitas coisas enterradas aqui, embaixo. Por isso muita gente acha que o IRDEB não soube usar o espaço ao ponto que deveria, porque não fizeram o que deveriam ter feito. Arrancaram árvores sagradas que era o Irôco que era uma que ficava ali na frente do IRDEB. Era árvore sagrada do terreiro. Foram destruindo coisas para construir outras que fazem parte da cultura daqui do Alto do Sobradinho. Ainda tem terreiro de candomblé por aqui. Onde nós estamos assentados era um terreiro e um campo de futebol. Destruiu-se tudo. A diversão, o lazer da rapaziada, de certa forma, e tudo que tinha a ver com o terreiro que aqui funcionou. (BARBOSA, 2010)

Essa questão de desapropriação de espaços da comunidade para construção de órgãos públicos é sempre complexa e, em grande parte não contempla a comunidade que, neste caso, perdeu o seu espaço de lazer, diversão e religioso e não teve acesso ao prédio que foi construído, apesar de ser um órgão público. Nos primeiros anos do IRDEB, as suas instalações não eram frequentadas pelos moradores do Alto do Sobradinho, só em outras gestões se passou a oferecer espetáculos gratuitos no seu auditório.

Antes mesmo da inauguração da sede nova, foi feito um convênio com o MEC para a concessão de uma Rádio Educadora na Bahia, que seria instalada na sede do IRDEB para, entre outras atribuições, veicular os programas educativos e culturais que já eram elaborados no instituto, mas transmitidos por outras emissoras, pois a Professora Noélia Pessoa queria "que o IRDEB deixasse de falar pela voz de terceiros e tivesse sua própria voz".

Para isso, foram realizados foram realizados convênios e estudos durante a gestão do Secretário de Educação Dr. Rômulo Galvão de Carvalho que:

> confiava inteiramente na equipe e cobrava para que tudo andasse o mais rápido possível, pois ainda neste mesmo ano ele deixaria a cargo de Secretário, em função das eleições, candidato que era a deputado federal. Igual postura de apoio e permanente encorajamento vinha também do Conselho Curador do IRDEB. Dr Rômulo foi substituido pelo Dr. Kleber Pacheco o qual deu continuidade apoiando firmemente este plano de desenvolvimento do IRDEB. (Pessoa, 2010)

Ainda segundo relato da Professora Noélia Pessoa, "em outubro de 1974, [...] no Encontro Nacional de Secretários de Educação patrocinado pelo Ministério da Educação em Petrópolis, no Rio de Janeiro, foi assinado o Convênio entre o MEC/ PRONTEL / SEC / IRDEB para a instalação no IRDEB da Radio Educador".

Em princípio, pensou-se em instalar uma Rádio O. C., "porque tínhamos concessão de O. C., mas os técnicos do Ministério acharam mais fácil adquirir um canal de FM" (SANTOS, 2003). O engenheiro Antônio Carlos Assis Brasil, especialista em telecomunicações, foi convidado pelo IRDEB para assessorar a instalação da emissora O. C. e "através de estudos coordenados [...] concluiu que a instalação das emissoras O. C. seria mais demorada e com alto custo. Não havia recursos e o tempo era muito curto". (EDUCADORA, 25 ANOS da FM,...) O prazo dado pelo Dentel era de seis, tempo insuficiente para a instalação de uma emissora O. C.

Mas foi Santarém o experiente técnico em eletrônica, conhecido pelos colegas como “O Velho”, o responsável em colocar a RE no ar, com sua habilidade e técnica além de conhecimentos dentro da cidade que conseguiu material para dar o sinal da Rádio. Outros operadores técnicos, como Hélio Lima, Raimundo Nonato, Washington Barbosa, Alexandre Santos e Hamilton Rodrigues participaram desta difícil tarefa e, apesar das dificuldades, conseguiram, dias antes da inauguração dar o sinal da rádio quando a Professora Aristocléa, diretora do IRDEB na ocasião, chegou anunciando aos funcionários que ainda estavam no estúdio “O sinal chegou na antena. Já podemos ouvir o rádio” (EDUCADORA, 25 ANOS, DA FM, ...)

Foto - 10- Santarém operador

Outorgada pela Portaria 617 de 7 de julho de 1977, e publicada no Diário Oficial da União em 11 de julho, a RE foi inaugurada às 20h. do dia 31 de março de 1978, com a presença do Governador Roberto Santos, do Secretário de Educação e Cultura do Estado, Carlos Sant’Ana, do Diretor do PRONTEL Luiz Antônio Souza Lima de Macedo, da Diretora do IRDEB Aristocléa Macedo dos Santos, e com a benção do Cardeal Avelar Brandão Vilela. A Rádio FM operava com uma freqüência de 107.5 megahertz, de acordo com os dados oficiais da época. (EDUCADORA, 25 ANOS DA FM)

A F.M., porém, não veiculava os programas para o Curso de Supletivo; “era feita uma produção educativa com músicas selecionadas. Era uma orientação ao ouvinte do que é a música. Eram programas educativos voltados sempre para a música”. (SANTOS, 2003). Os programas educativas e para o Curso de Supletivo continuaram sendo veiculados pelas rádios particulares, até a inauguração da O. C., em 31 de novembro de 1981. Esta emissora tinha um alcance muito maior do que a FM e por esta razão tinha público em várias regiões do país e

também no exterior. Possibilitava assim a uma clientela mais diversificada, como tantas outras emissoras de ondas curtas como a BBC de Londres, que é ouvida no mundo inteiro; a Voz da América; a Rádio Vaticano; a Rádio Nacional de Paris, que faz uma programação em português para vários países da Europa e neles mantém repórteres, dando notícias daqueles países.

Na Bahia, a O. C. durante os anos em que esteve no ar manteve uma programação variada, um público fiel e locutores específicos para cada tipo de programas como:

> saúde, agricultura, músicas, dicas de como cuidar da higiene, como cuidar da criança, o trabalho materno-infantil [...] fazer uma horta, para o agricultor mesmo, tínhamos convênio com a EMATER, EMETERBA que era a EMATER da Bahia. A audiência era muito variada, horários com locutor fixo e cada locutor desses, independente das pessoas ouvirem a rádio o tempo todo, ela tinha suas predileções pelo próprio locutor, pois a empatia pelo locutor e o ouvinte é que faz com que a audiência cresça numa emissora. Se o locutor passa uma credibilidade para o ouvinte, se ele dá aquilo que o ouvinte está precisando naquele momento, ele vai ter um ouvinte cativo. (SANTANA, 2003).

Apesar da F. M. ser a Rádio mais conhecida e mais ouvida dentro de Salvador - e talvez por esta razão os seus dirigentes lhes dediquem mais atenção - é importante ressaltar a que O. C. era a emissora mais ouvida fora da nossa capital, devido ao seu alcance em outras localidades. Muitos dos nossos entrevistados comentaram sobre a importância que a O. C. teve entre as comunidades interioranas através da sua programação voltada para uma população que, em muitos casos não tinha acesso a outros veículos de comunicação, que não fosse o rádio, pois, "o cego vê o mundo ouvindo o rádio" (PERFILINO NETO, 2003), através das informações que os locutores passam.

Foto - 11 - Perfilino Neto produtor - locutor

São muitos os exemplos que podemos citar sobre a importância que a O. C. como difusora da cultura e da educação teve na Bahia. Sua clientela era variada e abrangia “donas de casas, estudantes, comerciantes, a população toda de uma cidade do interior era beneficiada por ela”, (SANTANA, 2003), além de comunidades mais específicas como:

> Os Quilombolas de Barra e de Bananal, eles vinham para a sede compravam caixas daquelas pilhas grossas, das mais grossas, para colocar no rádio. E levavam os rádios para pendurar na árvore para ficarem ouvindo a Rádio Educadora Ondas Curtas, que é outra coisa que infelizmente acabou. Nós recebíamos informações de fora do Brasil. Hoje o pessoal fala em Internet, mas você não pode levar a Internet pra a roça, nem energia tem. É importante o rádio. O próprio aparelho se for radinho portátil, você leva para qualquer lugar. (BARBOSA, 2010).

Segundo Perfilino Neto, dentro do próprio IRDEB muitos dirigentes discordavam da manutenção da estação de O. C. no ar, pois consideravam muito alto o custo para a sua conservação. Porém, durante sua passagem como Diretor da O. C., apesar da precariedade do seu velho transmissor instalado na Ilha de Itaparica e da dificuldade com a sua assistência técnica, a emissora tinha uma boa penetração em outros estados e até no exterior, pois recebiam cartas de ouvintes da Holanda, da Alemanha, da Califórnia e da Suíça, entre outros países.

3.3.4- A PAULATINA DESATIVAÇÃO

De acordo com os radialistas que trabalharam como locutores e produtores da radio O. C., o seu fechamento pela direção do IRDEB, sem nenhum aviso prévio no carnaval de 1999, representou uma grande perda, principalmente para a população do interior que tem menos acesso à informação e à cultura, pois em muitos desses locais o canal de televisão não sintonizava muito bem. Desta forma, com o fechamento da O. C. “a comunidade perdeu, o profissional de rádio perdeu e o governo do estado naquele momento também perdeu, porque politicamente não foi um bom negócio para o governo”. (PERFILINO NETO, 2003).

Havia uma comunicação direta entre os locutores e os ouvintes da O. C. através de cartas escritas por estes que solicitavam informações passavam recados, pediam músicas. Falavam também pelo telefone, muitas vezes com a rádio no ar, dando mensagens e recados para pessoas do seu município ou de outras localidades. Era uma comunicação constante, uma relação de amizade e de intimidade com o locutor porque:

> (...) o povo estava acostumado àquele trabalho. Regiões do estado de Pernambuco, do sertão, as pessoas escreviam muito, também telefonavam. Nós colocávamos as pessoas no ar de qualquer parte do Brasil, usava-se aquele telefonema para levar à população informações e cultura sobre aquela região, prestando informações para todo o Brasil, pois a Rádio tinha ouvinte em todo o Brasil. O Piauí era o estado que mais escrevia devido à qualidade do som que chegava lá. (SANTIAGO, 2003).

Essa comunicação constante entre locutor e ouvinte demonstra a importância que a Rádio O.C. representou durante os seus 18 anos de existência para a população de baixa renda no Brasil que tinha na programação desta rádio, muitas vezes, o único contato com a cultura, a diversão e o lazer. Porém, por falta de sensibilidade ou talvez desconhecimento do seu alcance, a direção do IRDEB mandou fechar a emissora mas,

> não se concebe porque a emissora foi tirada do ar, me parece até que quando a rádio teve seus transmissores lacrados e eles sabiam o mal que estavam fazendo à radiodifusão e à comunidade do estado. Tanto sim que a Rádio foi desativada no período de carnaval, me parece que num sábado ou domingo de carnaval. De modo que tudo foi tramado nas caladas da noite e a Rádio saiu do ar e nós ficamos sem saber que destino tomaram os equipamentos da Rádio. (PERFILINO NETO, 2003)

Para os ouvintes que estavam acostumados com a programação da O. C., foi um surpresa quando não mais conseguiam sintonizar a rádio e ouvir os seus programas. Durante muito tempo as pessoas que estavam acostumadas à programação da O.C. enviavam cartas aos locutores perguntando a razão para a rádio está fora do ar e os locutores respondiam a estas cartas:

> nós recebíamos de 15 a 20 cartas por dia e depois que ela foi desativada, essas cartas continuaram chegando e eu tive um trabalhão para dar satisfação e responde àquelas pessoas. Elas não sabiam que a Rádio foi desativada e perguntavam por que a Rádio estava fora do ar, e eu escrevia dizendo que ela não estava fora do ar, mas, que foi desativada. Até o começo deste ano, [2003] janeiro ou fevereiro eu respondi cartas dizendo que ela estava desativada.

Os relatos dos locutores e produtores sobre a R. E. nos revelaram sua importância como veículo de comunicação de massa, o seu alcance dentro do estado e demais localidades do país, levando a um público variado uma programação educativa e cultural. O fechamento da O. C. pelos dirigentes e sem aviso prévio aos seus funcionários foi demonstrado como uma grande perda para esta população que ficou sem o seu principal acesso à educação e cultura.

Entrevistamos o atual diretor do IRDEB, Pola Ribeiro que também lamentou sobre a perda para a população com o fechamento da O. C.:

> Foi uma pena, porque quando perdeu o sentido educacional acharam que não tinha sentido manter a O. C., então precisava tê-la remodelado tecnicamente mas não devolver a sua outorga ao Ministério das Comunicações. O que a gente fez primeiro aqui foi pedir de volta essa outorga. Só que nesses três anos ainda não conseguimos receber de volta essa outorga da O. C. Acho que é uma perda, nós hoje recebemos solicitação sobre a programação da Rádio em toda Bahia [...] (RIBEIRO, 2010)

Atualmente, a R. E. F.M. tem uma programação voltada para a cultura, e educação informal pois o IRDEB passou a fazer parte do quadro da Secretaria de Cultura. Para muitos dos antigos funcionários isto foi uma grande perda, pois a Secretaria de Educação perdeu um veículo de comunicação de grande importância, principalmente numa época em que a EAD está presente em diversos setores da educação. Porém, o diretor Pola Ribeiro comentou que o IRDEB, com a sua administração, tem tentado retomar o convênio com a Secretaria de Educação através do Instituto Anísio Teixeira "ajudando a formar a TV Anísio Teixeira que é uma TV de formação de professores". Quanto à Rádio "deixou de ter programas educativos nesse sentido mais restrito de transmissão de conteúdo e de programa". Ainda segundo Pola, a R. E. nunca perdeu a característica de "ser uma Rádio múltipla, diversificada, que apresentasse todas as linguagens musicais, não mais pautada pelo rendimento comercial das músicas, mas pautado no slogan da gente "o que é bom a gente toca".

Porém, os programas instrucionais que apresentamos aqui nesta dissertação, não estão mais dentro da nova perspectiva do IRDEB, que tem como missão "fortalecer o áudio visual e a radiodifusão em articulação com a sociedade para desenvolver a cidadania, a diversidade e a democracia" (RIBEIRO, 2010). Nessa nova perspectiva o instituto visa cumpri a função de Comunicação Social, e estabelece parceria com Comunicadores Comunitários e;

> Tivemos alguns encontros, participamos da Conferência de Educação. A Rádio [Educadora] tem muito prestígio na Secretaria de Comunicação mais do que a televisão mesmo e temos um projeto ligado aos Comunicadores Comunitários que é também uma forma de Educação Comunitária e que é o Projeto Ondas Livres que está sendo desenvolvido junto às Universidade com parceiras de Rádios Comunitárias.

Quanto aos programas educativos ao qual nos referimos, existe a possibilidade de sua retomada através da digitalização da R. E. pois ela,

> passa a ter um outro perfil, um perfil só jornalístico e pode ter uma outra só instrucional. Então a gente não quer abri mão disso e a gente estar se aproximando muito da Secretaria de Educação [...] ter troca, poder melhorar mesmo essa condição de está consciente dessa responsabilidade com a educação. Como a educação está buscando desenvolver outras atividades fora da sala, extra curricular, extra sala, a gente vai ter que equilibrar mais

> esse fato. Nós somos educadores extra curriculares. Somos educadores extra sala de aula. (RIBEIRO, 2010)

A administração de Pola Ribeiro deu ao IRDEB novas perspectivas de atuação dentro da radiodifusão com a veiculação, através da Rádio FM, de Rádio Novela sobre Mestre Bimba, Cuíca de Santo Amaro, Maria Quitéria e Maria Felipa, várias personalidades baianas realizada através de editais com a seleção de candidatos “mas ainda não é um hábito, foi uma coisa laboratorial que nós fizemos o resultado foi muito bom [...] e a gente espera consolidar essas coisas”. (RIBEIRO, 2010).

Os novos rumos trilhados pelo IRDEB se distanciam cada vez mais da educação instrucional propriamente dita, apesar dos convênios estabelecidos entre o instituto e a Secretaria de Educação. Como pesquisador e educador, não podemos deixar de lamentar essa perda, porém, devemos acreditar nas propostas e nas novas tecnologias implantadas pela atual direção do instituto e acreditar que ele, mesmo não estando diretamente ligado à Secretaria de Educação, continue veiculando programas educacionais, ainda que não sejam instrucionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve a intenção de estudar a história da educação radiofônica na Bahia, iniciando com as políticas voltadas para a educação de adultos, tanto através de movimentos de iniciativas privadas e posteriormente por organizações governamentais. O principal instrumento utilizado para a elaboração desta dissertação foi a consulta ao Acervo Professor Humberto de Argollo, professor de História de escolas pública e privada em Salvador e da UCSAL e funcionário do IRDEB. Neste acervo privado encontramos um primeiro esboço da história da Teleducação na Bahia, bem como documentação primária – legislação, scripts de programas, material impresso etc.

Trabalhamos também com informantes qualificado, através do uso da História Oral Temática, usando questionários/roteiros de entrevistas de uma cadeia de colaboradores, cadeia esta formada a partir da leitura do material do Acervo Professor Humberto de Argollo, onde encontramos informações sobre as pessoas que trabalharam nesta instituição e que nos colocaram em contato com outros funcionários do instituto. Além disso, foi localizado e utilizado documentação escrita e icnográfica, fotos, programas etc.

Através das entrevistas e dos documentos encontrados no acervo da instituição e no já referido acervo particular, sobre o período que trabalhamos, foi possível analisar os caminhos percorridos pelo IRDEB e sua contribuição para o processo educacional no Brasil, através do rádio, um dos maiores instrumentos de comunicação de massa do país.

Iniciamos o nosso trabalho através de leituras sobre a Educação de Adultos no Brasil que nos remeteram a informações sobre as discussões em torno do alto índice de analfabetismo no país principalmente entre jovens e adultos. A partir desta constatação o governo e organizações da sociedade civil passaram a promover campanhas em prol da erradicação do analfabetismo no Brasil tendo o apoio da UNESCO, com uma visão voltada para a educação de base.

Observamos que a educação informal no Brasil enfrentou uma série de dificuldades o que contribuiu para dificultar o acesso das camadas populares ao conhecimento. Para tentar superar essas dificuldades, o governo e organizações da sociedade civil utilizaram o rádio como instrumento para veicular programas educativos, por ser um importante instrumento de comunicação devido ao seu baixo custo e sua facilidade de utilização.

Desde a instalação da primeira emissora de rádio no Brasil, por Roquete Pinto, em 1922, o rádio foi utilizado como instrumento educativo e foram muitas as iniciativas de ordem privada e pública de educação popular via rádio.

Destacamos nesta dissertação a experiência de educação radiofônica que teve início na Colômbia, através de Monsenhor Salcedo para a zona rural sendo trazida para o Brasil por Dom Eugênio Sales. Na Bahia a Teleducação teve inicio com o MEB, num convênio com a CNBB o MEC e a SEC, para veicular aulas de alfabetização de adultos através do rádio, numa linha de conscientização política. O MEB tinha como objetivo a formação integral do homem, com a educação voltada para o trabalho, numa ação transformadora e livre, ligada aos movimentos sociais tão em voga na época e com a participação direta da JUC.

Com a extinção do MEB na Bahia pelo regime militar, o trabalho de teleducação passou a ser realizado através do SERTE, um órgão ligado à SEC, em convênio como o MEC. Com o fim deste convênio o SERTE foi transformado em IRDEB, sendo a sua trajetória o principal foco deste trabalho. O SERTE /IRDEB atuavam através das aulas radiofônicas para os cursos de Madureza Ginasial e o Supletivo de 1º grau, sendo esta dissertação uma iniciativa voltada para a reconstrução da memória descritiva desta instituição, utilizando para isto cópias de documentos oficiais, scripts de aulas radiofônicas, entrevistas com funcionários que trabalharam e trabalham na instituição, aluno e pessoas que estavam indiretamente ligadas ao instituto. Com o material coletado, formou-se um pequeno acervo da instituição, constituindo o início de um Memorial Descritivo.

Apesar de ter sido criado durante a ditadura militar, os Cursos de Madureza Ginasial e posteriormente, o Curso para o Supletivo de 1º grau com aulas veiculadas pelo rádio, para uma população adulta, em diversas cidades do estado da Bahia, representou para a época um processo de democratização do acesso à educação para as camadas populares, que estavam fora das salas de aula como foi demonstrado através de análise de dados estatísticos. Por ser um curso que não exigia a presença dos alunos na sala de aula e de curta duração, havia uma demanda muito grande de pessoas que tanto assistiam às aulas apenas ouvindo as emissões radiofônicas, como aqueles que freqüentavam as tele salas.

As aulas dos cursos de Madureza Ginasial e Supletivo de 1º grau pelo rádio através da oferta das disciplinas de educação geral do antigo ginásio e posteriormente da 5ª a 8ª série, preparavam o aluno para sua inserção no mercado de trabalho, numa época em que houve um crescimento industrial no Brasil e principalmente na Bahia. De acordo com os dados

estatísticos, podemos observar que a maior parte dos alunos eram estudantes com idade entre 16 e 20 anos, que pretendiam se qualificar o trabalho.

O que diferenciava o trabalho do SERTE/IRDEB do MEB era sua estreita ligação com os órgãos governamentais, visto que havia todo um controle da SEC no que se refere aos conteúdos dos programas das aulas que eram veiculadas pelo rádio, da organização administrativa através das tele-salas, do trabalho da supervisão e da aplicação das provas pela equipe do SERTE, durante os Exames para o Madureza Ginasial. Pudemos observar isto a partir de dados estatísticos com resultados nos exames de Madureza Ginasial bem como a permanência dos alunos nas tele salas comprovadas com os mapas de freqüência.

Encontramos um grande acervo de fitas-rolo no arquivo da Rádio Educadora com aulas do Supletivo de 1º grau. Copiamos uma dessas fitas para CD e analisamos uma das aulas para demonstrar como ocorria o processo de veiculação dessas aulas pelo rádio. Percebemos que havia uma técnica específica nesta emissão, pois os locutores dialogavam com o aluno-ouvinte e intercalavam os textos com música. Essas aulas eram elaboradas por um grupo de Professores- produtores e nas entrevistas que nos foram concedida, eles nos informaram que eram treinados para elaborar essas aulas

Com a transformação do Curso de Madureza Ginasial em Supletivo de 1º e 2º graus através da LDBEN Nº 5.692/71, o IRDEB perdeu o controle sobre a elaboração e execução das provas para os exames finais sendo estes realizados pelos profissionais ligados da SEC.

Através dos Exames da Madureza Ginasial e do Supletivo de 1º grau, os alunos recebiam o certificado de conclusão do Curso Ginasial ou 1º grau, havendo a sua re- inclusão na estrutura educacional possibilitando o acesso ao 2º grau recém implantado, ou talvez, no Ensino Superior. O IRDEB não veiculava programas para o 2º Grau pelo rádio, este era feito por correspondência, havendo um grupo de professores que atendiam aos alunos que sentissem dificuldades em estudar sozinho pelas apostilas.

Além das aulas para o Curso de Madureza Ginasial e Supletivo de 1º grau, o IRDEB veiculava programas educativos informais, através de rádios parceiras. Posteriormente, com a instalação da Rádio O. C. as aulas para o Supletivo passaram a ser veiculadas por esta emissora, além de programas educativos informais que atingiam um público variado alcançando diversas cidades do interior da Bahia bem como de outros estados e até outros países como foi confirmado por vários entrevistados.

Através das entrevistas pudemos tomar conhecimento de fatos marcantes da história da instituição como a destruição do acervo de fitas com programas educativos pela própria diretoria do IRDEB, para que novos programas fossem gravados nestas mesmas fitas, demonstrando a falta de preocupação com a memória da instituição, o que infelizmente é muito comum no nosso país onde os governantes não têm o cuidado devido com a documentação das instituições públicas. Essas declarações nos deixaram preocupada e com uma responsabilidade maior em tentar recuperar o que ainda existe do acervo do IRDEB.

Com a instalação da Rádio F.M., o IRDEB passou a veicular uma programação voltada para a cultura, com uma seleção de música popular brasileira, além de programas educativos não formais. A partir da década de 1980, a programação do IRDEB passou a ser mais cultural do que educativa e com o fechamento da Rádio O. C. a instituição não mais veiculou programas para o Supletivo. De acordo com os radialistas que entrevistamos, o público que estava acostumado aos programas desta emissora, passou a enviar cartas à redação da R. E. reclamando pelo fechamento da O. C.

Atualmente a instituição pertence à SECULT e não mais veicula programas educativos formais, tendo sua linha voltada para a difusão cultural, através da TV Pública. Quanto à R. E F. M. continua com uma programação voltada para a MPB e alguns programas educativos não formais. A nova direção da instituição nos informou em entrevista que existe um interesse em reativar a R. E. O. C. e que através da Rádio digital o IRDEB poderá voltar a veicular novos programas educativos em parceria com o IAT.

ACERVOS, FONTES E BIBLIOGRAFIAS

ACERVO PARTICULAR

Professor Humberto de Argollo

Ante-Projeto da Construção da Sede do IRDEB

ARGOLLO, Humberto de. **História do IRDEB**. Salvador, 1984. Relatório.

_____. Salvador, [198-]. Anotações pessoais sobre a criação do Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia.

BAHIA. Secretaria de Educação e Cultura. **Madureza ginasial**: uma experiência de educação. Salvador, 1969. 28 p. Informes sobre os cursos radiofônicos e exames de madureza.

Cópia do Jornal da Bahia 1º de abril de 1977

Professora Idália Maria Tibiriçá Argôlo

FÁVERO, Osmar. **Informe sobre o movimento de educação de base** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <idaliaargolo@yahoo.com.br> em 10 jan. 2010.

ACERVOS PÚBLICOS

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Movimento de educação de base – MEB**: comunicado para a 43ª Assembléia dos Bispos do Brasil. Brasília, 2005.

Instituto de Radiodifusão do Estado da Bahia - IRDEB

Coleção Madureza Ginásio do Ar. Livro de Geografia – Tomo I, 1968.

Curso Supletivo de 1º Grau , Estudos Sociais. Unidade III, Livro do aluno, 1977

Curso Supletivo de 1º grau. Estudos Sociais, Guia do Orientador de Aprendizagem, 1977.

Diário de Classe. Teleposto de Pedrão, abril de 1974.

Ficha de Seleção de Recursos Humanos para Supervisão – Avaliação escrita, dezembro de 1977.

Ficha de visita da supervisão ao Teleposto de Abrantes. Supervisora Professora Erimita Mota, agosto de 1973.

Folha de freqüência. Teleposto Marista. Orientador de Aprendizagem Professor Miguel Menezes, julho de 1977.

INSTITUTO DE RADIODIFUSÃO EDUCATIVA DA BAHIA. Educadora 25 anos da FM 107.5/ IRDEB. Pesquisa de João S. de Leite. Salvador: IRDEB, 2003. 124 p.

SANTANA, Marinalva; RANGEL, Mariza; FERREIRA, Pedro. **Estudos sociais**: Recôncavo. Salvador: IRDEB, Divisão Técnico Pedagógica do Setor de Gravação. 1977. 1 disco sonoro (14 min 5 s), 71/2 rpm. Aula radiofônica.

Requerimento, ficha de inscrição, recibo, atestado de saúde, de autenticidade dos documentos. Aluno do Curso de Madureza Ginasial, Salvador, Bahia, 1969.

Requerimento, ficha de inscrição, recibo, atestado de saúde, de autenticidade dos documentos. Aluna do Curso de Madureza Ginasial, 1969. Delmiro Gouveia, Alagoas, 1968.

Script . Aula nº 52, Recôncavo, disciplina Estudos Sociais, 1977.

FONTES ORAIS

ATTA, Dilza. **Dilza Atta**: depoimento [mar. 2009]. Entrevistadora: I. M. T. Argolo. Salvador, 2009. 1 gravação digital (55 min). Entrevista concedida para elaboração da dissertação de mestrado da entrevistadora.

BARBOSA, Letícia Maria. **Letícia Maria Barbosa**: depoimento [mar. 2009]. Entrevistadora: I. M. T. Argolo. Salvador, 2009. 1 gravação digital (55 min). Entrevista concedida para elaboração da dissertação de mestrado da entrevistadora.

DANTAS, Raimundo Paiva. **Raimundo Paiva Dantas**: depoimento [ago. 2009]. Entrevistadora: I. M. T. Argolo. Salvador, 2009. 1 gravação digital (55 min). Entrevista concedida para elaboração da dissertação de mestrado da entrevistadora.

DINIZ, Josélia Fraga. **Josélia Fraga Diniz**: depoimento [jul. 2010]. Entrevistadora: I. M. T. Argolo. Salvador, 2010. 1 gravação digital (55 min). Entrevista concedida para elaboração da dissertação de mestrado da entrevistadora.

FERREIRA NETO, Perfilino Eugênio. **Perfilino Eugênio Ferreira Neto**: depoimento [2004]. Entrevistadora: I. M. T. Argolo. Salvador, 2004. 1 gravação digital (55 min). Entrevista concedida para elaboração da dissertação de mestrado da entrevistadora.

JESUS, Jorge Gomes de. **Jorge Gomes de Jesus**: depoimento [mar. 2009]. Entrevistadora: I. M. T. Argolo. Salvador, 2009. 1 gravação digital (55 min). Entrevista concedida para elaboração da dissertação de mestrado da entrevistadora.

MENEZES, Miguel. **Miguel Menezes**: depoimento [mar. 2009]. Entrevistadora: I. M. T. Argolo. Salvador, 2009. 1 gravação digital (55 min). Entrevista concedida para elaboração da dissertação de mestrado da entrevistadora.

MOTA, Erimita. **Erimita Mota**: depoimento [mar. 2009]. Entrevistadora: I. M. T. Argolo. Salvador, 2009. 1 gravação digital (55 min). Entrevista concedida para elaboração da dissertação de mestrado da entrevistadora.

PESSOA, Noélia. **Noélia Pessoa**: depoimento [jul. 2009]. Entrevistadora: I. M. T. Argolo. Salvador, 2009. 1 gravação digital (55 min). Entrevista concedida para elaboração da dissertação de mestrado da entrevistadora.

RIBEIRO, Paulo Roberto Vieira. **POLA RIBEIRO:** depoimento [ago. 2010]. Entrevistadora: I. M. T. Argôlo. Salvador, 2010. Gravação digital (25 mim). Entrevista concedida para elaboração da dissertação de mestrado da entrevistadora.

ROCHA, Mariaugusta Rosa. **Mariaugusta Rosa Rocha**: depoimento [mar. 2009]. Entrevistadora: I. M. T. Argolo. Salvador, 2009. 1 gravação digital (55 min). Entrevista concedida para elaboração da dissertação de mestrado da entrevistadora.

SANTANA, Marinalva. **Marinalva Santana**: depoimento [abr. 2004]. Entrevistadora: I. M. T. Argolo. Salvador, 2004. 1 gravação digital (55 min). Entrevista concedida para elaboração da dissertação de mestrado da entrevistadora.

SANTIAGO, Pedro. **Pedro Santiago**: depoimento [maio 2004]. Entrevistadora: I. M. T. Argolo. Salvador, 2004. 1 gravação digital (55 min). Entrevista concedida para elaboração da dissertação de mestrado da entrevistadora.

SANTOS, Aristocléia Macedo dos. **Aristocléia Macedo dos Santos**: depoimento [abr. 2003]. Entrevistadora: I. M. T. Argolo. Salvador, 2004. 1 gravação digital (55 min). Entrevista concedida para elaboração da dissertação de mestrado da entrevistadora.

TEIXEIRA, Cid. **Cid Teixeira**: depoimento [..... 2010]. Entrevistadora: I.M.T. Argôlo. Salvador, 2010. 1 gravação digital (55 min.) Entrevista concedida para elaboração da dissertação de mestrado da entrevistadora. Transcrita e aprovada pelo depoente.

VIEIRA, Ruth. **Ruth Vieira**: depoimento [abr. 2004]. Entrevistadora: I. M. T. Argolo. Salvador, 2004. 1 gravação digital (60 min). Entrevista concedida para elaboração da dissertação de mestrado da entrevistadora.

FONTES BIBLIOGRAFIA

ARGÔLO, Idália Maria Tibiriçá; MENEZES, Jaci Maria Ferraz de. O MEB no contexto político dos movimentos de cultura popular na década de 1960. In: ENCONTRO MARANHENSE DE EDUCAÇÃO, 2., 2009, São Luís. **Anais** ... São Luís: [UFMA], 2009.

_____. A educação de adultos no Brasil: uma retrospectiva histórica. In: ENCONTRO DE NOVOS PESQUISADORES EM HISTÓRIA, 2., 2010, Salvador. **Anais** ... Salvador: UFBA, 2010.

_____. A educação à distância na Bahia através do IRDEB: uma retrospectiva histórica entre os anos de 1961 a 1979. In: SIMPOSIO DE HISTÓRIA REGIONAL E LOCAL, 1, 2009, Santo Antonio de Jesus. **Anais** ... Salvador: UNEB, 2009.

_____. O MEB no contexto dos movimentos de cultura popular na década de 1960. In: ENCONTRO NORTE NORDESTE DE HISTÓRIO DA EDUCAÇÃO, 3., 2010, Salvador. **Anais** ... Salvador: UNEB, 2010.

ATAÍDE, Yara Dulce Bandeira de. **Clamor do presente. História oral de famílias em busca da cidadania.** São Paulo: Edições Loyola, 2002, 277 p.

BEISIEGEL, Celso Rui. **Estado e educação popular**. São Paulo: Pioneira, 1974. 189 p.

_____. Ação política e expansão da rede escolar: os interesses eleitorais do deputado estadual e a democratização do ensino secundário no estado de São Paulo. **Pesquisa e Planejamento**, São Paulo, v. 8, n. 8, p. 99-198, dez. 1964.

BLOOM, Benjamin S.ENELHART, Max D. e outros. **Taxionomia de objetivos educacionais; domínio cognitivo.** Porto Alegre, Globo, 1977.

BRUNEAU, Thomaz C. **Religião e politização no Brasil**: a igreja e o regime autoritário. São Paulo: Loyola, 1979. 237 p.

_____. **Catolicismo brasileiro em época de transição**. São Paulo: Loyola, 1974. 442 p.

CASTRO, Marcos de. **64**: conflito Igreja x Estado. Petrópolis: Vozes, 1984. 167 p.

COSTA, Maria Aida B. **MEB**: uma história de muitos. Petrópolis: Vozes, 1986. 125 p.

COSTA João Ribas. **Educação fundamental pelo rádio**: alfabetização de adultos e cultura popular por meio de sistemas radiofônicos e recepção organizada. São Paulo: Guia Fiscal, 1956. 118 p.

CUNHA, Luís Antônio: Moacyr de Góes. **O golpe na educação**. Rio de janeiro: Jorge Zahar, 1985.

FERREIRA NETO, Perfilino Eugênio. **Memória do Rádio**. Salvador: 2009. 240 p.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Educação no Brasil anos 60**: o pacto do silêncio. São Paulo: Loyola, 1985. 126 p.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Uso e abusos da história oral**. 8. ed. [Rio de Janeiro]: Fundação Getúlio Vargas, 2006. 277 p.

FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Uso e abusos da história oral**. 8. ed. [Rio de Janeiro]: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 3-13.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980. 116 p.

GHIRALDELLI Jr., Paulo. **História da educação**. São Paulo: Cortez, 1990. 240 p.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de; GONÇALVES Marcos Augusto. Cultura e participação nos anos 60. 3ª ed. São Paulo: brasiliense, 1984. 101 p.

HORTA, José Silvério Baía. **Histórico do rádio educativo.**

INSTITUTO DE PLANEJAMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. Instituto de Planejamento/Centro Nacional de Recursos Humanos - (Brasil). **Rádio educativo no Brasil**: um estudo. Brasília, 1976. P. 167

LAROUSSE CULTURAL, Grande dicionário da língua portuguesa. São Paulo: 1999. 928.

LOPES, Saint Clair da Cunha. **Radiodifusão hoje**. Rio de Janeiro: Temári, 1970. 155 p.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Uso e abusos da história oral**. 8. ed. [Rio de Janeiro]: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 15-25.

MATTELART, Armand e Michelle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Editora Loyola, 1999, p. 36-43

MEIHY, José Carlos S. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996. 246 p.

_____. HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007. 175 p.

MENEZES, Jaci Maria Ferraz de. ; SANTANA, Elisabete Conceição; BARRETO, Nelito. **Legislação da educação na Bahia**: 1920-1980. Salvador: EDUNEB, 2009.

_____. **A República e a educação: analfabetismo e exclusão**. Revista FAEBA, vol. 12, nº 18, Salvador, p. 19-40, junho 2003.

_____. BARRETO, Lícia Mª da Rocha. Acesso à educação na Bahia: a atualidade da proposta "Educação para todos". In: MENEZES, J. M. F. **Educação na Bahia: Memória, registros, Testemunhos**. ET AL. (coods.) Salvador: Ed. UNEB, 2005/2006.

MONTENEGRO, Antonio Torre. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003. 153 p.

MOREIRA, Sônia Virgínia. **O rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991. 80 p.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na primeira república**. São Paulo: EPU, 1974. 400 p.

NISKIER, Arnaldo. **Educação à distância**: a tecnologia da esperança. São Paulo: Loyola, 1999. 414 p.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos do poder e a determinação dos conteúdos.** São Paulo: Summus, 1985.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de adultos**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1987. 368 p.

_____. **Educação permanente e capitalismo tardio**. São Paulo: Cortez, 1985. 136 p.

_____. **Catolicismo, educação e ciências**. São Paulo: Loyola, 1991.

_____. **Perspectiva e problemas da educação popular**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

PILETTI, Nelson. **História da educação no Brasil**. São Paulo: Ática, 2002. 183 p.

PINHEIRO, Rossana Kess Brito de Sousa. Um projeto, um ideal: as escolas radiofônicas do RN (1958-1960). In: PAIVA, Marlúcia de. (ogr). **Igreja Católica e suas práticas culturais:** Brasília,Líber, 2006.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997.

RIBEIRO, Maira Luiza Santos. **História da educação brasileira**: a organização escolar. 12. ed. São Paulo: Cortez, 1992. 207 p.

RICCO, Gaetana Maria Jovino di. **Educação de adultos**: uma contribuição para seu estudo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1979. 2 v.

TELLES, Marcos. WAAL, Paula. A taxionomia de Bloom. www. Dynamiclab. com/mod/forumdiscruss.php?436. Acesso em 23/09/2010.

VIEIRA, Ruth Teixeira; DANTAS, Raymundo Paiva. **Cartilha Brasil grande**: livro texto para educação de adultos. Brasília: CNBB, [196-]. 73 p.

WANDERLEY, Luís Eduardo. **Educar para transformar**: educação popular, Igreja Católica e política no movimento de educação de base. Petrópolis: Vozes, 1984. 524 p.

_____. Igreja e sociedade no Brasil: 1950-1964/1964-1975. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 93–107, out. 1978.